

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
MESTRADO EM DINÂMICAS DO ESPAÇO HABITADO - DEHA**

Taciana Santiago de Melo

**CAMINHOS DO MUNDO, ESPAÇOS E ALMAS A CONQUISTAR:
FRADES ALEMÃES NO BRASIL**

**Maceió
2016**

Taciana Santiago de Melo

**CAMINHOS DO MUNDO, ESPAÇOS E ALMAS A CONQUISTAR:
FRADES ALEMÃES NO BRASIL**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas, como requisito final para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura em Urbanismo

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Angélica da Silva

**Maceió
2016**

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale

M528c Melo, Taciana Santiago de.
Caminhos do mundo, espaços e almas a conquistar; frades alemães no Brasil /
Taciana Santiago de Melo. – 2016.
201 f. : il.

Orientadora: Maria Angélica da Silva.
Dissertação (mestrado em Arquitetura e Urbanismo: Dinâmicas do Espaço
Habitado) – Universidade Federal de Alagoas. Centro de Tecnologia. Programa de
Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Maceió, 2016.

Bibliografia: f. 195-201.

1. Arquitetura brasileira. 2. História da cidade. 3. Convento franciscano. 4.
Franciscanismo. 5. Patrimônio Brasil-Alemanha. I. Título.

CDU: 726.71(81)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

Taciana Santiago de Melo

CAMINHOS DO MUNDO, ESPAÇOS E ALMAS A CONQUISTAR: FRADES ALEMÃES NO BRASIL

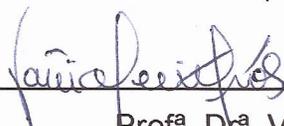
Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU/UFAL, área de concentração em Dinâmicas do Espaço Habitado, como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

APROVADA em 15, 04, 2016

BANCA EXAMINADORA

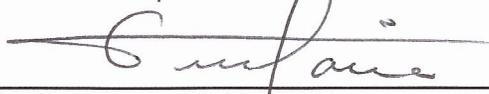


Prof^a. Dr^a. MARIA ANGÉLICA DA SILVA
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - UFAL



Prof^a. Dr^a. VÂNIA LEITE FRÓES
Programa de Pós-Graduação em História - UFF


Prof^a. Dr^a. JOSEMARY OMENA PASSOS FERRARE
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - UFAL



Prof. Dr. GERALDO MAJELA GAUDÊNCIO FARIA
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - UFAL

Dedico este trabalho a todos os frades franciscanos que por meio de suas ações mantém viva a esperança de um mundo mais fraterno, mais alegre, mais livre, mais simples e sensível. E também a todos aqueles que de alguma forma acreditam nestes ideais de São Francisco.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela força e por ter guiado todo o longo e difícil caminho trilhado durante a realização desta dissertação. Obrigada por todas as alegrias que tive com este trabalho e pela oportunidade de viver e recomeçar...

A Angélica, minha orientadora, que sempre abriu meus horizontes, me incentivou a buscar novos olhares e a viajar pelos caminhos do mundo. Agradeço por todo o tempo e esforço dedicado a este trabalho e ao meu crescimento profissional.

Ao Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, por ter me proporcionado tantas oportunidades de trocas, discussões, aprendizado, viagens, que tanto contribuíram para minha formação enquanto pessoa, arquiteta e pesquisadora. Agradeço em especial a Louise, Érica e Ana Cláudia, companheiras de discussões franciscanas, artigos científicos e de viagens pelos conventos e estradas do mundo.

Agradeço também aos professores que compuseram minha banca examinadora. À prof^a. Josy Ferrare e ao prof^o. Geraldo Majela, que acompanham meus trabalhos desde a graduação, agradeço pelas imensas contribuições durante todos esses anos, que me levaram sempre a pensar minha pesquisa sob novos ângulos. Agradeço também à Prof^a Vânia Fróes, da UFF, pelas importantes contribuições ao meu trabalho e por ter alimentado ainda mais meu encantamento pela História e pelo Mundo Medieval.

Aos professores da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e também do Mestrado do DEHA, pelas aulas, discussões e incentivos que tanto contribuíram para minha formação acadêmica.

Aos professores da querida Casa de Cultura e Expressão Alemã da UFAL, em especial à minha “*liebe*” professora Irene e também ao Alexandre, que além de excelentes professores de alemão, são grandes incentivadores do meu trabalho.

Um grande agradecimento também a todos os frades franciscanos que me acolheram durante tantas viagens realizadas pelo Brasil e pelo mundo. O contato com frades tão franciscanos no modo de ser e de viver foi essencial para a conformação deste trabalho.

Agradeço ao nosso querido Frei Zezinho, sempre amigo e grande incentivador do nosso Grupo de Pesquisa, por sempre nos acolher com doce alegria franciscana e gentilmente nos ajudar com nossas pesquisas. Obrigada também por nos ter apresentado a História da vinda dos frades alemães ao Brasil.

A Frei Roberto Soares da fraternidade de Recife, por ter apresentado o Arquivo da Província de Santo Antônio ao nosso Grupo, e ter nos disponibilizado valioso material de pesquisa.

A Frei Hugo Fragoso da fraternidade de Salvador, importante historiador atual da Ordem, a quem tivemos a chance de entrevistar no convento da capital baiana e nos ofereceu preciosas informações acerca da presença franciscana alemã no país. A toda a fraternidade franciscana de Ipuarana e Campina Grande que acolheu com alegria nosso Grupo em viagem realizada em janeiro de 2013.

Agradeço também a Frei Róger Brunório, sempre atencioso e motivador, pelas suas empolgantes conversas acerca do Patrimônio franciscano, por ter me recebido no Convento de São Francisco, em São Paulo, por ter me acompanhado em visita ao convento do bairro do Pari, por ter me aberto as portas do Arquivo da Província da Imaculada Conceição e por sempre compartilhar materiais valiosos acerca da encantadora temática franciscana.

Um agradecimento às fraternidades do convento de Nossa Senhora da Penha e do Santuário do Divino Espírito Santo, em Vila Velha-ES, pela calorosa acolhida ao nosso Grupo, em especial a Frei Paulo Roberto, que me passou vários contatos e orientações para a viagem a Santa Catarina.

Agradeço também a todos os frades que encontrei na inspiradora viagem realizada ao estado de Santa Catarina no ano de 2013. Foi uma experiência emocionante ser acolhida com tanta alegria, generosidade e hospitalidade, e poder observar tão de perto a beleza e simplicidade do cotidiano franciscano. Agradeço a imensa ajuda de todos os frades das casas de Santa Catarina, seja na disponibilização de importantes documentos para a pesquisa, seja nos belos depoimentos, seja na doce acolhida em suas fraternidades. Essa viagem certamente deixou profundas marcas não só no meu trabalho, mas também na minha própria vida.

Assim, agradeço a Frei Vanderley Grassi da fraternidade de Florianópolis; a Frei José Lino Lückman, Frei Tarcísio Theiss, e aos, na época, aspirantes Felipe e Thiago, da fraternidade de Lages; a Frei José Luiz Prim, que hoje se encontra junto de Deus, e que me recebeu com entusiasmo em Blumenau.

Um agradecimento à querida fraternidade de Rodeio-SC, por ter me aberto as portas de um dos lugares mais bonitos que conheci. Um lugar tipicamente franciscano onde a alegria é encontrada na simplicidade, no trabalho com as mãos, no servir, nas belas orações, no respeito à natureza, nos encontros fraternos regados a chimarrão... Agradeço a Frei Samuel, Frei Lauro Both, Frei Lauro Formigoni, Frei Rafael, Frei Moacir e a todos os atenciosos e alegres noviços da turma de 2013 do Noviciado São José. Não podia deixar de agradecer também a Frei Valdir Laurentino, um verdadeiro anjo, com o seu enorme coração alegre, brincalhão, fraterno e docemente franciscano.

Agradeço aos frades que me receberam juntamente com o Grupo de Pesquisas em vários conventos fora do território brasileiro. A Frei Beda, Frei Osmar, Frei Donatus e Frei Serafim, nas duas casas da Alemanha; Frei Regalát, que mesmo com as dificuldades de

comunicação decorrentes das diferenças entre nossos idiomas, nos abriu as portas do convento franciscano de Praga, República Tcheca. E agradeço também a Frei Evilásio que nos proporcionou a chance única de entrarmos no primeiro convento da Ordem em Assis na Itália.

Um agradecimento ao Colégio Bom Jesus de Blumenau, que gentilmente me abriu as portas, tornando possível a visita a diversas dependências do antigo complexo seráfico. Agradeço, em especial, à funcionária Jaqueline, que me apresentou um importante arquivo de fontes históricas, com preciosos documentos escritos e imagéticos referentes à presença franciscana em Blumenau.

Agradeço ao Colégio Bom Jesus de Petrópolis, que também permitiu minha visita ao edifício, e à Deisi Zanatta que me apresentou um pouco da História do Instituto dos Meninos Cantores de Petrópolis.

Agradeço também ao Instituto Teológico Franciscano, em Petrópolis, por ter me disponibilizado seu amplo acervo para a pesquisa. A Frei Ludovico Garmus por ter gentilmente me acompanhado durante as pesquisas no local e me presenteado com o livro sobre os 100 anos da Editora Vozes.

Aos simpáticos funcionários do Centro de Atendimento ao Turista do município de Santo Amaro da Imperatriz-SC, vinculado a Secretaria de Turismo e Cultura, que me passaram diversas informações sobre a cidade, me apresentaram o antigo convento franciscano, o chamado “Conventinho do Espírito Santo”, e me presentearam com o livro sobre a História da Paróquia de Santo Amaro da Imperatriz, de autoria de Toni Jochem.

Agradecimento ao Circolo Trentino di Rodeio, entidade que mantém o Museu dos Usos e Costumes da Gente Trentina, através do Sr. Adimir, que permitiu minha visita ao espaço, mesmo sendo em dia em que este se encontrava fechado, e me presenteou com o livro “Histórias e Memórias de Rodeio”, de Iracema Moser. Tive também a oportunidade de conhecer a simpática autora deste livro, a quem também agradeço pelo belo relato sobre o convento franciscano e a cidade de Rodeio.

Aproveito para agradecer a todas as simpáticas e prestativas pessoas que encontrei ao longo das viagens realizadas que certamente tornaram os caminhos mais agradáveis e enriquecedores, e que são parte fundamental das paisagens apreendidas durante essa pesquisa.

Agradeço também à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por ter me agraciado com bolsa de mestrado, sem a qual teria sido impossível a realização de um trabalho com esta abrangência.

Por fim, agradeço a todos os amigos e amigas que sempre me incentivaram e torceram pelo meu sucesso. Ao Anderson pela alegria de seu companheirismo e por me inspirar e motivar sempre a buscar o melhor de mim. A toda minha família pelas orações e torcida. À minha irmã Carol pelo carinho, incentivo e admiração mútua e aos meus pais Inácio e Graça, por todo o amor, e por serem minha inspiração, minha fortaleza e a quem devo tudo que sou hoje.

Agradeço a todos que direta ou indiretamente, tornaram possível a realização deste árduo e gratificante trabalho.

RESUMO

A partir de 1891 aportam no território brasileiro franciscanos vindos da Alemanha com o objetivo de reerguer a Ordem no país que se encontrava em iminente extinção. A partir do final do século XIX e ao longo do século XX, esses religiosos deixaram um importante legado no Brasil que abrange não só o campo missionário e religioso, mas também as áreas social e cultural, com repercussões, inclusive, na Arquitetura e no Urbanismo. Dotados de um espírito operativo, os frades alemães empreenderam uma série de reformas nos antigos conventos coloniais brasileiros, contribuindo para a preservação dos mesmos até os dias de hoje, mesmo que muitas vezes tenham entrado em conflito com a materialidade dessas edificações; percorreram desde grandes cidades até longínquos povoados, adentrando também em florestas, expandindo a atividade franciscana para áreas interioranas do país; construíram novas igrejas e conventos que exerceram importante papel no desenvolvimento de cidades que emergiam no fim do século XIX. Essa ação, ainda pouco conhecida, será a principal temática deste trabalho que se apoiará em outras temporalidades, para a realização de análise sobre a conduta dos frades alemães no Brasil e suas repercussões no espaço. Será utilizado como suporte, em especial, a Idade Média, período em que o franciscanismo surge como um modelo religioso que teve fortes rebatimentos no mundo material. O uso dos documentos escritos, sobretudo, de fontes primárias, e a própria experiência nos espaços em estudo através de viagens realizadas a Itália, Alemanha e a três diferentes regiões do Brasil, foram utilizadas como principais ferramentas para a execução desta dissertação. O trabalho buscou a priori, através do estudo das fontes e da leitura das cidades atuais, discorrer sobre as formas que Francisco e o franciscanismo espacializam sua memória no mundo tangível. Com esse aporte, procurou-se compreender o mesmo processo no Brasil, tendo como foco o período em que os frades da Alemanha atuaram de forma intensa no país. Dessa forma, a dissertação buscou investigar as motivações e implicações da atuação e legado desses religiosos no território brasileiro, tendo como fio condutor a relação entre o franciscanismo, o espaço e a itinerância.

Palavras-chave: Franciscanismo. Cidades. Convento franciscano. Patrimônio compartilhado Brasil-Alemanha. Arquitetura brasileira.

ABSTRACT

From 1891, Franciscans from Germany landed in the Brazilian territory in order to save the existence of the Order in the country and prevent it from an imminent extinction. From the end of the 19th century and during the 20th century, these friars left an important heritage in Brazil that covers not only the religious and missionary fields, but also the social and cultural areas, including Architecture and Urbanism. Inspired by a practical mentality linked to work, the German friars undertook a series of renovations in the old colonial Brazilian friaries that helped the preservation of these buildings until the present, even though, in some cases, they had faced conflicts with these spaces; they reached large cities, tiny cities and also forests, expanding the Franciscan activity to the inland parts of the country; they built new churches and friaries that had an important role in the development of cities that started to grow in the end of the 19th century. This still little known history will be the main topic of this work, that will rely on other time frames in order to carry out an analysis about the actions of the German friars in Brazil and its results in the space. It will be used as a support, in particular, the History of the Order in the Middle Ages, since the franciscanism arose in this period as a religious model that had strong emphasis in the material world. The use of written documents, especially the primary sources, and the experience in the studied localities through the technical visits made to Italy, Germany and three different regions of Brazil, were the main methodological tools used in this dissertation. At a first moment, the work focused on the ways that Saint Francis and the franciscanism had built their memories in the tangible world. In view of this approach, the research tried to understand this process in Brazil, focusing on the period in which the German friars had a strong influence in the country. Therefore, the dissertation aimed to investigate the motivations and effects of the action and legacy of these friars in the Brazilian territory, using as study guide the relationship between the franciscanism, materiality and itinerancy.

Keywords: Franciscanism. Cities. Franciscan friary. Shared Heritage Brazil-Germany. Brazilian Architecture.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Convento de Bardel, Alemanha.....	28
Imagem 2 - Interior do Museu do Brasil em Bardel.....	28
Imagem 3 - Convento de Mettingen, Alemanha.....	29
Imagem 4 - Instituto de Brasilologia.	29
Imagem 5 - O sonho de Inocência III representado em afresco de Giotto (depois de 1296). Assis, Basílica de São Francisco.....	35
Imagem 6 - “Città di Assisi al tempo di San Francesco” (Cidade de Assis no tempo de São Francisco) de Giovanni Anastasio Fontana. Viterbo, 1721.....	36
Imagem 7 - Mapa Assis atual.....	36
Imagens 8, 9, 10, 11 - A cidade de Assis.....	37
Imagem 13 - Fachada Basílica de São Francisco em Assis.....	38
Imagem 14 - Fachada Basílica de Santa Clara em Assis.....	38
Imagem 15 - Santuário de Rivortorto com cidade murada de Assis na colina ao fundo.....	39
Imagem 16 - Casebre da fraternidade primitiva no interior da igreja.....	39
Imagem 17 - Exterior da Basílica de Santa Maria dos Anjos na planície de Assis.....	39
Imagem 18 - Igreja da Porciúncula no interior da Basílica de Santa Maria dos Anjos.....	39
Imagem 19 - Episódio da entrega das vestes ao pobre. Afresco de Giotto (depois de 1296). Assis, Basílica de São Francisco.....	43
Imagem 20 - Frei Silvestre expulsa demônios da cidade de Arezzo por ordem de São Francisco. Afresco de Giotto (depois de 1296). Assis, Basílica de São Francisco.....	47
Imagem 21 - Recebimento dos estigmas. Afresco de Giotto (depois de 1296). Assis, Basílica de São Francisco.....	52
Imagem 22 - Tugúrio do Rivortorto localizado no interior da igreja de mesmo nome em Assis.....	58
Imagem 23 e 24 - Exterior e interior do Tugúrio do Rivortorto localizado no interior da igreja de mesmo nome em Assis.....	58
Imagem 25 e 26 - Fachada Basílicas de São Francisco e Santa Clara em Assis.....	65
Imagem 27 - Carta intitulada “Assisi, città dello Stato Pontificio” de Cesare Orlandi (1770) que reproduz a planta de Giacomo Lauro de 1599.....	67
Imagens 28, 29 e 30 - Perfil da cidade de Assis; Vista área de Assis; Entrada convento e Basílica inferior de São Francisco.....	68
Imagens 31 e 32 - Interior da igreja inferior e superior da Basílica de São Francisco em Assis.....	69

Imagens 33 e 34 - “A Crucificação” e “São Francisco recebe os estigmas” de Pietro Lorenzetti. Afrescos da basílica inferior.....	69
Imagens 35 e 36 - Detalhe de motivos florais em vitral e abóboda da Basílica de São Francisco de Assis.....	70
Imagens 37 - A tumba de São Francisco abaixo da basílica inferior.....	70
Imagem 38 e 39 - Claustro e varanda do convento de Assis.....	71
Imagem 40 - Exterior da Basílica de Santa Maria dos Anjos na planície de Assis.....	72
Imagem 41 - Igreja da Porciúncula no interior da basílica.....	72
Imagem 42 - Esquema gráfico da possível antiga feição da igreja da Porciúncula no tempo de Francisco.....	72
Imagem 43 - Vista atual do oratório da Porciúncula encoberto pela basílica.....	72
Imagem 44 e 45 - Interior da igreja da Porciúncula.....	73
Imagens 46, 47, 48, 49 e 50 - Detalhes da pintura de Hilário de Viterbo (1393) no interior da Porciúncula.....	74
Imagem 51 e 52 - Capela do trânsito e roseiral no interior do convento de Santa Maria dos Anjos.....	75
Imagem 53 - Difusão e organização da Ordem Franciscana em torno do ano 1300.....	81
Imagem 54 - Difusão e organização da Ordem Dominicana em torno do ano 1300.....	82
Imagem 55 - Expansão da Ordem Franciscana no Brasil entre 1585 e 1758. Em vermelho, foram marcados os conventos construídos no período colonial.....	89
Imagem 56 - Fachadas dos 14 conventos formadores da “Escola Franciscana do Nordeste” erguidos entre os séculos XVI e XVII. Na imagem tem-se os conventos localizados nas cidades de Igarassu (PE), Marechal Deodoro (AL), Povoado de Paraguaçu-Cachoeira (BA), Olinda (PE), Penedo (AL), João Pessoa (PB), Pau d’Alho (PE), Cairu (BA), São Francisco do Conde (BA), São Cristóvão (SE) e Sirinhaém (PE), respectivamente.....	90
Imagem 57 - Fachada de quatro conventos coloniais do Sudeste do Brasil visitados pela autora. Na imagem tem-se os conventos localizados nas cidades do Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP), Vitória (ES) e Vila Velha (ES), respectivamente.....	90
Imagem 58 - Interior da igreja conventual de Salvador.....	92
Imagem 59 - Sala do capítulo do convento de Olinda.....	92
Imagem 60 - Sacristia do convento de Igarassu.....	92
Imagem 61 - Claustro do convento de Marechal Deodoro.....	92
Imagens 62 - Refeitório do convento de Cairu.....	92
Imagem 63 - Cella do convento de Salvador.....	92
Imagem 64 - Mapa atual da Alemanha, com marcações em vermelho das cidades abrangidas anteriormente pela Província da Santa Cruz.....	100

Imagem 65 - A primeira expedição alemã a chegar ao Brasil. Da esquerda para direita: Frei Amando Bahlmann, Frei Humberto Themans, Frei Maurício Shmalor e Frei Xisto Meiwes.....	107
Imagens 66, 67, 68 e 69 - Paisagens e feições atuais da antiga colônia alemã de Teresópolis, Santa Catarina.....	108
Imagens 70 e 71 - Igreja católica e cemitério de Teresópolis.....	108
Imagens 72 e 73 - Vista de Teresópolis no final da década de 1880 (esq.) e na década de 1920 (dir).....	109
Imagem 74 - Vista de Teresópolis com sua antiga igreja matriz e casa que abrigou os frades alemães. Fotografia da década de 1890.....	109
Imagem 75 - Monumento comemorativo aos cem anos da chegada dos frades alemães no Brasil situado em Teresópolis, Santa Catarina.....	110
Imagem 76 - Contador proveniente da Alemanha encontrado no convento de Penedo.....	117
Imagem 77 - Convento franciscano de Penedo.....	119
Imagem 78 - Vista aérea de Penedo com o complexo seráfico ao centro.....	119
Imagens 79 e 80 - Igreja do convento franciscano de Penedo, com destaque para os óculos abertos pelos frades alemães em 1906.....	119
Imagem 81 - Fachada do convento franciscano de Ipojuca.....	120
Imagem 82 - Interior da igreja conventual de Ipojuca.....	120
Imagem 83 - Pintura do austríaco Frei Tarcísio Jungwirth colocada no forro da igreja franciscana de Ipojuca, ilustrando a procissão que celebrou a entronização da imagem do Santo Cristo no convento no século XVII.....	121
Imagens 84 e 85 - Vitrais de origem alemã na antiga capela do Santo Cristo, igreja conventual de Ipojuca.....	121
Imagem 86 - Detalhe da inscrição em alemão encontrada nos vitrais da igreja conventual de Ipojuca.....	122
Imagens 87, 88 e 89 - Publicações de frades alemães acerca da cultura indígena Tyrió.....	126
Imagens 90 e 91 - Frei Protásio Frikel com utensílios indígenas e Frei Tomás Kockmeyer celebrando Missa na selva Amazônica.....	127
Imagem 92 - Fotografias de Frei Tomás Kockmeyer acerca da cultura negra brasileira....	127
Imagens 93, 94, 95 e 96 - Acervo do <i>Brasilienmuseum</i> (Museu do Brasil) no convento de Bardel, Alemanha.....	128
Imagem 97 - Frades com lambretas no claustro do convento de Recife.....	129
Imagens 98 e 99 - Frei Beda com as comunidades assistidas pelo seu projeto no Nordeste do Brasil.....	130

Imagem 100 - Cidades onde se situam os conventos visitados pela autora construídos após a vinda dos frades alemães ao Brasil.....	136
Imagem 101 - Conventos e igrejas franciscanas visitadas erguidas no Brasil no final do século XIX e durante o século XX. Na ordem, edificações situadas nas seguintes cidades: Igreja Nova-AL, Campina Grande-PB, Lagoa Seca-PB, Blumenau-SC, Petrópolis-RJ, São Paulo-SP, Rodeio-SC, Santo Amaro da Imperatriz-SC, Gaspar-SC, Florianópolis-SC e Lages-SC.....	137
Imagem 102 - Vista de Teresópolis da década de 1890, mostrando a primeira residência dos frades alemães no Brasil e a então igreja católica do lugar.....	139
Imagem 103 - Imagem da casa anterior em data indefinida.....	139
Imagem 104 - Antiga casa paroquial de Santo Amaro da Imperatriz que serviu como primeira residência para os frades alemães no lugar.....	140
Imagem 105 - Antiga capela-escola de Rodeio com anexo onde funcionou o primeiro convento dos frades.....	140
Imagem 106 - Frades franciscanos durante o início da construção da Catedral de Lages em 1912.....	143
Imagem 107 - Construção da Igreja Matriz de Santo Amaro da Imperatriz e detalhe mostrando participação de seculares nas obras. Imagem do final de década de 1900.....	144
Imagens 108 e 109 - Matriz de Gaspar (SC) vista a partir do começo da ponte sobre o Rio Itajaí-Açu e Matriz de Santo Amaro da Imperatriz (SC).....	144
Imagens 110 e 111 - Convento franciscano de Rodeio (SC) visto da serra, com demarcação da área abarcada pelo complexo conventual e vista frontal da igreja.....	145
Imagem 112 - Vista antiga de Lages, sem data, com esquema da autora.....	145
Imagens 113 - Vista atual da Catedral da cidade de Lages.....	145
Imagem 114 - Igrejas e torres franciscanas de conventos catarinenses vistas através de diversos pontos das cidades de Lages, Blumenau, Santo Amaro da Imperatriz, Florianópolis, Rodeio e Gaspar.....	146
Imagem 115 e 116 - Igreja e convento franciscano do bairro do Pari, região central de São Paulo.....	146
Imagem 117 - Construção da nova Matriz de Gaspar em 1947. Frei Godofredo Sieber encontra-se no último patamar do andaime como mostra marcação à caneta feita pelo próprio.....	147
Imagem 118 - Vista aérea de Gaspar em imagem de 1950 ou período logo anterior, com destaque para a nova Matriz construída a partir de 1945 que se sobressai no núcleo urbano ainda incipiente.....	148

Imagem 119 - Vista de Gaspar em 2007. Apesar do notável crescimento urbano e do aumento na densidade construída da cidade, a Matriz ainda permanece sendo a edificação de maiores proporções de Gaspar.....	148
Imagem 120 e 121 - Vista da década de 1920 e atual da cidade de Santo Amaro da Imperatriz com demarcação da Igreja Matriz. A construção franciscana além de se encontrar em área mais elevada, também se estabelece em área central da direção do crescimento urbano.....	149
Imagens 122 e 123 - Vista da antiga colônia italiana de Rodeio em período anterior a 1913 e vista da atual cidade.....	149
Imagem 124 - Vista da imponente Matriz de Igreja Nova em meio ao simples casario da cidade alagoana.....	150
Imagem 125 e 126 - Complexo franciscano do Pari em 1926 durante o reinício da construção das torres e vista atual da construção junto ao bairro.....	151
Imagens 127 e 128 - Diferença de escalas e volume construído entre igreja e convento (demarcado em vermelho) dos exemplares seráficos de Santo Amaro da Imperatriz e do Pari.....	151
Imagens 129 e 130 - Complexo franciscano de Lages com igreja e convento, e atual Catedral da cidade, todos construídos pelos frades germânicos.....	152
Imagens 131 e 132 - Interior da igreja anexa ao convento franciscano de Lages e interior da Matriz da cidade.....	153
Imagens 133 e 134 - Interiores das duas igrejas franciscanas erguidas em Blumenau: a capela do antigo convento e a Matriz da cidade.....	153
Imagens 135 e 136 - Antiga Matriz de Blumenau em sua feição original e depois de 1930.....	154
Imagens 137 e 138 - Igreja Matriz de Blumenau e detalhe de sua torre.....	154
Imagens 139 e 140 - Antiga e atual igreja Matriz de Gaspar.....	155
Imagens 141 e 142 - Igreja e convento seráfico de Petrópolis e interior da capela.....	156
Imagens 143 e 144 - Vista antiga do convento de Ipuarana logo após sua construção na década de 1940 e vista atual.....	156
Imagens 145 e 146 - O complexo conventual franciscano de Campina Grande, com destaque para a igreja e seu interior.....	157
Imagem 147 - Igrejas franciscanas analisadas. Na ordem, edificações situadas nas seguintes cidades: Igreja Nova-AL, Campina Grande-PB, Lagoa Seca-PB, Blumenau-SC (matriz), Petrópolis-RJ, São Paulo-SP (Pari), Rodeio-SC, Santo Amaro da Imperatriz-SC, Gaspar-SC, Florianópolis-SC, Lages-SC e Lages-SC (matriz).....	158
Imagens 148, 149, 150 e 151 - Interior da igreja de Santo Amaro da Imperatriz e detalhes do guarda-corpo do coro do local feito em madeira.....	160

Imagens 152 e 153 - Interior da igreja conventual de Lages com detalhe da lateral dos bancos de madeira.....	161
Imagens 154 e 155 - Interior da igreja Matriz de Lages e detalhe decorativo do púlpito em madeira.....	161
Imagens 156 e 157 - Interior da igreja conventual de Blumenau e altar-mor confeccionado em madeira.....	161
Imagens 158, 159, 160 - Antigo interior da igreja conventual de Lages em data desconhecida e interior atual com detalhe para pintura de elementos seráficos.....	163
Imagens 161 e 162 - Antigo interior da igreja conventual de Rodeio em 1945 e interior atual.....	163
Imagens 163 e 164 - Antigo interior da capela conventual de Blumenau em data indefinida e imagem atual.....	164
Imagens 165 e 166 - Detalhes das pinturas do interior da Matriz de Lages.....	164
Imagens 167, 168, 169 e 170 - Exterior e interior da igreja franciscana de Gaspar, com destaque para vitrais que associam a vida de Cristo à vida de Francisco e para o efeito luminoso de cores provocados pelos vitrais sobre o chão do espaço.....	165
Imagens 171 e 172 - Exterior e interior da igreja franciscana do Pari, em São Paulo.....	165
Imagens 173, 174, 175, 176 e 177 - Exterior, interior e vitrais com motivos florais da igreja franciscana de Igreja Nova. No detalhe inscrição relativa à proveniência do vitral, a cidade alemã de Trier.....	166
Imagens 178, 179 e 180 - Igreja conventual de Lagoa Seca.....	167
Imagens 181, 182 e 183 - Igreja conventual de Campina Grande.....	167
Imagens 184, 185, 186 e 187 - Igreja Matriz de Blumenau com detalhe para rosácea situada na parede de fundo da igreja atrás do altar-mor e dos vitrais das paredes laterais.....	168
Imagem 188 - Vitrais das igrejas franciscanas analisadas. Na ordem, edificações situadas nas seguintes cidades: Igreja Nova-AL, Lagoa Seca-PB, Campina Grande-PB, Blumenau-SC (matriz), Petrópolis-RJ, São Paulo-SP (Pari), Rodeio-SC, Santo Amaro da Imperatriz-SC, Gaspar-SC, Florianópolis-SC, Lages-SC (matriz), Lages-SC (igreja conventual).....	169
Imagem 189, 190, 191 e 192 - Vista da igreja seráfica de Rodeio a partir do coro dos religiosos onde se encontram as estalas e ao fundo o coro do órgão; coro do órgão; detalhe do interior do órgão de tubos; Frei Lauro Both tocando o instrumento.....	171
Imagem 193 e 194 - Órgão de tubos da Matriz de Lages e da igreja conventual de Petrópolis.....	171
Imagem 195 - Relógios que integram as torres das igrejas franciscanas de Santo Amaro da Imperatriz, Lages (Matriz), Petrópolis, Igreja Nova, Pari, Gaspar, Lagoa Seca, Campina Grande e Blumenau (Matriz).....	173
Imagem 196 - Foto antiga da igreja franciscana do Pari em data indefinida.....	174

Imagem 197 - Imagem atual de missa realizada na igreja conventual de Rodeio.....	174
Imagem 198 e 199 - Segunda residência dos franciscanos em Santo Amaro da Imperatriz e vista da Igreja Matriz a partir do antigo convento.....	175
Imagem 200 e 201 - Igreja com a terceira e definitiva residência dos franciscanos em Santo Amaro da Imperatriz em foto de 1910, e conjunto seráfico atual com casa que ganhou ampliações ao longo do século XX.....	175
Imagem 202, 203 e 204 - Primeira residência dos frades de Gaspar em foto da década de 1930; segunda casa em foto provavelmente depois de 1947, pois já se observa ao fundo as torres da nova Matriz; e foto da residência atual construída na década de 1970.....	176
Imagem 205 e 206 - Fachada do convento de Igreja Nova - AL; conjunto conventual visto a partir da cerca com os fundos da casa seráfica à esquerda; varanda com arcadas localizada na parte posterior do convento.....	177
Imagem 207 e 208 - Fachada do convento franciscano do Pari, e vista da interseção de parte da casa com a igreja a partir do claustro.....	177
Imagens 209, 210, 211, 212, 213 e 214 - Complexo conventual franciscano de Lages, Florianópolis, Petrópolis e Campina Grande.....	178
Imagens 215 e 216 - Complexo conventual franciscano de Rodeio.....	179
Imagem 217 - Planta esquemática do pavimento térreo do convento de Rodeio, sem escala.....	180
Imagens 218 e 219 - Primeiro prédio que serviu como escola paroquial de Blumenau desde 1877 e nova construção de 1885.....	181
Imagens 220, 221, 222 e 223 - Vista do Colégio Santo Antônio em 1920, 1952 e provavelmente na década de 1970, já que a legenda encontrada junto à imagem faz referência ao centenário do colégio, e imagem atual.....	182
Imagens 224, 225 e 226 - O convento franciscano de Blumenau em sua feição antiga, provavelmente da década de 1940 ou 1950, e prédio atual já pertencente ao Colégio Bom Jesus.....	182
Imagem 227 - Imagem aérea de Blumenau em 1974, com o complexo franciscano ao centro.....	183
Imagem 228 - Imagem aérea de Blumenau em 1974 com esquemas que representam as principais áreas do conjunto franciscano.....	183
Imagens 229 - Cartão postal de 1951 com vista aérea do convento franciscano de Warendorf, na Alemanha, cuja construção se iniciou em 1652.....	186
Imagens 230 - Complexo conventual franciscano de Bardel, na Alemanha.....	186
Imagens 231 - Complexo conventual franciscano de Lagoa Seca, interior da Paraíba.....	186
Imagens 232 e 233 - Antigo refeitório e dormitório coletivo no convento de Bardel, Alemanha, sem data.....	187

Imagens 234 e 235 - Antigo refeitório e dormitório coletivo no convento de Ipuarana na atualidade.....	187
Imagem 236 - Complexo franciscano de Lagoa Seca. O esquema gráfico mostra as três grandes divisões do conjunto, apresentando a igreja no centro de convergência entre escola e convento.....	188
Imagens 237 e 238 - Sala de aula do convento de Blumenau em 1921 e sala de aula na casa seráfica de Petrópolis.....	189
Imagens 239, 240 e 241 - Pátios internos que remetem a ideia de claustros dos conventos de Igreja Nova, Petrópolis e Florianópolis.....	190
Imagens 242, 243 e 244 - Claustros dos conventos de Campina Grande, Pari e Rodeio.....	190
Imagens 245, 246 e 247 - Os três claustros do convento de Lagoa Seca: claustro dos religiosos, claustro dos “alunos menores” e claustro dos “alunos maiores”.....	191
Imagem 248 e 249 - A cozinha e o refeitório do convento franciscano de Rodeio.....	192
Imagem 250 e 251 - Exemplos de celas atualmente não ocupadas nos conventos franciscanos de Lages e Rodeio.....	192
Imagem 252 - Biblioteca do convento franciscano de Lages.....	192
Imagens 253 e 254 - Capelas internas dos conventos franciscanos de Lages e Petrópolis.....	193
Imagens 255 e 256 - Sala do recreio no convento franciscano de Rodeio.....	193
Imagens 256, 257, 258 e 259 - Trabalhos realizados na fábrica de velas, lavanderia, horta e curral no Noviciado no convento franciscano de Rodeio.....	195
Imagens 260 e 261 - Frades realizando trabalhos manuais provavelmente na Alemanha.....	196
Imagens 262 e 263 - Prédio das oficinas do convento de Blumenau com alunos e aprendizes e marcenaria desta casa.....	197
Imagens 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270 e 271 - As oficinas do convento franciscano de Rodeio: antiga fábrica de café, antiga fábrica de vinho, marcenaria, padaria, fábrica de órgãos de tubo, alfaiataria e fábrica de velas.....	198
Imagens 272, 273 e 274 - A cerca conventual da casa franciscana de Rodeio.....	200
Imagens 275 e 276 - Videiras na cerca conventual da casa franciscana de Rodeio e figos produzidos a partir do cultivo no local.....	200
Imagens 277 e 278 - Tela de Frei Tarcísio Jungwirth que retrata o período de construção do complexo conventual de Ipuarana e imagem da cerca atual.....	201
Imagens 279 e 280 - A cultura do arroz irrigado nos arredores do centro urbano de Rodeio.....	204
Imagem 281 - Alunos e frades no Colégio de Santo Antônio de Blumenau em 1895.....	206

Imagem 282 - A Escola Paroquial Cristo Rei de Gaspar na década de 1930.....	206
Imagem 283 - A escola paroquial ligada ao convento franciscano do Pari, São Paulo, sem data.....	206
Imagens 284 e 285 - Fachada atual da Editora Vozes vizinha ao convento franciscano de Petrópolis e imagem antiga da primitiva editora, sem data.....	208

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Conventos franciscanos coloniais do Nordeste.....	88
Tabela 2 - Conventos franciscanos coloniais do Sudeste.....	88
Tabela 3 - Cidades abrangidas pela Província da Santa Cruz da Saxônia.....	100
Tabela 4 - Número de frades alemães que chegam ao Brasil entre 1891 e 1904.....	112
Tabela 5 - Conventos franciscanos coloniais do Nordeste e a presença de frades alemães.....	123
Tabela 6 - Conventos franciscanos coloniais do Sudeste e a presença de frades alemães.....	124
Tabela 7 - Fraternidades fundadas entre 1891 e 1960 no Nordeste.....	133
Tabela 8 - Fraternidades fundadas entre 1891 e 1960 no Sul e Sudeste.....	134
Tabela 9 - Conventos franciscanos analisados.....	135
Tabela 10 - Divisão dos conventos visitados.....	141
Tabela 11 - Dimensões das igrejas franciscanas visitadas construídas nos séculos XIX e XX.....	158

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	21
PARTE 1: PELOS CAMINHOS DO MUNDO	31
1 O SONHO ACOLHIDO: ESPIRITUALIDADE E ESPACIALIDADE FRANCISCANA	40
1.1 A cidade.....	40
1.2 O eremitério e a floresta.....	49
1.3 A casa.....	52
1.4 Da casa ao convento.....	54
1.5 A igreja.....	60
2 ADAPTAÇÕES E ITINERÂNCIAS	65
2.1 Construções emblemáticas de Assis.....	65
2.2 “Espaço do mundo”.....	76
2.3 A expansão da Ordem: Europa, América e Brasil.....	80
PARTE 2: FRADES ALEMÃES E O BRASIL	95
3 RUMO AO “NOVO MUNDO”: ESPAÇOS E ALMAS A CONQUISTAR	99
3.1 Circunstâncias da Ordem na Alemanha.....	99
3.2 Acessando o “Novo Mundo”: primeiros olhares.....	105
3.3 Frades alemães e o passado: a restauração dos antigos conventos.....	118
3.4 Aproximações com a realidade brasileira.....	125
4 A HERANÇA FRANCISCANA ALEMÃ NO BRASIL	131
4.1 Construindo o presente: as novas edificações.....	132
4.2 As igrejas: valorização da matéria.....	142
4.3 Casas, conventos e conventos-escolas.....	174
4.4 Permanências e mudanças na arquitetura conventual.....	189
4.5 Sementes do futuro: contribuições da ação franciscana alemã.....	202
CONSIDERAÇÕES FINAIS	210
REFERÊNCIAS	213

INTRODUÇÃO

Um pouco agitados, com o coração batendo, aguardamos o momento quando, como primeiros alemães franciscanos, pudemos pisar o chão da terra de nossos sonhos. [...] Nós estamos agora em outro mundo. Cada movimento mostra. Nós respiramos outro ar, somos outras pessoas. (Frei Humberto Themans ao desembarcar no Brasil em 1891).

No final do século XIX, o espírito missionário move franciscanos alemães que deixam sua terra natal e rumam para o sonhado “Novo mundo”, com o objetivo de reerguer das ruínas a Ordem franciscana no Brasil. A partir deste período e ao longo do século XX, várias cidades, conventos e igrejas do país receberam as marcas destes religiosos, que percorreram desde grandes cidades até longínquos povoados, florestas e áreas de árduo acesso. Este assunto, ainda pouco conhecido e explorado, será o principal tema deste trabalho.

Meu primeiro contato com o tema do franciscanismo ocorreu após minha entrada no Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem da Universidade Federal de Alagoas no ano de 2009, quando fui bolsista de iniciação científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico Tecnológico (CNPq). O Grupo já vinha desenvolvendo pesquisas sobre a temática através do projeto “Memórias Franciscanas” patrocinado pela Petrobrás, que se detinha no estudo do convento franciscano de Santa Maria Madalena, localizado na cidade alagoana de Marechal Deodoro.

Para uma melhor compreensão do convento alagoano, o Grupo se colocou nas estradas, empreendendo uma série de viagens das quais tive a oportunidade de participar. Percorremos uma distância de mais de 1200 km a fim de visitar os 14 conventos franciscanos enquadrados na “Escola Franciscana do Nordeste”, termo criado por German Bazin, antigo curador do Louvre, para designar o conjunto de casas seráficas masculinas construídas nas vilas e cidades coloniais do Nordeste brasileiro nos séculos XVI e XVII. As edificações, erguidas nos atuais estados da Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco e Paraíba, traduzem o caráter itinerante dos frades e o fato de que “havia uma verdadeira escola de construtores pertencentes à Ordem.” (BAZIN, 1956, p. 137).

Os trabalhos de pesquisa anteriores a essa dissertação abarcaram este conjunto arquitetônico e depois foram direcionados para as duas construções situadas em território alagoano: o já citado convento de Marechal Deodoro, e o convento de Nossa Senhora dos Anjos, localizado na cidade de Penedo. A pesquisa se utilizou de estudos de sensibilização e observação espaciais seguidos de trabalhos com fontes primárias, através do trabalho

com as iconografias antigas contrastadas com as atuais, para a realização de um estudo sobre a implantação das casas seráficas nessas cidades no percurso do tempo¹.

Ao longo deste período, um fato pouco conhecido entre o público geral e raramente abordado pelos estudiosos acadêmicos do universo franciscano foi revelado durante os trabalhos de campo: a história da vinda de frades alemães ao Brasil que a partir do final do século XIX chegam com a missão de restaurar a vida religiosa franciscana no país.

As ordens religiosas brasileiras enfrentaram as primeiras represálias ainda no século XVIII quando Marquês de Pombal, ministro do rei português José I, empreende uma série de reformas visando reduzir a influência política, social e econômica da Igreja. Em 1764, por exemplo, decreta o fechamento dos noviciados das ordens religiosas. O governo imperial brasileiro, já independente de Portugal, prossegue com a política de supressão das Ordens em 1855. Soma-se às questões políticas, a decadência dos costumes, da vida religiosa brasileira e também as polêmicas com o clero e bispado. No fim do século XIX, muitos dos antigos conventos coloniais franciscanos se encontravam abandonados, e apenas 10 frades habitavam em todo o território brasileiro, (WILLEKE, 1977, p.135). O patrimônio arquitetônico franciscano do Brasil se encontrava, pois, ameaçado, bem como a existência da própria Ordem no país.

Assim como ocorreu a partir do século XVI, quando o recém “descoberto” território brasileiro passou a receber franciscanos portugueses, espanhóis e até italianos para a evangelização do “Novo Mundo”, o movimento de vinda de frades estrangeiros em busca de novos terrenos missionários se repete no fim do século XIX. A ideia partiu do então Ministro Provincial da Província² de Santo Antônio, Frei Antônio Camilo de Lélis, que solicitou ao generalato franciscano de Roma a vinda de frades de outros países na tentativa de preservar a existência da Ordem no Brasil. A Província da Saxônia da Alemanha foi encarregada da missão em 1889 (WILLEKE, 1977, p.137).

Os primeiros religiosos franciscanos alemães chegam ao Brasil apenas em 1891 para reconstruir a vida seráfica no país, dando início a chamada “Restauração³” das

¹ Este trabalho foi premiado pelo CNPq com o prêmio nacional “Destaque do Ano na Iniciação Científica” no ano de 2011.

² Grupo de conventos que estabelecem uma unidade e são dotados de administração autônoma. A Província de Santo Antônio do Brasil nasceu em 1657 com sede em Salvador a partir da custódia de mesmo nome, sendo a primeira do país. Em 1659, os conventos do sul foram desmembrados, formando a Custódia da Imaculada Conceição com sede no Rio de Janeiro. Em 1675 esta também se tornou Província (WILLEKE, 1977). Atualmente a Província de Santo Antônio com sede em Recife abrange os estados da Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, e a Província da Imaculada Conceição com sede em São Paulo engloba os estados do Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina.

³ Dá-se o nome de Restauração o processo de reativação das duas antigas Províncias Franciscanas brasileiras no final do século XIX realizado pelos religiosos seráficos da Alemanha.

províncias franciscanas brasileiras. Nos anos seguintes, levas de frades germânicos⁴ deixam sua terra natal e se aventuram em lugares longínquos e nas incertezas da realidade dos trópicos.

Representando um importante capítulo da história franciscana no Brasil, a ação terá fundamental papel na continuidade da presença da Ordem no país. Dotados de um espírito operativo e ideal evangelizador, os frades alemães atuaram não apenas na reativação da vida religiosa franciscana nas antigas cidades, mas expandiram sua atividade para áreas interioranas do país, onde tiveram muitas vezes uma sólida influência urbana, agindo nos campos da economia, educação, comunicação e formação cultural. Não apenas reabriram grande parte dos antigos conventos, mas construíram novos edifícios, contribuindo para a conformação atual das duas Províncias por eles restauradas: a de Santo Antônio do Nordeste do país e a Imaculada Conceição que abrange o Sudeste e Sul do Brasil. Variaram entre o interesse pela cultura brasileira e o choque com a realidade local, principalmente com a nordestina e seus antigos conventos que despertaram reações conflituosas entre os primeiros grupos que chegaram ao país.

A história da presença alemã no Brasil despertou meu interesse e curiosidade contribuindo para que meus estudos dentro da temática franciscana se deslocassem para o contexto temporal dos séculos XIX e XX. Meu Trabalho Final de Graduação (TFG) em Arquitetura e Urbanismo abordou o tema, escolhendo como recorte de pesquisa o legado material deixado pelos frades alemães nos conventos coloniais de Penedo (AL) e Ipojuca (PE)⁵.

Para a construção de minha dissertação de mestrado, me propus a continuar com o mesmo contexto temporal, porém se mostrou necessário ampliar os recortes espaciais. Dessa forma, busquei concentrar os estudos nas casas conventuais construídas nos séculos XIX e primeira metade do século XX, erguidas durante e após período da “Restauração” alemã das províncias. Para isso, iniciei um levantamento dessas casas, que se concentraram principalmente no sul e sudeste do país e empreendi viagens a 12 conventos erguidos neste período. Oito casas foram visitadas individualmente e outras quatro juntamente com o Grupo de Pesquisa.

A própria vivência nos lugares visitados, experimentação dos espaços e observação do cotidiano abrigado pelos mesmos me fizeram questionar o que movia a existência dessas edificações. Compreendo que para acessar esta arquitetura não bastariam apenas análises de plantas-baixa ou de estilos e tipologias. O convívio nos espaços e com seus habitantes,

⁴ A fim de exemplificação, entre maio de 1891 e março de 1896, foram enviados ao Brasil 152 missionários alemães. Em setembro de 1901, já haviam chegado ao país 206 religiosos. Dados fornecidos por Frei Clarêncio Neotti na introdução do sétimo volume da Coleção centenário (JEILER, 1991, p.10).

⁵ Trabalho apresentado em março de 2012 e intitulado: “‘Stadtluft macht frei’ (o ar da cidade liberta), o ar dos conventos se moderniza: frades alemães no Nordeste do Brasil”.

os frades, me fez perceber que para explicar a arquitetura era preciso estar atento aos seus valores intangíveis: compreender as práticas religiosas e a espiritualidade que permeia a matéria dos conventos se mostrou mais importante, não que estas anulem a materialidade dos prédios, mas conferem uma maior consistência e plausibilidade à sua existência.

As viagens também me permitiram entrar em contato e entrevistar alguns religiosos germânicos que ainda hoje habitam os conventos brasileiros ou que aqui desempenharam sua missão e hoje residem na Alemanha. Assim o trabalho se reportará não a uma memória distante, mas a uma História relativamente recente e que ainda apresenta repercussões na atualidade.

Em paralelo, observou-se também que a própria postura e ação dos frades alemães no Brasil a partir do final do século XIX se apresentavam, em alguns aspectos, próxima ao imaginário vinculado ao franciscanismo no passado e na atualidade, seja no esforço de se adentrar em territórios de acesso ou infra-estrutura precárias, buscando a evangelização de todos os povos; seja na preocupação com o melhoramento das condições de vida das comunidades; seja no conflito entre ausência de bens e vida nos conventos ou na missão em lugares remotos ou nos intensos centros urbanos.

Dessa forma, a dissertação inicia-se com um estudo acerca das relações entre espacialidade e espiritualidade franciscana, para a seguir focar nas ações dos frades alemães. Olhando ao mesmo tempo para os ideais do passado e as necessidades do futuro, esses religiosos muitas vezes alternam entre o rigorismo do ideal evangélico e uma conduta pragmática visando uma melhor adaptação às imposições da realidade brasileira.

Empreender um estudo que adentre a temática da espiritualidade franciscana é uma tarefa um tanto difícil para uma arquiteta, mas sempre será utilizado o aporte do espaço. Assim, a matéria será o foco principal do estudo, e questões relativas às mentalidades e aspectos intangíveis do espaço serão abordados, porém merecem estudos futuros mais aprofundados. Dessa forma, a metodologia empregada para a realização da dissertação foi baseada principalmente na realização de viagens de estudo e de análise-síntese da espacialidade dos conventos e das cidades.

O estudo será fundamentado em um dos discursos do historiador Jacques Le Goff que afirma: “o documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias.” (LE GOFF, 1992, p.548). Assim, a análise crítica dos documentos pode permitir ao historiador “encontrar [...] as condições de produção histórica e, logo, a sua intencionalidade inconsciente” (LE GOFF, 1992, p.547), e extrair dos mesmos informações para a construção do conhecimento científico. O pesquisador, portanto, deve se atentar ao fato de que os documentos não são ingênuos, mas carregam motivações e intenções. No caso deste trabalho, os documentos/monumentos serão representados pelos: documentos escritos,

compreendidos pelas fontes primárias; e pelos espaços acessados (cidades, conventos, igrejas) que serão considerados documentos não-escritos e podem ser apreendidos através de sua dimensão atual, capazes de revelar possíveis intenções e mentalidades de seus idealizadores.

Sobre a estrutura da dissertação, esta será dividida em dois grandes blocos: a primeira parte realizará um esforço em relacionar espiritualidade franciscana e espacialidade. A intenção não é apresentar a história de São Francisco e do franciscanismo, mas busca compreender como a espiritualidade ligada a eles se vincula ao espaço ainda na Idade Média, época de nascimento do santo e de sua fraternidade. Como Francisco e o franciscanismo materializam sua memória no mundo tangível?

Para a elaboração desta primeira parte do trabalho foram utilizadas as fontes franciscanas (escritos de São Francisco e de biógrafos de época), publicações de medievalistas e dados coletados em viagem realizada à cidade de Assis, na Itália, em setembro de 2013⁶. Durante a estadia no antigo núcleo de origem medieval, foi possível visitar as principais edificações ligadas à memória franciscana e observar como esta arquitetura repercute na contemporaneidade. Um dos destaques foi o acesso ao primeiro grande convento da Ordem Franciscana, anexo à Basílica de São Francisco de Assis, normalmente não acessado pelo público comum.

Os dados sistematizados nesta etapa da dissertação foram organizados em dois capítulos, com subitens que relacionam o mundo de São Francisco e do franciscanismo ao espaço. Para o primeiro capítulo, foram trabalhados a cidade, o eremitério/floresta, a casa, o convento e a igreja, elementos que se sobressaíram a partir do próprio estudo das fontes e também foram escolhidos pela repercussão que os mesmos terão ao longo da história da Ordem no Brasil. Já o capítulo 2, abordará as construções de Assis pós-Francisco e a expansão de sua comunidade religiosa para o mundo, chegando inclusive ao território brasileiro. Enquanto o capítulo 1 estará relacionado muito mais com o mundo de Francisco, o segundo se atentará para as adaptações trazidas pelo franciscanismo e sua itinerância.

O segundo grande bloco focará principalmente no episódio da “Restauração”. Mais uma vez pautado pela tentativa de se descobrir o que move a construção dos espaços, a segunda parte analisará a conduta dos frades vindos da Alemanha frente à realidade encontrada no Brasil. Como se caracterizam suas ações? Que tipo de arquitetura constroem? Como se relacionam com as cidades e seus habitantes?

Uma das primeiras dificuldades para a realização deste trabalho esbarrou na ausência de estudos acadêmicos anteriores sobre a temática. Foi preciso, então, realizar

⁶ Visita realizada em conjunto com a orientadora e mais dois membros do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem. A viagem à Itália também teve como objetivo a apresentação de trabalho vinculado à temática franciscana no “VI Congresso Internacional da Associação Italiana de História Urbana”.

uma longa busca por fontes primárias e publicações internas das duas Províncias brasileiras, que em geral não estão acessíveis ao público comum, e em alguns casos, se apresenta de difícil acesso até mesmo para pesquisadores.

O primeiro acervo consultado diz respeito ao material deixado pelos germânicos no convento de Penedo, o que inclui manuscritos – como as crônicas⁷ da própria casa -, álbuns de fotos, notas fiscais de compras, cartões postais, cartas, recortes de jornais de época, dentre outros. A maior parte das fontes coletadas, no entanto, foram encontradas nos acervos localizados fora do estado de Alagoas.

Realizou-se, pois, consultas aos arquivos das duas províncias restauradas pelos germânicos: ao pertencente à Província da Imaculada Conceição em São Paulo, e ao Arquivo da Província de Santo Antônio, em Recife-PE. Um acesso mais amplo a este último local, contudo, foi impossibilitado já que o mesmo vem passando por um processo de organização e reestruturação.

Um importante material de pesquisa, escrito tanto em língua alemã como portuguesa, pode ser coletado na Biblioteca do Instituto Teológico Franciscano em Petrópolis-RJ, cujo acervo começou a ser montado em 1896 pelos próprios frades alemães e hoje é composto por cerca de 120.000 volumes. Além disso, também foram acessados arquivos no estado de Santa Catarina, primeiro local do país onde se estabeleceram os religiosos germânicos: o Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, situado em Florianópolis, o Arquivo Histórico José Ferreira da Silva e o acervo do Colégio Bom Jesus, ambos situados na cidade de Blumenau. Dentre o material pesquisado no arquivo do colégio, destaca-se um extenso conjunto de fotografias de época que retratam o cotidiano e atuação dos franciscanos da Alemanha em Blumenau.

As bibliotecas e acervos dos conventos, que puderam ser acessados principalmente no sul do Brasil, também representaram locais de busca de dados essenciais para a realização da dissertação. Destaca-se, principalmente, o acesso a fontes imagéticas e ao livro de crônicas.

Dentre o material que aos poucos pode ser reunido entre os anos de 2011 e 2014, durante as várias buscas em bibliotecas e arquivos de acesso restrito, destacam-se também importantes publicações internas das duas províncias mencionadas, a exemplo do conjunto de livros que compõem a “Coleção Centenário” e os “Cadernos da Restauração”, ambos publicados a partir de 1991 pela Província da Imaculada Conceição e de Santo Antônio, respectivamente, em comemoração aos 100 anos da chegada dos religiosos da Alemanha ao país. Outra fonte documental interna que pôde ser paulatinamente reunida foram os exemplares da Revista Vita Franciscana, publicada pela Província da Imaculada Conceição

⁷ Conjunto de manuscritos que reportam o cotidiano das casas, obras físicas e espirituais desempenhadas, principais acontecimentos internos e até mesmo das próprias cidades em que se localizam.

na língua alemã de 1923 a 1942, e em português a partir de 1942, quando passou a ser chamada Vida Franciscana.

Livros produzidos pelos próprios frades alemães também se constituíram como fonte de pesquisa e também como próprio elemento de indagação para o estudo. Por que esses religiosos se interessaram em documentar a História do franciscanismo no país, abarcando um recorte temporal que antecedeu em quase 400 anos a sua chegada? Ressalta-se aqui que a escrita de boa parte da história da Ordem Franciscana no Brasil, principalmente no que se refere aos tempos coloniais, foram realizadas pelos frades germânicos ao longo do século XX. Nomes como Frei Venâncio Willeke e Frei Basílio Röwer serão responsáveis por publicações que retratam desde as primeiras missões franciscanas no país e o estabelecimento da Ordem no território brasileiro, até a história das antigas casas conventuais, contribuindo também com os escritos nas revistas do IPHAN.

Outra dificuldade surgida durante o processo de construção deste trabalho se relaciona com a abrangência da ação alemã no país. Como analisar e compreender uma atividade tão ampla que abrangeu realidades e espaços diversos em praticamente todas as regiões do país e abarcou diferentes momentos temporais e dois séculos distintos? O recorte espacial da dissertação, que inicialmente focaria na presença de frades alemães em Alagoas, foi substancialmente ampliado, procurando-se visitar cidades que receberam a atuação dos religiosos estrangeiros em três diferentes regiões do país (Nordeste, Sudeste e Sul), e conventos que foram construídos no final do século XIX, como também em meados do século XX.

As viagens de estudo, portanto, também representaram importantes fontes de pesquisa para a execução da segunda parte deste trabalho. Além dos 14 conventos franciscanos coloniais do Nordeste, acessados durante meu período como bolsista de iniciação científica, visitei quatro conventos do Sudeste construídos entre os séculos XVI e XVII: os conventos de Santo Antônio do Rio de Janeiro (RJ)⁸, de São Francisco de Vitória (ES), de Nossa Senhora da Penha em Vila Velha (ES)⁹ e de São Francisco em São Paulo (SP).

Dentre as casas seráficas levantadas nos séculos XIX e XX, foram visitados os conventos de Igreja Nova (AL), Campina Grande (PB) e Lagoa Seca (PB)¹⁰ no Nordeste brasileiro. Na região Sudeste, acessei o Santuário do Divino Espírito Santo em Vila Velha

⁸ Convento do Rio de Janeiro visitado em março de 2010 juntamente com o Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem dentro das etapas de trabalho do Projeto “Memórias Franciscanas”, patrocinado pela Petrobrás.

⁹ Os conventos capixabas foram visitados em março de 2013 juntamente com o Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, em cumprimento das etapas de trabalho do projeto “Biblioteca cartográfica: representações urbanas na produção e no uso social da informação através do Design” (edital PRONEM), patrocinado pelo CNPq e pela FAPEAL (Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de Alagoas).

¹⁰ Os conventos do interior da Paraíba foram visitados com o Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem em janeiro de 2013.

(ES)¹¹, o convento do Sagrado Coração de Jesus em Petrópolis (RJ) e a casa do Santo Antônio do Pari, em São Paulo (SP). No sul do país, concentrei as viagens de campo no estado de Santa Catarina, onde pude visitar o local que abrigou o primeiro grupo de quatro frades que chegaram ao Brasil – a colônia alemã de Teresópolis no município de Águas Mornas – bem como os conventos e paróquias franciscanas das cidades de Santo Amaro da Imperatriz, Florianópolis, Blumenau, Rodeio, Gaspar e Lages.

A compreensão de um processo de compartilhamento ocorrido entre dois países não seria possível se as análises fossem realizadas a luz de apenas um dos lados. Portanto, o trabalho demandou que as viagens de campo não se concentrassem apenas no território brasileiro, mas abarcasse também percepções coletadas na própria Alemanha. Dessa forma, uma viagem ao oeste alemão foi de grande importância para o entendimento do processo de trocas entre os dois países, no que se refere à temática franciscana.

Optou-se por visitar as duas casas ainda pertencentes à Província de Santo Antônio do Nordeste: o convento de Bardel, localizado no estado da Baixa-Saxônia, área rural da cidade de Bad Bentheim - na fronteira com a Holanda - que outrora funcionava como seminário de formação de religiosos para atender às missões no Brasil e que atualmente abriga o *Brasilienmuseum* (Museu do Brasil); e o convento de Mettingen, situado nas proximidades da cidade de Münster, estado da Renânia do Norte-Vestfália, onde hoje funciona o *Institut für Brasilienkunde* (Instituto de Brasilologia), responsável pela divulgação da história e cultura brasileira e produção de publicações que abrangem os dois países.



Imagens 1 e 2 - Convento de Bardel e Museu do Brasil em seu interior.

Fonte: Imagens da autora, 2012.

¹¹ Visitado com o Grupo de Pesquisa na viagem realizada ao estado do Espírito Santo, citada em nota anterior.



Imagens 3 e 4 - Convento de Mettingen e interior do Instituto de Brasilologia.

Fonte: Imagens da orientadora, 2012.

Dessa forma, a segunda parte deste trabalho também será dividida em dois capítulos: o terceiro, que discorrerá sobre os olhares, perspectivas e reações dos frades alemães acerca do “Novo Mundo”; e o quarto capítulo focado na materialidade e herança desta presença no país.

O estudo aqui apresentado irá se concentrar na análise das ações dos frades da Província da Saxônia dentro das províncias brasileiras de Santo Antônio e da Imaculada Conceição. Essa ressalva torna-se pertinente já que durante as pesquisas e viagens realizadas, foi revelado o fato de que frades da Província alemã da Turíngia, com sede em Fulda, chegaram às terras do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul em 1938 (KNOB, 1988, p.7), fundando uma missão e construindo conventos que representaram o embrião da atual Custódia de Nossa Senhora das sete Alegrias¹². A presença alemã no Mato Grosso não será abordada diretamente neste trabalho, mas poderá servir como ponto de partida para pesquisas futuras.

Seria importante para o trabalho a análise da cultura e mentalidade alemã do final do século XIX como ferramenta para o entendimento de suas ações e motivações. Esse esforço, no entanto, demandaria um estudo mais amplo que extrapolaria os limites da dissertação de mestrado, mas que pode ser retomado em trabalhos futuros. Ao invés disso, optou-se pelo estudo inverso e buscou-se pistas que evidenciam essa mentalidade nos próprios textos dos germânicos.

Coloca-se também que durante o processo de execução deste estudo foi identificado, principalmente com relação aos últimos grupos de frades alemães que vieram ao Brasil – muitos dos quais foram entrevistados pela autora e pelo Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem-, uma aproximação desses religiosos com a chamada Teologia da

¹² Sobre as ações dos franciscanos alemães da Turíngia nos estados do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul existe uma importante obra intitulada “A Missão Franciscana do Mato Grosso”, escrita por Frei Pedro Knob que apresenta o histórico da missão, os conventos erguidos e também traz imagens que documentam a presença alemã em regiões ainda pouco exploradas do interior do país.

Libertação. Esse tema, no entanto, não será abordado ao longo da dissertação por exigir uma nova gama de pesquisas que demandariam uma ampliação significativa do estudo.

Destaca-se aqui que o trabalho não pretende criar uma linha temporal e nem se pautar pela cronologia dos fatos, se atentando para o discurso de Jacques Le Goff em seu ensaio sobre a construção do conhecimento histórico (LE GOFF, 1992, p.23). A dissertação terá como recorte temporal principal o século XIX e XX, contudo, dialogará com outras temporalidades, como o período medieval de Francisco ou o material edificado seráfico do Brasil dos séculos XVI e XVII. O recorte espacial será focado, principalmente, nas novas casas conventuais construídas entre o séculos XIX e XX visitadas pela autora.

Como contribuição deste trabalho, espera-se que este possa alavancar discussões sobre a temática, estimulando outras pesquisas que visem aprofundar questões aqui apresentadas. Também se espera que ele possa oferecer subsídios científicos para ações museológicas que visem divulgar a presença franciscana alemã no Brasil junto ao público geral, a exemplo da ideia de se instalar um Memorial sobre essa História no convento franciscano de Penedo (AL), que pretende garantir ao prédio maior condição de sustentabilidade. Portanto, a pesquisa desenvolvida no âmbito acadêmico terá desdobramentos práticos atrelados à arquitetura dos conventos. Espera-se que futuras propostas museológicas que venham a ser elaboradas sejam contaminadas pela discussão apresentada neste trabalho, e se pautem não apenas na matéria existente, mas na espiritualidade do próprio espaço franciscano.

PARTE 1: PELOS CAMINHOS DO MUNDO



PARTE 1:

PELOS CAMINHOS DO MUNDO

Porque, nos últimos tempos, o novo evangelista, como um dos rios do paraíso, difundiu em todo o orbe da terra com piedosa irrigação as águas correntes do Evangelho e pregou com obras o caminho do Filho de Deus e a doutrina da verdade. Por conseguinte, aconteceu nele e por ele inesperada exultação de toda a terra, e uma santa novidade: a vergôntea¹ da antiga religião renovou subitamente os [ramos] longamente envelhecidos e muitos antigos. Foi posto nos corações dos eleitos um espírito novo, e no meio deles foi derramada uma unção salutar, visto que o servo de Cristo e santo, como um dos luminares do céu, brilhou do alto com novo modo de vida e com novos sinais. Foram renovados por meio dele os antigos milagres, enquanto no deserto deste mundo, em nova disposição, mas a modo antigo foi plantada a vinha frutífera que produz flores de suave odor das santas virtudes, estendendo por toda parte os ramos da sagrada Religião. (1Cel 89 *in* TEIXEIRA, 2008, p.258).

São Francisco de Assis plantou as sementes da novidade sobre a terra, gerando frutos ainda no século XIII, que contribuíram para a renovação da Igreja, a sustentação do desenvolvimento urbano, a humanização de Deus. Foi uma “santa novidade” que encheu de alegria todo o mundo, segundo as palavras de Tomás de Celano, biógrafo contemporâneo do santo.

A primeira parte deste trabalho tratará deste tema ancorado nas fontes primárias relativas aos escritos de São Francisco e seus biógrafos contemporâneos, bem como nas várias publicações de importantes medievalistas, a exemplo de Jacques Le Goff e Georges Duby, representantes da Escola dos Annales². Os dois primeiros capítulos se apoiaram também na percepção dos espaços da atual cidade de Assis, na Itália, onde foi possível visitar importantes edificações franciscanas do lugar, como as basílicas de São Francisco, Santa Clara, e Santa Maria dos Anjos que abriga a emblemática igreja da Porciúncula. Assim, apontando para o discurso de Jacques Le Goff de encarar o monumento como documento, a própria experiência com a espacialidade da cidade de Assis e suas edificações foi utilizada como fonte de pesquisa.

No que se refere aos textos de São Francisco, crônicas e biógrafos de época, estes foram acessados através da publicação intitulada “Fontes Franciscanas e Clarianas”, organizada por Frei Celso Márcio Teixeira OFM e publicada em 2008 (2ª edição) pela

¹ Ramo de planta de certo porte. Fonte: Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa.

² Os historiadores franceses Georges Duby e Jacques Le Goff são considerados um dos principais medievalistas do século XX e integraram a Escola dos Annales cujos membros privilegiavam uma visão da historiografia baseada na “História das Mentalidades” em detrimento da produção historiográfica positivista que se pautava na narração dos grandes acontecimentos.

Editora Vozes e pela FFB -Família Franciscana Brasileira. A obra apresenta um total de 1996 páginas, reunindo textos que compõem grande parte das fontes relativas a São Francisco traduzidas para a língua portuguesa. Foi baseada na publicação *Fontes Franciscani*, considerada pelos organizadores como parâmetro internacional para compêndios relativos aos escritos da Ordem. Sobre sua estrutura, está dividida em duas partes: a primeira e mais extensa reúne cerca de 30 textos atribuídos a São Francisco, 10 biografias de época do santo, além de crônicas, cartas, compilações, florilégios, os famosos *Fioretti*³ e outros documentos de época. A segunda parte é dedicada aos escritos e biografias de Santa Clara.

Coloca-se aqui que apesar das fontes franciscanas se constituírem uma importante fonte histórica, o trabalho está atento ao fato de que não são documentos comprovados ou isentos de falhas, já que sua produção é posterior à morte de Francisco e, muitas vezes, foi guiada pelas intenções vigentes da Ordem.

A fim de primar pelo rigor acadêmico e conferir o devido crédito a publicação consultada, as citações referentes a estas fontes primárias referenciarão tanto a própria fonte primária quanto a obra organizada por Frei Celso Teixeira. As siglas utilizadas foram baseadas na listagem adotada pela própria publicação pesquisada.

LISTA DE SIGLAS-FONTES FRANCISCANAS

Escritos de São Francisco

Ad = Admoestações

Cnt = Cântico do Irmão Sol

1Fi = Carta aos Fiéis (1ª Recensão)

2Fi = Carta aos Fiéis (2ª Recensão)

Mn = Carta a um Ministro

RB = Regra Bulada

RE = Regra para os Eremitérios

RnB = Regra não Bulada

Test = Testamento

Biografias de São Francisco e Crônicas

AP = Anônimo Perusino⁴

³ Os *Fioretti* são uma coletânea de pequenas narrativas de caráter maravilhoso abordando milagres e exemplos, que se referem a “gestos e palavras de Francisco, que em geral podem ser considerados históricos ou de boa tradição oral, raramente devaneios legendários” (TEIXEIRA, 2008, p.1487). Ou ainda segundo Le Goff este conjunto de textos “deixa claro [...] que São Francisco inspirou desde cedo uma literatura na qual lenda e história, realidade e ficção, poesia e verdade estão intimamente ligadas”. (2011, p.58).

⁴ Texto de autoria ainda não comprovada, existindo a hipótese de tratar de Frei João de Perúgia, companheiro de Frei Egídio, um dos primeiros seguidores de Francisco (TEIXEIRA, 2008, p.36).

1Cel = Primeira Vida, de Tomás de Celano
 2Cel = Segunda Vida, de Tomás de Celano
 3Cel = Tratado dos Milagres, de Tomás de Celano
 1EP = Espelho da Perfeição (menor)⁵
 2EP = Espelho da Perfeição (maior)
 Fior = I Fioretti
 Jul = Vida de São Francisco, de Juliano de Espira
 Lm = Legenda Menor, de São Boaventura
 LM = Legenda Maior, de São Boaventura
 LMM = Legenda Maior, Milagres, de São Boaventura
 LTC = Legenda dos Três Companheiros⁶
 Slb = Crônica de Salimbene de Parma

Como se tornou de domínio do senso comum nos dias de hoje, as fontes registram que Francisco denunciou a escravidão e exclusão geradas pelo dinheiro e as disparidades de uma nova sociedade urbana que se constituía sobre a bandeira da igualdade através do movimento comunal. Negou a posse de qualquer propriedade e voltou seu apostolado para as cidades, se distanciando das antigas ordens monásticas detentoras de grandes áreas de terras e que viviam enclausuradas nos meios rurais. Sugeriu um novo modelo de vida baseado estritamente no Evangelho e assentado não em hierarquias e em relações de poderes, mas na fraternidade e nas relações familiares (como as que unem mães e filhos apontadas por Francisco na Regra para os eremitérios).

Frente às superstições, pessimismos e temores da sociedade medieval, Francisco viveu a pobreza na alegria, inovou ao louvar e cantar a Deus com júbilo, “enquanto o modelo monástico fazia do monge um especialista em lágrimas” (LE GOFF, 2011, p.228). Não viu o mundo apenas como um lugar desprezível, mas descobriu sua beleza através do amor às criaturas e “entrando em comunhão com a alegria do mundo estava de acordo com os desejos de conquista da juventude cortês” (DUBY, 1993, p.149). Lançou-se a uma vida itinerante, levando o Evangelho a vários cantos do mundo, agindo em oposição à violência das cruzadas, e se revelando um cavaleiro da paz.

Tendo em vista esses dados, a literatura vem construindo um vínculo entre sua atitude e a renovação urbana, colocando que Francisco representava traços de

⁵ Tanto o Espelho da Perfeição Menor quanto Espelho da Perfeição Maior são obras de autoria não definidas. “As compilações, de modo geral, eram escritos tardios que afirmavam basear-se em fontes orais ou escritas de proveniência de Frei Leão e de outros companheiros de São Francisco.” (Ibid., p.47).

⁶ Obra envolta em polêmicas e controvérsias entre estudiosos dos textos franciscanos, dentre outros pontos, pela possível e questionável relação que guarda com a Carta de Greccio escrita para o Capítulo de 1224 por Frei Ângelo, Frei Leão e Frei Rufino - os três companheiros e seguidores próximos de Francisco. A autoria da obra também gera dissensões entre estudiosos (Ibid., p. 39).

modernidade em uma Idade Média que começava a se reurbanizar e a se reconciliar com o Universo material e visível. Suas ações foram fruto das mudanças sociais de seu tempo, mas também agiram como catalisadores das transformações que ajudaram a conferir ao século XIII o sentido de “Bela Idade Média”.⁷

Ao atualizar a fé cristã tendo em vista as necessidades de seu tempo, o *Poverello*⁸ de Assis também exerceu fundamental papel na reaproximação entre leigos e a Igreja e na contenção das heresias. Importantes medievalistas reconhecem sua importância, dentre eles Georges Duby que o considera “o grande herói da história cristã, [...] o que resta hoje de cristianismo vivo vem diretamente dele” (1993, p.143) e Jacques Le Goff que o avalia como “não apenas um dos protagonistas da história, mas um dos guias da humanidade” (2011, p.115).

Pode-se dizer, portanto, que Francisco, segundo as fontes e comentaristas, agiu como um restaurador da Igreja de Homens que ameaçava ruir, como atesta a fala do Crucifixo de São Damião convocando-o para a missão⁹. O sonho do Papa Inocêncio III, pouco antes de aprovar verbalmente a primeira Regra dos frades menores em 1210, em que simbolicamente o futuro santo sustentava com seus ombros a Basílica de Latrão impedindo-a de cair - e por sua vez registrada na obra paradigmática de Giotto - já previa a importância de Francisco para a manutenção da Igreja e “salvação” da cristandade.

⁷ Para Le Goff (2013, p.54) a expressão “Bela Idade Média” se refere à “ideia de que houve uma clareira entre duas fases sombrias, nesse longo período de mais de mil anos entre a queda do Império Romano (fim do século V) e o descobrimento das Américas (fim do século XV)”. Sobre o tema ver entrevista concedida por Jacques Le Goff “A bela Idade Média existiu de verdade!” consultada na obra referenciada.

⁸ Termo comumente usado na literatura para designar São Francisco que significa “Pobrezinho”.

⁹ A fala do Crucifixo de São Damião aparece nas fontes franciscanas como um dos episódios chave para sua conversão. Ao rezar na abandonada e arruinada Igreja de São Damião, olhando para a imagem do Crucificado, esta “movendo os lábios da pintura [...], fala-lhe enquanto ele estava assim comovido. Chamando-o, pois, pelo nome, diz ‘Francisco, vai e restaura minha casa que, como vês, está toda destruída’. Francisco, a tremer, fica não pouco estupefato e torna-se como que fora de si com esta palavra” (TEIXEIRA et. al., 2008, p.308, 2Cel 10).

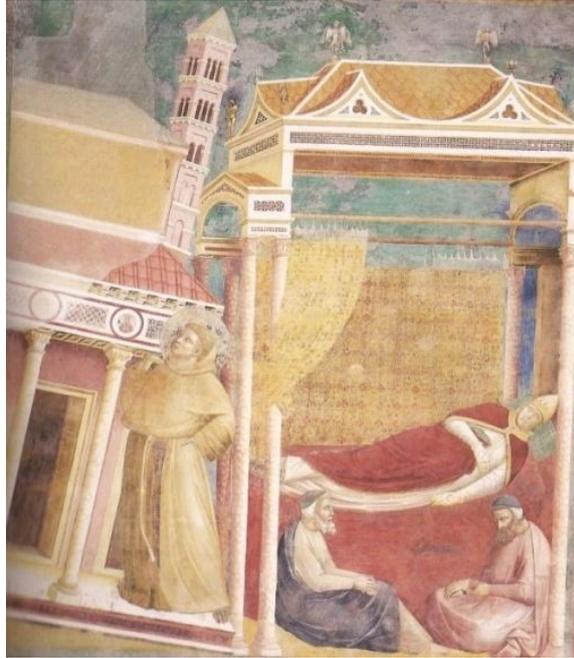


Imagem 5 - O sonho de Inocêncio III representado em afresco de Giotto (depois de 1296). Assis, Basílica de São Francisco. Fonte: MALAFARINA (Ed.), 2005, p.161.

A relação de Francisco e do franciscanismo, este enquanto modelo religioso original que surgiu no século XIII e que detinha estreitas relações com as transformações de seu tempo e com o espaço físico será o tema principal desta primeira parte do trabalho, no sentido de compreender as bases teóricas que sustentarão uma proposta religiosa que teve profunda implicação na arquitetura e na cidade.

Recortes espaciais relacionados com o surgimento da fraternidade franciscana e com a temática do espaço serão especialmente focados, devido a sua importância para a caracterização da novidade representada por Francisco e para o desenvolvimento dos capítulos seguintes: a cidade, o eremitério/floresta, a casa, o convento, a igreja, além dos grandes conventos-basílicas e o “espaço do mundo”, ou seja, os caminhos e espaços além-Itália percorridos pela itinerância franciscana, que chega também ao território brasileiro.

A escolha destes temas não se deu de forma aleatória, mas adveio do próprio estudo que buscou relacionar espiritualidade e espaço no contexto da vida e obra de São Francisco e do franciscanismo. É verdade que, em geral, o imaginário do franciscanismo está muito mais relacionado à pobreza e ao despojamento, mas este também se concretiza fortemente no espaço. As fontes comumente se referem à cidade, a igrejas, eremitérios e casas, e além disso, a própria cidade de Assis faz referência a materialidade legada pelo santo e seus seguidores.

É possível, portanto, se pensar em uma geografia franciscana que se inicia da cidade de Assis - que ainda hoje preserva as marcas vinculadas à herança de São Francisco - para o mundo. As visitas à cidade natal do santo, os mapas antigos e de publicações atuais

mostram que, em Assis, as edificações de cunho franciscano se constituem em um conjunto de capelas, conventos e basílicas situadas dentro das muralhas, em seus limites, e exteriormente, nos arredores do núcleo urbano principal.

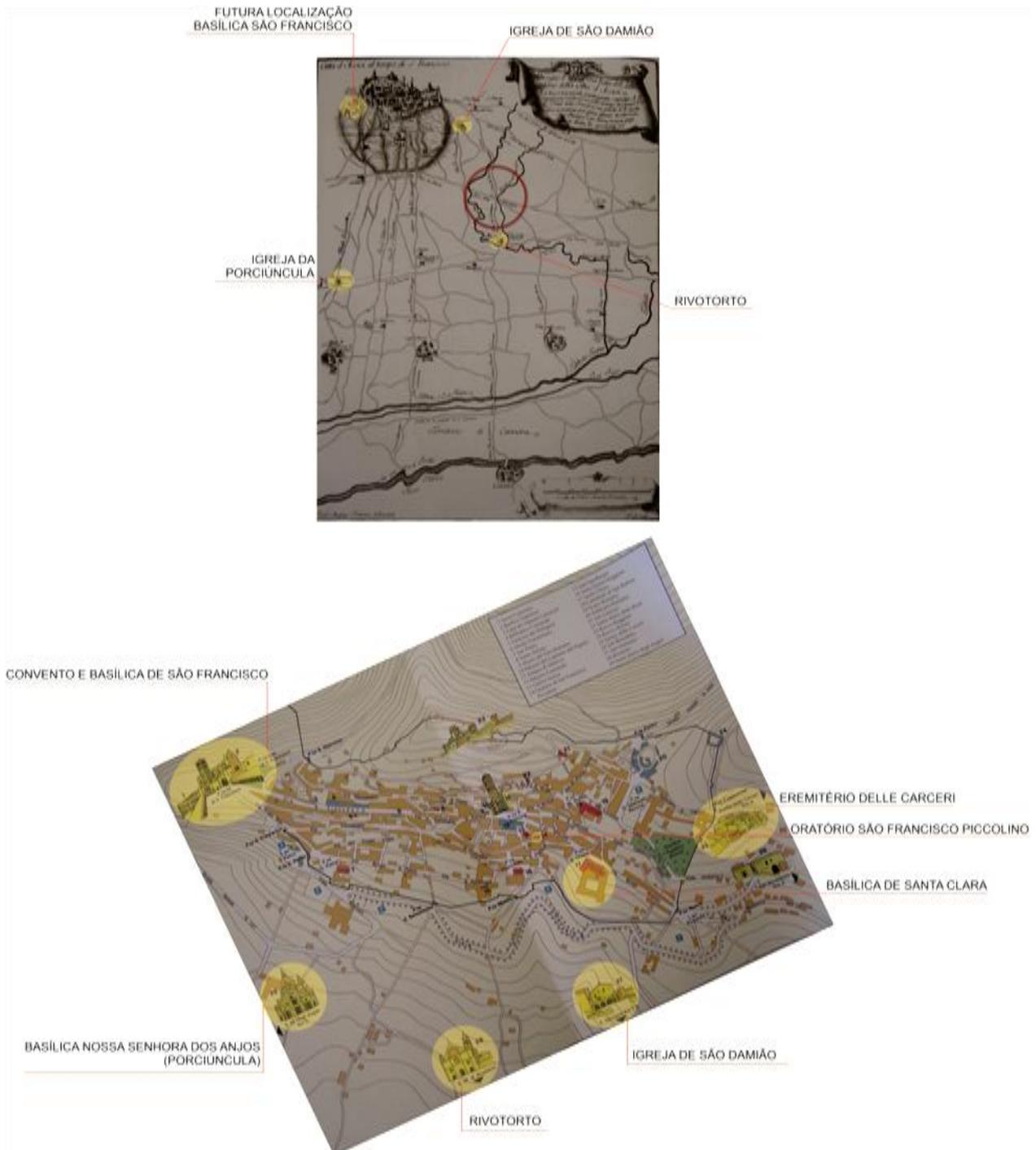


Imagem 6 - “Città di Assisi al tempo di San Francesco” (Cidade de Assis no tempo de São Francisco) de Giovanni Anastasio Fontana. Viterbo, 1721.

Fonte: CANIL (Org.), 2012. Esquemas da autora identificando as construções associadas à memória de São Francisco encontradas no mapa.

Imagem 7 - Mapa Assis atual. Fonte: GIANDOMENICO (Org.), 2001. Esquemas da autora.

Incrustada em uma colina da Úmbria italiana e rodeada por uma paisagem que alterna montanhas, planícies e bosques, Assis ainda guarda as ruelas, as cores, as texturas, os muros e as construções da antiga cidade medieval. As referências a São Francisco permeiam toda a cidade e guiam os fluxos de turistas que se dirigem aos edifícios relacionados à vida do santo.



Imagens 8, 9, 10, 11 - A cidade de Assis. Fonte: Autora, 2013.

Os edifícios mais imponentes da cidade de Assis são justamente as duas construções erguidas em homenagem aos santos do lugar: a Basílica de São Francisco e a Basílica de Santa Clara, que tiveram suas construções iniciadas em 1228 (CANIL, 2012, p.5) e 1257 (TROIANO, s.d., p.111), respectivamente. Confirmando a premissa de que é impossível dissociar Francisco do meio urbano, na própria Assis há diversas relações entre espaço edificado franciscano e a cidade que podem ser levantadas.

Ao se caminhar pela Assis murada no sentido poente, as sinuosas vias levam o pedestre à praça de acesso à basílica de São Francisco. O sentido contrário conduz o pedestre à basílica de Santa Clara. A vista aérea confirma que partir dos dois complexos conventuais se irradia a malha da cidade e que seu imponente volume construído se sobressai perante as demais edificações urbanas, como se a comuna de Assis se subordinasse ao templo franciscano.

Ambas as edificações se encontram nos limites do núcleo urbano de Assis, nas proximidades do muro, local usualmente escolhido pelas Ordens Mendicantes para estabelecerem seus conventos junto às cidades (BRAUNFELS, 1972, p.129). Outras importantes edificações em Assis ligadas a memória de Francisco extrapolam a área do antigo núcleo murado, se situando na planície, área outrora marginalizada ocupada por

igrejas abandonadas, leprosários e florestas. É onde se localizavam as primitivas e ideais casas de Rivortorto e Porciúncula (a cerca de 5km do centro), hoje ocupadas pela Basílica de Nossa Senhora dos Anjos e Santuário de Rivortorto, respectivamente.



Imagem 12 - Vista área de Assis com destaque para as Basílicas de São Francisco (esq.) e Santa Clara. Fonte: Google Earth, acesso em março de 2014. Esquema da autora.



Imagem 13 e 14 - Fachada Basílicas de São Francisco (esq.) e Santa Clara em Assis. Fonte: Fotos da autora, set. 2013.

Possivelmente, o Rivortorto e a Porciúncula são as duas construções que estão mais vinculadas à memória de Francisco e da fraternidade primitiva. O casebre do Rivortorto serviu como a primeira morada do santo e seus seguidores iniciais e atualmente é abrigado por uma igreja construída em 1854 (TROIANO, s.d.,p.126). Já a capela da Porciúncula, considerado o lugar mais amado por Francisco, segundo as fontes, era utilizada pela fraternidade primitiva como oratório e em suas imediações residiam os irmãos em uma pequena cabana (2EP 7 in TEIXEIRA, 2008, p.1009). A pequena igreja também foi encoberta pela imponente Basílica de Santa Maria dos Anjos erguida em 1569 (SCIAMANNA, 2005, p.26).

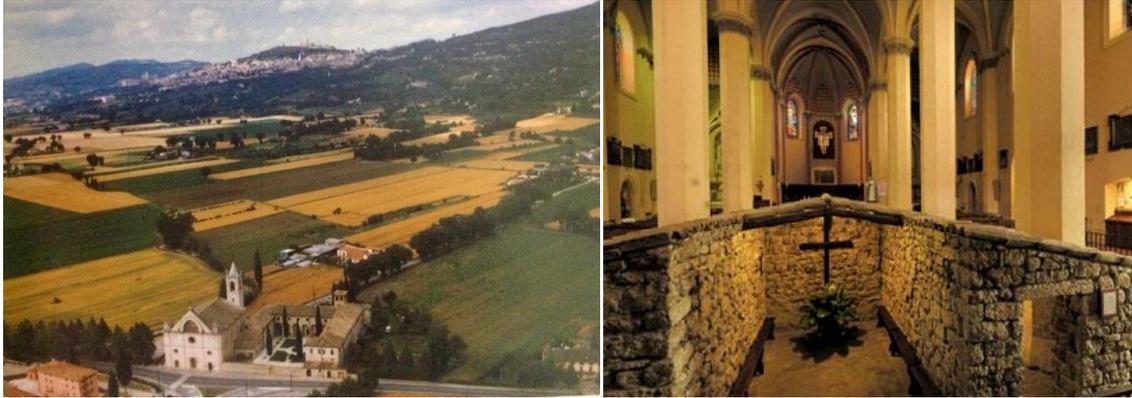


Imagem 15 e 16 - Santuário de Rivotorto com cidade murada de Assis na colina ao fundo; casebre da fraternidade primitiva no interior da igreja. Fonte: CANIL, 2004, p.71; imagem extraída em < <http://www.sylvie-tribut-astrologue.com/wp-content/uploads/2011/09/rivotorto4.jpg>>. Acesso em Dezembro de 2015.



Imagem 17 e 18 - Exterior da Basílica de Santa Maria dos Anjos na planície de Assis; igreja da Porciúncula no interior da basílica. Fonte: Autora, 2013; imagem disponível em <<http://www.gaudiumpress.org/resource/view?id=78532&size=2>>. Acesso em Março de 2014.

Também estão associadas à herança de São Francisco a Igreja de São Damião, erguida inicialmente como uma capela entre os séculos VII e VIII (GIANDOMENICO, 2001, p.113), o Eremitério dos Carceri, para onde Francisco e seus seguidores se retiravam em oração (Ibid., p.119) e o Oratório São Francisco Piccolino, situado no local onde o santo teria nascido.

Destas edificações, as principais serão trabalhadas no decorrer deste capítulo, no qual se buscará, portanto, analisar a espacialidade franciscana, atento ao fato de que Francisco, embora buscando se afastar de alguma forma dos bens terrenos e materiais, convergiu ao mesmo tempo para uma atitude de valorização da materialidade do mundo e da própria existência física.

1. O SONHO ACOLHIDO: ESPIRITUALIDADE E ESPACIALIDADE FRANCISCANA

1.1. A cidade

A cidade assume uma essencial importância para o surgimento do franciscanismo. Ela não é apenas espaço físico onde nasce e se desenvolve a fraternidade franciscana primitiva, mas ambos compartilham e aspiram, cada um ao seu modo, aos ideais de igualdade e liberdade. Não somente o Evangelho inspirou Francisco a promover uma nova forma de vida religiosa, mas a própria cidade que renasce na Baixa Idade Média com suas transformações e suas necessidades é uma espécie de fonte que nutriu muito antes os desejos do futuro santo. Sobre esse aspecto, Leroi Leclerc reforça que Francisco promoveu o encontro da História com o Evangelho.

El milagro franciscano nació de uno de estos encuentros excepcionales del Evangelio con la historia. [...] La corriente evangélica de fraternidad, salida de Francisco de Asís, no brota de una manera intemporal. **Coincide con una revolución histórica en las relaciones sociales e lleva sus rasgos.** Esta revolución era resultado de una transformación económica de la sociedad. A una economía rural, colocada bajo el signo de la estabilidad, sucedía una economía urbana de mercado, que exigía la libre circulación de las mercancías y de las personas, y reclamaba al mismo tiempo nuevas relaciones sociales y nuevas estructuras políticas. (LECLERC, 2001, p.194. Grifo nosso.)¹⁰

O franciscanismo está enraizado em uma época em que o mundo urbano representava o desejo de liberdade. Nas cidades de origem germânica durante a Baixa Idade Média se dizia “Stadtluft macht frei” (o ar da cidade liberta)¹¹, provérbio alemão que fazia referência aos novos ventos de liberdade que sopravam sobre a Europa, principalmente ao longo dos séculos XII e XIII. As cidades surgiam ou renasciam se apresentando idealmente - ou até mesmo utopicamente - como palcos para o dinamismo e os ideais de liberdade, igualdade e associação aspirados pelo homem medieval. A esses anseios se contrapunham a estabilidade e o regime de servidão que prendia o homem à terra e a um senhor, característicos da sociedade feudal.

¹⁰ “O milagre franciscano nasceu de um destes encontros excepcionais do Evangelho com a história. [...] A corrente evangélica da fraternidade, saída de Francisco de Assis, não brotou de uma maneira atemporal. Coincide com uma revolução histórica nas relações sociais e leva suas feições. Esta revolução era resultado de uma transformação econômica da sociedade. A uma economia rural, colocada sobre o signo da estabilidade, sucedia uma economia urbana de mercado, que exigia a livre circulação de mercadorias e de pessoas e reclamava ao mesmo tempo novas relações sociais e novas estruturas políticas.” (T.A.).

¹¹ O provérbio alemão é recorrente nas obras dos principais medievalistas consultados, que o referenciam ao discorrerem sobre as transformações sociais da Europa dos séculos XII e XIII.

[...] Durante a Alta Idade Média, o pequeno escol dos chefes da Igreja [...] imaginara o povo de Deus como **homogêneo**, e este sentimento predominante de unidade, apoiado na instituição monárquica, ligava-se a uma outra noção principal, a da **estabilidade** do edifício social. Uma palavra latina, *ordo*, exprimia a **imutabilidade** dos grupos pelos quais os indivíduos se repartem para marchar, cada um com seu passo, para a ressurreição e salvação. Ordem, ordenação: Deus, quando da criação, colocou cada homem no seu lugar, numa situação que lhe confere certos direitos e lhe atribui uma função determinada na construção progressiva do reino de Deus. Que ninguém saia desse estado. **Toda a desordem seria sacrílega.** [...] Com efeito, o universo muito primitivo do século IX podia parecer **imóvel**, fixado nos ciclos da vida rural em que as estações se sucediam, iguais a si mesmas, em que o tempo descreve um círculo análogo àqueles que o movimento dos astros traça no céu. Ninguém deste mundo podia alimentar a esperança de enriquecer o suficiente para sair do seu lugar e para subir aos escalões superiores da hierarquia temporal. Todos os ricos eram herdeiros, e a riqueza e a glória deles vinham do fundo dos tempos, transmitidas de geração em geração desde antiquíssimos antepassados. E todos os pobres penavam sobre a mesma terra que os avós tinham fecundado com a sua fadiga. **A mudança aparecia como um acidente, ganhava ares de escândalo. Deus** – como os reis, como o imperador – instalava-se no eixo da roda do universo, como **senhor do imutável.** (DUBY, 1993, p.41. Grifo nosso.)

Destaca-se aqui alguns pontos associados à Alta Idade Média, em especial ao universo do século IX, descritos por Duby: a homogeneização e não diferenciação das pessoas dentro de seus grupos sociais; a rigidez e estabilidade da pirâmide social; a imutabilidade da vida; a aversão à mudança, já que as realidades de cada pessoa já haviam sido traçadas pelo Deus do imutável e o ser humano era predestinado a cumprir sua função na terra divinamente estabelecida.

O modo de produção feudal que caracterizou a sociedade da Europa medieval principalmente ao longo dos séculos XI e XIII, também se sustentava sob o caráter ideológico estático e sob a formação de laços. “De todos os laços o mais forte era o feudal” (LE GOFF, 2005, p. 282). O homem, assim, estava subordinado e preso à terra e ao senhor, que por sua vez, podia estar ligado a outros senhores.

A Igreja dava legitimidade ao feudalismo, se configurando ela própria como “senhora feudal”, já que era grande proprietária de terras e justificava as funções e destinos de cada grupo social.

[A Igreja] destacava-se no jogo de concessão e recepção de feudos. Ela controlava as manifestações mais íntimas da vida dos indivíduos. [...] Ela legitimava as relações horizontais sacralizando o contrato feudo-vassálico, e as verticais justificando a dependência servil. Aliás, como produtora ideológica, traçava a imagem que a sociedade deveria ter de si mesma. (FRANCO JÚNIOR, 1995, p.71)

Como é sabido, e a grosso modo, o mundo urbano volta a florescer, principalmente entre os séculos X e XIII, devido a, entre outros fatores, o aumento da produção agrícola

gerando um excedente, o renascimento do comércio, incluindo a criação de feiras, o desenvolvimento do artesanato, os avanços no sistema monetário com a cunhagem de moedas e a explosão do crescimento populacional. A cidade passa, então, a abrigar homens livres e itinerantes, uma parte dos servos que conseguem perder suas raízes fincadas no campo e passam a aspirar mudanças sociais.

O movimento comunal¹² traduz a busca dos novos cidadãos. “Nascido da força e das aspirações dos mercadores e artesãos pela liberdade econômica e pela liberdade pura e simples [...] arranca o poder dos senhores e consagra os burgueses (LE GOFF, 1998, p. 95)”. A comuna ainda se baseia em relações de igualdade e associação, e seus membros são vinculados não mais por um juramento de vassalagem, mas por laços de ajuda mútua que os associam e os fortalecem perante o poder senhorial. “Las comunas rechazan toda esta jerarquía social, basada económicamente em la servidumbre. Tratan de sustituir las relaciones verticales de dependência por relaciones horizontales de solidaridad¹³” (LECLERC, 2001, p.28).

A cidade é idealmente o lugar que “torna o homem livre”, que rompe hierarquias, que torna os homens iguais. Le Goff (2002, p.226) fala da existência de uma utopia social urbana: “A cidade não é só bela, boa e rica, ela é também o lugar de coabitação harmoniosa entre as classes, especialmente cavaleiros e burgueses, sob a égide do rei”.

Apesar dos desejos iniciais, a comuna não realizou seu ideal. Ela logo se rendeu ao poder de um novo senhor, o dinheiro, que eliminou as igualdades e promoveu novas relações de poder. A hierarquia social urbana passou a ser ditada pelo poderio financeiro, que, por isso, também determinava o controle político. A burguesia enriquecida passou a gozar dos privilégios oferecidos pelo mundo urbano, enquanto as grandes camadas populares permaneciam exploradas e outros grupos sociais, como mendigos, pobres, leprosos e outros continuavam a ser excluídos do sonho cidadão.

O Franciscanismo surge como uma das respostas às promessas e frustrações da cidade. O nascimento de São Francisco de Assis, em 1181 ou 1182, ocorre em meio à efervescência urbana dos séculos XII e XIII, enquanto se está construindo o “novo mundo” medieval e as cidades lutam pela liberdade. Francisco ativa os ideais urbanos, que em muito influenciarão a fraternidade por ele fundada e que serão responsáveis pela rápida adesão das multidões aos seus ensinamentos.

As biografias do santo italiano relatam um conjunto de episódios de sua vida que levaram à sua conversão, o que inclui momentos em que o filho do rico comerciante de

¹² Jacques Le Goff (1998, p.97) e (2002, p.224) alerta para o uso do termo “movimento comunal” ao se falar do processo de emancipação das cidades na Baixa Idade Média. O autor questiona sua abrangência e afirma que nem sempre a autonomia urbana era obtida através da comuna.

¹³ “As comunas rechaçam toda esta hierarquia social, baseada economicamente na servidão. Tratam de substituir as relações verticais de dependência por relações horizontais de solidariedade.” (T.A.)

Assis se sensibiliza perante o mendigo que lhe pede esmolas enquanto o mesmo se encontrava na tenda de tecidos de seu pai “preso pela cobiça das riquezas e pela preocupação do comércio” (LTC 3 *in* TEIXEIRA, 2008, p.791). Ainda segundo as fontes, diante do pobre, entrega suas ricas vestes militares, frente aos excluídos leprosos, que anteriormente o causavam repúdio, agora os beijava com doçura. Estes fatos, tão emblemáticos na vida do santo, serão reportados nas paredes da futura Basílica de São Francisco em afrescos de caráter didático executados por Giotto.



Imagem 19 - Episódio da entrega das vestes ao pobre. Afresco de Giotto (depois de 1296). Assis, Basílica de São Francisco. Fonte: MALAFARINA (ed.), 2005, p.157.

Os rejeitados das cidades passaram a causar inquietações e ganhar a atenção do jovem burguês. A imagem do Crucificado que retrata Cristo sofredor, pobre e humilde na igreja de São Damiano, relacionada à biografia do santo, não representava “los señoríos eclesiásticos, no es el Dios de las guerras feudales ni de las guerras santas. Tampoco es el Dios de los ricos comerciantes. Nada tiene que ver con el dinero y el poder.”¹⁴ (LECLERC, 2001, p.58). O Crucificado representa para Francisco a imagem dos que sofrem na nova sociedade urbana.

A fraternidade franciscana primitiva formada por Francisco e seus seguidores¹⁵ é essencialmente urbana. Diferente das antigas ordens monásticas de caráter rural, que

¹⁴ “...os senhores eclesiásticos, não é o Deus das guerras feudais nem das guerras santas. Tampouco é o Deus dos ricos comerciantes. Nada tem a ver com o dinheiro e o poder.” (Tradução da autora).

¹⁵ Dentre os primeiros, as fontes franciscanas fazem referência, em especial, ao também cidadão Frei Bernardo, rico morador de Assis que vendeu todos seus bens, distribuiu aos pobres e passou a ser seu seguidor.

habitavam mosteiros situados em lugares isolados, os frades menores¹⁶ se dedicam ao apostolado urbano. Não desprezam, nem se isolam do mundo, mas buscam denunciar suas imperfeições.

Eloi Leclerc comenta que o próprio Francisco experimentou a tentação de retirar-se a uma vida solitária quando se encontrava descontente com os rumos tomados pela sua fraternidade a partir de 1220. “La tentación de separar-se de los hombres mediocres y de retirarse a la soledad para formar, com un pequeño resto, uma fraternidad de puros¹⁷” (LECLERC, 2001, p.165). Mas para Francisco a vida evangélica é aceitar o pecador. E é dentro da cidade que eles estão.

Dessa forma, a cidade não é só bela e rica, mas também um objeto de repulsão e rejeição, como esboçou o teólogo Hubert, abade do mosteiro de Saint Héribert, narrado por Le Goff:

Caim teria sido o inventor das cidades, o construtor da primeira delas, e foi imitado por todos os malvados, tiranos e inimigos de Deus. Os patriarcas e, de modo geral, os justos, aqueles que temiam Deus, ao contrário, viviam sob as tendas, no deserto. **Instalar-se na cidade era escolher o mundo.** (LE GOFF, 2005, p.294. Grifo nosso).

Le Goff continua a desenhar a imagem da cidade pecadora. O mundo citadino carrega suas próprias imperfeições, a exemplo da “cobiça [...] e as formas novas da gula e da luxúria, nesse universo da comilança e da prostituição. A cidade é pagã, é preciso convertê-la. Pior ainda, a cidade muitas vezes é herética.” (LE GOFF, 2013, p. 178)

Não apenas por ser lugar de excluídos, mas também por ser lugar de pecadores, é que Francisco a procura. O modo de vida religioso por ele idealizado se apoiará em levar a palavra de Deus a todas as pessoas. Esta missão é a ele revelada pelas palavras do próprio Evangelho que ele escuta durante Missa realizada na igreja da Porciúncula:

Ouvindo São Francisco que os discípulos de Cristo não deviam possuir ouro ou prata ou dinheiro, não levar bolsa nem alforje nem pão nem bastão pelo caminho nem ter calçados nem ter duas túnicas, mas pregar o reino de Deus e a conversão, exultando imediatamente no Espírito de Deus, disse “É isto que eu quero, é isto que eu procuro, é isto que eu desejo fazer do íntimo do coração”. (1Cel 22 in TEIXEIRA, 2008, p.212).

¹⁶ São Francisco denomina os irmãos de sua fraternidade de “menores” em gesto de humildade e em comunhão com os desfavorecidos da sociedade. Em encontro realizado em Roma entre o bispo de Óstia e São Domingos, teria dito segundo Tomás de Celano: “Senhor, meus irmãos foram chamados de Menores para que não presumam tornar-se maiores. A vocação [deles] os ensina a permanecer no chão e a seguir as pegadas da humildade de Cristo para que finalmente na retribuição dos santos sejam mais exaltados do que os outros.” (2Cel 148 in TEIXEIRA, 2008, p.393).

¹⁷ “A tentação de separar-se dos homens medíocres e de retirar-se à solidão para formar, com um pequeno resto, uma fraternidade de puros.” (T.A.)

Cidades e aldeias serão, pois, palcos das pregações e itinerâncias de Francisco e seus seguidores, que se tornam personagens do imaginário urbano medieval e conferem ao cristianismo uma versão mais humana, evangélica e lírica. Francisco é filho de um típico cidadão, e como diz Georges Duby “o grande santo do século XIII já não era Luís, rei da França. Era o filho dum traficante de Assis.” (1993, p.173).

Francisco, o fortíssimo cavaleiro de Cristo, percorria cidades e aldeias, anunciando o reino de Deus, pregando a paz, ensinando a salvação e a penitência para a remissão dos pecados, não nas palavras persuasivas da sabedoria humana, mas na doutrina e no poder do espírito. (1Cel 36 in TEIXEIRA, 2008, p.222).

As fontes franciscanas frequentemente relatam passagens da vida de São Francisco associando-o ao trabalho de evangelização. Nos espaços citadinos, o *Poverello* não apenas pregava com palavras, mas oferecia às pessoas “espetáculos” em que através de ações, reconhecia suas imperfeições ao desprezar a si mesmo, dando exemplo de uma conduta humilde para a instrução da população.

Aconteceu uma vez que, enfraquecido pela enfermidade, depois de ter comido um bocado de carne de frango, tendo retomado de algum modo as forças do corpo, entrou na cidade de Assis. E depois que chegou à porta da cidade, ordenou a um irmão que estava com ele que lhe amarrasse uma corda ao pescoço e assim o arrastasse como a um ladrão por toda a cidade, clamando e dizendo em voz de arauto: “Eis! Vede o glutão que se engordou com carnes de galinha, que ele comeu, estando vós a ignorar.” Por isso acorriam muitos a tão estupendo espetáculo e, chorando com repetidos suspiros, diziam: “Ai de nós, míseros, cuja vida toda se resolve em sangue, e nutrimos nossos corações e nossos corpos com luxúria e embriaguez”. E assim, de coração compungido, eram estimulados por tão grande exemplo a um estado de vida melhor. (1Cel 52 in TEIXEIRA, 2008, p.233).

Além do caráter didático, a conduta penitente do santo, através da exposição pública, reflete um aspecto que se distancia da imagem cheia de júbilo que o caracteriza e mostra que não houve uma ruptura total de Francisco com as práticas religiosas medievais mais sombrias, através das quais se acreditava que o sofrimento e o sacrifício elevam o homem a uma condição espiritual superior.

Nas cidades, o apostolado urbano dos frades menores se utilizará, em especial, da área da praça como espaço de evangelização, local que Jacques Le Goff (2011, p.189) define como “novos espaços comunitários na cidade.” É o caso do uso da praça de Perúgia, por exemplo, relatado no Espelho da Perfeição (maior) que chegou a gerar provocações dentro da cidade rival de Assis: “Quando São Francisco pregava na praça de Perúgia, com grande afluência de povo, alguns cavaleiros começaram a correr pela praça com cavalos, brincando com armas” (2EP 105 in TEIXEIRA, 2008, p.1098).

Os frades menores, portanto, - juntamente com os dominicanos (frades pregadores) - estenderão o exercício da atividade religiosa para além dos limites dos espaços sacros

(igrejas e conventos), inicialmente se afastando destes, e tomando a praça urbana como o lugar genuíno do desenvolvimento dos trabalhos apostólicos da fraternidade franciscana primitiva.

As fontes franciscanas relatam episódios em que a figura de Francisco é comumente relacionada à proteção das cidades. Seja por meio de episódios de teor fantasioso ou de ações do próprio santo, o *Poverello* é descrito como um verdadeiro guardião do mundo urbano. A Legenda Maior relata um sonho de Frei Silvestre que foi decisivo para sua conversão: Francisco defendia a cidade de Assis de um dragão, livrando-a de um eminente extermínio.¹⁸

De fato, via em seus sonhos toda a cidade de Assis ser circundada por um grande dragão, diante de cuja grandeza exagerada toda a região parecia estar destinada ao extermínio. Via depois disto, uma cruz de ouro que procedia da boca de Francisco, cujo ápice tocava os céus e cujos braços estendidos para o lado pareciam estender-se até aos confins do mundo, à vista desta cruz muito fúlgida, aquele dragão tétrico e horrendo era definitivamente expulso. (LM 5 in TEIXEIRA, 2008, p.566).

Uma emblemática passagem da vida de São Francisco relata o momento em que o mesmo Frei Silvestre expulsa demônios da cidade de Arezzo por ordem do santo, devolvendo a paz aos habitantes da cidade:

De fato, aconteceu que uma vez ele chegou à cidade de Arezzo, quando toda a cidade, abalada por uma guerra interna, era ameaçada de destruição próxima. E, assim, o homem de Deus [...] vê sobre aquela terra demônios a exultarem e a abrasarem cidadãos ao extermínio dos cidadãos. E, chamando um irmão de nome Silvestre [...] ordenou-lhe, dizendo: “Vai diante da porta da cidade e da parte de Deus onipotente ordena aos demônios que saiam da cidade o mais depressa possível!” Apressa-se [...], grita valentemente diante da porta: “Da parte de Deus e por ordem de nosso pai Francisco, afastai-vos para longe daqui, demônios todos!” Pouco depois, a cidade volta à paz e [todos] guardam com grande tranqüilidade entre si os direitos de cidadania. [...] pregando-lhes o bem-aventurado Francisco, disse [...]: “Falo a vós como a pessoas uma vez que submetidas ao diabo e amarradas por demônios; sei que fostes libertados pelas preces de um pobre.” (2Cel 108 in TEIXEIRA, 2008, p.369).

O episódio apresenta Francisco não apenas como protetor, mas como libertador da cidade. Na narrativa, os demônios podem assumir a forma figurada dos pecados do mundo urbano – a busca pelo dinheiro e pelo poder, a opressão causada pelas desigualdades - que fragilizam as relações sociais, e impedem a existência de um sentimento fraterno.

Por intermédio de Francisco, as trevas são expulsas, e o santo liberta os cidadãos das correntes do pecado, devolvendo-lhes a paz e o direito à cidadania, ou seja, o direito de

¹⁸ O mesmo sonho de Frei Silvestre é relatado por Tomás de Celano de maneira mais contida, excluindo a presença do dragão e da cidade de Assis, e descrevendo apenas a cruz de ouro que procedia da boca do santo e protegia todas as partes do mundo. Produzidas em momentos distintos e sobre influências diversas, as biografias de São Francisco comumente apresentam diferenças nos registros dos fatos.

se beneficiarem dos possíveis ares libertadores da cidade. A passagem ainda pode metaforizar o novo modelo religioso trazido por São Francisco que ao pregar a paz e um Deus amoroso, expulsa da cidade a obsessão pelos demônios, que assolava a cristandade medieval. Este episódio também recebe uma tradução iconográfica através de Giotto.



Imagem 20 - Frei Silvestre expulsa demônios da cidade de Arezzo por ordem de São Francisco. Afresco de Giotto (depois de 1296). Assis, Basílica de São Francisco.

Fonte: MALAFARINA (ed.), 2005, p.165.

A ligação entre Francisco e a cidade ainda ganha ares líricos em um dos últimos gestos do santo antes de sua morte. Gravemente debilitado por causa da doença, foi transportado em uma cama para Santa Maria Porciúncula. No caminho, solicitou que virassem o leito para a cidade de Assis, pois já se encontrava com a visão comprometida, e abençoou a cidade:

Senhor, assim como antigamente, segundo creio, esta cidade foi lugar e morada de homens perversos, da mesma forma vejo que, [...] nela mostraste especialmente a multidão de tua compaixão; e que somente por tua bondade escolheste para ti, a fim de ser lugar de morada daqueles que te conhecem na verdade [...]. Rogo-te, [...] recordes sempre da tua abundantíssima compaixão que lhe mostraste, para que sempre seja lugar e morada daqueles que verdadeiramente conhecem e glorificam teu nome bendito e gloriosíssimo pelos séculos dos séculos. Amém. (2EP 124 *in* TEIXEIRA, 2008, p.1116).

Ao derramar sua bênção sobre Assis, Francisco se coloca como guardião da cidade, e afirma o espaço urbano como o objetivo final de seu apostolado, como reduto para a evangelização, afinal a cidade “não é feita somente de pedras, mas em primeiro lugar de homens, de cidadãos” (LE GOFF, 2002, p.219).

A importância urbana dos franciscanos - como também dos dominicanos – levará Jacques Le Goff (2010, p.143) a considerar as ordens mendicantes¹⁹ como um dos êxitos urbanos da Europa do século XIII, que também sustentará e alimentará os outros três êxitos: o crescimento urbano, o renascimento comercial, e a busca do saber (por meio das escolas urbanas e da universidade). Inspiradas pelos seus anseios e frustrações, essas ordens buscam materializar a cidade sonhada, respaldando-se na afirmativa de Le Goff. “As ordens mendicantes são as cidades!” (LE GOFF, 1998, p.90).

A imagem da cidade idealizada foi esboçada pela fraternidade franciscana primitiva. Através de sua intenção em fundar uma fraternidade, e não uma Ordem, em que as relações verticais de poder são substituídas pela horizontalidade de um grupo no qual os membros são irmãos, Francisco ensaia lampejos de igualdade e relações fraternas almejados pelo mundo urbano.

Ao idealizar uma comunidade aberta a leigos e clérigos, letrados e iletrados, simples e sábios, ao levar o Evangelho para todos sem distinção²⁰ (seja nas cidades, nos castelos, ou nas estradas) e ao voltar seu olhar para pobres, leprosos e demais marginalizados, Francisco busca romper com a sociedade que exclui, e acena para a formação de uma comunidade urbana mais justa.

Com o crescimento no número de irmãos e pressões dos mesmos e da Igreja, no entanto, a institucionalização da comunidade passou a ser necessária, abrindo caminho para a formação de uma Ordem pautada pela Regra aprovada em 1223, aceita pelo santo a contragosto (LE GOFF, 2011, p.86). O grupo primitivo de irmãos passa, então, a dar lugar a uma Instituição de religiosos regulamentada sob a égide da Igreja. A Ordem passa a ganhar um maior número de clérigos e a estimular os estudos teológicos, o que o tornavam superiores, dentro de uma sociedade em que o saber era restrito aos privilegiados (LECLERC, 2001, p.142), se distanciando da imagem primitiva do grupo de irmãos formado por leigos e simples. Como afirma Leclerc, a fraternidade franciscana “se estava

¹⁹ As ordens mendicantes caracterizam-se pela realização de seu apostolado nas cidades e “seu modo de subsistir pela esmola e não pelo recebimento de dízimos e de rendas do tipo feudal chocou os contemporâneos” (LE GOFF, 2013, p. 175). Os principais representantes mendicantes da Europa Medieval eram os dominicanos e os franciscanos.

²⁰ A não distinção de pessoas a qual se volta o apostolado de Francisco é enfatizada na Regra não Bulada de 1221, quando o santo se dirige a todas as classes, povos e nações: “E a todos os que querem servir ao Senhor Deus na santa Igreja Católica e a todas as seguintes ordens: sacerdotes, diáconos, subdiáconos, acólitos, exorcistas, leitores, ostiários e todos os clérigos, a todos os religiosos e religiosas, a todos os conversos e pequeninos, pobres e indigentes, reis e príncipes, trabalhadores e agricultores, servos e senhores, a todas as virgens e solteiras e às casadas, aos leigos, homens e mulheres, a todas as crianças, adolescentes, jovens e velhos,ãos e enfermos, a todos os pequenos e grandes, e a todos os povos, gentes, tribos e línguas, a todas as nações e a todos os homens de qualquer parte da terra, aos que existem e que existirão, nós, os frades menores todos, servos inúteis, humildemente rogamos e suplicamos para que perseveremos todos na verdadeira fé e penitência, porque de outra maneira ninguém pode salvar-se.” (RnB 23 in TEIXEIRA, 2008, p.184).

transformando também em uma sociedade hierarquizada [...]. Se convertia em uma máquina de fazer predicadores, sábios, prelados [...]”²¹.” (2001, p.144).

Quando se nega a ser escravo ou servo do dinheiro, do poder ou proprietário de bens materiais, rechaçando totalmente qualquer laço que promove a subjugação e a dominação, mas se colocando gratuitamente a serviço do outro, Francisco se põe livre para viver segundo o Evangelho, e amplia a ideia de liberdade almejada pela cidade.

Para o homem medieval, “a liberdade era o privilégio [...]. Ela não podia residir senão na dependência, o superior garantindo ao subordinado o respeito a seus direitos.” (LE GOFF, 2005, p.282). Já a cidade da Baixa Idade Média aponta para uma liberdade depositada no homem que perde vínculos com a terra e com um senhor, ao mesmo tempo em que se torna escravizado pelo dinheiro e pelos egoísmos individuais. A lógica franciscana, no entanto, encara “o ser como dom, não como direito” (TODISCO, 2013, p.39). Se o ser é doação gratuita de Deus, o homem é senhor de sua vida, e naturalmente, dotado de liberdade “graças a qual nos tornamos protagonistas, mas não déspotas, partícipes do banquete da vida com respeito, sem arrogância, enriquecendo-o, não depredando-o.” (TODISCO, 2013, p.39). Se por um lado a cidade confere o privilégio da liberdade para alguns, a lógica de Francisco a coloca com uma graça concedida a todos e, assim, a utopia urbana de liberdade ganha traços mais abrangentes e reais.

1.2. O eremitério e a floresta

Ao comentar sobre a tipologia de cidades percorridas por Francisco e seus seguidores, Le Goff cita um dístico medieval: “Bernardo amava os vales, Bento as montanhas, Francisco as aldeias, Domingos as cidades populosas.” (2013, p.177). O autor, assim, destaca a preferência dos franciscanos pelo estabelecimento de seus conventos em cidades menores.

A Crônica de Frei Salimbene de Parma, ao interpretar as profecias do abade Joaquim de Fiore²² que através de figurações teria anunciado a futura formação das Ordens

²¹ “se estava transformando também em uma sociedade hierarquizada [...]. Se convertia em uma máquina de fazer pregadores, sábios, prelados [...]”. (T.A.).

²² Joaquim de Fiore (1145-1202) foi um monge cisterciense e teórico milenarista nascido na Calábria. Segundo Bernhard Töpfer, sua visão da História guardava relações com a Santíssima Trindade: o Antigo Testamento teria sido a era do Pai, o Novo Testamento a era do Filho. Seguindo essa lógica, previu uma nova era da História em que o mundo e a Igreja seriam reinados pelo Espírito Santo, uma época ideal que antecederia o Juízo Final e que a Igreja corrompida seria purificada. A transição entre a segunda e terceira fases seria marcada por perseguições aos cristãos por potências anticristãs, mas que teriam importante papel na erradicação dos vícios da Igreja, contribuindo para o nascimento de uma nova Igreja espiritual. Ainda segundo o autor: “Joaquim atribui um papel decisivo na instauração desse novo estado a duas novas ordens monásticas, que acabarão por substituir a hierarquia religiosa até então em vigor. Elas contribuirão para converter a maior parte da humanidade à fé cristã naquela forma purificada.” (TÖPFER, 2002, p. 357).

dos dominicanos e dos franciscanos, coloca uma série de comparações entre os dois modelos religiosos, incluindo as ações destes dois grupos nas cidades e nas vilas:

Na Itália [os dominicanos] se escusam, quando não saem, pelo fato de que os cavaleiros, os poderosos e os nobres habitam nas cidades; e nas vilas e aldeias eles têm os eremitérios nos quais habitam os Frades Menores que podem satisfazer os seculares (Slb 19 *in* TEIXEIRA, 2008, p.1376).

A passagem pode sugerir duas razões para a ação dos frades menores estarem voltadas para as vilas e aldeias: o fato de preferirem realizar o apostolado junto às camadas mais populares e, além disso, os eremitérios, locais onde os franciscanos primitivos se recolhiam quando não exerciam seu apostolado urbano, estariam localizados nos arredores de vilas e aldeias, e não nos grandes centros.

Nesse sentido, os frades menores alternavam seus trabalhos no meio citadino com pausas nos eremitérios. O próprio Francisco intercalava entre o mundo urbano e o mundo eremítico e as fontes franciscanas mostram que frequentemente o santo se retirava à solidão desses recintos. Sarteano, Poggio, Greccio, Santo Urbano, Rieti, Monte Alverne são algumas das localidades que apresentavam eremitérios frequentados pelo santo segundo as fontes.

Jacques Le Goff utiliza o termo “respiração” para definir a função desses eremitérios: “Francisco busca a alternância entre a ação urbana e o retiro eremítico, a grande respiração entre o apostolado no meio dos homens e a regeneração na e pela solidão.” (LE GOFF, 2011, p.37). Por esse motivo, os eremitérios funcionarão como pontos de apoio para abrigo e nutrição espiritual dos primeiros frades: “os primeiros adeptos viviam como eremitas itinerantes, exercendo seu ministério e pedindo esmolas nas cidades durante o dia, passando a noite nas florestas e grutas fora das cidades.” (LITTLE, 2002, p.236).

O mundo das florestas, portanto, também será penetrado pelos frades menores através dos recintos eremíticos. Em tempos medievais, esse mundo adquire feições próprias que o diferem da cidade e do campo:

Além disso, a Idade Média acrescenta a essa oposição cidade-campo um terceiro termo: a floresta. [...] É também o lugar da solidão. A floresta é o equivalente, no Ocidente, do deserto no mundo oriental, e os monges que desejam viver em penitência dirigem-se para a floresta. (LE GOFF, 1998, p. 125)

Assim como o deserto, a floresta carrega a simbologia da solidão, da procura pelo eu interior, da busca por Deus, da penitência e também lugar propício a tentação. Cristo foi tentado no deserto, assim como São Francisco foi tentado em um eremitério em Sarteano.

Tomás de Celano relata uma passagem sobre os irmãos que viviam mal nos eremitérios, em que destaca a função desses espaços:

[...] cremos que foram não pouco repreendidos aqueles que vivem nos eremitérios de maneira contrária. Pois muitos transformam o lugar da contemplação em lugar do ócio e convertem o modo eremítico de viver, que foi inventado para aperfeiçoar as almas, em sentina das paixões. (2Cel 179 *in* TEIXEIRA, 2008, p.412).

Celano apresenta os eremitérios como locais de contemplação e aperfeiçoamento, onde se poderia atingir às coisas celestes e a elevação espiritual. Se as cidades se apresentavam como locais onde o trabalho evangelizador franciscano era colocado em teste, os eremitérios nas florestas ofereciam aos frades a privacidade para a oração e amadurecimento do espírito, essenciais para o desenvolvimento da vida religiosa.

Nota-se que as fontes, em geral, se utilizam do termo eremitério para designar os espaços construídos dos frades, evocando a mais uma dicotomia na vida da fraternidade primitiva. Se por um lado, pelo apostolado deveriam buscar as cidades e as multidões, por outro sua moradia assentada em eremitérios afastados oferecia melhor condição para dedicarem-se à oração e contemplação.

Nestes recintos, os frades obtinham o alimento espiritual que davam forças as suas atividades urbanas. Vale lembrar que foi em um eremitério no monte Alverne, “onde se envolvia em devota contemplação” (3Cel 4 *in* TEIXEIRA, 2008, p.445), que Francisco recebeu os estigmas de Cristo – prevalecendo como o episódio mais emblemático da vida do santo - e que Francisco igualmente se retirou a um eremitério para escrever a nova Regra da Ordem (Regra não bulada), reconhecida no Capítulo de 1221. A importância desses pontos de apoio solitários também é evidenciada na existência de uma Regra para os eremitérios cuja autoria é atribuída a São Francisco. Segue trecho da Regra:

Aqueles que querem viver religiosamente nos eremitérios sejam três irmãos ou no máximo quatro; dois deles sejam as mães e tenham dois filhos, ou um pelo menos. Esses dois, que são as mães, levem a vida de Marta, e os dois filhos levem a vida de Maria e tenham um claustro em que cada uma tenha sua pequena cela para rezar e dormir. E rezem sempre as Completas do dia logo após o pôr-do-sol; e esforcem-se por manter o silêncio; e rezem suas horas [canônicas]. [...] E quando lhes aprover, podem pedir-lhes esmola, como os pobrezinhos, por amor do Senhor Deus. [...] E não permitam que alguma pessoa entre no claustro onde moram e nem que coma aí. (RE 1-7 *in* TEIXEIRA, 2008, p.186).

A regra reforça o espaço dos eremitérios como refúgio para os frades, locais de oração e meditação, e também de isolamento, uma vez que o contato externo é inibido ao proibirem a entrada de terceiros. Destaca-se também as relações familiares entre os irmãos que devem conduzir a conduta cotidiana no interior destes espaços. Também o eremitério foi reportado por Giotto em afresco que retrata o momento em que o santo recebe os estigmas durante reclusão em um desses espaços.

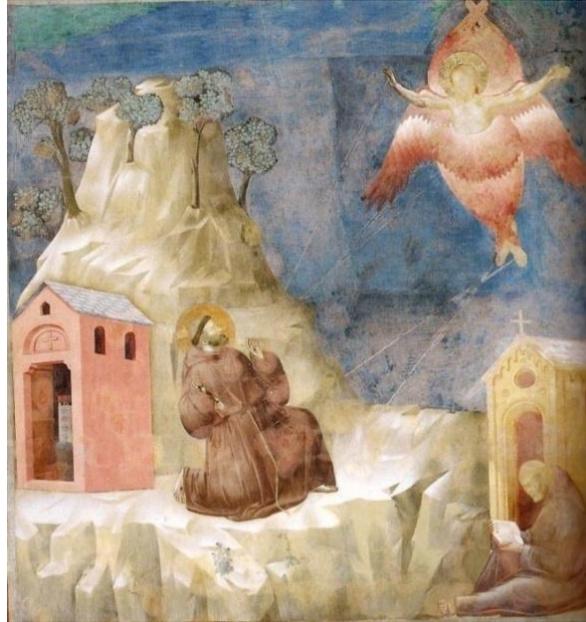


Imagem 21 - Recebimento dos estigmas. Afresco de Giotto (depois de 1296). Assis, Basílica de São Francisco. Fonte: MALAFARINA (ed.), 2005, p.174.

1.3. A casa

É possível que a conduta frente ao espaço arquitetônico tenha sido um dos aspectos mais conflituosos dentro do franciscanismo e para o próprio São Francisco quando a discussão se move para o tema da moradia. A ideia de convento ou “casa de frades” foi rechaçada por ele e seus primeiros seguidores. Por outro lado, o suporte material não foi completamente ignorado pela fraternidade primitiva, já que os frades necessitavam de aparatos para o recolhimento e o próprio Francisco, como se verá, prezava a manutenção física das igrejas. Os espaços de permanência, porém, deveriam adquirir caráter provisório, não constituir-se em bens pessoais e deveriam assumir a característica da simplicidade.

A esta simplicidade Tomás de Celano atribui a ausência de excessos e a busca pelo essencial:

Esta é a que, em todas as leis divinas, deixando aos que hão de perecer os circunlóquios prolixos, o ornato e preciosismos de estilo, ostentações e curiosidades, busca não a casca, mas a medula, não o invólucro, mas o núcleo, não muitas coisas, mas o muito, o sumo e estável bem. (2Cel 189 *in* TEIXEIRA, 2008, p.418).

A vida dos primeiros frades teria sido caracterizada, de acordo com as narrativas de época, pela ausência total de um espaço construído, o que os levava a se utilizarem de abrigos naturais, como grutas e cavernas, para o recolhimento. Tomás de Celano ainda destaca a condição de segurança que envolvia os frades que não era oferecida pelo aparato físico, mas justamente pela ausência das posses materiais e de fixação de raízes.

Cingidos por uma corda, trajavam calções baratos e tinham o piedoso propósito de permanecer em todas estas coisas e de nada mais possuir. Por esta razão, estavam seguros em toda parte, não apreensivos por temor algum, não distraídos por qualquer cuidado, sem qualquer preocupação esperavam o dia seguinte e, colocados frequentemente em grande perigo de viagem, não ansiavam sobretudo com relação à hospedagem da noite. Pois, como muitas vezes não tivessem a hospedagem necessária nos frios mais rigorosos, de noite um forno os acolhia ou eles se escondiam humildemente em grutas ou cavernas. (1Cel 39 *in* TEIXEIRA et. al., 2008, p.224).

A posse de bens extinguiria a liberdade e segurança de Francisco e seus irmãos, além de estimularem desavenças entre os homens, representando barreiras para as relações fraternas. Francisco justifica essa rejeição em um diálogo, trazido pela Legenda dos Três Companheiros, entre ele e o bispo de Assis. Este o indaga sobre a escolha de nada possuir no mundo, ao que o santo responde: “Senhor, se tivermos qualquer propriedade, ser-nos-ão necessárias armas para nossa proteção. Pois daí se originam questões e muitas desavenças, e a partir disso costuma ser estorvado, de muitas maneiras o amor a Deus e ao próximo.” (LTC 35 *in* TEIXEIRA, 2008, p.814).

Uma vez que Francisco e seus companheiros vivem em missão nos caminhos do mundo, a morada dos primeiros menores se amplia para qualquer lugar onde há homens. Da mesma forma que os espaços das cidades são palcos do apostolado franciscano, as casas dos próprios leigos também representam extensões da área de atuação dos frades. Essa ideia é colocada por Le Goff quando explica a atitude dos primeiros franciscanos sobre o significado da casa: “O apostolado dos Franciscanos, no início, não espera que os leigos vão a eles, mas eles vão aos leigos no lugar por excelência de sua permanência: a casa.” (LE GOFF, 2011, p.191).

O autor ainda ressalta que estas casas eram frequentadas pelos frades para a evangelização, mas também serviam de hospedagem para os irmãos suprindo a falta da casa. Estas afirmativas são confirmadas pelas fontes franciscanas que citam passagens em que os irmãos se utilizam de habitações alheias, ou até mesmo dos pórticos de residências, quando não conseguem abrigo no interior destas, a exemplo do relato da Legenda dos Três Companheiros que aborda a mendicância de dois irmãos em Florença.²³

Neste sentido, a casa estava relacionada sempre ao outro, nunca própria, ideia que condizia com o espírito itinerante da fraternidade primitiva. Assumia o significado não de lugar de permanência, mas sim de passagem. Se utilizar de residências alheias era lei para

²³ A Legenda dos Três Companheiros traz o seguinte relato: “Nesse mesmo tempo, estavam em Florença dois deles que, mendigando pela cidade, não puderam encontrar hospedagem. Chegando, então, a uma casa que tinha um pórtico e no pórtico um forno, disseram um ao outro: ‘Poderíamos hospedar-nos aqui’. Pedindo, portanto, à dona da casa que os acolhesse dentro de casa e recusando ela a fazer isto, disseram-lhe humildemente que, pelo menos, lhes permitisse descansarem naquela noite perto do forno.” (LTC 38 *in* TEIXEIRA, 2008, p.816).

os viajantes, conforme atesta São Boaventura: “Pois [Francisco] dizia que a lei dos peregrinos era hospedar-se sob teto alheio, ansiar pela pátria, andar pacificamente de um lugar a outro” (LM 7 *in* TEIXEIRA, 2008, p.593).

A casa dos primeiros franciscanos é, portanto, uma casa itinerante. Até mesmo a retirada de Francisco aos eremitérios se realiza desta forma, como frequentemente relatam as fontes. A posse desses locais deveria ser atestada: “Não queria que os irmãos habitassem qualquer eremiteriozinho, se não constasse certo o dono a quem pertencia a propriedade” (2Cel 59 *in* TEIXEIRA, 2008, p.340). Nesse âmbito, os eremitérios se apresentam muito mais como lugar de recolhimento que de morada.

A recusa de posse de bens materiais, porém, não impediu que os primeiros franciscanos se fixassem em alguns pontos de moradia, ainda que estes, a princípio, estivessem distantes da imagem dos grandes conventos e mais se assemelhassem à simples abrigos. Dessa forma, a casa alheia e itinerante da fraternidade primitiva será, primeiramente, substituída por modestas casas, e logo depois pela segurança dos conventos.

1.4. Da casa ao convento

Ainda em vida, Francisco presenciou a construção de casas para os frades, mantendo-se contra algumas vezes, e aceitando a necessidade do espaço arquitetônico – mesmo que com ressalvas - em outras oportunidades.

A segunda biografia de Celano²⁴ relata várias passagens da vida do santo em que se observa seu desprezo pelas construções, e sobretudo pela posse destas. Teria destruído uma casa na Porciúncula construída pelos frades para o Capítulo por considerá-la um “monstro contrário à pobreza” (2Cel 57 *in* TEIXEIRA, 2008, p.339). Ao se dirigir a Bolonha, desviou do caminho que levava à cidade quando soube que no local haviam construído uma “casa dos irmãos”, ordenando-os que se retirassem da residência. (2Cel 58 *in* TEIXEIRA, 2008, p.340). Repreendeu um frade no eremitério de Sarteano quando este utiliza a expressão “cela de Frei Francisco”, gerando a recusa do santo de voltar ao recinto. (2Cel 59 *in* TEIXEIRA, 2008, p.340).

De fato, a posse material parecia muito mais nociva e condenável por Francisco que o uso propriamente dito de um aparato físico: “Podemos segui-lo [Cristo] na forma prescrita,

²⁴ Vale destacar que os organizadores da compilação de Fontes Franciscanas consultada consideram que a Vida Segunda de Celano “tem mais o objetivo de apresentar o significado de Francisco às novas gerações da Ordem [...]”(TEIXEIRA, 2008, p.27). A biografia enumera uma série de acontecimentos da vida de Francisco dentro de temas, destacando seu exemplo como diretrizes a serem seguidas no que se refere à pobreza, à forma das casas, ao modo de proceder frente ao dinheiro, dentre outros temas.

nada tendo de propriedade, embora não possamos viver sem o uso de casas.” (2Cel 59 *in* TEIXEIRA, 2008, p.340). É verdade que a frase soa estranha para um Francisco que teria devastado uma casa na Porciúncula, mas, de fato, o santo acata o suporte oferecido pelos espaços construídos para os usos necessários. Observa-se, contudo, certo dilema, a vontade de recusar completamente a materialidade dos espaços construídos, mas reconhecer a impossibilidade de uma vida desamparada do abrigo edificado.

O discurso do santo também demonstra uma aproximação com os espaços arquitetônicos no Espelho da Perfeição (Maior):

Quando os frades chegam a uma cidade onde não têm casa e ali encontram alguém que queira dar-lhes tanta terra para poderem edificar o eremitério, ter uma horta e todo o necessário, primeiramente devem verificar quanta terra lhes é suficiente, levando sempre em consideração a santa pobreza e o bom exemplo, que devemos dar em tudo. (2EP 10 *in* TEIXEIRA, 2008, p.1011).

A aceitação do uso do espaço edificado não ocorre, porém, sem ressalvas, já que Francisco estabelece uma série de condições que deveriam caracterizar a casa de um frade menor. Além de não ser própria e adquirir um caráter passageiro, deveria estar adequada à pobreza evangélica.

E muitas vezes, fazendo um sermão sobre a pobreza, repetia aos irmãos aquele dito evangélico: As raposas têm suas tocas, e os pássaros do céu seus ninhos, mas o Filho do homem não tem onde reclinar sua cabeça. Por causa disto, ensinava os irmãos a construírem casas pobrezinhas à maneira dos pobres, nas quais habitassem como peregrinos e forasteiros, não como se elas fossem próprias, mas alheias. [...] Algumas vezes mandava que casas construídas fossem derrubadas ou que os irmãos fossem removidos, se percebesse neles algo que, por motivo de apropriação ou suntuosidade, fosse contrário à pobreza evangélica. (LM 7 *in* TEIXEIRA, 2008, p.593).

Sobre estas casas, orientava os irmãos a “construírem pequenas habitações pobrezinhas, de madeira e não de pedra, e a erigirem as cabanas com aparência desprezível” (2Cel 56 *in* TEIXEIRA, 2008, p.339). Deveriam ser assim para que ninguém no mundo pudesse almejá-las.

Tanto a Segunda Vida de Celano quando o Espelho da Perfeição (Maior) fazem referência ao repúdio do santo à ostentação, excesso de ornatos e conforto de tudo que fosse material, como as casas, objetos, as camas e as vestes. Tudo deveria estar de acordo com a pobreza. “[Francisco] não só odiava o luxo das casas, mas detestava também a excessiva abundância e o requinte dos utensílios.” (2EP 5 *in* TEIXEIRA, 2008, p.1008). O santo teria rechaçado a mesa “futilmente ornada” preparada pelos irmãos do eremitério de Greccio na Páscoa e escolhido comer no chão junto às cinzas: “Agora estou sentado como um frade menor” (2Cel 61 *in* TEIXEIRA, 2008, p.341).

O santo também recomendava a construção de pequenos edifícios onde moraria reduzido número de frades, “porque lhe parecia difícil observar a pobreza onde houvesse uma grande multidão.” (2EP 10 *in* TEIXEIRA, 2008, p.1012). A própria edificação era tomada como objeto de evangelização. Era necessário que sua ambiência testemunhasse a conduta de um frade menor, sendo exemplo do carisma de São Francisco.

E se alguma vez os prelados e os clérigos, os religiosos e os seculares vierem a seus lugares, as casas pobrezinhas, as celazinhas e as igrejas pequenas deles pregar-lhes-ão por si, e eles ficarão edificadas mais por elas do que pelas palavras (2EP 10 *in* TEIXEIRA, 2008, p.1013).

Quanto aos espaços internos, as fontes mencionam apenas o ambiente das celas, evidenciando sua importância. “Mandem construir [...] algumas celas, nas quais os frades possam de vez em quando rezar e trabalhar para maior edificação e evitar a ociosidade” (2EP 10 *in* TEIXEIRA, 2008, p.1013). Seu espaço individual representava uma exceção à vida coletiva dos irmãos, lugar de nutrição espiritual que tornava possível a alternância entre a reclusão e o convívio fraterno.

A cela é o corpo, portanto, abrigo da alma, em associação feita por Francisco. Ela também é itinerante e deve ser mantida com o frade durante sua caminhada para o constante aperfeiçoamento interior. Tanto a cela quanto o corpo devem prover a tranqüilidade da alma. A cela é, pois, o espaço necessário para a construção do indivíduo, para que este melhor sirva o coletivo.

“Mesmo que estejais andando, vossa conversa seja tão digna como se estivésseis no eremitério ou na cela, porque onde quer que estejamos e andemos, temos sempre a cela conosco. Pois o irmão corpo é nossa cela, e a alma é o eremita que mora na cela para orar a Deus e meditar. Pois, se a alma não permanecer tranqüila e solícita na sua cela, pouco proveito terá o religioso numa cela feita com as mãos” (1EP 37 *in* TEIXEIRA, 2008, p.996).

O posicionamento do santo frente ao despojamento dos lugares é reverberado no próprio estatuto da Ordem, que condena os excessos e requinte de qualquer elemento que venha a compor o espaço utilizado pelos frades, bem como exageros no tamanho. Wolfgang Braunfels (1972, p.246) faz referência aos Estatutos de 1260:

Since exquisite craftsmanship and superfluity are directly contrary to poverty, we order that such exquisite craftsmanship, whether in pictures, sculpture, windows, columns and suchlike, and any superfluity in length, width or height above what is fitting to the requirements of the place, be more strictly avoided²⁵. (Estatutos dos franciscanos de 1260 *in* BRAUNFELS, 1972, p.246).

²⁵ Desde que trabalhos manuais requintados e o supérfluo são diretamente contrários à pobreza, nós ordenamos que estes trabalhos manuais requintados, seja em imagens, esculturas, janelas, colunas e afins, e qualquer supérfluo em comprimento, largura ou altura acima do que é adequado às necessidades do lugar, seja rigorosamente evitado. (T.A.)

Dois lugares, em especial, apresentam importante significado para o franciscanismo e talvez mais se aproximem do ideal de casa proposto por Francisco. Rivotorto e Porciúncula, situados fora dos limites urbanos e nas proximidades dos muros da cidade de Assis, abrigaram as primeiras residências da fraternidade franciscana primitiva. Sobre Rivotorto, escolhido possivelmente pela proximidade com os leprosários da planície (PELLEGRINI, 2004, p.68), descreve Tomás de Celano:

Neste lugar, havia um tugúrio abandonado sob cuja sombra viviam os valorosíssimos desprezadores das grandes e belas casas, e aí se protegiam dos transtornos das chuvas. Pois, como dizia o santo, mais depressa se sobe ao céu de um tugúrio do que de um palácio. Conviviam no mesmo lugar com o bem-aventurado pai todos os filhos e irmãos, em muito trabalho e em escassez de tudo, muitas vezes privados do conforto do pão, contentes unicamente, com os rábanos que, na angústia, mendigavam aqui e ali pela planície de Assis. Aquele lugar era tão apertado que nele mal podiam sentar-se ou descansar. (1CEL 42 *in* TEIXEIRA, 2008, p.226).

A simples moradia do Rivotorto oferecia praticamente apenas um abrigo contra as intempéries. A escassez física também representava uma espécie de penitência que deveria suportada com tranquilidade, alegria e paciência, como afirma Celano.

A presença de paredes divisórias soaria supérflua, mas já se observa a necessidade de espaços individuais para a oração e descanso dos irmãos, neste caso, apenas sutilmente delimitadas. Francisco “escrevia o nome dos irmãos nas vigas daquele tugúrio, para que cada um, querendo descansar ou rezar, conhecesse seu lugar e para que, na estreiteza e pequenez do lugar, o rumor excessivo não perturbasse o silêncio da mente.” (LTC 55 *in* TEIXEIRA, 2008, p.826).

As fontes atestam que o cotidiano da casa, que serviu de base para a fraternidade franciscana primitiva, era dividido entre o trabalho, oração e penitência. Sobre o hábito da oração, comenta São Boaventura: “Aí, dedicavam-se sem cessar às preces divinas, aplicando-se mais mentalmente do que vocalmente ao cultivo da devota oração, pelo fato de que ainda não tinham livros litúrgicos nos quais pudessem cantar as horas canônicas.” Enquanto viviam no local, em uma área próxima a um rio e afastada dos muros da cidade, Francisco “ensinou-os também a louvar a Deus em todas e por todas as criaturas.” (LM 4 *in* TEIXEIRA, 2008, p.571).

Se o próprio espaço do tugúrio do Rivotorto proporcionava penitência ao corpo de seus habitantes, esta é endossada pela rígida disciplina do santo no local, denunciada por Celano:

Vigiando sempre em seu posto de sentinela, era rígido na disciplina; pois se a tentação da carne, como acontece, de vez em quando o assaltava, mergulhava numa fossa cheia de gelo, quando era inverno [...]. E os outros seguiam com muito fervor o exemplo de tão grande mortificação (1Cel 42 *in* TEIXEIRA, 2008, p. 227).

Luigi Pellegrini (2004, p.68), utiliza o termo “elementare conventus” (convento elementar) ao se referir ao emblemático casebre no Rivotorto. De fato, o primitivo espaço esboçava contornos de um convento, abrigando as atividades da vida comunitária dos religiosos, alternadas com momentos individuais, mesmo que estes fossem limitados pela precariedade do espaço. É o convento inicial e até utópico dos primeiros frades, utilizado por Francisco para a edificação espiritual de sua fraternidade e para a implementação do rigor evangélico que anos depois estará verbalizado em sua Regra.



Imagem 22 - Tugúrio do Rivotorto localizado no interior da igreja de mesmo nome em Assis. Fonte: TROIANO, s/d.



Imagem 23 e 24 - Exterior e interior do Tugúrio do Rivotorto localizado no interior da igreja de mesmo nome em Assis. Fonte: CANIL, 2004, p.75 e p.77.

Segundo consta nos relatos, após um camponês com seu burro invadir o casebre, São Francisco e os irmãos se retiram de Rivotorto e passam a morar em uma casa na Porciúncula, ao lado da pequena igreja de Santa Maria dos Anjos perdida no bosque, onde Francisco ouvira, algum tempo antes, o Evangelho sobre o envio dos discípulos de Cristo ao mundo, fato que inspirou sua conversão final por volta do ano de 1209.

Nas proximidades do oratório, os irmãos residiam em “uma pequena cabana, coberta de palhas, cujas paredes eram de ramos e barro” (2EP 7 *in* TEIXEIRA, 2008, p.1009). No local “os frades dormiam pelo chão, sem nada por baixo, a não ser um pouco de palha e alguns cobertores pobres e quase todos esfarrapados e nenhum travesseiro [...] naquele lugar todos os frades sempre comiam no chão.” (2EP 21 *in* TEIXEIRA, 2008, p.1020).

Em vários momentos Francisco desprezou a materialidade das casas, mas ao mesmo tempo se utilizou desta para a edificação de almas, através da morada em Porciúncula. A espacialidade do lugar, que como fala o santo era exemplo de perfeição evangélica, deveria atingir os espírito de leigos e frades e servir de exemplo para outras casas construídas pelos irmãos.

“Este lugar é modelo e exemplo para toda a Ordem. Por isso, antes de mais nada, quero que os frades deste lugar suportem as privações e os incômodos por amor a Deus, e os demais frades que vêm aqui levem o bom exemplo da pobreza para seus lugares. Pois, se os que residem aqui satisfazem plenamente suas comodidades, também os outros seguirão o exemplo de construir em seus lugares, dizendo: ‘Em Santa Maria Porciúncula, que é o primeiro lugar da Ordem, constroem-se tais e tantos edifícios, também nós podemos construí-los em nossos lugares’.” (2EP 8 *in* TEIXEIRA, 2008, p.1010)

Talvez a Porciúncula tenha sido o único bem físico deixado por Francisco aos irmãos de sua fraternidade. Como uma exceção à rejeição do santo a posses terrenas, a materialidade do lugar era não somente aceita, mas também deveria ser propagada pela futura Ordem. “Quero organizar e deixar o eremitério da Porciúncula como testamento aos frades, para que sempre seja tratado pelos frades com a maior devoção e respeito.” (2EP 55 *in* TEIXEIRA, 2008, p.1047). Francisco pedia que o local nunca fosse abandonado pelos frades, nem mesmo em caso de expulsão. A Porciúncula, portanto, como local sagrado e modelo da Ordem Franciscana, ganhará a proteção dos irmãos que se intensificará logo após a morte do santo.

Se as casas despertaram no Poverello reações ambíguas, estas se intensificarão com seus seguidores que darão continuidade à sua fraternidade. Ainda em vida, e acentuando-se após sua morte, as divergências acerca da observância da pobreza geram dissensões.

Durante a ausência de Francisco, que por volta de 1220 visita o Oriente, os conflitos entre os irmãos se intensificam, e surgem frentes contrárias ao rigorismo do modelo proposto pelo santo (LE GOFF, 2011, p.84), defendendo o estabelecimento dos frades em casas para uma maior segurança e manutenção da vida religiosa. “El bello desorden

creador de los principios, cedía el puesto a la marcha regulada. Las casas regulares se organizaban²⁶.” (LECLERC, 2001, p.127).

Após a morte de Francisco em 1226, se acirram as disputas entre os grupos de frades – os defensores da observância irrestrita ao Evangelho e da liberdade da fraternidade primitiva e os favoráveis ao suporte físico –, “mais ainda quando Frei Elias, que dominou a Ordem até 1239 [...], engajou-se decididamente entre os partidários do aparato, simbolizado na construção da suntuosa basílica de São Francisco de Assis.” (LE GOFF, 2011, p.49). Na segunda metade do século XIII, os dois grupos dão origem a duas tendências opostas, os conventuais e os espirituais, respectivamente (LE GOFF, 2011, p.49).

Enquanto os primeiros optaram por “seguir a Regra interpretada e completada por bulas papais que atenuaram a prática da pobreza” (LE GOFF, 2011, p.50), e aceitando a segurança oferecida pela morada em conventos – cujo símbolo maior foi a construção da citada basílica, a tendência dos espirituais pregava a austeridade da Regra e carregavam os ideais milenaristas de Joaquim de Fiore, defendendo a aproximação da Idade do Espírito Santo como purificadora dos males da Igreja.

Se por um lado os conventuais ganharam o apoio de Roma, os espirituais tenderam a ser categorizados como hereges. Assim, a liberdade da fraternidade franciscana primitiva passou a acatar a segurança oferecida por igrejas e conventos.

1.5. A igreja

A sensibilidade de Francisco perante as igrejas pode ser notada desde os momentos iniciais de sua conversão, que seguindo as palavras simbólicas e incompreendidas do Crucifixo na igreja de São Damião²⁷, começa a empreender a restauração das igrejas de pedra, fato que segundo palavras de São Boaventura, prefigurava “misteriosamente com a obra exteriormente sensível o que haveria de acontecer no futuro.” (LM 2 *in* TEIXEIRA, 2008, p.563).

Convém lembrar que a veneração e amor de São Francisco pela Porciúncula estiveram muito mais relacionados ao oratório do bosque dedicado à Virgem Maria que ao casebre que servia de residência aos frades propriamente dito. Era considerada por

²⁶ “A bela desordem criadora do princípio, cedia lugar à marcha regulamentada. As casas regulares se organizavam”. Tradução da autora.

²⁷ Na abandonada Igreja de São Damião, Francisco escuta o chamado do Crucifixo: “Francisco, vai e restaura minha casa que, como vês, está toda destruída.” (2Cel10 *in* TEIXEIRA, 2008, p.308). O crucifixo se referia à restauração da Igreja de homens, prefigurando o papel que o santo teria na renovação das antigas estruturas da Igreja Católica. São Francisco, porém, interpretou o pedido literalmente e pôs-se a restaurar as Igrejas de São Damião, São Pedro e finalmente o oratório da Porciúncula.

Francisco um “espelho da Religião na humildade e na altíssima pobreza” (2Cel 18 *in* TEIXEIRA, 2008, p.314).

Em um momento inicial, a proposta de Francisco se apresenta distante do uso de igrejas. Voltada em sua essência para a evangelização, o carisma da fraternidade franciscana primitiva se volta muito menos ao interior, priorizando os espaços externos: “o apostolado franciscano mantém-se num certo afastamento quanto à construção de igreja”. (LE GOFF, 2011, p. 190).

Mas se observa nas fontes um Francisco que zela por estes espaços e reconhece sua simbologia. Tomás de Celano, cita sua comoção perante o oratório da Porciúncula: “Quando o santo de Deus a viu assim destruída, movido de compaixão, porque se abrasava de devoção para com a Mãe de toda bondade, começou a morar aí permanentemente.” (1Cel 21 *in* TEIXEIRA, 2008, p.212). É verdade que nesse momento de sua vida, Francisco ainda não havia apreendido totalmente o significado de sua missão, mas não se deve negligenciar sua afeição para com esses espaços e o fato de se colocar firmemente como operário na reconstrução de igrejas.

Como foi visto, São Francisco depois compreendeu que sua busca deveria se fundar na restauração da igreja de homens. Portanto, para a fraternidade franciscana primitiva, a materialidade das igrejas perde importância, pelo menos com relação a seu apostolado. Mas há um respeito pela edificação.

Tomás de Celano discorre sobre o gesto que os frades deveriam proferir perante esses espaços:

[...] em qualquer lugar em que houvesse uma igreja construída, mesmo que eles não estivessem presentes e somente pudessem de algum modo divisá-la de longe, inclinavam-se na direção dela prostrados por terra de corpo e alma, adoravam o Onipotente [...].” (1Cel 45 *in* TEIXEIRA, 2008, p.228).

Portanto, as igrejas deveriam ser veneradas por representarem o lugar do Senhor e por serem uma referência material de Cristo na terra:

Quando os devotíssimos servos do Senhor andavam pelo caminho e encontravam alguma igreja, habitável ou abandonada, ou uma cruz à beira da estrada, com muita devoção se inclinavam em direção a elas em oração, dizendo: “Nós vos adoramos, ó Cristo, e vos bendizemos, em todas as vossas igrejas que há em todo mundo, porque pela vossa santa cruz remistes o mundo.” E acreditavam e sentiam ter encontrado aí um lugar do senhor. (AP 19 *in* TEIXEIRA, 2008, p.771).

Ora, as igrejas são bem materiais, mas seu uso abriga a celebração da Eucaristia e o corpo de Cristo, assim, se encontravam em um meio termo entre o material e o espiritual, entre o terreno e divino. São lugares que conduzem os homens ao encontro com Deus, e

por isso, o próprio Francisco demonstra e exige zelo pelas igrejas, prezando, por exemplo, pela sua limpeza:

Levava uma vassoura para varrer as igrejas, pois São Francisco ficava muito condoído quando, ao entrar em alguma igreja, a visse suja. Por isso, sempre que pregava ao povo, terminada a pregação, mandava reunir todos os sacerdotes [...] pregava a eles sobre a salvação das almas e, sobretudo, que tivessem cuidado e solicitude em conservar limpas as igrejas, os altares e tudo o que se relacionasse com a celebração dos divinos mistérios. (1EP 31 *in* TEIXEIRA, 2008, p.991).

O Espelho da Perfeição Menor ainda traz recomendações do santo acerca do local que abrigasse as hóstias consagradas:

São Francisco tinha tanto respeito e devoção pelo corpo de Cristo que quis escrever na Regra que, nas províncias onde morassem, os frades tivessem cuidado e solicitude e pregassem ao povo e admoestassem os clérigos e sacerdotes a colocarem o corpo de Cristo em lugar bom e digno; e se eles não o fizessem, que o fizessem os frades. Além disso, certa ocasião quis mandar alguns frades com píxides²⁸ por todas as províncias e, onde encontrassem o corpo de Cristo colocado indecentemente, que o colocassem nelas com toda a honra. Também quis mandar outros com belos ferros de hóstias para fazê-las em todo o tempo. (1EP 36 *in* TEIXEIRA, 2008, p.995).

Se as casas, camas, utensílios e vestes dos primeiros frades deveriam ganhar características desprezíveis, de modo que não fossem por ninguém almejados, o local que abrigasse o corpo de Cristo – em geral, o interior de igrejas ou capelas - deveria ser “bom e digno” e colocado “com toda honra”. As ressalvas quanto à aceitação das igrejas se apresentam, portanto, mais diluídas já que o santo endossa não apenas a importância, mas também o significado desse espaço.

O Espelho da Perfeição Maior, por exemplo, relata a aquisição da Porciúncula como fruto de uma necessidade colocada pelo próprio santo: “Caríssimos irmãos e filhinhos meus, vejo que o Senhor quer multiplicar-nos. Parece-me, pois, bom e religioso que adquiramos [...] uma igreja, onde os frades possam recitar as horas [canônicas] e ter ao lado dela apenas uma pequena e pobre casa[...].” (2EP 55 *in* TEIXEIRA, 2008, p.1045). O abade de São Bento do Monte Subásio, então, cedeu a “a menor e mais pobre igreja que possuíam.” (2EP 55 *in* TEIXEIRA, 2008, p.1046).

Considerada berço da Ordem Franciscana, a Porciúncula teria sido o lugar mais amado por Francisco na terra segundo atesta Tomás de Celano e São Boaventura²⁹. A

²⁸ Píxide: “Vaso em que se guardam as hóstias ou partículas consagradas.” Fonte: Moderno Dicionário Michaelis de Língua Portuguesa, 1998.

²⁹ Sobre a Porciúncula, Tomás de Celano afirma: “O santo amou este lugar mais do que a todos, ordenou que os irmãos o venerassem com especial reverência [...]”. (2CEL 18 *in* TEIXEIRA, 2008, p.314). Diz também São Boaventura: “O santo homem amou este lugar mais do que os outros lugares do mundo [...]”. (LM 2 *in* TEIXEIRA, 2008, p.563).

Porciúncula representou uma suave exceção ao desprendimento do santo à materialidade do espaço construído, às coisas do mundo e aos lugares, pois como afirma Celano “enquanto vivia no mundo, escolheu do mundo para si e para os seus uma pequena porção, desde que de outra maneira não podia servir a Cristo, se não tivesse algo do mundo” (2Cel 18 *in* TEIXEIRA, 2008, p.313). Celano, porém, enfatiza que Francisco e os irmãos deveriam reter apenas o uso do lugar e não sua propriedade.

Sua localização, à época em meio à floresta, favorecia o recolhimento e silêncio necessários à oração nos intervalos dos trabalhos apostólicos. Além disso, o oratório era rodeado de histórias, visões e lendas místicas que reforçavam a predileção do santo. Tomás de Celano menciona que Francisco tivera uma revelação de Deus sobre o amor da Virgem Maria para com aquele lugar. Já São Boaventura destaca as referências na toponímia à Mãe de Deus e aos anjos: “E, sentindo aí a frequência das visitas angelicais, de acordo com o nome desta igreja que desde a Antiguidade era chamada Santa Maria dos Anjos, estabeleceu-se aí por causa da reverência aos anjos e por causa do amor especial à Mãe de Cristo.” (LM 2 *in* TEIXEIRA, 2008, p.563).

Por fim, a Legenda dos Três Companheiros comenta sobre o fato que contribuiu para o amor de Francisco por esse local ao narrar a visão de um irmão, na qual todos os homens do mundo se encontravam cegos e ajoelhados em torno na pequena igreja. Ali suplicam pela misericórdia divina, sendo depois iluminados por um esplendor que saía do céu e lhe conferiam a luz desejada. (LTC 56 *in* TEIXEIRA, 2008, p.827).

O lugar humilde, mariano, repleto de anjos, bênçãos e milagres foi comumente cenário para a vida da fraternidade primitiva. Era na Porciúncula que os irmãos se encontravam após as viagens pelo mundo. Por ordem de Francisco, o local também abrigava os dois grandes capítulos realizados no decorrer de um ano, segundo a Legenda dos Três Companheiros (LTC 57 *in* TEIXEIRA, 2008, p.827). Ao final da vida, o santo já doente pede para ser levado à Santa Maria dos Anjos para receber a “irmã morte”.

Assim como recomenda para as casas, Francisco orienta que as igrejas estejam de acordo com a pobreza e não se configurem como propriedade. Até mesmo no caso do oratório da Porciúncula: “[Francisco] anualmente enviava ao dito abade e aos monges um cesto ou um pequeno balaio cheio de peixinhos [...]. Isso para que os frades não tivessem nenhum lugar próprio nem permanecessem em algum lugar que não pertencesse a outrem [...]” (2EP 55 *in* TEIXEIRA, 2008, p.1046).

Na cidade de Sena, quando Francisco é indagado pelo senhor Boaventura, doador de um terreno para os frades, sobre a forma de construir seus espaços na cidade, orienta que os templos possuam tamanho reduzido. Além disso, recomenda a pregação em outras igrejas, em um gesto que remete à utilização do espaço alheio e o serviço ao outro.

[...] mandem construir casas pobrezinhas de barro e madeira e algumas celas, nas quais os frades possam de vez em quando rezar e trabalhar para maior edificação e evitar a ociosidade. Mandem erigir também pequenas igrejas; com efeito, não devem construir grandes igrejas, a pretexto de pregar ao povo, ou por outra razão, pois é sinal de maior humildade e melhor exemplo, se forem pregar em outras igrejas. E se alguma vez os prelados e os clérigos, os religiosos e os seculares vierem a seus lugares, as casas pobrezinhas, as celazinhas e as igrejas pequenas deles pregar-lhes-ão por si, e eles ficarão edificados mais por elas do que pelas palavras. (2EP 10 *in* TEIXEIRA, 2008, p.1013).

Na passagem São Francisco mais uma vez faz referência ao uso da arquitetura enquanto instrumento de evangelização, enfatizando o poder dos espaços na edificação espiritual de religiosos e seculares. Se ela é capaz de transmitir os ideais evangélicos de pobreza e humildade, seu efeito sobre os cristãos será mais eficiente que as palavras proferidas nas pregações. Portanto, soma-se um novo argumento para Francisco se apoiar na matéria, dotada de dimensão sensível e didática, em favor de seu apostolado.

2. ADAPTAÇÕES E ITINERÂNCIAS

2.1. Construções emblemáticas de Assis

Ainda em vida, os dilemas com relação ao espaço construído permeiam a trajetória de Francisco no período posterior à sua conversão, variando desde a negação do aparato físico, até o reconhecimento de sua necessidade e aceitação do mesmo com algumas ressalvas. Após sua morte em 1226, no entanto, as dissensões entre seus seguidores se intensificam, surgindo assim diferentes “franciscanismos” que fazem leituras distintas do legado do santo, como já mencionado anteriormente. Os frades partidários do aparato físico logo espacializam suas ideias na cidade de Assis por meio de edificações que contrariam o próprio São Francisco.

Como uma espécie de materialização das contradições envolvendo os seguidores de Francisco, caminhando pela Assis atual, nota-se que, ainda hoje no seu núcleo medieval, as edificações mais grandiosas e imponentes correspondem ironicamente às construções franciscanas. As basílicas de São Francisco e Santa Clara, localizadas nos extremos noroeste e sudeste, respectivamente, da cidade intra-muros, surpreendem o passante pela monumentalidade.

A arquitetura, portanto, reflete os dramas da Ordem, situados entre o aceite ou não do aparato físico, entre o seguimento rígido da Regra ou sua reeleitura mais branda, entre a pobreza e a necessidade. Se por um lado, ela espacializa a memória dos santos prestando-lhes homenagem (São Francisco e Santa Clara), por outro contradiz o legado espiritual dos mesmos.



Imagem 25 e 26 - Fachada Basílicas de São Francisco (esq.) e Santa Clara em Assis.

Fonte: Fotos da autora, setembro de 2013.

A Basílica e o convento de São Francisco, em especial, se apresentam como um ícone dos conflitos entre os “franciscanismos”. Construída sob o comando de Frei Elias,

eleito ministro geral da Ordem em 1221 (LE GOFF, 2011, p. 84), a basílica começou a ser erguida apenas dois anos após a morte do santo em 1228 (CANIL, 2012, p. 6), destinando-se “non solo ad accogliere le spoglie mortali del santo [...], ma anche a fungere da Chiesa Madre dei frati minori.”³⁰ (MALAFARINA, 2005, p.6).

É verdade que a obra se coloca como uma homenagem e forma de glorificar e elevar no campo terreno o pobre São Francisco que sempre se colocou como “humilde desprezador de si mesmo” (TEIXEIRA et. al., 2008, p.511, Jul 12). Ainda assim, é ambíguo que a Igreja-Mãe da Ordem tanto se afaste da idealidade da pequena Porciúncula, levando Le Goff a utilizar o termo “anti-franciscana” (2011, p. 91) para descrevê-la. O próprio Francisco teria condenado este tipo de construção:

Muitas vezes, os frades mandam construir grandes edifícios, violando nossa santa pobreza, provocando murmurações e dando mau exemplo ao próximo; e quando, a pretexto de terem lugares melhores, mais saudáveis ou para abrigar mais pessoas, por cupidez e avareza abandonam aqueles eremitérios e edifícios ou os destroem para construí-los grandes e excessivos, aqueles que deram as esmolas e os outros que vêem isso se escandalizam muito e se perturbam. Por conseguinte, é melhor que os frades construam edifícios pequenos e pobrezinhos, observando sua profissão e dando bom exemplo ao próximo, do que ajam contra sua profissão, dando mau exemplo aos outros. Pois se, alguma vez, os frades abandonam lugares pobrezinhos por outro mais conveniente, o escândalo será maior. (2EP 10 in TEIXEIRA, 2008, p.1013).

Talvez o edifício traduza a personalidade um tanto controvertida de Frei Elias Bombarone apresentado pelas fontes ora com as qualidades que o levaram ao comando geral da Ordem, ora com seus defeitos que contribuíram para sua deposição. Tomás de Celano o coloca como importante companheiro nos últimos anos da vida de Francisco, “a quem ele escolhera para si como mãe e constituíra como pai dos outros irmãos” (TEIXEIRA et. al., 2008, p.265, 1Cel 98), estando a serviço do santo em seus chamados, e cuidando da sua doença: “[Frei Elias] obrigou-o a não rejeitar o remédio mas a aceitá-lo em nome do Filho de Deus, por quem fora criado.” (TEIXEIRA et. al., 2008, p.265, 1Cel 98).

As incongruências do segundo Ministro Geral da Ordem, porém, também ganharam as críticas de seus contemporâneos. A Crônica de Frei Salimbene de Parma, por exemplo, lista uma série de defeitos do referido frade. Segundo o texto, Frei Elias “queria viver esplendidamente em comodidade e pompas.” (TEIXEIRA et. al., 2008, p.1386, Sib 28). Sobre sua moradia, o cronista coloca:

O quinto defeito de Frei Elias foi que nunca queria visitar a Ordem pessoalmente, mas morava sempre ou em Assis ou em um eremitério belíssimo, ameno e agradável que ele mandara construir para habitar, na

³⁰ “não apenas para acolher os restos mortais do santo, mas também para servir como Igreja Mãe dos Frades Menores.” (Tradução da autora).

diocese de Arezzo, que até hoje se chama Celle di Cortona. (TEIXEIRA et. al., 2008, p.1383, Slb 26).

Essas características colocam Frei Elias como partidário da tendência franciscana a favor da flexibilização da Regra e do aceite ao aparato físico. A Basílica de São Francisco em Assis pode ser interpretada como a intenção de Elias em edificar um tributo em honra do santo. Contudo, outras características revelam traços escondidos sobre a grandiosa construção que evocam o legado do santo.

O terreno em que a basílica foi alocada, por exemplo, em área periférica da cidade, teria sido anteriormente utilizado para execução de malfeitores e por isso conhecido como “Colina do Inferno”. Colocando-se em igualdade com os excluídos, o próprio Francisco teria escolhido o terreno mal afamado como local de seu enterramento, que após a construção da Basílica e transladação do corpo do santo teve sua toponímia alterada para “Colina do Paraíso” pelo Papa Gregório IX (MALAFARINA, 2005, p.5).

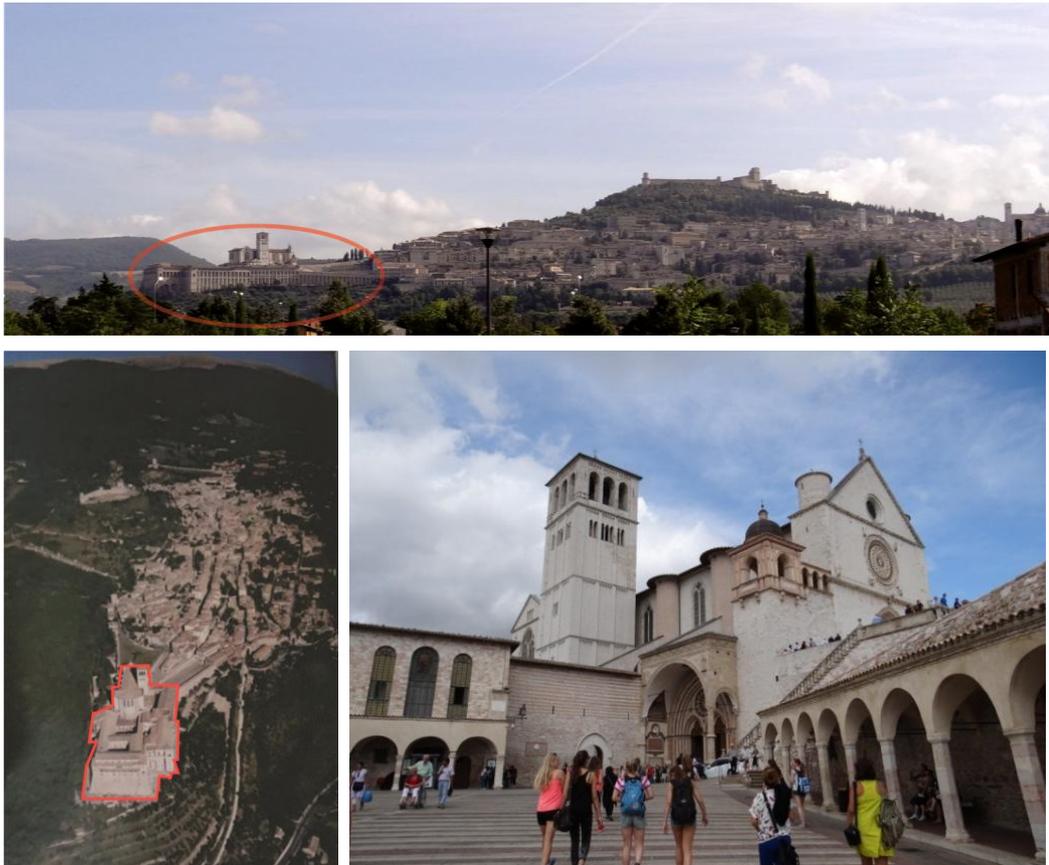
Na iconografia “Assisi, città dello Stato Pontificio” de 1770, por exemplo, vê-se a proporção do complexo de São Francisco (em vermelho) em relação à dimensão da cidade. O conjunto franciscano é representado com distorções em suas dimensões, já que sua escala e massa construída se apresentam muito superiores às pequenas edificações da cidade, e até mesmo se sobressaindo à grandiosa Basílica de Nossa Senhora dos Anjos (em amarelo), notando-se um interesse do autor em destacar a edificação perante o núcleo urbano. Nota-se que o cartógrafo distorceu a real localização da região da Porciúncula, a fim de situar a basílica no mesmo plano em que foi representado o restante da cidade.



Imagem 27 - Carta intitulada “Assisi, città dello Stato Pontificio” de Cesare Orlandi (1770) que reproduz a planta de Giacomo Lauro de 1599.

Fonte: CANIL, 2004, p. 100. Esquemas gráficos da autora.

Apesar do embate ideológico, uma observação mais “arquitetônica” de Assis permite concluir que outros aspectos para além da escala da cidade e da basílica “conversam” entre si. As cores, formas e texturas do exterior da basílica não a tornam estranha à cidade. Ela conserva os materiais e traços que moldam o conjunto construído urbano de Assis, contribuindo para que exista uma continuidade entre a massa edificada da cidade e o convento.



Imagens 28, 29 e 30 - Perfil da cidade de Assis; vista área de Assis; entrada convento e Basílica inferior de São Francisco. Fonte: Foto da Autora, set.2013; MALAFARINA, 2005, com esquema da autora; foto da Autora, set.2013.

O complexo formado pela basílica superior, basílica inferior e convento teve sua construção iniciada em 1228, apenas dois anos após a morte de Francisco e perdurou até o século XV quando alcançou sua forma definitiva (GIANDOMENICO, 2001, p.6). Quanto ao seu interior e forma estrutural, o conjunto impressiona também pelo rico trabalho artístico seja nas arcadas em pedra, que dão forma e sustentam o espaço se repetindo ao longo de toda construção, ou pelas pinturas³¹ que estampam paredes, arcos, abóbadas e teto das

³¹ Um dos grandes destaques artísticos do complexo são os afrescos de grandes mestres italianos dos séculos XIII e XIV como Giotto e Cimabue. A obra de Giotto na basílica superior é constituída por um conjunto de afrescos executados entre 1297 e 1299, que foram inspirados em passagens da Legenda Maior de São Boaventura. Os trabalhos do mestre italiano foram executados a pedido do então Ministro Geral da Ordem Frei

duas basílicas, levando os olhos do expectador a se perderem em meio ao colorido e riqueza de detalhes.



Imagens 31 e 32 - Interior da igreja inferior e superior da Basílica de São Francisco em Assis.
Fonte: CANIL, 2012.

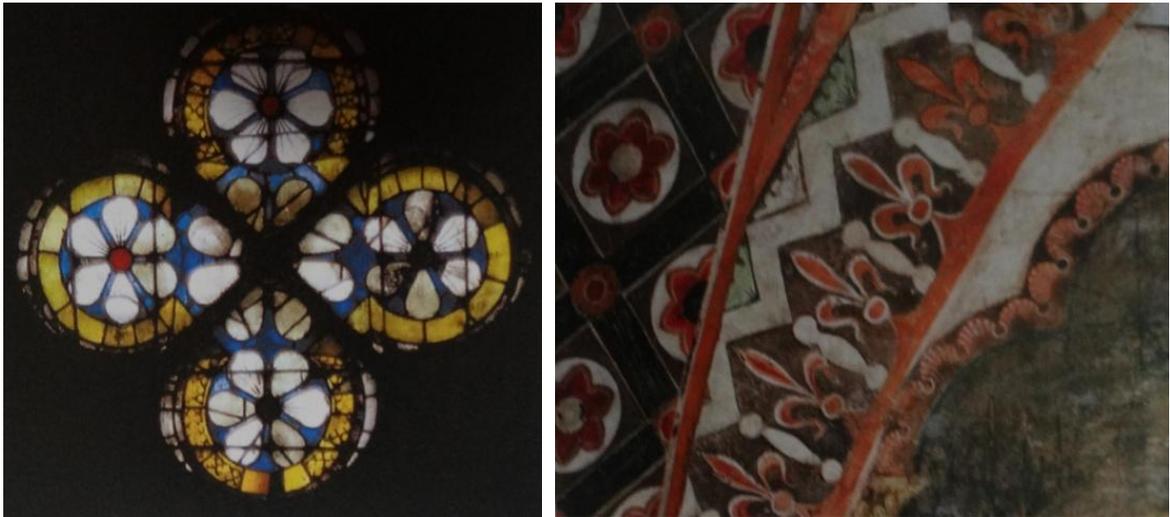
Se a série de afrescos dos séculos XIII e XIV que revestem as paredes das basílicas inferior e superior, pode contribuir para a riqueza estética do edifício, também colabora para o local se colocar como espaço didático. O conjunto interno da basílica está longe de pregar a pobreza através de sua ambiência, mas cumpre uma função pedagógica ao se utilizar de imagens para narrar as vidas de Cristo e São Francisco em uma época em que as letras eram de acesso restrito. Seja na temática das pinturas, ou na própria distribuição espacial destas, as paredes insistem em paralelos entre as vidas dos dois personagens.



Imagens 33 e 34 - “A Crucificação” e “São Francisco recebe os estigmas” de Pietro Lorenzetti.
Afrescos da basílica inferior. Fonte: MALAFARINA, 2005.

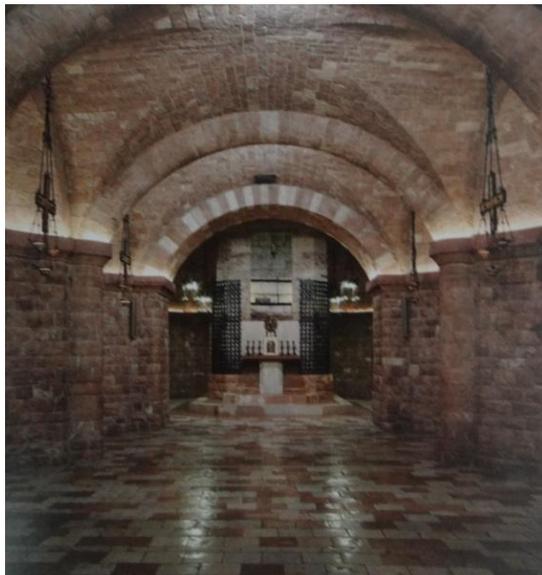
Juan de Muro (GIANDOMENICO, 2001, p.48). A basílica superior é revestida por cerca de 6000 metros quadrados de afresco, enquanto cerca de 4000 metros quadrados cobrem o edifício inferior. (CANIL, 2012, p.9).

Apesar da imponência, a basílica também é dotada de delicadeza, em especial no que se refere aos seus detalhes. Temas florais e céus estrelados parecem bordar as abóbodas e suas nervuras que sustentam o edifício e também os vitrais. É verdade que Francisco pregava espaços sóbrios e despojados, mas é preciso reconhecer que o espírito alegre do santo, já atestado pelas fontes, encontra amparo no colorido dos espaços da edificação.



Imagens 35 e 36 - Detalhe de motivos florais em vitral e abóboda da Basílica de São Francisco de Assis. Fonte: MALAFARINA, 2005.

Nem todos os locais do complexo, porém, são dotados da mesma ostentação das basílicas. O lugar em que está alocada a tumba de São Francisco, abaixo da igreja inferior, é despojado de qualquer pintura ou detalhes, ficando evidente apenas a textura e a cor das pedras. Apesar da basílica apresentar o domínio do trabalho erudito, ela consegue preservar a tumba sem ornamentos.



Imagens 37 - A tumba de São Francisco abaixo da basílica inferior. Fonte: CANIL, 2012, p.19.

Quanto ao convento anexo à basílica, seu espaço é igualmente dotado de simplicidade e desprovido de excessos. Assim como ocorre com sua aparência externa, as cores e texturas de seu interior constroem laços com o material edificado de Assis. O convento, aliás, não se esquece de olhar a cidade através da grande varanda em “L” apoiada por arcadas e que também lhe conferem aspecto de fortaleza. Pinturas, ícones e imagens quando aparecem no espaço conventual, se portam de forma contida. O complexo conta com a presença de dois claustros, e assim como ocorre em outros conventos, os cômodos da edificação giram em torno do maior deles, que é dotado de cisterna em seu centro para a captação da água da chuva.

Apesar de seu caráter simples e despojado, o convento do complexo ainda contraria Francisco que pedia casas pequenas e efêmeras. Seus espaços se equiparam às duas basílicas no quesito grandiosidade, e sua rígida estrutura em pedra, que se utiliza de arcos reforçados por outras arcadas para a sustentação, impediu que o antigo convento sucumbisse frente aos terremotos que assolaram a Úmbria italiana e permitindo que o mesmo ainda resista por quase 800 anos.



Imagem 38 e 39 - Claustro e varanda do convento de Assis. Fonte: Fotos da autora, set. 2013.

É possível, porém, que, em Assis, o maior contraste fruto do conflito franciscano que opõe observância irrestrita da Regra e aparato físico possa ser observado na região da Porciúncula, considerada o berço da Ordem e local que nunca deveria ser abandonado pelos irmãos, segundo a vontade do próprio Francisco.

Quando se busca a pequena igreja da Porciúncula na paisagem da planície de Assis, se percebe que não é possível mais encontrá-la. O humilde oratório foi encoberto pela basílica de Santa Maria dos Anjos, cuja construção se iniciou em 1569 (TROIANO, s/d, p.121) com a finalidade de proteger a frágil igreja e amparar o crescente número de peregrinos, se afastando de outras possíveis soluções menos agressivas e mais atentas ao ideal franciscano. O edifício, que chama a atenção pela escala monumental, contrasta com

as construções pobres e pequenas recomendadas por Francisco, o que levou Jacques Le Goff a utilizar o termo “insuportável” e “última traição” (2011, p.92) para definir a basílica.

O primitivo oratório “protegido” pela suntuosa e inusitada basílica ainda hoje traduz claramente perante o visitante a grande contradição enfrentada pelo franciscanismo no que diz respeito aos espaços construídos. A tímida igreja em pedra de paredes cruas, dimensões humanas e feições equilibradas, cuja escala e acolhimento a aproximam muito mais às características de uma casa que as de um templo, guarda traços do próprio Francisco. Excetuando-se as pinturas, o modesto oratório é desprovido de quaisquer ornamentos e excessos e o humanismo na ambiência e a simplicidade do espaço convidam ao recolhimento.

Se for feito um esforço de imaginar a igreja da Porciúncula sem a colorida pintura ilusionista acima de sua entrada elaborada pelo alemão Overbeck em 1829 (SCIAMANNA, 2005, p.14) que retrata a instituição da Indulgência da Porciúncula, sem o pináculo que coroa sua empena e que guarda mais laços com as feições da basílica que com as do oratório, sem até mesmo a pintura interna elaborada em fins do século XIV pelas mãos do Padre Hilário de Viterbo (SCIAMANNA, 2005, p.14), sem a estranha casca protetora e alocada na solidão da floresta, pode-se chegar a um retrato mais fiel do que seria a sóbria Porciúncula de Francisco.



Imagem 40 e 41 - Exterior da Basílica de Santa Maria dos Anjos na planície de Assis; igreja da Porciúncula no interior da basílica. Fonte: Autora, 2013; imagem disponível em <<http://www.arts.magic-nation.co.uk/assisi10.jpg>>. Acesso em Dezembro de 2015.



Imagem 42 e 43 - Esquema gráfico da possível antiga feição da igreja da Porciúncula no tempo de Francisco; vista atual do oratório encoberto pela basílica.

Fonte: Autora, 2015; imagem disponível em < http://3.bp.blogspot.com/-RN_nTKrbxls/VjohoulZgCI/AAAAAAAAAJ1Q/ooLgwAf_9m0/s1600/porziuncola%2Billuminata.jpg>. Acesso em Dezembro de 2015.



Imagem 44 e 45 - Interior da igreja da Porciúncula. Fonte: MAIARELLI, 1996; SCIAMANNA, 2005.

No entanto, a pintura interna de Hilário Viterbo, em especial, não soa estranha à memória ligada ao santo. As cores vivas e ao mesmo tempo delicadas, e a constante representação floral podem ser associadas tanto à imagem feminina mariana quanto à sensibilidade e alegria do santo. A figura de Maria junto a um vaso de lírios e o Anjo da Anunciação coberto por túnica florida ocupam posição central na obra, em clara referência à toponímia do lugar (Santa Maria dos Anjos). À direita, Francisco na companhia de anjo segura ramalhete de flores e logo abaixo é representado o milagre das rosas³². No centro superior da pintura, Francisco recebe o Perdão da Porciúncula portando mais uma vez flores, e cercado por anjos que tocam variados instrumentos musicais. Vale lembrar que a música era outro tema recorrente na vida do santo, que sempre se utilizava dela para louvar a Deus com júbilo.

³² Segundo à lenda, Francisco teria se lançado sem roupas sobre um jardim de espinhos próximo à Porciúncula para se livrar de forte tentação. Após o contato com o corpo do santo, os espinhos teriam se transformado em um jardim de rosas. (MAIARELLI, 1996, p.17).



Imagens 46, 47, 48, 49 e 50 - Detalhes da pintura de Hilário de Viterbo (1393) no interior da Porciúncula. Fonte: SCIAMANNA, 2005. Recortes da autora.

Além da pequena igreja, outros fragmentos do antigo convento podem ser encontrados no interior da basílica, mas sem ambiência primitiva conservada, a exemplo da Capela do Trânsito, local onde Francisco teria repousado antes da morte e a Capela das Rosas, local que se acredita ter sido o abrigo de Francisco durante suas estadias na Porciúncula (SCIAMANNA, 2005, p.22). A capela do Trânsito, por exemplo, revela apenas alguns resquícios de suas antigas paredes através de seu exterior, já que o interior se encontra coberto por afrescos, dificultando a leitura do primitivo espaço. A área do roseiral do convento é outro resquício de espaços que constituíam o antigo conjunto da Porciúncula.

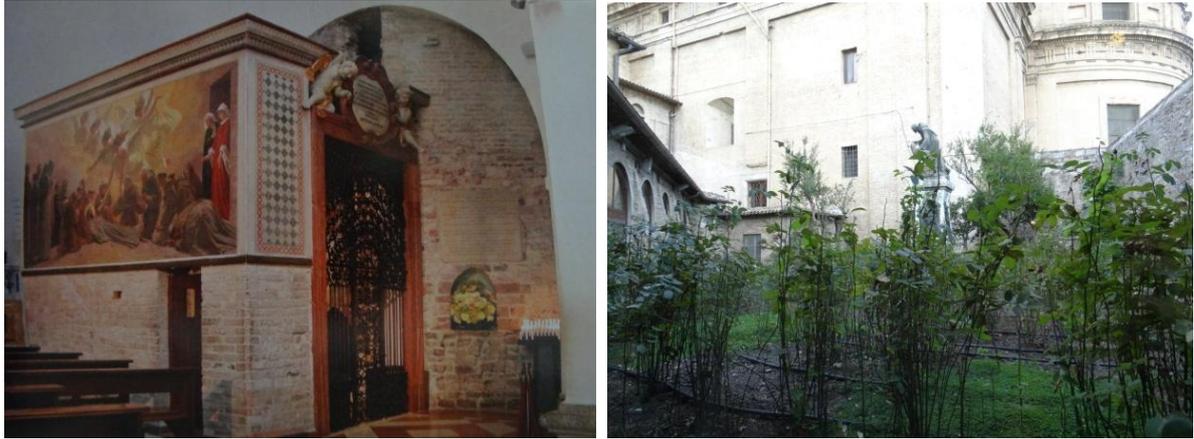


Imagem 51 e 52 - Capela do trânsito; roseiral no interior do convento de Santa Maria dos Anjos. Fonte: SCIAMANNA, 2005; Autora, set. 2013.

Quanto ao o suntuoso prédio da basílica, é possível que suas características estejam relacionadas à sua função inicial, que como já mencionado, foi pautada na necessidade de proteger a frágil capela em seu interior e abrigar as multidões. “Già secondo san Bernardino da Siena la Porziuncula doveva essere inserita in strutture solide ed evocative, per rimanere il più a lungo possibile inalterata³³.” (SCIAMANNA, 2005, p.25).

De fato, o edifício se vale da robustez e solidez tanto em sua fachada - constituída por marcantes elementos greco-romanos, a exemplo de colunas dóricas e jônicas que sustentam suas aberturas - quanto em seu interior, apoiado por imensas arcadas em arco pleno e dividido em três longas naves. Assim, a basílica se utiliza de elementos pagãos que evidenciam poder e força, valores contrários à memória de Francisco. A figura humana colocada em frente à fachada da construção denuncia suas proporções monumentais. Estas feições marcantes e masculinas revelam a segurança física almejada pelos frades responsáveis pela guarda do local.

Uma série de pares opostos podem ser usados para descrever a radical inversão existente entre o oratório e a basílica: escala humana/monumental, feminino/masculino, fragilidade/proteção, delicadeza/robustez, recolhimento/imensidão. Apesar do mundo de Francisco muito mais se aproximar da imagem da pequena igreja, certa facção da Ordem franciscana se apoiou ironicamente em seu oposto para literalmente preservar a sua memória.

De modo geral, as grandes basílicas construídas em Assis – a dupla Basílica e Convento de São Francisco e Basílica Nossa Senhora dos Anjos - buscam guardar e glorificar a memória franciscana, mesmo que simplicidade e louvor ou pobreza e necessidade, estejam permanentemente em conflito. Como afirma Braunfels: “The monastic idea and the desire to perpetuate his legend pictorially proved mightier than the precepts and

³³ “Já segundo São Bernardino de Sena, a Porciúncula tinha que ser inserida em uma estrutura sólida e evocativa, para permanecer o maior tempo possível inalterada.” (T.A.).

admonitions of their founder”³⁴. (1972, p.126). Pode-se dizer também que é resultado dos dramas e incongruências humanas. Triunfo da necessidade de segurança oferecida pelo aparato físico em detrimento da austeridade da Regra.

2.2. “Espaço do mundo”

Então, o bem-aventurado Francisco convocou todos a si e, anunciando-lhes muitas coisas sobre o reino de Deus, [...] dividiu-os dois a dois para as quatro partes do mundo e disse-lhes: “Ide, caríssimos dois a dois, pelas diversas partes do mundo, anunciando aos homens a paz e a penitência para remissão dos pecados; e sede pacientes na tribulação, seguros de que o Senhor cumprirá seu propósito e sua promessa”. (1Cel 29 *in* TEIXEIRA, 2008, p.217).

Um outro aspecto que vincula o franciscanismo à espacialidade é a prática da itinerância, que conclama os frades a caminharem mundo afora em seu apostolado. Segundo as fontes, inspirado pelo Evangelho que ouvira durante uma Missa realizada na pequena capela da Porciúncula sobre o envio dos discípulos ao mundo por Jesus para missão, Francisco de Assis inicia sua vida itinerante de pregação. Também convoca os demais irmãos a se colocarem a caminho pelo mundo, conforme palavras de Tomás de Celano. Um dos pilares da fraternidade franciscana primitiva era assim estabelecido e permanecerá enraizada na então futura Ordem Franciscana ao longo dos séculos, contribuindo para que o legado de São Francisco chegasse a diversas partes do mundo.

A jovem fraternidade incorporava o espírito itinerante dos mercadores, que circulavam pelas estradas, levando uma vida de viagens, a fim de comercializarem seus produtos. Na verdade, ela assumia o espírito de mobilidade medieval, que como polemiza Jacques Le Goff (2010, p.97), vem substituindo a imagem de uma Idade Média estática colocada pela historiografia tradicional.

O historiador ressalta que não somente a ausência de vínculos materiais entre o homem e o seu lugar, mas também a definição cristã do homem *in via*, o coloca nos caminhos do mundo. “O próprio espírito da religião cristã os impelia à estrada. Nesta terra de exílio, o homem não é mais do que um eterno peregrino, tal era o ensinamento da Igreja que precisava apenas repetir a palavra de Cristo: ‘Deixe tudo e siga-me.’” (LE GOFF, 2005, p.127).

Em uma Idade Média em que o deslocamento ocorre com freqüência, motivado pela prática religiosa dos peregrinos, que se põem nos caminhos como forma de penitência, passando por provações físicas e espirituais (SOT, 2002, p.353), e de cruzados que se

³⁴ “A ideia monástica e o desejo de perpetuar sua lenda pictoricamente provaram ser mais poderosas que os preceitos e admoestações de seu fundador”. Tradução da autora.

utilizam da guerra a serviço do cristianismo, Francisco também propõe as estradas assumindo a premissa cristã do homem como viajante. A itinerância do santo, não apenas busca destinos específicos dos peregrinos (seja Roma, Santiago de Compostela ou a Terra Santa), mas abrange qualquer lugar onde se encontrem homens. E ao contrário dos cruzados, propõe a paz e o diálogo em detrimento da imposição, da força e da guerra santa. Célebre é a passagem da vida do santo em que prega ao sultão dos sarracenos, convidando-o à conversão. “E o sultão, vendo no homem de Deus o admirável fervor de espírito e a virtude, ouvia-o com prazer [...]” (LM 9 *in* TEIXEIRA, 2008, p.613).

Antes de sua conversão, Francisco nutriu o desejo pelas glórias militares. Aspirava à nobreza, sonhava em ser cavaleiro, e ter seus feitos reconhecidos em todas as partes. Neste sentido, já se observa no santo um sentido de mobilidade: o de deixar sua terra, realizar conquistas militares no mundo e se tornar um príncipe, “Sei que hei de ser um grande príncipe” (LTC 5 *in* TEIXEIRA, 2008, p.793). Empreendeu uma viagem a Apúlia, pouco antes de sua conversão, em busca dessas realizações.

Teria dito a seus companheiros de prisão durante a guerra contra Perúgia uma frase com contornos proféticos: “Que pensas de mim? Ainda serei venerado por todo o mundo.” (LTC 4 *in* TEIXEIRA, 2008, p.792). De fato, Francisco e seus companheiros se lançaram a conquista do mundo não pela guerra, mas ao assumirem a missão de propagar o Evangelho.

O fato de os irmãos da fraternidade franciscana primitiva desprezarem as posses materiais e não se fixarem em conventos próprios, os tornam ainda mais móveis. Como aponta Le Goff há uma relação entre a ausência material e a mobilidade e “no momento em que viajantes e peregrinos se enchem de bagagem [...] tanto o espírito de cruzada quanto o gosto pela viagem estavam enfraquecidos, a sociedade medieval torna-se sedentária” (LE GOFF, 2005, p.128).

Sem raízes, propriedades ou casas, e sem levar “ouro, prata ou dinheiro [...] [nem] bolsa, nem alforje nem pão nem bastão pelo caminho nem ter calçados nem duas túnicas” (1Cel 22 *in* TEIXEIRA, 2008, p.212), os primeiros frades menores são livres para seguirem uma vida itinerante portando apenas da palavra de Deus, ainda que essa errância original seja logo depois substituída pela necessidade de fixação.

O espaço de atuação de Francisco e seus irmãos, portanto, não é somente a cidade, mas também os caminhos entre as cidades, entre as terras distantes, o mundo. Como afirma Le Goff: “Os Franciscanos estão na maior parte do tempo *in via*, na estrada” (2011, p.189). O santo e seus companheiros empreendem missões inicialmente na Itália, mas também chegam a diversos lugares além-Alpes e além-mar, terras cristãs e de infiéis. Outra característica da itinerância franciscana primitiva engloba o fato de ela nunca ser solitária, mas dois a dois.

Então Frei Bernardo, juntamente com Frei Egídio, tomou o caminho de Santiago [de Compostela], e São Francisco escolheu outra direção do mundo com um companheiro, e os outros quatro, caminhando dois a dois, tomaram as direções restantes (1Cel 30 *in* TEIXEIRA, 2008, p.217).

A Regra Bulada³⁵ de 1223 apresenta orientações sobre a forma que os irmãos devem agir ao pregar pelo mundo:

[...] quando vão pelo mundo, não discutam nem alterquem com palavras nem julguem os outros; mas sejam mansos, pacíficos e modestos, brandos e humildes, falando a todos honestamente, como convém. E não devem andar a cavalo, a não ser que sejam obrigados por manifesta necessidade ou por enfermidade. Em qualquer casa que entrarem, digam primeiramente: Paz a esta casa (RB 3 *in* TEIXEIRA, 2008, p.160).

Ao reprimir a disputa com palavras e o julgamento das pessoas durante a missão, a regra franciscana para os trabalhos no mundo adquire um caráter de tolerância e compreensão para com o povo a ser evangelizado. Aos serem mansos, modestos e humildes, recusando a imposição da fé cristã, mas se abrindo ao diálogo, os frades menores se mostravam sensíveis ao outro, ao diferente, ao particular. Neste aspecto, a atitude pacífica da fraternidade se afirma e se concretiza quando a Regra pede que em todas as casas em que entrem, os irmãos levem e desejem a paz. Eles não impunham, mas anunciavam o Evangelho.

A itinerância franciscana também não deve ser isenta de esforço e sofrimento físico. Assim como os peregrinos medievais que, como ato de penitência, enfrentam percalços nas estradas e provações ao corpo ao se deslocarem para os lugares sagrados como diz Michel Sot (2002, p.353), os frades menores também deveriam ser penitentes e agregar provações físicas ao seu caminho. A recomendação da Regra de que não se deve andar a cavalo parece traduzir essa necessidade de sacrifício do corpo para obtenção da cura da alma. O santo, por exemplo, só se deixou amparar por um burrinho quando o corpo já padecia com a doença.

Também amava tanto a salvação das almas e tinha tão grande sede do bem do próximo que, como não podia andar, percorria as terras transportado, por um burrinho (1Cel 98 *in* TEIXEIRA, 2008, p.265).

Francisco empreendeu enormes esforços físicos em nome da abrangência de sua missão, percorrendo grandes distâncias, visitando o maior número possível de cidades, em prejuízo do repouso do corpo, como relata os textos de Tomás de Celano.

³⁵ A Regra definitiva da Ordem (Regra bulada) foi escrita por Francisco em 1223 e aprovada pelo papa Honório III em 29 de novembro do mesmo ano. Consistiu em uma adaptação da Regra de 1221 (Regra não-bulada) menos lírica, mais jurídica e provavelmente influenciada por pressões externas. A primeira Regra da Ordem composta basicamente por passagens do Evangelho foi perdida e aprovada apenas oralmente pelo papa Inocêncio III em 1210.

Pois, pelo período de dezoito anos que então se tinha completado, mal ou nunca seu corpo tivera repouso, percorrendo várias e longuíssimas regiões, para em toda parte espalhar as sementes da palavra de Deus [...]. Enchia toda a terra com o Evangelho de Cristo, de modo que em um só dia, muitas vezes, percorria quatro ou cinco aldeias ou até cidades, anunciando a cada uma o reino de Deus [...] (1Cel 97 *in* TEIXEIRA, 2008, p.264).

A questão do sacrifício ainda estava presente na vida apostólica de São Francisco pelo desejo do martírio, provavelmente inspirado pelo sacrifício do próprio Cristo. “No sexto ano de sua conversão, inflamando-se sobremaneira pelo desejo do martírio, quis atravessar o mar até às regiões da Síria para pregar a fé cristã e a penitência aos sarracenos e a outros infiéis” (1Cel 55 *in* TEIXEIRA, 2008, p.235).

De acordo com a Legenda Maior de São Boaventura (LM 10 *in* TEIXEIRA, 2008, p.611), teria proposto ao sultão dos sarracenos, que mandasse acender um grande fogo, no qual ele entraria, e se saísse ileso, o sultão deveria prometer que ele e seu povo se converteriam à fé cristã. A ideia não foi acatada, mas se observa no santo o ideal de sua luta. Em 1220, alguns de seus irmãos serão martirizados no Marrocos.

A itinerância primitiva dos primeiros irmãos logo será colocada a prova. Muitos encontraram dificuldades em regiões fora da Itália por não terem seu estilo de vida ainda reconhecido por clérigos e leigos:

[...] os irmãos foram constrangidos a fugir de diversas províncias, e assim, angustiados e aflitos, como também espoliados e açoitados por ladrões, regressaram ao bem-aventurado Francisco com grande amargura. Sofreram essas coisas quase em todas as regiões ultramontanas, como na Alemanha, na Hungria e em muitas outras. (LTC 62 *in* TEIXEIRA, 2008, p.832).

Como se viu, ainda durante a vida de Francisco e acentuando-se depois de sua morte, a Ordem Franciscana enfrenta divergências entre os membros que posteriormente se dividem entre os partidários da observância irrestrita da Regra e os adeptos a uma vida amparada pela segurança das casas.

Apesar disso, o caráter itinerante da Ordem permanecerá guiando o apostolado dos frades menores, porém, os territórios alcançados serão marcados pela construção de conventos, que fixarão os frades nas cidades, conferindo uma maior estabilidade para a vida errante nas estradas.

2.3. A expansão da Ordem: Europa, América e Brasil

A ideia de levar o Evangelho para diversas regiões permanece conduzindo a missão, porém agora amparada pela segurança de uma casa. Assim, a itinerância também se concretizou através da edificação de conventos. A abrangência da ação dos frades menores contribuirá para que logo se forme uma rede urbana de conventos que atingirá toda Europa, e que incluirá a atuação de outras ordens, como os dominicanos. Wolfgang Braunfels destaca esse domínio: “Soon there was both a Franciscan and a Dominican friary in nearly every town”³⁶ (BRAUNFELS, 1972, p.129).

Em estudo acerca da atuação e arquitetura das ordens mendicantes na Europa, Wolfgang Schenkluhn (2003, p.10) coloca os frades menores em vantagem se comparado aos frades pregadores em relação à abrangência de seus conventos. O autor traz um mapa em que estão alocados os conventos franciscanos na Europa em torno do ano de 1300. Cabe ressaltar que existiu uma dificuldade em acessar bibliografia acerca do processo de itinerância da Ordem Franciscana na Europa, que em muito se deveu à escassa quantidade de material existente sobre a temática. O mapa trazido por Schenkluhn, no entanto, oferece algumas pistas sobre esse processo.

A península itálica é certamente a área de grande concentração das casas da Ordem, principalmente em sua área central, região onde se localiza Assis, mas a itinerância franciscana levou os frades menores a instalarem conventos em praticamente toda a Europa já no final do século XIII. A região central da Europa, onde se localizam as atuais França e Alemanha já apresentavam um grande número de casas neste período, quando a Ordem também alcançou, mesmo que em menor número de residências, a Península Ibérica e a Grã-Bretanha. De forma mais esparsa, os franciscanos alcançaram a Escandinávia, Polônia, República Tcheca, Hungria, chegando ainda nas atuais Grécia, Ucrânia, Chipre e Turquia que já contavam com conventos pouco mais de 70 anos depois da morte de Francisco.

³⁶ Logo existia tanto um convento franciscano quanto um dominicano em quase todas as cidades. Tradução da autora.

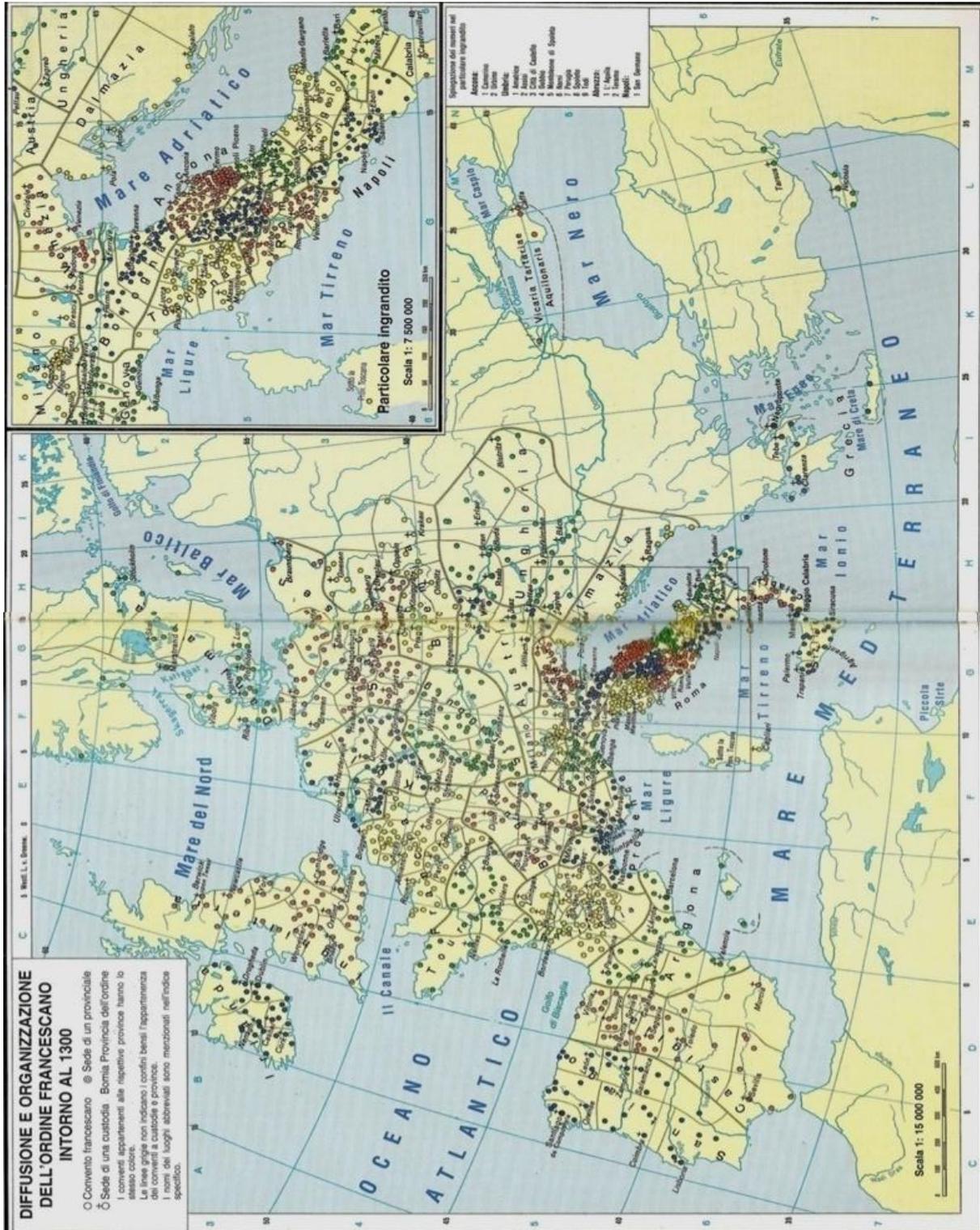


Imagem 53 - Difusão e organização da Ordem Franciscana em torno do ano 1300.
 Fonte: SCHENKLUHN, 2003.



Imagem 54 - Difusão e organização da Ordem Dominicana em torno do ano 1300.
 Fonte: SCHENKLUHN, 2003.

O estabelecimento dos frades em conventos em várias cidades da Europa medieval, não atendeu apenas as necessidades dos segmentos de irmãos que almejavam seguir um modelo religioso mais regulamentado e seguro, mas também condizia com as intenções da Igreja que desejava solidificar e ampliar as fronteiras da cristandade. Georges Duby afirmou: “Fixaram-se os Franciscanos nos conventos, foram desviados da vagabundagem lírica que primeiro conduziu a sua marcha entre as suavidades dos campos da Úmbria” (1993, p.143).

Ao solidificar sua implantação no território europeu, de certa forma, a liberdade que caracterizava a fraternidade franciscana primitiva estava ameaçada. A casa ou convento pressupunha proteção ou segurança, e aprisionava o frade a um suporte material, diferente da volatilidade da vida itinerante sujeita aos percalços das estradas, às provações e ao mundo instável. Mas quando o homem europeu passa a extrapolar as fronteiras européias em busca de novos caminhos ou novos mundos através das grandes navegações, um novo caminho se abre para o exercício da itinerância franciscana e para o desejo de evangelização de povos em lugares incertos e distantes.

Quando Jacques Le Goff fala sobre as causas que fazem com que a floresta, o mar e a estrada comovam o homem medieval, ele coloca os símbolos que estes elementos representam: “A floresta evoca as trevas ou [...] as ilusões do século, o mar é o mundo e suas tentações, e a estrada é a busca e a peregrinação.” (LE GOFF, 2005, p. 131). Uma vez que o mar assume a metáfora do mundo, não é de se estranhar que a Ordem Franciscana, desde sua origem vinculada aos problemas, necessidades e realidades do mundo, tenha se lançado às incertezas dos mares juntamente com navegadores, exploradores e aventureiros quinhentistas na busca de alcançar novos territórios para sua missão, mesmo que aspectos políticos também tenham contribuído para esta mobilidade rumo a novas terras.

Na verdade, quando o homem medieval se coloca a caminho, seja nas florestas, estradas ou mares, seja através dos comerciantes, cruzados, peregrinos e dos próprios franciscanos itinerantes, a obscuridade do mundo fantástico vai cedendo lugar para a natureza concreta e tangível, para um mundo real, permitindo que sua exploração pudesse ser almejada.

O pensamento novo fazia recuar a fábula, o fantástico dos bestiários, todas as maravilhas inventadas. Quando os cruzados, os mercadores e os missionários partiam a explorar regiões desconhecidas, ele dissipava as brumas e os fantasmas, substituía por animais vivos os monstros que ainda não há muito tempo os heróis dos romances corteses encontravam no caminho de sua errância, e pelas folhas que todos podem ver na floresta, a flora visionária das iluminuras românicas. (DUBY, 1993, p.149)

A própria atitude de Francisco de aproximação com a natureza, reconhecendo sua beleza e função através do Cântico das Criaturas, buscando uma relação fraterna com seus elementos e reconciliando o homem com o universo material - como pode ser notado na

famosa e emblemática passagem dos Fioretti sobre o lobo de Gúbio³⁷ - está de acordo com a gradativa eliminação do temor do homem da Baixa Idade Média sobre o mundo, aproximando-o das realidades concretas.

Esse novo espírito, com características franciscanas, bem como os avanços técnico-científicos, a busca por novas rotas comerciais para o Oriente, o impulso dado pelos recém-criados Estados Nacionais e também o trabalho missionário de propagação da fé cristã e conversão dos povos não-católicos, lança aos mares as grandes navegações européias principalmente a partir do século XV. E a presença franciscana é comumente associada a esses empreendimentos.

O franciscano Frei Juan Perez, residente no convento espanhol de Santa Maria de La Rábida, abrigou na casa por seis meses Cristóvão Colombo, a quem serviu de conselheiro e animador, recomendando o genovês à Coroa espanhola e apoiando seu sonho de empreender navegações em busca de novos territórios (SCHMITT, 1991, p.13). O “descobridor” das Américas foi, então, impulsionado por um religioso de São Francisco.

Também é conhecido que a primeira Missa celebrada em terras brasileiras foi conduzida por um frade franciscano, Frei Henrique de Coimbra, pertencente a um grupo de mais sete seráficos (JABOATAM, 1859, v.II, p.7) presentes na esquadra de Pedro Álvares Cabral a qual em 1500 rumava para o Oriente. Frei Jaboatão³⁸ relata apologeticamente que a conquista das terras brasileiras foi feita por parte do monarca português através de Cabral e por parte do Céu, pelos franciscanos (JABOATAM, 1859, v.II, p.9).

O ânimo missionário franciscano em levar o Evangelho aos povos não cristãos pôde ser visto nas terras brasileiras desde os primeiros anos do século XVI, quando a ocupação portuguesa do novo território ainda era incipiente. Não apenas frades portugueses, mas também espanhóis e italianos se aventuraram em penetrar o mundo desconhecido das florestas virgens e dos interiores da colônia na busca da catequização dos indígenas. Voltando à metáfora de Le Goff, o Brasil era a própria floresta que seduzia pelas suas ilusões e encantos, mas ao mesmo tempo repelia por representar as trevas, os perigos e incertezas. Estas que muitas vezes eram almeçadas pelos filhos de Francisco que buscavam agregar inseguranças à sua missão, seguindo o pensamento do fundador da Ordem.

³⁷ A história do lobo de Gúbio trazida pelos Fioretti relata que em certo tempo apareceu na cidade Gúbio um feroz lobo que devorava homens e animais, provocando grande medo nos habitantes do local, que não tinham até mesmo coragem de sair da cidade. Compadecido pela situação, São Francisco vai até o lugar onde se encontrava o lobo, e se utilizando do diálogo, faz com que o animal prometa que nunca mais voltará a fazer mal algum. Estabelecida a paz, o lobo é acolhido pela cidade de Gúbio, passa a andar pelas casas com mansidão, onde é alimentado pelos cidadãos que vêm nele a santidade de Francisco. (Fior 21 in TEIXEIRA, 2008, p.1525).

³⁸ Frei Antônio de Santa Maria Jaboatam foi nomeado cronista da Província de Santo Antônio em 1755, percorrendo as casas franciscanas e reunindo material para a elaboração de sua famosa crônica: *Novo Orbe Seráfico Brasilico ou Crônica dos Frades Menores da Província do Brasil*, publicada inicialmente em Lisboa no ano de 1761 (WILLEKE, 1977, p.92).

Muitas vezes os frades evangelizadores alcançam o martírio tão almejado por Francisco, como acontece com o segundo grupo de missionários que chega à região de Porto Seguro por volta de 1516 e sofrem um massacre promovido pelos Tupiniquim (WILLEKE, 1978, p.18). Por outro lado, não é raro os autores se reportarem a uma aproximação existente entre franciscanos e indígenas.

Jaboatão coloca a pobreza, compartilhada entre o carisma franciscano e os indígenas desprezadores das riquezas do Brasil (como o ouro, a prata e pedras preciosas), como um dos pontos que o aproximavam, levando os nativos a se reconhecerem nos seráficos, que ganhavam sua preferência em relação a outros missionários.

[...] que melhor pregador para um pobre, que outro pobre, e que mais eficaz atrativo para arrastar a uns homens nus de todos os bens da natureza, como era o Gentio do Brasil, do que uns homens despidos, e desapossados de todos os interesses do mundo como os Filhos de Francisco: o mesmo Gentio o manifestava assim quando já para sua doutrina concorriam também outros Evangélicos Operários, abandonando-se destes para os nosso, e confessavam que os movia, e arrastava a este excesso a grande inclinação, que nos tinham, pelo desapego, que em todos viam, de bens da terra, e cuidados de temporalidades, que tanto se coadunava com o seu próprio gênio [...] (JABOATAM, 1859, v.II, p.11).

Frei Basílio Röwer destaca a utilização pelos franciscanos, principalmente no sul da colônia até o final do século XVII, do sistema de missões volantes, no qual os frades “doutrinavam o gentio no seu próprio habitat e demoravam-se o tempo que fosse necessário” (RÖWER, 1957, p.42). Esse princípio de certa forma converge para a mansidão e não confronto que pede a Regra de São Francisco, além de exigir a mobilidade típica dos religiosos seráficos.

Uma das missões mais efetivas do Brasil quinhentista teve a participação de franciscanos. Liderada pelos frades espanhóis Frei Bernardo de Armenta e Frei Alonso Lebron, naufragos de uma expedição que se dirigia ao Rio da Prata, a missão de Mbyaçá (1538-1547) entre os índios Carijó no atual litoral catarinense progrediu de tal forma em número de convertidos que Frei Bernardo idealizou a colonização do local, solicitando à Coroa Espanhola o envio de camponeses, mantimentos e instrumentos agrícolas. Tentativa malograda visto o desinteresse da Coroa na região (WILLEKE, 1978, p.23), mas que antecipou a participação dos franciscanos como promotores da vida urbana colonial.

É certo que a vinda de missionários ao Brasil integrava um plano maior da Coroa Portuguesa em “em dilatar a fé e o império” (WILLEKE, 1978, p.15), mas o Novo Mundo e suas incertezas também deveriam parecer promissores aos olhos dos missionários. Talvez o desejo franciscano por esse mundo, em especial o Brasil, também se situe na ideia que se faz dele como um paraíso. É possível que os viajantes do século XVI compartilhem a descrição entusiasta que Frei Jaboatão faz no século XVIII sobre as terras brasileiras dos

séculos XVI e XVII, destacando seus aromas, sons, sabores e também a suavidade de seu clima. Em consonância com o espírito franciscano, o cronista louva os elementos naturais da colônia atribuindo-lhes funções: a terra sustenta, as flores divertem os olhos e agradam ao olfato, as aves deleitam a visão, distraem com o canto e satisfazem o paladar, os ares são saudáveis e alegam. Um paraíso ideal não só pela natureza que ostenta, mas sobretudo pelo espírito missionário que alimenta.

O Brasil, porção notável, deliciosa, e rica da grande América. [...] Notável pelas circunstâncias particulares do seu descobrimento, tantos mil anos oculta à notícia dos humanos discursos, e que a julgavam por inabitável, quando era já possuída, e cultivada de tantas, e tão várias Nações de gentes: muito notável pela natureza de seus habitadores, e pelo incerto de sua origem, e muito mais notável pela barbaridade de seus costumes e pela fereza do seu natural. Deliciosa pelo salutar de seus ares, pela frescura de suas viraçoens, pelo benigno de seu clima, e pelo fértil de seu terreno, [...], dá tudo o que conduz, não só para a sustentação precisa da vida humana, também para o seu melhor regalo com menos fadiga, e trabalho de seus Naturais, do que o que para isso põe as mais gentes: porque a fertilidade da terra tem o cuidado de produzir, e dar por si mesma o necessário para a conversão dos que nela vivem. Rica pelos infinitos tesouros de ouro, prata, pedras preciosas, e outras várias drogas de estimável preço e apetecido custo. [...] Já matizada de tão alegres, e distintas flores, que sem mais cuidado para o seu cultivo, que o da natureza, e do tempo, umas só servem de divertimento ao inquieto dos olhos, outras também dão que sentir ao delicado do olfato; já povoada de volantes aves, umas que recreiam a vista com o vario, e lustroso das penas, outras, que satisfazem o gosto com saboroso, e desenfastiado das carnes; muitas, que divertem o humano com o suave canto, e algumas, que imitam o racional com parleiro das vozes. [...] Tão aromáticas as suas plantas, que podem emprestar excessos aos bálsamos da Arábia, e aos aromas de todo o Orbe. Um terreno fértil, um clima salutar, uns ares alegres, uns céus propícios, e um novo Mundo, em que parece quis emendar nele o seu Autor alguns avessos do tempo, e dos Astros do Mundo antigo; porque aqui fala o dia, e corre igualmente a noite; a viração tempera o calor, o Inverno não resfria, nem o Verão abrasa. Um novo Mundo em fim, e uma tão bem disposta Estação para viver o homem, que não merecia muita censura, quem quisesse plantar nela o Paraíso terreal, ou ao menos descrevê-la com as excelências, e prerrogativas de um terreal Paraíso. (JABOATAM, 1859, v.II, p.3, 5,6).

Assim como ocorre nos primeiros anos de existência da Ordem, as missões logo deram lugar ao estabelecimento de casas. O Brasil colonial sente a necessidade de fixar seus religiosos seráficos em conventos localizados junto às primeiras vilas e cidades da colônia. Não que o período dedicado às missões e aos aldeamentos sejam encerrados, já que perdurarão durante todo o período colonial chegando também aos séculos XIX e XX e aos dias atuais, mas os franciscanos logo ganham a segurança oferecida pelos edifícios instalados nos principais núcleos urbanos.

Interesses políticos da Coroa, dentre outros fatores, incentivaram a fixação definitiva da Ordem Franciscana no país, já que “em fins do século XVI, a situação do Brasil-colônia reclamava a ocupação e fortificação do litoral, porque negociantes franceses, ingleses e

holandeses invadiam o país, instigando os índios contra Portugal e ameaçando a existência da colônia” (WILLEKE, 1978, p.29).

O processo de instalação dos frades também se iniciava por pequenos recolhimentos segundo atesta a crônica de Frei Jaboatão. Teria partido do Governador da capitania de Pernambuco, Jorge de Albuquerque Coelho o pedido para construção de um convento em Olinda. Assim, em 1584 é fundada a Custódia de Santo Antônio do Brasil, estabelecendo definitivamente a presença franciscana no país (WILLEKE, 1977, p.40).

É verdade também que muito dessa demanda partia da própria população da colônia que solicitava a implantação de conventos para a assistência espiritual dos colonos e realizava a doação de terrenos para os religiosos, como é o caso da Vila de Olinda que recebeu a primeira casa seráfica do país em 1585, nas palavras e interpretação de Jaboatão: “[...] pelos grandes desejos que tinham os seus moradores de enobrecer a sua nova povoação com uma casa de Religiosos Seráficos, lhe ofereciam fazer, sendo a principal neste empenho uma devota mulher, chamada Maria da Roza [...]” (JABOATAM, 1859, v.II, p. 135).

Jaboatão também coloca que a notícia da instalação dos frades menores em Pernambuco chegou à outras localidades, como a Bahia, o que também despertou o interesse da capital da colônia:

Foi a Bahia a primeira, que se deu por avisada das suas luzes [dos franciscanos], movida das suas vozes e sentida da sua suavidade. [...] Logo que naquela Metrópole chegou a notícia de que em Pernambuco se achavam Religiosos Menores a fundar conventos, e que já em Olinda tinham um, e da boa aceitação em que estavam de todo o Povo, despacharam os da Bahia seus Procuradores com cartas do Bispo e Câmara para o P. Custodio Fr. Melchior, convidando-o para que fosse ou mandasse religiosos à sua cidade ao mesmo efeito, oferecendo cada um da sua parte todo o favor, ajuda e socorro que necessário fosse (JABOATAM, 1980, v.I, p. 42).

Assim como ocorreu na Europa, a itinerância franciscana no Brasil se materializou no território sob a forma de conventos. Ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII um total de 28 conventos franciscanos foram erguidos em algumas das principais vilas e cidades da colônia, como Salvador, Olinda e Rio de Janeiro, atingindo também localidades promissoras, mas que aos olhos de hoje apresentam importância reduzida como o longínquo povoado de Paraguaçu, na Bahia.

A edificação das casas se iniciou em Olinda e se espalhou pela costa, se concentrado no litoral brasileiro, principal região abrangida pela colonização portuguesa, distribuídos em 15³⁹ conventos erguidos na atual região Nordeste do país, e 13 situados no

³⁹ Além dos 14 conventos nordestinos visitados e anteriormente mencionados, aqui foi contabilizado o Hospício de Boa Viagem, pequena residência localizada em Salvador e erguida no início do século XVIII que comumente é excluído dos levantamentos das casas seráficas.

Sudeste. As seguintes tabelas apresentam as listagens casas seráficas coloniais brasileiras e suas respectivas datas de fundação, com base nos dados extraídos em JABOATAM (1980) e RÖWER (1957).

Tabela 1 - Conventos franciscanos coloniais do Nordeste

CONVENTOS FRANCISCANOS DO NORDESTE- CONSTRUÍDOS NOS SÉCULOS XVI , XVII, XVIII			
	CIDADE/ESTADO	NOME	FUNDAÇÃO
1	Olinda/PE	Nossa Senhora das Neves	1585
2	Salvador/BA	São Francisco	1587
3	Igarassu/PE	Santo Antônio	1588
4	João Pessoa/PB	Santo Antônio	1589
5	Recife/PE	Santo Antônio	1606
6	Ipojuca/PE	Santo Antônio	1606
7	São Francisco do Conde/BA	Santo Antônio	1629
8	Sirinhaém/PE	São Francisco	1630
9	Paudalho/PE	Mosteirinho de São Francisco	1635
10	Cairu/BA	Santo Antônio	1650
11	Cachoeira/BA (Paraguaçu)	Santo Antônio	1658
12	Penedo/AL	Nossa Senhora dos Anjos	1660
13	Marechal Deodoro/AL	Santa Maria Madalena	1660
14	São Cristóvão/SE	Convento de Santa Cruz	1693
15	Salvador/Bahia	Hospício de Boa Viagem	1710

Fonte: Autora, 2014. Dados extraídos em JABOATAM, 1980.

Tabela 2 - Conventos franciscanos coloniais do Sudeste

CONVENTOS FRANCISCANOS DO SUDESTE- CONSTRUÍDOS NOS SÉCULOS XVI, XVII, XVIII			
	CIDADE/ESTADO	NOME	FUNDAÇÃO
1	Vitória/ES	São Francisco	1591
2	Rio de Janeiro/RJ	Santo Antônio	1608
3	São Paulo/SP	São Francisco	1639
4	Santos/SP	Santo Antônio do Valongo	1639
5	Itaboraí/RJ	São Boaventura de Macacu	1649
6	Vila Velha/ES	Nossa Senhora da Penha	1650
7	Angra dos Reis/RJ	São Bernardino de Sena	1650
8	Itanhaém/SP	Nossa Senhora da Conceição	1654
9	São Sebastião/SP	Nossa Senhora do Amparo	1658
10	Taubaté/SP	Santa Clara	1674
11	Cabo Frio/RJ	Nossa Senhora dos Anjos	1684
12	Itu/SP	São Luís de Tolosa	1691
13	Ilha do Bom Jesus/RJ	Bom Jesus da Coluna	1705

Fonte: Autora, 2014. Dados extraídos em RÖWER, 1957.



Imagem 56 - Fachadas dos 14 conventos formadores da “Escola Franciscana do Nordeste” erguidos entre os séculos XVI e XVII. Na imagem tem-se os conventos localizados nas cidades de Igarassu (PE), Marechal Deodoro (AL), Povoado de Paraguaçu-Cachoeira (BA), Olinda (PE), Penedo (AL), João Pessoa (PB), Pau d’Alho (PE), Cairu (BA), São Francisco do Conde (BA), São Cristóvão (SE) e Sirinhaém (PE), respectivamente.
 Fonte: Fotos da autora, 2009 e 2010.



Imagem 57 - Fachada de quatro conventos coloniais do Sudeste do Brasil visitados pela autora. Na imagem tem-se os conventos localizados nas cidades do Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP), Vitória (ES) e Vila Velha (ES), respectivamente.
 Fonte: Fotos da autora, 2010, 2012, 2013 e 2013.

O estabelecimento das casas franciscanas no território brasileiro durante o período colonial acompanhou o desenvolvimento das próprias vilas e cidades que encontravam nos edifícios seráficos não apenas suporte religioso, também cumprindo uma forte função urbana ao oferecer serviços como escola, hospital, albergue para peregrinos, ou abrigando a população em tempos de guerra. Assim, os dois elementos no Brasil, convento e cidade, estabelecem uma relação estreita e de dependência, já que crescem e se solidificam juntos na ainda incipiente cidade colonial.

No geral, essas casas se inserem próximos a recursos hídricos e englobavam porções de áreas verdes denominadas cercas que atendiam as demandas operacionais das construções, a exemplo da alimentação dos frades. O desenho urbano das antigas vilas várias vezes era influenciado pelo posicionamento dos edifícios conventuais na primitiva malha urbana, por vezes funcionavam, por exemplo, como pontos de convergência das primeiras vias ou doavam áreas livres para o espaço citadino através dos adros, grandes espaços livres defronte as igrejas conventuais.

Em vilas e cidades ainda acanhadas, eram – e em muitos casos ainda são – as edificações mais imponentes em termos de tamanho e estrutura dos núcleos urbanos e muitas vezes os principais resquícios do Brasil colonial que ainda permanecem nas cidades contemporâneas. Em muitos casos enquadram paisagens ainda muito próximas à ambiência do Brasil seiscentista ou ocupando ainda grandes áreas da área urbana; em outros, disputam espaço com elementos da paisagem contemporânea, ou até são sufocados pelo crescimento das cidades.

No que se refere à materialidade desses edifícios, esta também aponta para aproximações e distanciamentos no que se refere à proposta idealizada por Francisco de Assis. Os grandes e imponentes espaços, e até mesmo a exuberância dos elementos decorativos que compõem ambientes litúrgicos, como igreja, sacristia e sala do capítulo⁴⁰, com sua rica talha dourada e rebuscados trabalhos de cantaria, soam de certa forma supérfluas para a humildade própria do santo. Por outro lado, a escala humana das pequenas celas, a sobriedade do refeitório e cozinha, o piso simples do prédio e a geometria visualmente limpa e definida do claustro apontam para a simplicidade seráfica.

⁴⁰ A sala do capítulo é considerada por Braunfels (1993) como o segundo ambiente mais importante do monastério, por guardar o livro de Regras da Ordem. Neste espaço são realizadas reuniões e tomadas de decisões importantes para o convento, além da leitura da própria Regra. Os antigos conventos coloniais brasileiros contam com este ambiente, porém, atualmente em várias casas seráficas construídas nos séculos XVI e XVII visitadas, seu uso se encontra reduzido a uma capela.



Imagens 58, 59, 60 - Interior da igreja conventual de Salvador; sala do capítulo do convento de Olinda; sacristia do convento de Igarassu. Fonte: Autora, 2009; 2010; 2010.



Imagens 61, 62 e 63 - Claustro do convento de Marechal Deodoro; refeitório do convento de Cairu; cela do convento de Salvador. Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisas Estudos da Paisagem; autora, 2009; Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2009.

A primeira expansão franciscana no Brasil, que se materializou no território sob a forma de conventos erguidos no litoral, perdurou até o século XVIII, período que representou o apogeu da atividade seráfica no país, quando as duas províncias brasileiras contavam cada uma com quase 500 frades (WILLEKE, 1977, p.135), mas também o início da decadência das ordens religiosas. Esse processo ocorreu de forma similar na Europa e adveio principalmente da propagação do Iluminismo.

A influência do iluminismo em Portugal, representada pela figura de Marquês de Pombal, ministro do Rei José I, implementou uma série de medidas anti-clericais em Portugal e suas colônias. Dentre suas ações destacam-se o desenvolvimento de uma educação apartada da Igreja e a proibição da entrada de noviços nas ordens religiosas sem a permissão do governo no ano de 1764⁴¹ (TEVES, 1967, p.6).

O contexto sócio-político do mundo no século XIX, marcado pelo positivismo, maçonaria e liberalismo, continua a contribuir para a decadência da vida religiosa. Em 1855, com o Brasil já independente de Portugal, D. Pedro II retoma as medidas de Pombal e suprime as ordens religiosas, fechando mais uma vez os noviciados nos conventos (WILLEKE, 1977, p.135). A decadência dos costumes e da disciplina dentro do ambiente religioso também contribuíram para o processo de esvaziamento das casas franciscanas. O

⁴¹ O franciscano alemão Frei Matias Teves ainda coloca que todos os pedidos feitos pela Província ao Governo para entrada de religiosos foram negados, só sendo permitida a entrada novos religiosos, mesmo que em menor número e de forma irregular, após o afastamento de Marquês de Pombal (TEVES, 1967, p.6).

cronista do convento de Penedo (AL)⁴², décadas mais tarde, traz um relato de 1866 de D. Manuel de Medeiros, bispo de Pernambuco, que aborda o afrouxamento das regras claustrais das ordens religiosas brasileiras:

Bem sabemos, Irmãos diletíssimos, quanto tendes concorrido para esse estado, já abandonando as salutares disposições da disciplina monástica, já esquecendo a oração, a penitência e outras práticas que constituem a base essencial das instituições monásticas e que são os princípios geradores da influência que essas instituições exerceram em todos os tempos e poderão ainda exercer nas sociedades modernas.

(...) outra vez o dizemos, que o ar que se respira em vossas habitações não é o mais saudável, não é o ar de santidade; mas também estamos certos de que não é fechando as portas suas à novas vocações, que se conseguirá purificá-lo; porquanto é bem sabido que para restituir-se ao ar alterado em um determinado lugar a sua primitiva pureza, não se devem cerrar as portas, mas sim abri-las, para que pela renovação se torne puro, afastando-se ao mesmo tempo desse lugar as causas determinantes da impuridade. (...) Vossa reforma é de urgência nós o confessamos, a honra do paiz e mais que tudo a causa da religião a reclamam instantaneamente; e por isso fazemos votos ardentes para que brevemente amanheça o dia que deve trazer o sol a esses cubículos há tanto tempo desertos a virtude, a oração e o amor dos estudos a vossos recintos; predicados estes que foram e serão sempre os predicados dos vossos institutos." (Livro das Crônicas de Penedo I, 1903-1930, s/p.).

Com este panorama, a Ordem Franciscana no Brasil se reduzia a poucos representantes e a um conjunto de conventos que tenderiam ao arruinamento ou ao confisco por parte do Governo. Em 1891, o país contava com apenas 10 frades idosos habitando todo o seu território: um religioso pertencente à Província da Imaculada Conceição no convento do Rio de Janeiro e nove frades da Província de Santo Antônio (WILLEKE, 1977, p.135) residentes nas casas de Salvador, Recife, Cairu e São Francisco do Conde⁴³. Portanto, 10 conventos da Província do Nordeste e 12 do sudeste já se encontravam esvaziados.

É nesse contexto que se insere a vinda dos franciscanos da Alemanha ao Brasil. A ideia da vinda de frades estrangeiros ao país partiu do então Ministro da Província de Santo Antônio, Frei Camilo de Lélis, solicitou ao Ministro Geral da Ordem na época, Frei Leonardo Romantino, a vinda de missionários europeus com o pretexto de se catequizar os indígenas

⁴² O material consultado trata-se do Livro das Crônicas de Penedo, uma série de livros manuscritos encontrados na biblioteca do cenóbio de Nossa Senhora dos Anjos que relatam o cotidiano da vida conventual na casa bem como o registro dos sacramentos distribuídos. As crônicas mais antigas consultadas foram escritas ainda no primeiro decênio do século XX já pelos religiosos germânicos.

⁴³ Frei Matias Teves transcreve em sua publicação (TEVES, 1967, p.20) a Ata da sessão quase-capitular realizada em 2 de março de 1893, que pela primeira vez conta com a presença dos frades germânicos e incorpora Frei Amando Bahlmann e Frei Taciano Thesing à Província brasileira. Ao relatar os frades que compareceram e que estiveram ausentes na reunião, além do Ministro Provincial Frei Antônio de São Camilo de Lellis e dos definidores que viviam no convento de Salvador, são mencionados os guardiões dos conventos de Recife, Cairu e da Vila de São Francisco (do Conde), o que nos leva a crer que essas eram as casas ainda habitadas na época.

pertencentes a uma missão da Arquidiocese da Bahia situada em Ilhéus. Dessa forma, o Governo Imperial poderia permitir a entrada de religiosos no país (TEVES, 1967, p.13).

Os primeiros pedidos por missionários se dirigiram às Províncias italianas que negaram assumir a empreitada brasileira. Esta, no entanto, foi aceita em 1889 pela Província alemã da Santa Cruz da Saxônia através de seu Ministro Provincial, Frei Gregório Janknecht, que “havia tempo vinha cogitando de uma ramificação da Província para terras distantes, para atender a quantas vocações lhe vinham chegando. Procurava um campo mais vasto para a ação franciscana” (TEVES, 1967, p.15).

O Brasil que carecia de vocações, mas apresentava território vasto e ainda repleto de áreas virgens a serem exploradas, bem como grandes conventos esvaziados de vida franciscana, parecia ser lugar ideal para as ações de uma Província que florescia em vocações, mas que tivera muito de seu espaço de atuação reduzido durante as perseguições às ordens religiosas que também atingiram a Europa no século XIX⁴⁴.

Assim, a materialidade das casas conventuais coloniais, antes tão essenciais para a vida urbana, se configurava no final do século XIX como um conjunto de ruínas. Esses espaços serão justamente um dos poucos resquícios da Ordem neste período, quando a vida franciscana no país estava sob a ameaça de completa extinção, o que abriu caminho e motivou um novo processo de itinerância de frades estrangeiros para o Brasil.

Chamados, a princípio, para a missão de repovoar e retificar esse conjunto de antigos conventos, como esses religiosos se posicionarão frente a esta arquitetura em ruínas do passado? E como será sua conduta frente ao novo e ao presente, quando constroem eles mesmos sua própria materialidade?

⁴⁴ A província da Saxônia, por exemplo, também passou por um processo de redução de seu quadro de casas conventuais em meados do século XIX. “Dos 18 conventos, 7 residências, 12 colégios e 26 postos missionários entre os protestantes, que a província tinha nos anos 20 (do século XIX), sobraram seis conventos”. (JEILER, 1991, p. 7)

PARTE 2: FRADES ALEMÃES E O BRASIL



PARTE 2:

FRADES ALEMÃES E O BRASIL

Vivendo ainda entre os pecadores, [São Francisco] percorre o universo e prega ao mundo: já reinando com os anjos nas alturas, voa mais rapidamente do que o pensamento como mensageiro do sumo Rei e presta gloriosos benefícios a todos os povos. (1Cel 120 *in* TEIXEIRA, 2008, p.283)

Quando a notícia de uma provável missão no Brasil chegou ao Convento de Werl, escrevi logo ao Pe. Provincial, que ainda estava em Roma, que eu, assim como manifestara a minha prontidão de ir para a China, estava pronto também a ir para as Missões do Brasil. Daí em diante a Filosofia perdeu para mim o grande interesse. Eu me preparava conscienciosamente para as aulas, mas a minha fantasia já estava em terras longínquas. (BAHLMANN, 1995, p.53)¹.

Como se viu, levar o Evangelho a diversas partes do mundo se mostrou como uma das principais preocupações do modelo de vida idealizado por Francisco de Assis. Se ainda em vida, viu sua fraternidade cruzar fronteiras e expandir-se para além da Itália e da própria Europa, após sua morte, sua memória voa sobre terras e mares rapidamente, parafraseando Celano na passagem acima, e seu legado atinge todo o mundo conhecido, também chegando ao mundo até então ignorado.

É verdade que através de sua institucionalização, a Ordem dos Frades Menores se colocou como um instrumento seguro em favor da expansão da Igreja Católica de Roma e das coroas européias, dentre outras motivações, mas não se deve ignorar que a itinerância evangélica está enraizada no carisma franciscano desde a fraternidade primitiva.

Esta mobilidade apostólica também será observada a partir do final do século XIX, quando a Ordem se encontra em declínio e iminente extinção no Brasil, depois de 400 anos de presença, e mais uma vez o espírito missionário moverá grupos de frades em itinerância. Este processo será conduzido por frades da Alemanha que deixam a Europa para iniciar a empreitada de restaurar a vida seráfica no Brasil e procurar novos terrenos de evangelização.

A presença dos franciscanos alemães no Brasil e suas ações, em especial com relação aos espaços edificados e às cidades, serão o principal tema abordado na segunda parte deste trabalho. Questão inédita na bibliografia, essa dissertação, portanto, representa

¹ Relato de Frei Amando Bahlmann, líder da primeira missão de frades alemães que chega ao Brasil em 1891, acerca das notícias sobre uma possível missão brasileira no fim do século XIX.

um esforço inicial em preencher esta lacuna, apresentando também novas questões e subtemáticas que poderão ser contempladas e aprofundadas em pesquisas futuras.

O que moveu a vinda de frades da Alemanha para o Brasil? Como se relacionam com os diferentes espaços encontrados e com a realidade brasileira? Como materializam sua presença nas cidades e diferentes regiões do país e que legado deixam em nosso território? Como atuaram em relação à construção de novos espaços?

Os próximos dois capítulos serão ancorados metodologicamente nas percepções apreendidas durante as visitas realizadas a várias regiões do país e nas fontes escritas e imagéticas encontradas. Como já mencionado na introdução deste trabalho, um extenso conjunto de fontes primárias pôde ser coletado nas bibliotecas e acervos dos conventos, nos arquivos das duas antigas Províncias brasileiras e das cidades visitadas. Apresentaram-se também como importante fonte de pesquisa as coleções “Centenário” e “Cadernos da Restauração” publicadas a partir de 1991 pela Província da Imaculada Conceição e de Santo Antônio, respectivamente, em comemoração aos 100 anos da chegada dos religiosos da Alemanha ao país.

Dentro desse conjunto de cadernos encontrou-se textos dos religiosos que compuseram a primeira expedição missionária alemã ao Brasil, a exemplo do volume 3 da Coleção Centenário intitulado “Viagem ao Brasil e começo da Missão”, de Frei Humberto Themans, que narra com detalhes toda a viagem do primeiro grupo, bem como as primeiras impressões da nova terra e primeiros acontecimentos em solo brasileiro. O volume 11 da mesma coleção chamado Memórias Inacabadas, de Frei Amando Bahlman, traz relatos do frade que guiou os primeiros momentos da “Restauração”, incluindo passagens sobre sua vida na Alemanha, bem como suas ações no Brasil.

Ao longo da escrita dos capítulos, as citações referentes a esses textos utilizarão a data de publicação das coleções mencionadas acima a fim de primar pelo rigor da escrita acadêmica, coloca-se, porém, a ressalva de que os textos foram escritos originalmente nas duas primeiras décadas do século XX².

Ainda sobre as fontes documentais, sentiu-se falta do acesso a alguma documentação que abordasse possíveis regulamentações ou normatizações que guiassem a construção de igrejas e conventos franciscanos no Brasil durante o período da Restauração e nos anos seguintes. Além disso, não foi atestada a existência ou não desses documentos. Sendo assim, a busca por tais fontes será prosseguida em pesquisas futuras.

² O texto de Frei Humberto Themans foi publicado originalmente em alemão – intitulado “Reise nach Brasilien und Anfang der Mission” - na edição de maio de 1926 da revista da Província Imaculada Conceição intitulada Vita Franciscana que pude acessar no Instituto Teológico Franciscano, em Petrópolis (RJ). Quanto ao material de Frei Amando Bahlman, este foi escrito provavelmente entre 1918 e 1919, segundo explica Frei Cláudio Neotti na introdução do 11º volume da Coleção Centenário.

No que se refere às viagens de estudo, além da viagem à Alemanha e as visitas às antigas casas seráficas coloniais - onde se puderam observar as intervenções e reformas dos frades germânicos nestes espaços - um total de 13 cidades e seus conventos, erguidos entre os séculos XIX e XX em diferentes regiões do país, puderam ser visitados e utilizados como fontes materiais para a pesquisa. Buscou-se, quando possível, um convívio e interação maior com os próprios frades residentes e com membros das populações locais, para possibilitar a já mencionada compreensão de elementos intangíveis que movem a formação dos espaços franciscanos conventuais, ou seja, como a espiritualidade franciscana se concretiza nos espaços arquitetônicos e urbanísticos.

Foi visitado em especial, o estado de Santa Catarina, que recebeu as primeiras expedições de germânicos e onde foram construídos os primeiros conventos logo após a Restauração da vida seráfica brasileira. Dentro do próprio estado, os religiosos europeus agiram em diversas regiões, sendo assim, procurou-se visitar cidades e conventos que abrangessem três diferentes áreas – região metropolitana de Florianópolis, Vale do Itajaí e Planalto Catarinense – onde foram percorridos um total de cerca de 700 km.

Cabe aqui destacar que os estudos iniciais mostraram que ação alemã no país não se apresenta de forma homogênea e livre de outras interferências, o que aumenta a complexidade da análise da temática. A presença dos franciscanos germânicos no Brasil se iniciou no século XIX, quando o país recebe mais de uma centena destes religiosos, se estende pelo século XX se misturando às vocações locais que no decorrer dos anos superam o número de seráficos alemães e também passam a guiar as atividades dentro dos conventos e das Províncias. Todavia, ainda hoje, é possível encontrar frades oriundos da Alemanha nos conventos brasileiros. Assim, muitas vezes se torna difícil delimitar a obra de frades alemães, principalmente a partir da metade do século XX, quando religiosos locais novamente atuam nas Províncias, somando-se aos frades estrangeiros.

Além de abranger diferentes períodos de tempo, suas ações contemplam regiões e influências diversas, já que atuaram junto a colônias alemãs e italianas no sul, como também em cidades nordestinas e até mesmo nas florestas amazônicas. A pesquisa ainda revelou que a conduta dos frades estrangeiros variou desde o desejo de se encontrar no país a idealizada “Urwald” (termo usado nos textos dos alemães ao se referirem à floresta virgem) até a aspiração de evangelizar comunidades pobres brasileiras; alternando entre um choque com a realidade local e o interesse pela cultura do país; variando desde a negação da ornamentação em igrejas até a construção de belos templos ou desde certo descaso com elementos artísticos dos conventos antigos até a preocupação com a manutenção funcional dos mesmos.

Este segundo bloco do trabalho será dividido em dois capítulos. O capítulo 3 apresentará brevemente o mundo dos frades alemães, sua mentalidade e motivações que

guiaram suas ações no país, bem como suas primeiras impressões em terras brasileiras. Convém ressaltar que não se pretende aqui se aprofundar na temática da cultura alemã ou realizar caracterizações de uma nação que acabara de se unificar na segunda metade do século XIX – mais precisamente em 1871 com a fundação do II Reich, há apenas 20 anos antes da vinda dos missionários ao Brasil -, mas sim se buscar pistas que ajudem a compreender como os religiosos germânicos materializaram o franciscanismo em território brasileiro, em especial, com relação às categorias espaciais tratadas na parte 1, mas atento a novas atitudes passíveis de serem adotadas em um outro lugar e um outro tempo.

Além disso, este capítulo abordará os conflitos entre os primeiros grupos de frades acerca do trabalho no sul e no nordeste do país, sua relação com a herança franciscana brasileira do passado, representada pelos antigos conventos, e também, discutirá outros momentos desta presença, quando há uma aproximação dos franciscanos alemães com a cultura e realidade do país.

O quarto e último capítulo focará na materialidade construída pelos frades germânicos no país, utilizando como objeto de estudo as casas conventuais erguidas no recorte temporal em questão, como também as cidades que receberam sua ampla influência, alcançando, inclusive, setores essenciais da vida urbana, como a educação, economia e a cultura. Os aspectos relativos ao espaço físico também serão analisados à luz da sua dimensão imaterial, principalmente no que se refere à espiritualidade franciscana abordada na primeira parte da dissertação, buscando se estabelecer possíveis vínculos entre o legado dos frades alemães no Brasil e os princípios básicos do franciscanismo.

3. RUMO AO “NOVO MUNDO”: ESPAÇOS E ALMAS A CONQUISTAR

3.1. Circunstâncias da Ordem na Alemanha

Para compreender o conjunto de ações que os religiosos alemães desempenharam no Brasil, tornou-se necessário buscar pistas que revelassem traços de sua mentalidade e das motivações que guiaram sua vinda ao país. Por que frades germânicos deixariam sua terra natal e cruzariam os mares rumo às terras tropicais brasileiras de realidade incerta? Que frades são esses? Que Alemanha é essa que forneceu missionários para a Restauração da vida franciscana brasileira? Coloca-se aqui a dificuldade existente para responder questões tão amplas, assim, o trabalho alcançará respostas limitadas perante a complexidade da temática.

Sabe-se que uma série de acontecimentos históricos contribuiu para que o século XIX assumisse uma significativa importância para a história da Alemanha. É nesse período que as lutas pela unidade e liberdade dos povos alemães se intensificam, culminando com a formação do Estado Nacional alemão em 1871.

O processo de unificação da Alemanha se deu sob a liderança da Prússia e teve como figura central o chanceler Otto Von Bismarck, cuja política interna ficou conhecida pela industrialização, legislação social e também pela chamada “Kulturkampf”³, que consistiu em “eine weltanschauliche Auseinandersetzung des neu gegründeten Reiches mit der katholischen Kirche, da diese sich nicht in eine ganz und gar vom Staat abhängige Stellung zwingen lassen wollte.”⁴ (GÖSSMANN, 1960, p. 102). Este último aspecto teve impacto, em especial, na vida das ordens religiosas, o que afetou inclusive a Província da Santa Cruz da Saxônia, de onde vieram os frades que repovoaram os conventos franciscanos brasileiros.

Sobre esta Província, as fontes trazem poucos dados acerca de sua conformação. Para se ter uma ideia de sua abrangência geográfica, buscou-se nos relatos dos frades germânicos⁵ referências a conventos, ginásios ou casas pertencentes a ela. Foi citada a sua atuação em cidades localizadas nos atuais estados da Renânia do Norte-Vestfália, Baixa Saxônia, Saxônia-Anhalt e Renânia-Palatinado, bem como em países vizinhos como Holanda e Polônia. Ao pontuar essas cidades em carta que representa a atual conformação da Alemanha, encontra-se uma possível dimensão do espaço territorial abarcado pela Província da Santa Cruz.

³ Em tradução literal significa “luta pela cultura”.

⁴ “Uma confrontação ideológica entre o Império recém fundado e a Igreja Católica, que não queria ser obrigada a ficar em uma posição completamente dependente do Estado” (T.A.).

⁵ Para este levantamento foram utilizados os relatos de Frei Inácio Jailer e Frei Amando Bahlmann.

Tabela 3 - Cidades abrangidas pela Província da Santa Cruz da Saxônia

Atual estado alemão ou país	Cidades
Renânia do Norte-Vestfália	Dorsten, Rietberg, Rheine, Geseke, Warendorf, Vreden, Münster, Paderborn, Wiedenbrück, Werl, Düsseldorf, Mönchengladbach, Bonn, Bielefeld, Colônia
Baixa Saxônia	Vechta
Saxônia-Anhalt	Halberstadt
Renânia	Apollinasrisberg (Remagen)
Holanda	Harreveld, Hardenberg
Polônia	Breslau

Fonte: Autora, 2015.



Imagem 64 - Mapa atual da Alemanha, com marcações em vermelho das cidades abrangidas anteriormente pela Província da Santa Cruz.

Fonte: Extraído de <<http://f.i.uol.com.br/folha/mundo/images/09309551.gif>>. Acesso em Agosto de 2015. Marcações da autora.

No século XIX a província da Santa Cruz estava inserida, portanto, no antigo território da Prússia, e se concentrava principalmente na região da Vestfália, localizada no que hoje é o atual estado da Renânia do Norte-Vestfália. A denominação “Província da

Saxônia” talvez faça referência a questões históricas, já que desde a Idade Média a Vestfália englobava a parte oeste da chamada “Terra dos Saxões” (NEOTTI, 1991, p.12), que abrangia todo o povo saxão, o que inclui os vestfálios. Portanto, frisa-se que a Província em questão englobava em especial o oeste alemão, e não os três estados alemães ainda hoje denominados como Saxônia - apesar de dois deles (Baixa Saxônia e Saxônia-Anhalt) terem possuído uma casa ligada à Província.

Observa-se também que a Província apresentava certa continuidade geográfica, com apenas duas casas fora dos limites que abrangem o oeste alemão e leste holandês, localizando-se em uma das áreas mais desenvolvidas e povoadas da atual Alemanha (região metropolitana do Reno-Ruhr) e que no século XIX foi uma das primeiras regiões a se industrializarem no país devido à existência de reservas de carvão (GÖSSMANN, 1960, p. 104).

Sobre os habitantes da Vestfália, os frades que integraram a primeira expedição missionária ao Brasil declaram o forte vínculo da população com o franciscanismo:

O povo da Westfália tem um grande apego pelos Franciscanos. De boa vontade dão aos Franciscanos de tudo que têm: centeio, batatas, ovos, gado...Lá na Alemanha, os católicos sustentam os Padres com quase tudo que é necessário, de tal forma que eles não têm necessidade de comprar víveres. Em compensação, os Padres também assumem a pregação e sobretudo o Confessionário com grande dedicação (BAHLMANN, 1995, p.51)

Por estar situada dentro do Reino da Prússia, a Província da Saxônia enfrentou as medidas que restringiam as ações das ordens religiosas impostas pelo governo prussiano. Já na primeira metade do século XIX, os conventos das ordens foram supressos e os noviciados fechados. Em sua crônica Frei Inácio Jeiler, religioso que entrou na Província em 1845, descreve inclusive, medidas excêntricas para minimizar a possível ausência dos frades nas cidades:

Num documento, que deve estar no arquivo da Diocese de Paderborn, eu li que o presidente da Westfália Von Vincke fizera à Cúria Diocesana a proposta de se dar a cada irmão leigo, que recolhia mantimentos pelos povoados e casas, um desses sacerdotes sujeitos à penitência (devido a penas canônicas) como acompanhante. Dessa maneira, o povo se haveria de acostumar e daria a esmola mesmo quando não houvesse frade presente. Assim, os frades poderiam ao poucos desaparecer de todo. Respondeu-se que esta proposta era impraticável. (JEILER, 1991, p. 22)

Com o início do reinado de Frederico Guilherme IV as intervenções contrárias às ordens religiosas na Prússia se flexibilizaram e a partir de 1844 puderam voltar a receber noviços. “A descrição da mendicância franciscana pelas vilas e casas, a atividade eficiente também da parte dos irmãos não-sacerdotes contra o comunismo, deve ter interessado ao monarca” (JEILER, 1991, p.26).

Além das questões abordadas acima, os relatos de Frei Jeiler evidenciam, mais uma vez, a mendicância pelas cidades e casas ainda era uma prática recorrente entre os franciscanos da Vestfália no século XIX e uma característica veiculada ao franciscanismo ainda fortemente presente no imaginário da população, que permanecia provendo os religiosos de esmolas e mantimentos.

Com a unificação da Alemanha, a Província da Saxônia enfrenta novas restrições que moldaram até mesmo sua espacialidade. A Prússia, bem como toda a nova nação, sob a liderança de Otto Von Bismarck, implementou uma política de perseguição às ordens religiosas e à Igreja Católica, a já mencionada Kulturkampf, ou seja, a luta da “cultura moderna” contra o catolicismo na Alemanha.

Como descreve Frei Amando Bahlmann em suas memórias, as leis da Kulturkampf não atingiram regiões como o sul da Alemanha, mas se concentraram nos territórios prussianos, onde estava inserida a Província da Saxônia. “[...] não havia mais conventos na Prússia nem na vizinhança. Mas na Baviera havia franciscanos. As leis do Kulturkampf não tinham chegado lá” (BAHLMANN, 1995, p.29). Dentre as medidas anticlericais que foram tomadas nesse contexto, destaca-se a expulsão dos religiosos de todas as Ordens, exceto os que cuidavam dos doentes e a secularização das escolas, afastando-as da influência da Igreja. A Kulturkampf se iniciou em 1871 e terminou, na prática, em 1886, (NEOTTI, 1991, p.9) poucos anos antes da missão brasileira.

No período, a Província da Santa Cruz passou a existir fisicamente fora dos limites do território alemão, em conventos na Holanda, Bélgica e também em uma missão que possuíam nos Estados Unidos, que logo se tornou a Província norte-americana do Sagrado Coração de Jesus. Apenas após o término da Kulturkampf, os religiosos puderam retornar à Alemanha e a Província retomou seu crescimento (NEOTTI, 1991, p.10).

Observa-se então que a Província da Saxônia na ausência de um espaço físico permanente – no caso, o território do oeste alemão – continuou suas atividades religiosas em outras áreas de atuação. Outro aspecto importante é que a missionação em territórios estrangeiros não se apresentava como uma novidade para a Província, já que muito antes da vinda dos germânicos ao Brasil, os religiosos da Saxônia já empreendiam missões nos Estados Unidos, mostrando assim, que sua atuação não se limitou à região da Vestfália e suas proximidades (NEOTTI, 1991, p.8).

As fontes também revelam que diferente do que ocorreu no Brasil - onde não apenas as leis anticlericais, mas também um declínio no número de vocações contribuiu para a decadência conventual – a crise política das ordens religiosas na Alemanha não afetou as vocações. O líder da primeira missão brasileira, Frei Amando Bahlmann revela em suas memórias, que ao chegar ao noviciado, feito enquanto a Província estava exilada na Holanda, encontrou cerca de 20 noviços e que em breve novos aspirantes chegariam

(BAHLMANN, 1995, p.34). E ainda acrescenta: “Mas, coisa admirável, o Noviciado dos Franciscanos estava sempre cheio de noviços [...]” (BAHLMANN, 1995, p.39). Dessa forma, entende-se que se tratava de uma Província que apresentava número considerável de vocações, mas uma configuração espacial instável, pelo menos no período do “Kulturkampf”.

Mesmo após a volta dos religiosos do exílio para o país natal, e se considerarmos a extensão territorial ocupada pela Província da Santa Cruz dentro da Alemanha, nota-se que se trata de um espaço relativamente pequeno. Para uma Ordem cujo carisma, dentre outros aspectos, se pauta na busca em levar o Evangelho para locais diversos, superando fronteiras geográficas e abarcando o maior número de pessoas possível, é provável que sua própria limitação espacial tenha contribuído para que a Província aceitasse a missão em outros países, como os Estados Unidos e o Brasil.

Outras motivações, porém, também podem ser deduzidas através da análise dos escritos. Em vários momentos de sua formação franciscana, Frei Amando Bahlmann relata sua vontade de se aventurar em terras distantes para o exercício da missionação, aspiração que era compartilhada pelos demais frades. O desejo pelo martírio, que comumente aparece nas fontes franciscanas como almejado por São Francisco em suas viagens a territórios longínquos, também parece estar presente nos pensamentos dos frades germânicos do século XIX. Ao descrever momentos de seu noviciado, menciona o líder do primeiro grupo de frades alemães enviados ao Brasil:

A leitura da vida de S.Francisco Solano, grande apóstolo da América do Sul, despertou nos nossos corações grande entusiasmo pela vida apostólica. Naquele tempo chegou a Harreweld um Bispo Franciscano da China, italiano, que pelos discursos aumentou ainda mais o desejo de ir pregar aos infieis. Na nossa ideia já estava próxima a coroa do martírio. (BAHLMANN, 1995, p.36)

Durante a realização de seus estudos superiores, que foram empreendidos na cidade holandesa de Blyerheide⁶, tida pelo religioso como uma região movimentada e industrializada, Bahlmann reafirma o desejo do martírio em lugares remotos:

Naquele tempo, um célebre missionário Franciscano, Pe. Fuchs (suíço), foi bastante maltratado nas missões na China. Anima-nos a apresentar-nos aos Superiores para aquela Missão. Não era tempo ainda, mas o Superior ficou satisfeito (BAHLMANN, 1995, p.36).

E, finalmente, o relato de Frei Amando Bahlmann sobre a notícia de que integraria a missão brasileira, evidencia sua expectativa para com apostolado em outro país, em detrimento, inclusive, dos estudos e aulas de Filosofia que o religioso lecionava no convento

⁶ Os estudos superiores da Província da Saxônia eram concentrados na Holanda, assim como as demais atividades da Província durante o “Kulturkampf” e consistiam em Teologia, Filosofia, Retórica e Poética segundo o próprio Frei Amando Bahlmann (1995, P.36).

de Werl. Mesmo em uma Província que prezava pelo estudo e formação intelectual, possuindo inclusive cátedras nas universidades de Münster e Paderborn (JEILER, 1991, p.21), o desejo pela atividade missionária despertava maior interesse entre os frades, até mesmo por ter uma maior veiculação com o ideal franciscano.

Quando a notícia de uma provável missão no Brasil chegou ao Convento de Werl, escrevi logo ao Pe. Provincial, que ainda estava em Roma, que eu, assim como manifestara a minha prontidão de ir para a China, estava pronto também a ir para as Missões do Brasil. Recebi a resposta gratíssima que eu haveria e estar entre os primeiros que seguiriam para a nova missão. **Daí em diante a Filosofia perdeu para mim o grande interesse. Eu me preparava conscienciosamente para as aulas, mas a minha fantasia já estava em terras longínquas.** [...] Mas não quero me despedir dos alunos de Filosofia sem dizer que eles também criaram grande interesse pelas missões. Efetivamente, dos meus alunos em Werl, 4 foram para o Brasil. Alguns anos depois vieram: Fr. Peregrino⁷, Fr. Fernando, Frei Gabriel e Fr. Solano. (BAHLMANN, 1995, p.53-54. Grifo nosso)

Sobre o local de onde vieram os restauradores, os relatos dos frades consultados não fazem nenhuma referência no que se refere à ambiência e paisagens em que se enquadrava a Província alemã. Mas se sabe que a região em questão coincide com a área de maior industrialização da Alemanha (Vale dos rios Ruhr-Reno), que já no século XIX se tornou uma zona industrial em potencial devido às ricas reservas de carvão mineral existentes na região (GÖSSMANN, 1960, p. 104).

Considerando que os jovens alemães viviam em uma área que cada vez mais se urbanizava e se industrializava, e somado ao fascínio despertado neles pela vida do já citado São Francisco Solano que adentrou as matas selvagens da América do Sul no século XVI buscando catequizar os indígenas, é esperado que suas expectativas sobre o Brasil fossem depositadas no ideal de se encontrar a floresta virgem, a Urwald dos alemães, lugar de contemplação, sacrifício e tentações. Desejo que é relatado por Frei Humberto Themans em sua narrativa:

Unsere erste Niederlassung sollte ja unter den deutschen Kolonisten **in den Urwäldern** sein. [...] Gewiss werden viele der jüngeren Ordensbrüder und Schüler den stillen Wunsch gehegt haben, mit uns reisen zu können, und uns um unser Glück beneidet haben⁸. (THEMANS, 1923, p. 88)

⁷ Frei Peregrino Hillebrand foi o primeiro guardião alemão do convento franciscano de Penedo-AL entre 1904 e 1906, segundos as crônicas da própria casa. Dentre as intervenções realizadas no complexo seráfico penedense, foram de sua responsabilidade a caiação do edifício e restauração de seu telhado, a encomenda de imagens vindas da Alemanha para o altar-mor e a abertura de uma clarabóia na pintura do teto do presbitério. Essas intervenções foram objetos de estudo da autora desta dissertação em seu Trabalho Final de Graduação, que teve como uma das principais fontes de pesquisa o conjunto de manuscritos que compõem as Crônicas do convento de Penedo.

⁸ Nós deveríamos nos estabelecer primeiro nas colônias alemãs em meio à floresta virgem. [...] Certamente muitos jovens confrades e alunos nutriam o silencioso desejo de poder viajar conosco, e invejavam nossa sorte (T.A.).

3.2. Acessando o “Novo Mundo”: primeiros olhares

Um pouco agitados, com o coração batendo, aguardamos o momento quando como primeiros alemães franciscanos pudemos pisar o chão da terra de nossos sonhos. [...] Quase despertei a inveja dos outros de ter sido o primeiro do navio a ter pisado o solo do Brasil. [...] Nós estamos agora em outro mundo. Cada movimento mostra. Nós respiramos outro ar, somos outras pessoas. (THEMANS, 1991, p. 20)

No texto acima, Frei Themans narra com grande expectativa, sua chegada ao Brasil em 1891, momentos antes de desembarcar na Bahia juntamente com mais três confrades. Até 1904 um total de 19 expedições missionárias aportam no território brasileiro (FRAGOSO, 1991, v.5, s./p.)⁹, a maior delas apresentando 49 frades (em 1894), com um total de cerca de 262 religiosos.

Apesar da Missão originalmente ter sido idealizada para atender os apelos da Província de Santo Antônio do Nordeste, o estabelecimento inicial dos religiosos ocorre em Santa Catarina, região de clima mais ameno e onde se instalavam colônias de imigrantes europeus, o que proporcionaria um ambiente mais estável para a aclimação dos primeiros missionários. Nesse sentido, se observa uma mentalidade prática desses religiosos, ao decidirem começar os trabalhos em uma região mais favorável e próxima à sua realidade de mundo, em detrimento do local que provavelmente agregaria mais sacrifícios à missão.

O texto “Unsere erste Niederlassung in Santa Catharina”¹⁰, de autoria indefinida e publicado originalmente em 1926, revela que a sugestão para o estabelecimento dos religiosos primeiramente no sul do país, partiu de um sacerdote alemão que já atuava no estado, e provavelmente já previa dificuldades em uma possível fixação inicial em Salvador, sede da antiga Província.

P. Topp, Pfarrer in Tubarão, schrieb sofort nach seiner Heimat Warendorf und liess die Franziskaner bitten, sich zunächst in Santa Catarina niederzulassen. Dort sei gar keine Gefahr, dass sie verfolgt würden, das Klima sei dort weniger gefährlich als in Bahia; die Ordensleute könnten sich dort erst an das Klima des Landes gewöhnen und die Landessprache erlernen und später, wenn es die Verhältnisse erlaubten, auch die alten Klöster wieder besetzen¹¹. (Revista Vita franciscana, 1926, p.16)

⁹ No quinto volume da coleção “Cadernos da Restauração”, Frei Hugo Fragoso traz sob forma de apêndice a lista com os nomes de todos os religiosos que integraram as expedições missionárias alemãs durante os primeiros anos da “Restauração”.

¹⁰ “Nosso primeiro estabelecimento em Santa Catarina” (tradução da autora). O texto, que foi publicado em alemão na Revista Vita Franciscana de Janeiro de 1926, não traz referência de sua autoria. No entanto, através da análise de seu conteúdo, é possível deduzir que o autor seria um dos frades que integrou uma das duas primeiras expedições ao Brasil e que se estabeleceram na pequena colônia de Teresópolis, Santa Catarina.

¹¹ Padre Topp, sacerdote em Tubarão, escreveu imediatamente para sua cidade natal, Warendorf, e pediu aos franciscanos que se estabelecessem primeiramente em Santa Catarina. Lá não havia nenhum risco de serem perseguidos; o clima era menos rigoroso que na Bahia; em Santa Catarina os frades poderiam primeiro se acostumar ao clima do país e aprender a língua e mais tarde, quando as condições permitissem, também ocupariam os antigos conventos (T.A.).

O historiador catarinense Toni Jochem coloca, no entanto, que já havia uma intenção de que religiosos da Alemanha fossem enviados a Santa Catarina para a evangelização de áreas desprovidas de assistência pastoral, principalmente junto às colônias de imigrantes europeus. O próprio Padre Topp, mencionado na citação acima, foi enviado ao país para suprir essa demanda:

Não podendo mais, sozinho, dar assistência ao curato de Teresópolis e sabendo que era preciso uma organização pastoral que atendesse a todas as áreas carentes do ministério sacerdotal, tratou de encontrar uma forma para preencher os vazios: a vinda de novas Ordens e Congregações religiosas da Alemanha, que depois serão distribuídas por todo o território catarinense (JOCHEM, 1992, p. 167).

Essa conjunção de fatores, portanto, contribuiu para que a Província alemã da Santa Cruz alterasse seus planos e optasse por iniciar sua missão no Brasil a partir do sul do país, para apenas posteriormente retomar o compromisso de restaurar a vida seráfica nos antigos conventos, fato que se concretizou apenas no final de 1892.

Ao longo de sua viagem de navio que os levou à Santa Catarina, o grupo com os quatro primeiros missionários alemães passa por algumas cidades brasileiras, permitindo assim seu primeiro contato com o país, o que despertou reações diversas acerca do espaço que encontravam. A crônica de Frei Humberto Themans, que juntamente com Frei Amado Bahlmann, Frei Xisto Meiwes e Frei Maurício Shmalor integraram a primeira expedição missionária, faz por diversas vezes alusão ao encantamento dos frades frente às paisagens e natureza das terras brasileiras, a exemplo da visão que tiveram do navio ao saírem do Rio de Janeiro:

Cintilantes e brancas reluziam ao longo as muitas igrejas, palacetes e moradias, e fantásticas formas da Serra do Mar formavam o pano de fundo. Com o brilho do sol da manhã, parecia surgir das **ondas do mar**. Aqui e acolá emergiam por entre os edifícios as esguias **palmeiras** reais ou outros grupos de **árvores** e desenhavam um quadro que pensávamos transferidos para o **paraíso**. Principalmente para nós, tudo era **muito belo**. Diante deste aspecto, insinua-se no coração uma alegria que torna fácil ter deixado a pátria. **Indizivelmente belo** é o que aqui se vê. (THEMANS, 1991, p. 25. Grifo nosso.).

Por outro lado, no que se refere aos relatos sobre o interior das cidades propriamente ditas, o texto apresenta uma visão oposta da mesma realidade, referenciando de forma negativa cheiros, barulhos e a imagem das ruas que desagradaram os viajantes europeus. Sobre as cidades de Salvador, Rio de Janeiro e Santos, respectivamente, relata o cronista:

Nas cabeças das negras balançam cestas e outros vasilhames cheios de frutas e doces que oferecem para compra debaixo de **gritaria ensurdecadora**. **Um cheiro abominável** percebemos nas velhas ruas. Elas são **estreitas e sujas**, pelo menos aquelas que nós tomamos para chegar ao elevador que nos levaria à cidade alta. (THEMANS, 1991, p. 20. Grifo nosso.).

As **poucos atrativas e sujas** ruas ao longo do porto que percorremos às pressas e nas quais se encontram apenas armazéns, não deixam lembranças agradáveis. **Inesquecível** porém permanece a **visão da cidade vista do mar** como o porto com sua vida e seus arredores. (THEMANS, 1991, p. 24. Grifo nosso.).

Como a vida no Satélite [navio que conduziu o primeiro grupo de frades do Rio de Janeiro a Ilha do Desterro, Santa Catarina], devido a super lotação, era quase insuportável, decidimos fazer um longo passeio pela cidade e arredores. O mesmo não nos foi agradável devido ao **calor sufocante**, que havia em terra como também ao **pouco atrativo** da cidade. No porto e nas ruas adjacentes havia um **cheiro pestilento e a nojeira asquerosa** via-se por toda parte. (THEMANS, 1991, p. 26. Grifo nosso.).



Imagem 65 - A primeira expedição alemã a chegar ao Brasil. Da esquerda para direita: Frei Amando Bahlmann, Frei Humberto Themans, Frei Maurício Shmalor e Frei Xisto Meiwes.

Fonte: Recorte do Jornal de Santa Catarina de 1991 encontrado no Arquivo da Província da Imaculada Conceição.

As fontes escritas deixadas pelos restauradores ainda revelam certas dualidades entre o “Brasil sonhado” e o “Brasil real”, a floresta virgem versus os conventos antigos e entre Sul/Nordeste do país, que permearam os primeiros anos da presença franciscana germânica, como será visto adiante.

A primeira morada franciscana alemã no Brasil se deu na pequena colônia germânica de Teresópolis, situada no município de Águas Mornas, Santa Catarina. O lugarejo, situado às margens do Rio Cubatão, ainda hoje apresenta feições rurais e é cercado por um relevo acidentado de serras cobertas ainda em parte por florestas que contribuíram para a manutenção de certo isolamento mesmo em tempos atuais.



Imagens 66, 67, 68 e 69 - Paisagens e feições atuais da antiga colônia alemã de Teresópolis, Santa Catarina. Fonte: Autora, 2013.

Um pequeno conjunto de moradias espaçadas, muitas das quais apresentando terrenos cultivados com hortas ou plantações maiores, duas igrejas – católica e luterana -, um grande cemitério e poucas unidades comerciais integram o território do atual povoado. Os sons que ressoam do lugar provém da correnteza do Rio Cubatão entre as pedras, dos pássaros que habitam a mata e dos poucos carros que vez ou outra percorrem a rodovia que dá acesso ao centro de Águas Mornas. Poucas pessoas são encontradas quando se caminha pelas poucas ruas de barro que recortam a antiga colônia.



Imagens 70 e 71 - Igreja católica e cemitério de Teresópolis. Fonte: Autora, 2013.

Essa paisagem rural e dotada de vários elementos naturais conseguiu conservar muito das características encontradas pelos missionários germânicos no século XIX, o que pode ser atestado em uma comparação entre as imagens atuais de Teresópolis e as fontes imagéticas de época. Mesmo que mudanças tenham alterado vários dos elementos constituintes do lugar, e que área ocupada pelas florestas tenha certamente se reduzido pelas demandas do tempo, ainda se pode achar na atual Teresópolis a tranqüilidade e o ambiente campestre e rústico que agradaram e desejaram os frades alemães, segundo atesta os documentos.



Imagens 72 e 73 - Vista de Teresópolis no final da década de 1880 (esq.) e na década de 1920 (dir). Fonte: JOCHEM, 2002, p.82 e p.87.



Imagem 74 - Vista de Teresópolis com sua antiga igreja matriz e casa que abrigou os frades alemães. Fotografia da década de 1890. Fonte: JOCHEM, 2002, p.89.

Apesar das permanências no que se refere à ambiência e paisagem natural do lugar, outros resquícios materiais da época em que os franciscanos lá habitavam não mais existem. A antiga igreja católica foi substituída por uma nova construção, bem como a residência que abrigou os primeiros frades em 1891 já não se encontra no atual povoado. A única referência material existente relativa aos restauradores alemães diz respeito a uma placa comemorativa instalada no local em 1991 em comemoração aos cem anos da Restauração das províncias franciscanas brasileiras.



Imagem 75 - Monumento comemorativo aos cem anos da chegada dos frades alemães no Brasil situado em Teresópolis, Santa Catarina. Fonte: Autora, 2013.

No que se refere aos escritos deixados pelos primeiros restauradores acerca de Teresópolis, existe uma alternância de sentimentos a respeito da vida no lugar. O ambiente da colônia é comumente enaltecido pelos religiosos, que ao mesmo tempo destacam as dificuldades e privações encontradas no começo modesto que tiveram: “Ruhige Lage, gesundes Klima, genügend Arbeit für die Priester und, nachdem die Schwierigkeiten der ersten Wochen vorüber waren, für alle Ordensleute mehr als genug, um leben zu können”¹² (Revista Vita franciscana, 1926, p.18).

Mas em sua crônica, Frei Humberto Themans relata dificuldades, principalmente no que diz respeito à escassez de alimentos - o que inclusive obrigou-os a alterar a dieta da qual estavam habituados na terra natal – e aos duros esforços executados para a manutenção da vida no local:

Em nossas necessidades, tive muita pena de Frei Maurício, pois ele ainda jovem, tinha apenas 20 anos. Cada dia feijão preto e carne seca. Além disso, o duro trabalho por exemplo da derrubada na mata, construção de cercas, buscar lenha para cozinha. Isto devia ser buscado sobre os ombros,

¹² Local tranquilo, clima saudável, trabalho suficiente para os padres, e após as dificuldades das primeiras semanas, havia mais que o suficiente para todos os frades poderem sobreviver. (Tradução da autora).

a alguns quilômetros de distância. Logo os meus ombros e minhas costas estavam ressentidas, pois não estava acostumado a este serviço. (THEMANS, 1991, p.38)

Já o líder da primeira expedição, Frei Amando Bahlmann, faz referência à devoção da população de Teresópolis, que inclusive contribuía para a manutenção da vida dos frades: “O povo lá é bom; em alguns lugares, todas as vezes que o Padre ia lá, todos também recebiam os Sacramentos. Todos gozávamos de boa saúde e o povo, de boa vontade concorria para o nosso sustento” (BAHLMANN, 1995, p.63).

As descrições da floresta virgem são talvez a maior evidência de encantamento com o lugar presente no relato de Themans. Ela não era só bela, mas também representava uma novidade para os religiosos pelas espécies que possuía. Além disso, a densa mata fornecia abrigo ao calor e fortes raios do sol dos quais possivelmente se protegiam os germânicos. O relato de Themans ainda destaca a itinerância empreendida pelos missionários germânicos, que enfrentavam caminhos tortuosos não apenas para atender espiritualmente aos diversos povoados, mas também para a sua própria distração.

Caminhos planos não existiam, com exceção daquele que serpeava o Cubatão. Muitas vezes, subíamos aos altos morros, olhávamos o horizonte e nos alegrávamos nas belezas da natureza. Cada pássaro, cada planta era uma novidade. Sempre descobríamos algo que despertasse nossa admiração. Sobretudo a mata virgem, que nesta região ainda estava intacta em sua majestade e beleza não nos deixava sair da admiração. Só a podíamos penetrar a pé pelo caminho feito pelos colonos à foice. Em muitos lugares, a mata era tão densa e emaranhada, que só podíamos enxergar alguns metros à frente de nós. Mas era o que de encantador se apresentava aos olhos nos lugares que permitiam ver um pouco. [...] A quantidade e a diversidade de plantas era muito numerosa para podermos enumerá-las. Os fortes raios do sol tropical não conseguiam atravessar. Um escuro misterioso ou melhor uma claridade, estranha, havia sempre na mata virgem. (THEMANS, 1991, p.42)

Se nos recordarmos do tema dos eremitérios e florestas nos primórdios do franciscanismo, agora elas representam uma função diferenciada. A função contemplativa permanece, porém, o uso do local como refúgio e edificação espiritual não é evidenciado nos relatos. A floresta agora atrai muito mais pela beleza que pelo mistério, pelos elementos exóticos da natureza brasileira, por proporcionar distração e descanso frente aos duros trabalhos no povoado. Ainda detém o uso de “área de respiração”, porém, não como cenário para o isolamento, mas para a pausa das atividades cotidianas: “Os passeios aos domingos e dias santos nos morros e na mata virgem eram uma distração e um conforto para o penoso trabalho durante a semana” (THEMANS, 1991, p.43).

As desejadas florestas, que puderam ser encontrada em Teresópolis, a considerável quantidade de trabalho existente em meio aos colonos e a própria proximidade destes com

os frades, contribuíram para que a pequena localidade fosse considerada “uma utopia franciscana” parafraseando o título do texto de Frei Elzeário Schmitt (1991) sobre o começo da missão no local.

As duas primeiras expedições que chegam ao Brasil (junho e dezembro de 1891) expandem suas atividades para outras cidades catarinenses, como Blumenau, Lages e Rodeio. Após experiência inicial no sul, a Província da Saxônia retoma a ideia de sua missão original, e passa a enviar franciscanos para o estabelecimento definitivo no Nordeste. Apenas a partir de dezembro de 1892 chegam os primeiros religiosos a Salvador, onde iniciam a Restauração da Província de Santo Antônio.

A lista das 19 primeiras expedições missionárias trazidas no apêndice do volume 5 da já mencionada publicação “Cadernos da Restauração” (FRAGOSO, 1991, v.5, s./p.) apresenta o destino final apenas dos três primeiros grupos de frades. Além disso, não foram encontradas outras fontes que façam referência ao número de religiosos que se dirigiram para o Sul e para o Nordeste. Torna ainda mais difícil a existência desse registro quando se considera o fato de que no início do processo de “Restauração”, as duas antigas Províncias franciscanas estavam sob os cuidados da Província da Saxônia, e os frades se deslocavam ou eram transferidos entre o Nordeste e o Sul com certa freqüência, segundo aponta as fontes. Sobre os aportados entre os anos de 1891 e 1904, a tabela abaixo quantifica esses dados baseados na publicação acima referida:

Tabela 4 - Número de frades alemães que chegam ao Brasil entre 1891 e 1904

Expedição	Ano	Número de Frades alemães	Expedição	Ano	Número de Frades alemães
1	1891	4	11	1898	16
2	1891	8	12	1899	9
3	1892	17	13	1900	3
4	1893	30	14	1900	12
5	1894	49	15	1901	13
6	1894	40	16	1902	9
7	1895	2	17	1903	11
8	1896	7	18	1903	4
9	1896	5	19	1904	16
10	1897	7			

Fonte: Autora, 2015, com dados extraídos de FRAGOSO, 1991, v.5, s./p.

As fontes de época também mostram que os anos iniciais da presença franciscana alemã no Brasil são marcados entre outros aspectos, pelo conflito existente – em meio a alguns grupos de frades - entre o desejo de se estabelecer no sul do Brasil e a tarefa de reativar a vida seráfica na adversa região do Nordeste. Se a imagem formada pelos germânicos acerca de Teresópolis e do sul do país em geral, atendia às expectativas dos missionários sobre as terras do Novo Mundo, o Nordeste apresentava para muitos uma imagem de aversão.

Frei Damião Klein¹³, alemão que integrou a 19ª expedição que chegou ao Brasil em 1904, coloca a existência de dois partidos entres os religiosos:

Daqueles que, juntamente com o P. Comissário, julgavam que o objetivo da MISSÃO VULGO DA BAHIA fora a revitalização da moribunda Província de S. Antônio, para cujo efeito se devia promover o empreendimento do Sul, como caminho, embora com igual direito e dedicação; e [o partido] daqueles que dominados por tédio dessa Província, ou melhor, dessa Região e desse povo, julgavam que se devia empregar todo esforço e atividade no trabalho daquelas regiões [do Sul] (KLEIN *in* FRAGOSO, 1991, v.6, p.16).

Já Frei Capistrano Niggemeyer¹⁴, que desembarca no país logo no início da Restauração, se reporta ao fato de que provavelmente todos os frades nutriam a vontade de realizarem os trabalhos nas terras do Sul: “Seu eu quisesse dizer quantos padres, clérigos e alunos estavam plenamente satisfeitos no Norte, sem o desejo secreto de ir para o sul – sinceramente, eu só poderia indicar Fr. Amando, pois, algumas queixas eram legítimas.” (NIGGEMEYER, *in* FRAGOSO, 1991, v.6, p.14). O alemão ainda relata uma passagem em que um confrade se utiliza de uma metáfora para expressar a imagem que tinha acerca do norte e sul do Brasil: “Numa terça, nós três passeávamos no jardim. [...] Fr. Clemente falava de que o Norte era ruim como o diabo e o Sul puro como os anjos” (NIGGEMEYER, *in* FRAGOSO, 1991, v.6, p.13). O carisma franciscano em assumir o trabalho de evangelização em todos os lugares onde habitam homens agregando todas as suas dificuldades foi colocado em segundo plano pelos grupos de frades que viam no Nordeste um local adverso à missão, e buscavam o conforto do sul em detrimento do sacrifício.

Muitas das descrições dos franciscanos da Saxônia sobre o Nordeste do país no final do século XIX, em geral, referenciam a decadência física das cidades e conventos, as doenças que se proliferavam no meio tropical e também as dificuldades de missionação junto ao povo, o que contribuía para a imagem negativa dessa região do país.

¹³ O texto consultado de Frei Damião Klein encontra-se traduzido para o português no sexto volume da Coleção “Cadernos da Restauração” de Frei Hugo Fragoso.

¹⁴ Também o texto de Frei Capistrano Niggemeyer, integrante da 6ª expedição que desembarca no país em dezembro de 1894, encontra-se publicado em sua tradução para língua portuguesa no sexto volume da Coleção “Cadernos da Restauração” de Frei Hugo Fragoso.

Frei Niggemeyer, por exemplo, cita uma declaração do Irmão Frei Wilehado acerca de sua percepção repulsiva sobre o espaço físico encontrado no Nordeste. Após uma análise do conteúdo do texto, se deduz se tratar muito possivelmente da cidade de Salvador: “Estamos aqui no meio desta cidade sebosa, num convento meio em ruínas, numa Igreja que sempre está escura, e somente é visitada e cuspidada por mulheres cheias de piolhos e pulgas” (NIGGEMEYER, *in* FRAGOSO, 1991, v.6, p.13).

Sobre o convento de Olinda, também ocupado pelos restauradores no final do século XIX, Frei Damião Klein discorre sobre o ambiente insalubre do lugar:

No convento de Olinda, quando mal estava começando a vida regular, originaram-se dificuldades máximas. Pois, tanto entre os religiosos, quanto entre os jovens do Colégio seráfico, surgiram graves e longas febres, e apareceram outras gravíssimas enfermidades, de tal modo que logo grande parte, para não dizer a maior parte dos que habitavam [no convento] foi acometida de enfermidade. Isto parecia ter acontecido, pelo fato de que o vetusto convento, abandonado por longo tempo, não tinha ainda sido purificado suficientemente dos germes doentios; e também pelo fato de que os que nele moravam [alemães] não sabiam precaver-se dos perigos para a saúde nas regiões tropicais; e agravava-se o perigo quando eles comiam as frutas indiscriminadamente, não evitando o calor do sol, e não fazendo caso de outras coisas perigosas. (KLEIN *in* FRAGOSO, 1991, v.6, p.17)

Outro fator que contribuiu para que as casas seráficas do Nordeste fossem hostilizadas durante os primeiros anos do processo de Restauração foi a epidemia de febre amarela que assolou os conventos de Salvador e Recife nos anos de 1896, 1897 e 1898, vitimando pouco mais de uma dezena de frades¹⁵ e obrigando os sadios a deixarem as antigas construções franciscanas, segundo os relatos de Frei José Pohlmann, Frei Damião Klein e Frei Casimiro Brochtrup¹⁶.

O abandonado convento de Paraguaçu no estado da Bahia, por exemplo, foi utilizado para abrigar os religiosos não acometidos com a Febre Amarela, após a interdição da casa de Salvador. Ao todo 25 religiosos foram conduzidos em um vapor para o povoado situado na cidade de Cachoeira (POHLMANN *in* FRAGOSO, 1991, v.6, p.20). Dentre os frades estava Frei José Pohlmann que descreve suas impressões acerca da difícil situação do local:

Pelo fato de o convento estar vazio há muitos anos, só muito poucas celas eram habitáveis. [...] A primeira saudação de um capitão, que era maçom, teve este tom: “O cemitério está ali perto!”. Em todo o lugarejo não se encontrava um pãozinho sequer. [...] Pelos corredores devia-se andar com cautela, senão quisesse de repente ficar preso num buraco. [...] Para verificar quantas celas ainda eram habitáveis, nomeu o P. Praeses uma comissão, e precisamente Fr. Carlos, Fr. Maurício e ainda um terceiro. Eles

¹⁵ O relato de Frei Pohlmann traz a seguinte informação sobre a quantidade de vítimas: “Catorze confrades queridos tomaram vítimas da Febre Amarela: 9 na Bahia e 5 no Recife. Foi o golpe mais pesado que pôde ser desferido contra nós” (POHLMANN *in* FRAGOSO, 1991, v.6, p.22)

¹⁶ Todos os textos foram acessados no sexto volume da Coleção “Cadernos da Restauração” de Frei Hugo Fragoso.

examinaram o teto, inspecionaram a casa, e chegaram assim diante de uma cela. Abriram a porta e Fr. Maurício entrou para... no mesmo momento despencar no fundo. Os dois outros gritaram alto e cheios de horror. O que sucedera? A cela não tinha mais piso, e assim Fr. Maurício caiu do primeiro andar no chão da Sacristia. [...] A maior parte dos confrades cuidava de seu descanso noturno estendendo-se sobre o chão, à maneira autenticamente franciscana. Enquanto não chovia, tudo corria bem. Tão pouco importava que a inocente lua no sorrisse pela fresta do telhado. Mas era crítica a situação quando se tratava da chuva entrar. Para todos nós ficará esta recordação inesquecível. (POHLMANN *in* FRAGOSO, 1991, v.6, p.20-21).

Outros conventos antigos do Nordeste do Brasil também foram igualmente caracterizados pela sua deterioração física e ausência de ambientes limpos e iluminados. Sobre a casa de Ipojuca, reporta Frei Adalberto Kirschbaum¹⁷, primeiro guardião alemão do local: “O convento estava muito arruinado, não se encontrado nele mais nenhuma janela. As paredes estavam totalmente verdes por causa da umidade” (KIRSCHBAUM apud FRAGOSO, 1991, v.6, p.35). A situação do convento de Salvador é descrita por Frei Matias Teves¹⁸: “O piso aí era de barro batido, o ambiente úmido e abafado, as paredes sem calça e sem reboco, todo um conjunto do mais desagradável aspecto e repelente, escuro e mal arejado.” (TEVES, 1967, p.29).

Ainda sobre o edifício franciscano de Salvador, Frei Amando Bahlmann descreve um hábito da casa que provavelmente soava estranho à rígida disciplina dos conventos alemães: o fato de criados e irmãos das irmandades religiosas habitarem as celas do lugar juntamente com os frades.

No convento de S. Francisco havia algumas celas desocupadas. Nas outras estavam os padres Franciscanos (4) e alguns padres seculares e muitos criados e diretores ou irmãos das Irmandades. [...] Os padres seculares reconheceram a necessidade de procurar outras casas. Mas os irmãos das Irmandades não podiam ou não queriam compreender isto. Muitos destes irmãos não moravam sempre no convento, mas queriam conservar lá uma cela à disposição. Finalmente eu disse ao Pe. Provincial: - No convento, ou ficam os irmãos das Irmandades ou nós. Assim não é possível preparar o convento para novos religiosos; as nossas malas estão ainda fechadas. Podemos ainda, sem dificuldades, tomar o vapor e seguir para Santa Catarina, onde temos as nossas casas limpas (BAHLMANN, 1995, p.75-76).

As fontes ainda revelam que a imagem do Nordeste perante os frades alemães também estava associada, em alguns casos, com as dificuldades de evangelização diante das populações e ausência de trabalho apostólico, fato que impulsionava ainda mais as comparações com o sul, onde era encontrado vasto campo necessitado de assistência religiosa.

¹⁷ Integrou a 17ª expedição missionária alemã que desembarca no Brasil em setembro de 1903.

¹⁸ Integrou a 5ª expedição missionária alemã que chega ao Brasil em julho de 1894.

Cheios de zelo pelas almas, terem pensado encontrar muitos trabalhos no confessional e na cura d'almas, no Brasil. Uma vez que se enganaram neste ponto, não encontrando quase nenhuma confissão, mas sim, o maior indiferentismo a respeito da vida religiosa, ficaram de ânimo abatido, e não queria aqui permanecer, ficando todos insatisfeitos com a sua situação: **Que teríamos a fazer neste caixão [o convento] sem trabalho?** (KIRSCHBAUM apud FRAGOSO, 1991, v.6, p.35-36. Grifo nosso.).

Esse aspecto, porém, é contradito por Frei Amando Bahlmann - um dos defensores da permanência dos frades germânicos no Nordeste para a Restauração da antiga Província - que em suas memórias descreve a religiosidade do povo e a grande concorrência pela recepção dos Sacramentos em missões realizadas no interior da Bahia, Sergipe, Alagoas e Pernambuco. O alemão mostra admiração pela fé popular e destaca que essas características são especialmente encontradas entre os matutos dos sertões. Sobre essas missões:

O número dos assistentes frequentemente se eleva a mais de 5.000, chegando às vezes a 10.000. De acordo com este número e o número dos Confessores varia também a freqüência aos Sacramentos. Em geral são uns 2.000 até 5.000 os que recebem os Sacramentos (BAHLMANN, 1995, p.84).

Se todos os homens tivessem tanto amor à virtude como os matutos dos sertões, se rezassem tanto quanto os simples sertanejos, a moral seria melhor, a justiça e os bons costumes dominariam em toda a parte. Os matutos (como são chamados os sertanejos no interior da Bahia e do Sergipe) rezam e rezam muito. Mesmo não sabendo ler, eles conhecem de cor o Ofício de Nossa Senhora. E todos os dias, antes de amanhecer, as famílias cantam este piedoso Ofício. Que impressão bonita, nas viagens, ouvir de madrugada estes cânticos ternos e devotos que vêm das casas (BAHLMANN, 1995, p.94).

A fala de Bahlmann também evidencia outro aspecto próprio das atividades desempenhadas pelos franciscanos alemães no Brasil: a preocupação com a contabilidade e registro dos sacramentos distribuídos, oferecendo pistas que permitem afirmar que a missão germânica no Brasil prezava também pela organização, pautada por uma mentalidade metódica, que muitas vezes é refletida na própria espacialidade por eles construída, como será visto no capítulo seguinte.

A mesma forma de registro de dados acerca dos trabalhos apostólicos é observada nos Livros das Crônicas do convento de Penedo-AL. Os manuscritos revelam que os frades alemães se preocupavam em fazer o levantamento anual de suas atividades. No ano de 1908, por exemplo, tem-se o registro no livro I de crônicas de 3600 comunhões mensais (em torno de 43200 anuais) e cerca de 1400 confissões. Já em 1911 foram contabilizadas 40900 comunhões e 550 visitas a doentes. Um pequeno contador manual trazido da

Alemanha foi encontrado na casa franciscana de Penedo¹⁹ e que provavelmente era utilizado para a contabilidade dos sacramentos distribuídos.



Imagem 76 - Contador proveniente da Alemanha encontrado no convento de Penedo.

Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2012.

A preocupação dos religiosos da Alemanha com o método e a organização podem igualmente ser evidenciadas no processo de distribuição de alimento aos pobres instituído no convento de Salvador a partir de 1893. Todo o procedimento deveria ocorrer com a apresentação de cartões que anteriormente eram entregues pelos frades, e ainda segundo Frei Bahlmann, o guardião deveria conhecer a vida dos socorridos, para que pessoas verdadeiramente necessitadas fossem contempladas.

Os pobres não recebiam dinheiro. S. Francisco não tem; mas as fatias de pão e a comida pronta ao meio-dia eram distribuídos com generosidade. Primeiramente os pobres deviam rezar pelo convento e pelos benfeitores do convento. Depois começava a distribuição. Os pobres apresentavam os cartões, nos quais o Guardião havia marcado para quantas pessoas haviam de receber comida. Os doentes mandavam o cartão por alguma pessoa de confiança e recebiam sua porção. Agia-se assim desde o tempo em que foi constituída a comunidade, isto é, desde 1893 (BAHLMANN, 1995, p. 83).

Há um reconhecimento de que as situações adversas encontradas pelos religiosos germânicos no Nordeste do Brasil, em especial nos antigos conventos coloniais, serviram para que os esforços se concentrassem na manutenção de um ambiente minimamente digno de se viver, não sendo recursos direcionados para supérfluos, como observa Frei Gregório Janknecht, antigo Ministro da Província da Saxônia: “Há um grande perigo para nós, pois, se os conventos um dia ficarem em ordem, o dinheiro seria empregado em muitas coisas fúteis, contra a santa pobreza” (JANKNECHT apud FRAGOSO, 1991, v.6, p.35).

¹⁹ O contador foi encontrado pelos membros do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem em visita técnica realizada ao convento alagoano de Penedo em 2012. O levantamento realizado pelo Grupo também identificou outros equipamentos de origem germânica como uma máquina de fabricar hóstias, uma máquina de costura e um retroprojetor, que fazem parte do acervo da casa franciscana penedense.

Assim, não só o esperado Brasil das florestas, mas também o Brasil das atribuições e sacrifícios, o Brasil com seus vários recortes de paisagens, pessoas, ambiências pode ser acessado pelos missionários alemães no final do século XIX e início do século XX. Em um primeiro momento, o sul do país representou o espaço ideal para a realização plena missão e o Nordeste assumiu duas facetas, pois se por um lado sua imagem e suas características se apresentavam hostis ao homem europeu, causando repulsão em alguns grupos de frades, por outro, as adversidades que a região impunha, e a própria pobreza do lugar, ofereciam a penitência necessária para o desenvolvimento do trabalho franciscano em sua autenticidade.

3.3. Frades alemães e o passado: a restauração dos antigos conventos

A restauração física dos conventos franciscanos coloniais constava como parte da missão de revigorar o papel da Ordem no Brasil e, assim, representou uma importante contribuição dos frades germânicos²⁰. Na medida em que ocuparam as antigas casas, eles empreenderam obras de reparo, pintura, consertos e readequação dos antigos espaços, atendendo as demandas da época (início do século XX), mesmo que, em alguns casos e aos olhos de hoje, negligenciassem importantes elementos artísticos das edificações.

O estudo dos manuscritos que compõem os Livros das Crônicas do convento de Penedo revelou que muitas das intervenções nesta edificação se pautaram na necessidade de se ter uma casa “mais clara, mais ventilada, mais higienica” (Livro das Crônicas do Penedo II, 1907-1920, s/p), nas palavras do próprio cronista alemão. Sob a direção de Frei Peregrino Hillebrand, primeiro guardião germânico do local, todo o complexo conventual foi caiado, seu telhado restaurado e o encanamento de água providenciado. Enquanto o já mencionado Frei Casimiro Brochtrup, eleito para a guardiania em 1906, deu continuidade às reformas:

Sendo a igreja do convento muito pequena, escura e quente, mandou Frei Casimiro fazer uma escada para que os homens pudessem subir logo da igreja para o choro. [A fim] de clarear e refrescar a igreja foram abertos alguns óculos pelo lado do convento [...]. (Livro das Crônicas do Penedo II, 1907-1920, s/p).

²⁰ A contribuição dos franciscanos alemães para a restauração física dos conventos coloniais brasileiros foi o tema principal abordado pela autora desta dissertação em seu Trabalho Final de Graduação, que utilizou como objeto de estudo as casas seráficas de Penedo-AL e Ipojuca-PE. Assim, como já foi trabalhada em pesquisa anterior, esta temática não será aprofundada na presente dissertação, sendo apenas mencionada a fim de apresentar ao leitor a recuperação física das casas coloniais como um legado material da ação dos religiosos germânicos no país.



Imagens 77 e 78 - Convento franciscano de Penedo; vista aérea de Penedo com o complexo seráfico ao centro. Fonte: Autora, 2014; acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2011.

O Livro das Crônicas ainda relata a colocação de ladrilho hidráulico importado da Alemanha no piso da igreja e ampliação de seu espaço, instalações e reformas das redes elétricas e hidráulicas, inserção de janelas de vidro, constantes pinturas e limpeza dos ambientes. Se por um lado essas obras contribuíram para a higienização, modernização e preservação desses espaços, por outro, algumas intervenções não se atentaram para importantes aspectos históricos e estilísticos da construção, como é o caso dos óculos e clarabóia abertos no teto da igreja conventual para a entrada de ar e iluminação, que danificaram partes da pintura ilusionista barroca que recobre o forro do templo.



Imagens 79 e 80 - Igreja do convento franciscano de Penedo, com destaque para os óculos abertos pelos frades alemães em 1906. Fonte: Autora, 2014.

Em outras situações, as reformas dos religiosos alemães entraram em conflito com os próprios moradores das cidades, como é o caso do embate ocorrido em 1973 entre o alemão Frei Luís Maria Rastetter e o historiador e professor penedense Ernani Méro, que criticou duramente o religioso em reportagem publicada no jornal “O Apostolo”²¹ por

²¹ A edição de 18 de março de 1973 do jornal “O Apostolo”, que apresenta a reportagem escrita por Ernani Méro intitulada “A Igreja da Nossa Senhora dos Anjos em Penedo e o conforto dos ventiladores” foi encontrada

promover descaracterizações na edificação barroca em favor da existência de espaços mais confortáveis e higiênicos.

Em alguns antigos conventos, como é o caso do exemplar de Ipojuca, na zona da mata pernambucana, elementos de origem alemã se misturaram com o espaço construído em épocas coloniais. A igreja conventual de Ipojuca, por exemplo, é adornada com seis quadros pintados em 1942 pelo irmão leigo Frei Tarcísio Jungwirth²² (WILLEKE, 1956, p.70), religioso austríaco que se utilizou de fatos e lendas²³ do próprio lugar para compor suas pinturas. Através de cores vivas e de um desenho com feições naíf, suas telas também retratam o verde da vegetação local, a população ipojucana, o casario colonial, o próprio convento, e também os indígenas que habitavam as matas da região.



Imagem 81 e 82 - Fachada do convento franciscano de Ipojuca; interior da igreja conventual de Ipojuca. Fonte: Acervo do convento de Ipojuca, 2012; foto da autora, 2010.

anexada ao Livro das Crônicas do Penedo III. Também foi acessado o texto escrito por Frei Rastetter e publicado no dia 20 de março do mesmo ano em que o religioso rebate o historiador, defendendo a necessidade de espaços mais confortáveis para frades e fiéis, e a harmonização do “antigo com o novo”.

²² Nas viagens realizadas às casas franciscanas e nas buscas nos arquivos também foram encontradas obras de Frei Tarcísio Jungwirth que representam áreas dos conventos de Penedo, Olinda e do convento paraibano de Ipuarana construído pelos alemães em 1940.

²³ A lenda retratada por Frei Tarcísio Jungwirth em suas pinturas envolve a história da imagem do Santo Cristo localizada atualmente no centro do alta-mor da igreja.



Imagem 83 - Pintura do austríaco Frei Tarcísio Jungwirth colocada no forro da igreja franciscana de Ipojuca, ilustrando a procissão que celebrou a entronização da imagem do Santo Cristo no convento no século XVII. Fonte: Foto da autora, 2012.

Além das pinturas citadas, uma busca por pistas na igreja ainda revela outros traços deixados pelos germânicos. Inscrições em alemão presentes nos vitrais da antiga capela da imagem do Santo Cristo mostram a possível procedência dos mesmos: a cidade de Trier²⁴ (Tréveris em português).



Imagens 84 e 85 - Vitrais de origem alemã na antiga capela do Santo Cristo, igreja conventual de Ipojuca. Fonte: Fotos da autora, 2012.

²⁴ A inscrição encontrada nos vitrais da igreja franciscana de Ipojuca traz os seguintes dizeres “Gebr. Friers Trier, Deutschland”, que significa “Gebr. Fries Tréveris, Alemanha”. Trier é uma cidade alemã localizada no estado da Renânia-Palatinado, logo ao sul da Renânia-Westfália de onde partiam os frades rumo ao Brasil. Quanto ao termo “Gebr. Fries”, é provável que seja abreviação de “Gebrüder Fries”, fábrica de vitrais da Alemanha.



Imagem 86 - Detalhe da inscrição em alemão encontrada nos vitrais da igreja conventual de Ipojuca. Fonte: Fotos da autora, 2012.

De modo geral, observa-se que a conduta adotada pelos frades alemães frente aos espaços dos antigos conventos foi moldada pelas demandas dos usos, conforto e comodidade. Assumiu certo caráter “modernizante”, e incorporou as ideias e os avanços dos próprios movimentos arquitetônicos e urbanísticos que caracterizaram o início do século XX, a exemplo do funcionalismo modernista e das teorias higienistas que foram responsáveis por profundas mudanças nas áreas antigas de muitas cidades em todo o mundo.

Por mais que as intervenções desempenhadas tenham sido reflexo das novas exigências e benefícios trazidos pela modernidade, elas também revelam traços de uma cultura que valoriza a ação, e é engajada ao trabalho, visto a constância e amplitude das reformas que todos os anos eram registradas pelos cronistas. O alemão Frei Matias Teves, que descreve o convento de Salvador como “um castelo de fadas, arruinado pela ausência dos donos e a incúria dos que o visitavam” (TEVES, 1967, p.30), relata, por exemplo, o estado de arruinamento em que se encontrava e os trabalhos realizados no local pelas mãos dos próprios frades:

Grande foi a luta contra as formigas que haviam minado os alicerces do velho convento, principalmente na parte ocidental do claustro e do refeitório [...]. **Os [frades] irmãos leigos meteram mãos à obra**, cavaram até os alicerces, extinguiram o enorme formigueiro, tomaram as fendas dos alicerces de cimento, reconstruíram as paredes prejudicadas e **firmaram de novo o edifício, preservando-o da ruína**. Em diversos lugares ao pé das paredes externas fizeram a mesma coisa, conseguindo restabelecer a segurança do convento que pela ação sorrateira das formigas ia ameaçando ruir. Cuidados especiais exigiu a conservação da igreja, célebre pela escultura em madeira que lhe cobre as paredes todas. Estava em tal ponto de abandono, roída a madeira pelo cupim, que de vez em quando caíam pedaços e **o ambiente estava sufocado de abafo e de mau cheiro**, devido ao madeiramento em grande parte podre e estragado. Aconteceu que um dia, felizmente em hora em que ninguém se achava aí, caiu com estrondo uma grande parte do teto do coro. **Foram os irmãos leigos, tendo como mestre o ótimo carpinteiro frei Bernardo que imediatamente principiaram a solidificação das obras artísticas já grandemente destruídas** (TEVES, 1967, p.51-53. Grifo nosso).

A fala de Frei Teves, além de evidenciar o espírito operativo desses religiosos, mostra uma aproximação dos frades restauradores com o trabalho manual, representado em especial pelos irmãos leigos. Seja através dos trabalhos de reformas ou da readequação das antigas casas às demandas contemporâneas - atualizando as construções ao longo do século XX - ou ainda através da inserção de novos elementos nestes espaços, o legado deixado pelos franciscanos da Alemanha nos antigos conventos brasileiros muito contribuiu para a manutenção e preservação dessas edificações. No geral, as casas de origem colonial que ainda abrigam vida franciscana e cotidiano conventual coincidem com os exemplares que receberam religiosos germânicos a partir do final do século XIX.

Tabela 5 - Conventos franciscanos coloniais do Nordeste e a presença de frades alemães

	CONVENTO	PRESENÇA DE FRADES ALEMÃES A PARTIR DO FIM DO SÉC. XIX	PRESENÇA DE FRADES NA ATUALIDADE
1	Olinda/PE		
2	Salvador/BA		
3	Igarassu/PE		
4	João Pessoa/PB		
5	Recife/PE		
6	Ipojuca/PE		
7	São Francisco do Conde/BA		
8	Sirinhaém/PE		
9	Paudalho/PE		
10	Cairu/BA		
11	Cachoeira/BA (Paraguaçu)		
12	Penedo/AL		
13	Marechal Deodoro/AL		
14	São Cristóvão/SE		
15	Hospício de Boa Viagem/BA		

Fonte: Autora, 2013.

Tabela 6 - Conventos franciscanos coloniais do Sudeste e a presença de frades alemães

	CONVENTO	PRESENÇA DE FRADES ALEMÃES A PARTIR DO FIM DO SÉC. XIX	PRESENÇA DE FRADES NA ATUALIDADE
1	Vitória/ES		
2	Rio de Janeiro/RJ		
3	São Paulo/SP		
4	Santos/SP		
5	Itaboraí/RJ		
6	Vila Velha/ES		
7	Angra dos Reis/RJ		
8	Itanhaém/SP		
9	São Sebastião/SP		
10	Taubaté/SP		
11	Cabo Frio/RJ		
12	Itu/SP		
13	Ilha do Bom Jesus/RJ		

Fonte: Autora, 2013.

Das casas do Nordeste que foram restauradas pelos frades alemães deixaram a função conventual apenas três: Paraguaçu, Igarassu e São Cristóvão. Sobre o convento de Paraguaçu foram encontradas evidências de sua ocupação pelos germânicos apenas no ano de 1896, como foi visto, período em que a casa de Salvador foi interdita devido à epidemia de Febre Amarela.

Quanto ao edifício de Igarassu²⁵, restaurado por Frei Clemente Sagan, foi cedido ao Arcebispo de Olinda para ser utilizado como casa de recreio dos seminaristas. Em troca, a Província recebeu a Paróquia de Serinhaém²⁶ (BAHLMANN, 1995, p.85). Sobre o convento de São Cristóvão, não foram encontrados dados que mostrem as razões pelas quais tenha sido posteriormente entregue pela Província nordestina. Já no Sudeste do país, todos os cinco conventos ocupados pelos frades alemães mantiveram a vida conventual²⁷.

²⁵ A ocupação dos frades alemães do convento de Igarassu se deu provavelmente por volta do ano de 1895, período que Frei Amândo Bahlmann afirma ter iniciado as missões no interior dos atuais estados nordestinos da Bahia, Sergipe, Alagoas e Pernambuco. Sobre Igarassu discorre o religioso: “A primeira Missão que preguei foi em Igarassu, em Pernambuco. Ao mesmo tempo, procurei restaurar um pouco o nosso velho convento de lá” (BAHLMANN, 1995, p.84).

²⁶ Frei Amândo Bahlmann (1995, p.85) afirma que devido à pobreza da região de Serinhaém, o antigo convento do local só poderia ser sustentado se o local também tivesse a condição de Paróquia.

²⁷ Além das cinco casas que foram restauradas pelos frades germânicos no começo do século XX (Rio de Janeiro, São Paulo, Vila Velha, Santos e São Sebastião), o convento de Itanhaém no estado de São Paulo ainda voltou a ser ocupado pelos frades franciscanos entre 1940 e 1953, período em que a Província já contava com administração e vocações brasileiras (RÖWER, 1957, p.301).

Um número maior de conventos coloniais foram ocupados pelos frades alemães no Nordeste que no Sudeste do país. Isso pode ser explicado, dentre outros fatores, pela maneira como se deu o início do processo de Restauração das duas Províncias. Enquanto os trabalhos foram iniciados na Província de Santo Antônio em 1892 com a ocupação das antigas casas, no que se refere à área atualmente administrada pela Província da Imaculada Conceição, as atividades se iniciaram com as missões e construção de novos conventos.

Assim, o processo de ocupação dos antigos conventos do Sudeste inicia-se apenas em 1899, oito anos após o desembarque dos primeiros restauradores no Brasil, com a chegada ao Rio de Janeiro do frade alemão Crisólogo Kampmann e do brasileiro Diogo de Freitas (RÖWER, 2008, p.210). Frei Basílio Röwer (2008, p.209) ainda coloca uma possível falta de interesse e oposição do último Ministro da Província da Imaculada Conceição, Frei João do Amor Divino²⁸, à restauração encabeçada por frades alemães, o que tardou a chegada dos estrangeiros aos antigos edifícios do Sudeste.

Concluindo, a ação nos velhos prédios se deu pautada pelo princípio de renovação do antigo patrimônio franciscano do país, contribuindo para a preservação de sua materialidade, e em muitos casos, da própria vida seráfica que ele abriga. Nesse sentido, observa-se uma atitude de preocupação desses religiosos com a integridade da matéria, uma vez que dela depende todo o funcionamento da vida conventual e o próprio bem-estar dos que nela habitam. Os frades da Alemanha procuraram em agir conforme suas necessidades na época, intervindo de forma ativa em uma herança deixada pelo passado colonial, atualizando-a e modernizando-a para o tempo presente.

3.4. Aproximações com a realidade brasileira

A relação conflituosa dos frades da Alemanha com o Brasil, no entanto, não perdurará durante todo o processo de vinda de missionários ao país, sendo restrito a apenas uma fase dos anos iniciais dessa história. Para além da missão da qual vinham atribuídos, os religiosos se engajaram em explorar outros aspectos do país, entre eles o cultural, o social, e posteriormente o político. Este cruzamento de interesses, de fato, não será desassociado da meta principal religiosa em evangelizar o maior número possível de pessoas em localidades diversas, e muitas vezes distantes.

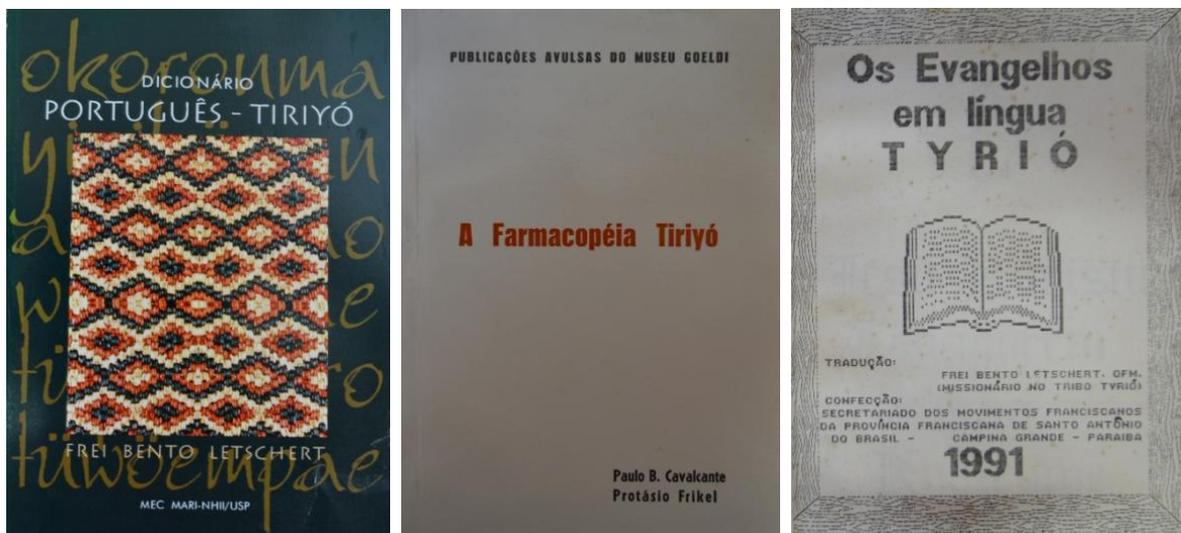
As entrevistas realizadas com os frades germânicos – tanto nos conventos do Brasil como na Alemanha - que desembarcaram no território nacional em meados do século XX,

²⁸ A iniciativa para o envio de frades alemães ao antigo convento do Rio de Janeiro, de onde iniciaria o processo de Restauração dos antigos edifícios seráficos do Sudeste, partiu da Santa Sé, e não do antigo Provincial que acabou acatando a proposta (RÖWER, 2008, p.210).

bem como os materiais encontrados nos acervos, revelaram uma aproximação e interesse desses religiosos para com a cultura do país e pelos próprios problemas de ordem social que caracterizam a realidade brasileira.

Com a recente abertura do Arquivo da Província de Santo Antônio situado na cidade de Recife, foi possível acessar novos materiais que revelam um outro olhar dos franciscanos alemães perante o Brasil. A cultura negra e a indígena, por exemplo, despertaram o interesse desses religiosos, a exemplo de Frei Bento Letschert, autor de um dicionário de Português-Tyrió e de um livro que apresenta os Evangelhos traduzidos para a língua indígena Tyrió, ambos encontrados no referido Arquivo; e também Frei Protásio Friel, autor de uma publicação acerca da farmacopéia Tyrió pertencente igualmente ao mesmo acervo. Sobre o alemão Friel, encontramos um depoimento de Gilberto Freyre:

Em dias remotos já um franciscano [morador] de Olinda se empenhava em estudos etnológicos, curioso de saber a língua, de conhecer as artes de decifrar as crenças dos ameríndios. É uma tradição franciscana que hoje volta ao seu esplendor, essa de se dedicarem os seráficos a estudos etnológicos. Frei Protásio Friel desenvolve há anos sua atividade de investigador científico de culturas primitivas, entre ameríndios do Amazonas, depois de ter estudado candomblés na Bahia. [...] É dele a mais moderna classificação do ponto de vista lingüístico-etnológico das tribos amazônicas do Norte do Pará. (FREYRE, 1957, p. 60).



Imagens 87, 88 e 89 - Publicações de frades alemães acerca da cultura indígena Tyrió.
Fonte: Fotos do acervo do Arquivo da Província de Santo Antônio, 2013.



Imagens 90 e 91 - Frei Protásio Friel com utensílios indígenas e Frei Tomás Kockmeyer celebrando Missa na selva Amazônica. Fonte: Revista O Cruzeiro, novembro de 1957, encontrada no acervo pessoal de Wilson Lucena.

O interesse alemão pela cultura negra pode ser revelado pelo conjunto de fotografias do Arquivo Provincial de Recife de autoria do franciscano germânico Tomás Kockmeyer, que registram os negros brasileiros e também a prática do candomblé na Bahia entre os anos 1930 e 1940. Dessa forma, constata-se que para alguns frades, o particular e o diferente não representaram pontos de atrito, mas despertaram a curiosidade do olhar estrangeiro, sensível às especificidades do novo campo de evangelização, e em sintonia com o espírito franciscano de compreensão e assimilação das culturas e realidades locais.

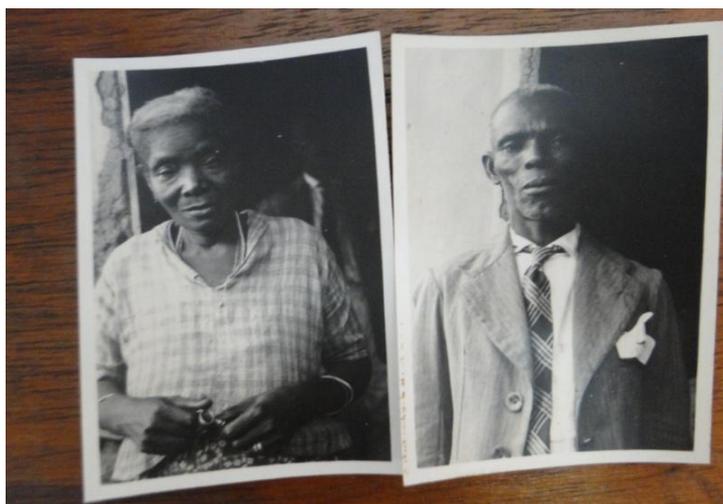
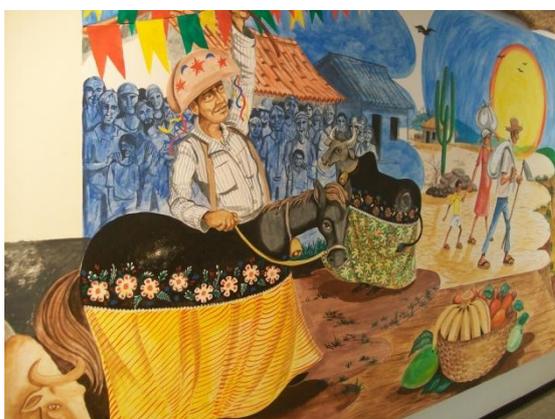


Imagem 92 - Fotografias de Frei Tomás Kockmeyer acerca da cultura negra brasileira. Fonte: Fotos do acervo do Arquivo da Província de Santo Antônio, 2013.

O interesse pelos elementos típicos do país e principalmente do Nordeste, também pode ser observado na própria Alemanha. No convento da cidade de Bardel, no oeste

alemão, pertencente à Província de Santo Antônio do Nordeste e construído em 1921 para ser casa de formação de novos religiosos a serem enviados para o Brasil (SCHMITZ, 2010, p.8), existe atualmente o chamado *Brasilienmuseum* (Museu do Brasil) com um amplo acervo de peças relacionadas à cultura, natureza e sociedade brasileira, em especial nordestina, todas provenientes do país e levadas à Europa pelos próprios missionários. No acervo do museu pode-se encontrar desde imagens em barro, cestos e bolsas de palha, chapéus de couro típicos do sertão, utensílios indígenas, pinturas naïf, fotografias, até objetos exóticos como um grande pilão, uma canoa, um carro de boi e até animais empalhados.



Imagens 93, 94, 95 e 96 - Acervo do *Brasilienmuseum* (Museu do Brasil) no convento de Bardel, Alemanha. Fonte: Imagens da autora, 2012.

Caminhando para um contexto mais atual, da segunda metade do século XX em diante, o que caracterizou, em especial, a relação das últimas gerações de alemães que adentraram no território brasileiro foi o interesse pelos problemas do chamado “terceiro mundo” e pela aproximação da Igreja com as camadas mais pobres e excluídas da sociedade. Durante as entrevistas realizadas com os frades germânicos residentes atualmente nos conventos de Bardel e Mettingen na Alemanha, que chegaram ao Brasil na segunda metade do século XX, observou-se o desejo de realizar trabalhos apostólicos junto a grupos mais necessitados, apresentando também a preocupação com o desenvolvimento

social dos mesmos. Muitos, inclusive, nutriram desejos de desempenhar missões em lugares pobres na África.

Assim, para essa última geração de frades, a motivação para a missão em terras estrangeiras não era mais impulsionada pela busca da floresta idealizada, mas sim pelo encontro com os problemas que atingem a pessoa humana. Frases como “A Igreja deve estar do lado do pobre” ou “O convento do frade é o mundo”, foram constantemente colocadas por eles durante as entrevistas.

Portanto, o interesse desses grupos não se concentrava mais no estabelecimento em conventos e construção de novas casas, mas se voltavam principalmente para os trabalhos sociais dentro das comunidades urbanas e rurais, ampliando o campo de ação religioso para fora dos limites do espaço sacro. Gilberto Freyre descreve, por exemplo, a atuação social do alemão Frei Hildebrando Kruthaup, que “vem realizando em Salvador obra de assistência social verdadeiramente notável que alcança cerca de 20.000 operários. Essa assistência inclui cinemas para operários, casa de retiro, assistência médica e dentária” (FREYRE, 1957, p. 60). Freyre ainda descreve os trabalhos apostólicos e sociais irradiados a partir da comunidade seráfica de Recife:

Ao fotógrafo Antônio Rudge que veio do Rio relatar para o Cruzeiro a reportagem a que estas notas servem de texto, espantou o número de lambretas que viu no saguão do Convento de Santo Antônio do Recife. E ficou maravilhado quando as viu em flagrante de moderníssima atividade: frades de hábitos arregaçados rodando pelas ruas do Recife e subindo aos morros e descendo aos mangues povoados pela gente mais pobre da cidade, no desempenho de suas ásperas missões de sacerdotes que são também trabalhadores sociais (FREYRE, 1957, p. 60).



Imagem 97 - Frades com lambretas no claustro do convento de Recife.

Fonte: Revista O Cruzeiro, novembro de 1957, encontrada no acervo pessoal de Wilson Lucena.

Ainda hoje existem projetos sociais organizados por frades alemães que oferecem assistência a grupos que se encontram em estado de vulnerabilidade social, a exemplo do Projeto “Aktionkreis Pater Beda”, liderado por Frei Beda Vickermann, que atuou no Brasil por cerca de trinta anos. O projeto arrecada fundos nas regiões da Baixa-Saxônia e Vestfália na Alemanha, divulgando a problemática social brasileira, e suporta obras sociais no Brasil que se debruçam sobre a defesa dos Direitos Humanos, movimentos de trabalhadores rurais e sobre a população pobre do país, em especial, crianças de ruas.



Imagens 98 e 99 - Frei Beda com as comunidades assistidas pelo seu projeto no Nordeste do Brasil. Fonte: Imagens retiradas de folders explicativos sobre o projeto Aktionkreis coletados no convento de Bardel, na Alemanha, 2012.

Acerca desse ponto, observa-se assim outro caráter do olhar dos franciscanos alemães sobre o país, em especial durante o século XX: a visão assistencialista, a percepção do Brasil como área socialmente frágil, o direcionamento do trabalho religioso para as camadas mais pobres, agregando a este a necessidade de se estimular o desenvolvimento social.

Portanto, a relação entre os frades alemães da Saxônia e o Brasil vai ser permeada por três principais ideias que os religiosos estrangeiros apreenderam acerca do novo território durante os quase cem anos de presença seráfica germânica: a concepção do Brasil como a floresta idealizada; O Brasil austero representado pelo choque e conflito com a realidade Nordestina, que desperta sentimentos contraditórios, pois, se por um lado é adversa ao homem alemão, por outro é local ideal já que agrega sacrifício para a missão; e o Brasil exótico e socialmente desprovido, que despertou o interesse por suas culturas particulares e, em especial, pela evangelização de comunidades pobres.

Como ponto em comum, esses três pontos convergem para uma aproximação com o ideal franciscano, já que a missão seráfica em suas origens medievais busca – e até exige – a respiração oferecida pela floresta, o sacrifício que aproxima o homem de Deus, e a sensibilidade perante as particularidades do homem e as disparidades e exclusões sociais.

4. A HERANÇA FRANCISCANA ALEMÃ NO BRASIL

Foi no ano de 1891, quando também eu com mais alguns confrades fomos enviados para o Brasil. Muitos franciscanos alemães nos seguiram. [...] Em primeiro lugar, temos as nossas atividades dentro do convento, mais ou menos como nos conventos da Alemanha. [...] Aos conventos dirigem-se os fiéis na sua busca de sacramentos, da confissão e de conselhos. Os fiéis acorrem às piedosas igrejas franciscanas para rezar, achar consolo e força nas suas necessidades espirituais. Por isso lá no Brasil as atividades em nossas igrejas são muitas, porque o número de igrejas é pequeno e o número de padres é menor ainda. E os brasileiros têm uma grande confiança nos padres franciscanos. [...] Em quase todos os lugares onde se encontram os franciscanos alemães, a seus cuidados estão hospitais para os doentes de varíola e de peste, onde a miséria humana anseia por um consolo espiritual. O trabalho, portanto nos conventos e redondezas, é de imenso valor para a salvação das almas imortais do Brasil. Mas os missionários no Brasil também saem para o interior empregam missões em lugares bem distantes, às vezes bem no sertão do Brasil. Tantas vezes o caminho é muito longo (BAHLMANN, 1995, p.201-202).

O apostolado franciscano alemão no Brasil, bem como sua importância para as populações locais, é descrito de forma apologética por Frei Amando Bahlmann em discurso realizado no ano de 1908 em Essen, sua cidade natal na Alemanha¹. Além de apresentar aos conterrâneos o trabalho realizado pelos religiosos germânicos em terras além do Atlântico, o sermão os convida a se colocarem a serviço das missões ou ainda a apoiar aqueles que percorrem os caminhos do mundo para a propagação da fé católica.

O líder da primeira expedição reverencia, principalmente, a importância do trabalho dos frades da Alemanha para o atendimento das necessidades espirituais dos brasileiros. Além disso, esses religiosos reativaram a vida franciscana no país, impedindo, como se viu, a extinção das duas mais antigas Províncias seráficas brasileiras². Ainda que “as almas” se configurem como objetivo principal do apostolado franciscano, existe um campo material onde estas ações se desenvolvem e são constantemente alimentadas pelo mundo espiritual.

Frei Bahlmann, no sermão proferido em Essen, já oferece pistas dos espaços onde se desenvolvem as atividades dos franciscanos alemães no Brasil: igrejas, conventos, cidades, lugares distantes, caminhos longos. Portanto, elementos que estão dentro do legado material eleito para ser estudado.

¹ O sermão proferido por Frei Amando Bahlmann foi acessado na íntegra através da versão encontrada no apêndice 3 da publicação “Memórias Inacabadas” do próprio religioso e traduzida para o português por Frei Ernesto Kramer. O original em alemão se encontra no livro “Bischof Amandus Bahlmann in seiner Heimat”, que infelizmente não pode ser encontrado pela autora deste trabalho.

² As antigas Províncias franciscanas brasileiras de Santo Antônio e Imaculada Conceição foram oficialmente declaradas restauradas e independentes em 14 de setembro de 1901 pelo Vigário Geral da Ordem, Frei Davi Fleming, após dez anos de presença seráfica germânica no país. (KLEIN *in* FRAGOSO, 1991, v.6, p.9).

Este capítulo discorrerá sobre as linhas de ações relacionadas à arquitetura e à cidade que representam parte importante da herança franciscana alemã no Brasil, buscando não apenas caracterizar a conduta desses religiosos, como também indagar sobre as motivações que os levaram a interferir de determinada forma no espaço brasileiro. Optou-se pelo foco nas fundações seráficas erguidas nos séculos XIX e XX, pela significativa quantidade de material coletado sobre este tema, pelo ineditismo de um estudo comparativo entre essas casas sob a ótica dos frades alemães e pela aproximação do tema com a área de Arquitetura e Urbanismo.

Por meio da discussão destas espacialidades e sua associação com o universo seráfico, pretende-se compreender como o franciscanismo se materializa no Brasil na perspectiva dos frades alemães a partir do final do século XIX e o que move a existência desses espaços, tendo como fundo os estudos realizados na parte 1 deste trabalho.

4.1. Construindo o presente: as novas edificações

O movimento de itinerância dos frades da Alemanha pelas diversas regiões do Brasil foi marcado não só pelas missões e reocupação de antigas casas, mas também pela materialização desta presença através da construção de novos conventos e igrejas, expandindo o apostolado franciscano para novos territórios. Estados como Santa Catarina e Paraná, e também outros lugares do Nordeste, como Rio Grande do Norte e Ceará, receberam casas franciscanas.

A região Amazônica no Norte do Brasil também foi alcançada pela missão franciscana germânica desde o começo do século XX, quando em 1907 a Santa Sé confiou a Prelazia³ de Santarém, no atual estado do Pará, à Ordem dos Frades Menores. Coube à Província de Santo Antônio assumir os trabalhos na região, sendo designado como primeiro prelado Frei Amando Bahlmann. O próprio texto do religioso menciona o significativo tamanho da nova área de atuação: “A prelazia tem uma extensão de 700.000 km quadrados; maior, portanto, que toda a Alemanha” (BAHLMANN, 1995, p.205). Esta foi administrada pela Província até 1957, mas logo depois, em 1964, iniciou uma nova missão junto aos índios Tiryós, no norte do Pará, perdurando esta até os dias de hoje. Os alemães Frei Angélico Mielert e Frei Cirilo Haas foram os primeiros missionários a assumirem o novo campo de evangelização.

³ “A prelazia territorial ou abadia territorial são uma determinada porção do povo de Deus, territorialmente delimitada, cujo cuidado, por circunstâncias especiais, é confiado a um Prelado ou Abade, que a governa como seu próprio pastor, à semelhança do Bispo diocesano.” (Código de Direito Canônico, 2007, p.120).

Sobre os novos conventos construídos após o período da Restauração, uma dificuldade inicial do estudo sobre os mesmos esbarrou no levantamento dessas casas, já que um grande número de fraternidades foram fundadas no final do século XIX e ao longo do século XX, abrigadas algumas vezes em grandes conventos, outras em paróquias dotadas de imponentes igrejas, ou até mesmo em pequenas moradias assemelhado-se a residências comuns. Em alguns casos, se estabeleceram também em edifícios já existentes, como em Canindé, no Ceará. Até o momento, considerando-se o período que vai de 1891 até a década de 1960, a pesquisa levantou no Nordeste, a fundação de 14 novas residências– além das instaladas dentro da Prelazia de Santarém em território paraense -, número que se amplia para 33 fundadas no Sudeste e Sul do país. Alguns desses conventos/igrejas não detêm mais de vida franciscana, como é o caso do convento de Palmas, no sul do Paraná, Rio Negro no mesmo estado, Quissamã no Rio de Janeiro, e da Igreja de Nossa Senhora da Paz, no bairro de Ipanema, capital fluminense.

Tabela 7 - Fraternidades fundadas entre 1891 e 1960 no Nordeste

CIDADE/ESTADO	NOME	FUNDAÇÃO ⁴
Pesqueira/PE	Imaculada Conceição	1902
Igreja Nova/AL	Sagrado Coração de Jesus	1905
João Pessoa/PB	São Pedro Gonçalves	1911
João Pessoa/PB	Nossa Senhora do Rosário	1918
Canindé/CE	Santo Antônio	1922
Fortaleza/CE	Nossa Senhora das Dores	1929
Aracaju/SE	Santo Antônio	1934
Itajuípe/BA	Sagrado Coração de Jesus	1935
Campo Formoso/BA	Santo Antônio	1938
Lagoa Seca/PB	Santo Antônio	1940
Tianguá/CE	São José	1940
Mossoró/RN	Nossa Senhora da Conceição	1941
Campina Grande/PB	São Francisco	1944
Triunfo/PE	São Boaventura	1944

Fonte: Autora, 2015. Dados fornecidos pela Província de Santo Antônio e por FRAGOSO, 1892.

⁴ Entende-se como “fundação” a data de criação das fraternidades franciscanas ou chegada dos primeiros frades.

Tabela 8 - Fraternidades fundadas entre 1891 e 1960 no Sul e Sudeste

CIDADE/ESTADO	NOME	FUNDAÇÃO
Lages/SC	Patrocínio de São José	1891
Blumenau/SC	Santo Antônio	1892
Rodeio/SC	São Francisco de Assis	1894
Petrópolis/RJ	Sagrado Coração de Jesus	1896
Curitiba/PR	Bom Jesus	1898
Gaspar/SC	São Pedro Apóstolo	1900
Curitibanos/SC	São Francisco Solano	1900
Santo Amaro da Imperatriz/SC	Santo Amaro	1900
Quissamã/RJ	N. Senhora do Desterro	1902
Palmas/PR	Santa Cruz	1903
Florianópolis/SC	Santo Antônio	1909
Guaratinguetá/SP	N. Senhora das Graças	1910
Amparo/SP	São Benedito	1912
São Paulo /SP	Santo Antônio do Pari	1916
Rio de Janeiro/RJ (Ipanema)	N. Senhora da Paz	1918
Rio Negro/PR	São Luís de Tolosa	1918
Angelina/SC	N. Senhora da Conceição	1921
Luzerna/SC	São João Batista	1923
Ituporanga/SC	Santo Estêvão	1933
Concórdia/SC	N. Senhora do Rosário	1934
São João de Meriti/RJ	São João Batista	1935
Sorocaba/SP	Bom Jesus	1936
Forquilha/SC	Sagrado Coração de Jesus	1937
Paty do Alferes/RJ	N. Senhora da Conceição	1940
Xaxim/SC	São Luiz Gonzaga	1940
São Paulo/SP (Vila Clementino)	São Francisco de Assis	1942
Pato Branco/PR	São Pedro Apóstolo	1946
Niterói/RJ	Porciúncula de Santana	1949
Agudos/SP	Santo Antônio	1950
Nilópolis/RJ	N. Senhora da Conceição	1951
Bauru/SP	Santo Antônio	1951
Vila Velha/ES	Santuário Divino Espírito Santo	1956
Coronel Freitas/SC	Patrocínio de São José	1956

Fonte: Autora, 2015. Dados fornecidos pela Província da Imaculada Conceição e pelo site oficial da Província < <http://www.franciscanos.org.br/>>. Acesso em Junho de 2015.

Outra questão diz respeito à delimitação de quais conventos estabelecidos neste período foram construídos pelos frades da Alemanha ou tiveram uma influência mais direta desses religiosos. É de se esperar que as casas fundadas nos primeiros anos da “Restauração” apresentassem um legado mais forte. Mas também é verdade que outras influências foram exercidas sobre essas edificações, que em muitos casos, contou com a participação de mão-de-obra local, como é caso da casa franciscana de Rodeio, em Santa Catarina, cuja edificação recebeu forte atuação dos imigrantes italianos do lugar.

Torna-se ainda mais difícil delimitar um possível legado alemão nas construções erguidas a partir de meados do século XX, principalmente dentro da Província da Imaculada Conceição, onde, ao que parece, os religiosos estrangeiros se misturaram mais cedo às vocações locais, se comparado com a Província nordestina, já que a existência do Colégio Seráfico de Bardel, na Alemanha – destinado à formação de futuros frades para a missão no Nordeste do Brasil – possibilitou a existência de um intercâmbio de religiosos mais duradouro.

Tendo em vista esse conjunto de variações e problemáticas, buscou-se realizar uma análise de alguns exemplares que contaram com a participação germânica no processo de sua construção, para assim, definir alguns aspectos que caracterizaram o seu legado. Procurou-se acessar conventos erguidos em diferentes regiões do país, construídos em períodos distintos, e sujeitos a diversas influências espaciais e sociais. De um total de 14 conventos novos levantados no Nordeste, foram escolhidos três exemplares para a análise. De um grupo de 33 no Sul e Sudeste, oito residências foram selecionadas⁵.

Tabela 9 - Conventos franciscanos analisados

	CIDADE/ESTADO	NOME	FUNDAÇÃO
1	Blumenau/SC	Santo Antônio	1892
2	Lages/SC	Patrocínio de São José	1892
3	Rodeio/SC	São Francisco de Assis	1895
4	Petrópolis/RJ	Sagrado Coração de Jesus	1896
5	Santo Amaro/SC	Santo Amaro	1900
6	Gaspar/SC	São Pedro Apóstolo	1900
7	Igreja Nova/AL	Sagrado Coração de Jesus	1903
8	Florianópolis/SC	Santo Antônio	1908
9	São Paulo/SP	Santo Antônio do Pari	1916
10	Lagoa Seca/PB	Santo Antônio	1940
11	Campina Grande/PB	São Francisco	1943

Fonte: Autora, 2015. Dados fornecidos pelas Províncias de Santo Antônio e Imaculada Conceição.

⁵ Para as análises realizadas nesta etapa, dos conventos visitados foi excluído apenas o Santuário do Divino Espírito Santo, em Vila Velha (ES) pela ausência de material bibliográfico e/ou documental encontrado sobre o lugar e pelo pouco tempo que tive para acessar o espaço.

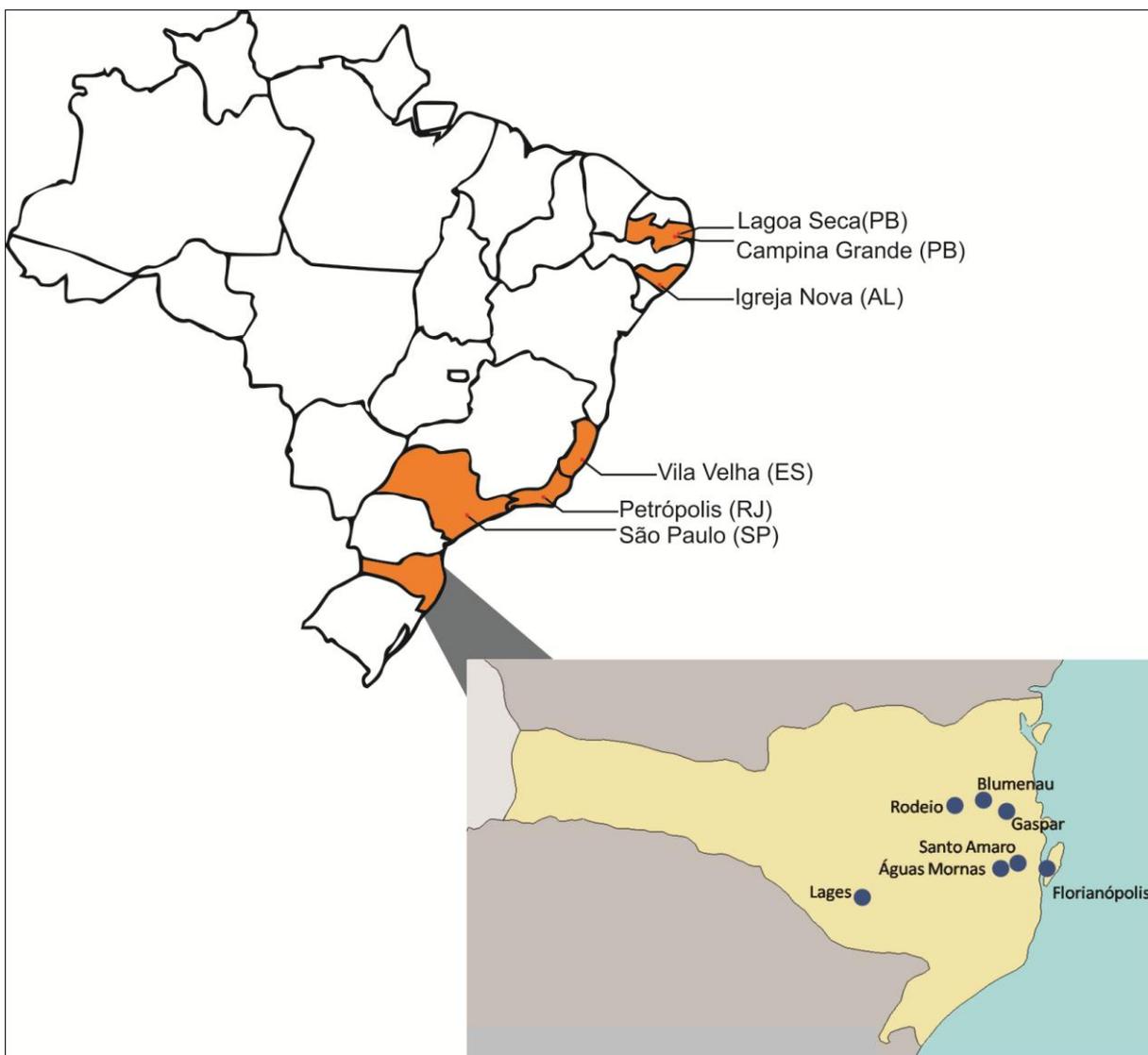


Imagem 100 - Cidades onde se situam os conventos visitados pela autora construídos após a vinda dos frades alemães ao Brasil. Fonte: Autora, 2014.



Imagem 101 - Conventos e igrejas franciscanas visitadas, erguidas no Brasil no final do século XIX e durante o século XX. Na ordem, edificações situadas nas seguintes cidades: Igreja Nova-AL, Campina Grande-PB, Lagoa Seca-PB, Blumenau-SC, Petrópolis-RJ, São Paulo-SP, Rodeio-SC, Santo Amaro da Imperatriz-SC, Gaspar-SC, Florianópolis-SC e Lages-SC.

Fonte: Imagens da autora, anos de 2012 e 2013.

É importante destacar que houve um esforço dos frades germânicos em adentrar novos territórios do interior do Brasil que até então não eram abrangidos pela ação franciscana, mas ao mesmo tempo a ida desses religiosos para novas localidades muitas vezes foi solicitada pelas próprias populações e dioceses locais, que buscavam preencher paróquias vacantes. Sobre essa questão, aborda Frei Hugo Frago:

As motivações dos franciscanos para aceitarem o encargo dessas novas fundações foram várias. O mais como, porém, foi o pedido dos Srs. Bispos, expressando uma necessidade de determinadas comunidades de suas Dioceses. Mas poderíamos resumir todos os motivos que levaram os franciscanos a essas novas fundações, num só motivo: atendimento ao apelo da Igreja Local. (FRAGOSO, 1982, p. 84).

A paróquia de Blumenau (SC), por exemplo, foi assumida pelos franciscanos em 1892 após o pedido do antigo pároco, o alemão Pe. José Maria Jacobs, que retornaria a Alemanha e buscava substituto para o atendimento espiritual da comunidade católica da antiga colônia germânica (BAHLMANN, 1995, p.65). Já a Paróquia de Igreja Nova (AL) foi assumida em 1903 pelo alemão Frei Clemente Sagan, religioso que vivia no convento de Penedo, após os pedidos do Bispo Diocesano D. Antônio Manoel Brandão (Livros das

Crônicas do convento de Igreja Nova, s.p.). O mesmo se sucedeu nas demais paróquias do interior do país.

Não se procurou estabelecer uma linhagem cronológica de cada convento ou estudá-los separadamente, mas explorar temas vinculados à materialidade franciscana e que também se relacionassem com o próprio legado deixado pelos religiosos germânicos.

O convento franciscano erguido pelos frades alemães no Brasil nos séculos XIX e XX adquire uma grande variedade de feições. Se no período colonial, o estabelecimento definitivo dos seráficos nas vilas e povoados era marcado pela construção de um pequeno recolhimento que logo depois viraria uma grande edificação com um programa bem definido, o período posterior à Restauração terá situações diversas com relação a edificação das casas. Dessa forma, quando se fala nas novas fundações encabeçadas pelos germânicos, a “a casa do frade” não seguirá modelos homogêneos com programas pré-definidos, mas alternará entre um convento, uma casa, ou até mesmo uma morada improvisada.

A primeira residência no Brasil, mais precisamente na colônia de Teresópolis, se enquadra dentro do que seria a casa improvisada. Somando-se a isso às precariedades e privações materiais do lugar, tem-se então um espaço que de certa forma preenche os ideais utópicos almejados pela fraternidade franciscana primitiva. Sobre este primeiro recinto, descreve Frei Humberto Themans, que estava entre os primeiros frades residentes no lugar:

A casa paroquial tem 4 cômodos dos quais, uma sala de visitas, dois dormitórios e cozinha que serve de sala de almoço. Em nada se diferencia de uma casa de colonos. É só um andar e tão baixo que se pode tocar comodamente no teto. Nós a encontramos vazia, sem qualquer móvel, pelo que nos primeiros dias tivemos que morar com um colono. [...] Arrumamos algumas tábuas que eram muito primitivas, uns tocos de madeira no chão e colocamos algumas tábuas sobre os mesmos. Aos poucos, arrumamos uns sacos cheios de folhas de milho, e as camas improvisadas estavam prontas. Agora tratava-se da arrumação da cozinha. Mas isto também não nos causou muitas dificuldades. Dois caldeirões, um para a sopa, e outro para o feijão, como também pratos, etc, foram fornecidos pelos colonos (THEMANS, 1991, p.36).

Assim, a primeira casa dos frades alemães no Brasil, com camas feitas de tábuas e folhas de milho, ambientes reduzidos e incômodos, e mantimentos providos pelas esmolas da população, se aproximava da ideia de pobreza evangélica e sacrifício que muitas vezes Francisco exigia da materialidade. Lembra-se, no entanto, que essa condição não foi escolhida pelos frades, mas imposta pelas condições locais. Outro ponto colocado por Themans e que também encontra respaldo nos anseios do franciscanismo primitivo, diz respeito à utilização da casa alheia. No caso de Teresópolis, a casa inicial da comunidade seráfica foi a morada de um habitante do lugar. Considerando que a Ordem franciscana, por princípio, está muito menos voltada para o mundo enclausurado, e seu carisma se direciona

para os caminhos, as cidade e as pessoas, a utilização da residência de seculares ou dos fiéis a serem evangelizados não soa estranha, mesmo que esta utilização por vezes venha trazer incômodos para o cotidiano da vida religiosa⁶.

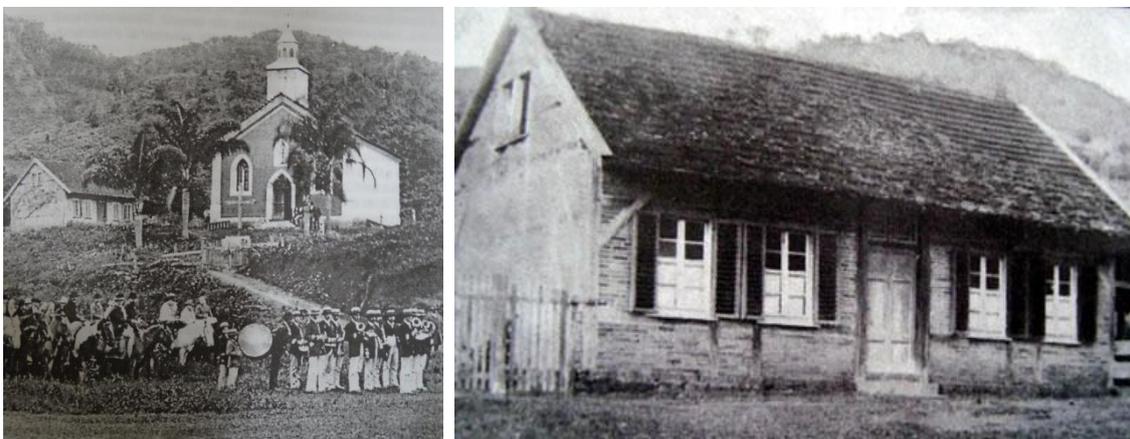


Imagem 102 - Vista de Teresópolis da década de 1890, mostrando a primeira residência dos frades alemães no Brasil e a então igreja católica do lugar. Fonte: JOCHEM, 2002, p.89.

Imagem 103 - Imagem da primeira residência em data indefinida. Fonte: Imagem extraída de recorte de jornal encontrado no Arquivo da Província da Imaculada Conceição.

Estando em missão em um país ainda desconhecido, é natural que a utilização da casa alheia se repita em outros momentos da atividade seráfica alemã, em especial no sul do Brasil, onde não havia o suporte dos antigos conventos coloniais para o acolhimento. Em Florianópolis, por exemplo, a primeira morada dos religiosos se dá nas dependências da Igreja da Ordem Terceira, deixando os frades o local quando o mesmo já não comportava o aumento da fraternidade, segundo atesta o Livro de Crônicas da residência. Esta opção também se configurou como o estabelecimento inicial dos franciscanos em Gaspar, como relata Frei Pedro Sinzig, um dos primeiros missionários germânicos da localidade:

Durante o tempo que nós padres aqui ainda não tínhamos residência, nós nos hospedávamos constantemente em casa de Carlos Procópio Hoeschl, viúvo e comerciante na praça, cidadão de extraordinária bondade. Vivia aqui com sua filha única 'Mimi'. Jamais encontrei hospedeiro melhor... Quando qualquer um de nós aniversariava, podia estar certo de encontrar o seu quarto, na casa do Sr. Hoeschl, festivamente enfeitado, com vaso de flores e um presente sobre a mesa (SINZIG in SCHMITT, 2008, p.160).

Em muitos casos, a construção das igrejas precederá a edificação de conventos. Em outros, os frades se estabelecerão nas casas paroquiais deixadas por seus antecessores, ou demais espaços improvisados. Exemplo desta última característica se encontra na antiga escola-capela de Rodeio que ganhou um anexo de tábuas para servir de morada dos

⁶ Frei Humberto Themans, por exemplo, cita em seu relato que o colono proprietário da casa que abrigou os primeiros frades alemães em Teresópolis, também possuía uma venda no mesmo espaço, o que tornava desagradável a estadia no local (1991, p.37).

religiosos. A rudimentar construção abrigava refeitório, cozinha, capela do Santíssimo Sacramento, sacristia e o quarto do Superior, enquanto as demais celas foram arranjadas no prédio da escola (PINTARELLI, 1994, p.16). Portanto, as edificações que funcionaram como primeiro conventos por vezes eram espaços simples, frágeis, provisórios, sem maiores pretensões de permanência.

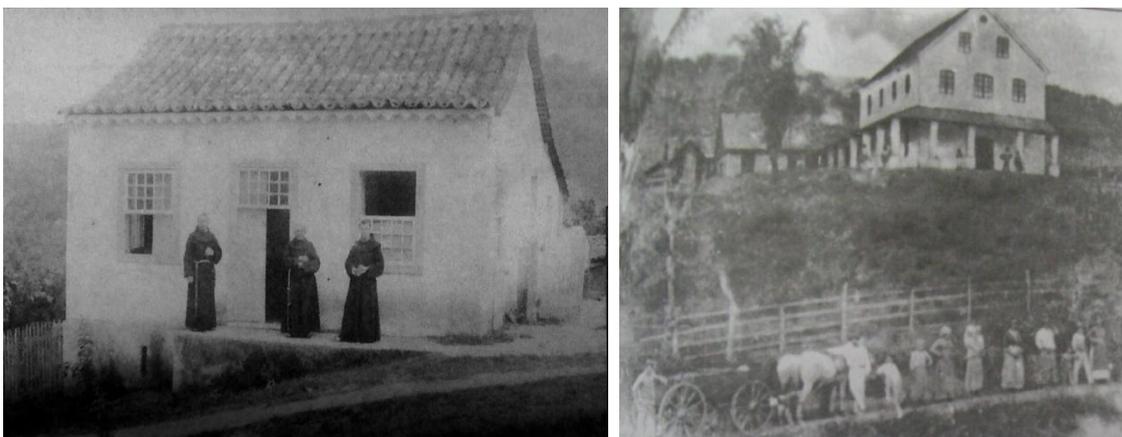


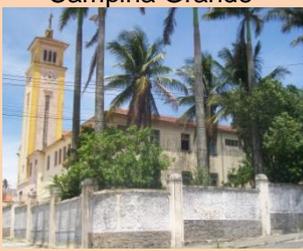
Imagem 104 - Antiga casa paroquial de Santo Amaro da Imperatriz que serviu como primeira residência para os frades alemães no lugar. Fonte: JOCHEM, 2005, p.56.

Imagem 105 - Antiga capela-escola de Rodeio com anexo onde funcionou o primeiro convento dos frades. Fonte: PINTARELLI, 1994, p.17.

Com o definitivo estabelecimento dos frades, as necessidades dos religiosos de habitações amplas e confortáveis logo apontaram para as construções de novas moradias mais duradouras que ora evoluíram para verdadeiras casas anexas às igrejas - ou até mesmo soltas destas - ora para conventos de maior porte. Diferente do período colonial, onde as residências franciscanas apresentavam uma linguagem estilística em comum, bem como partidos arquitetônicos semelhantes, as novas casas, em geral, se distinguem entre si, tanto no que se refere às formas, escalas, ambientes quanto acerca das funções que abriga.

No geral, pode-se distinguir três grupos dentro dos exemplares analisados. As casas de menor porte construídas dissociadas a priori do espaço da igreja; os conventos de porte médio, que já reúnem elementos típicos de um complexo conventual (como cerca, claustro, igreja) apesar de alguns ainda possuírem escala mais humana; e os grandes conventos, representados pelas casas de formação.

Tabela 10 - Divisão dos conventos visitados

Grupo 1: Casas pequeno porte	Grupo 2: Conventos porte médio	Grupo 3: Grandes conventos (conventos-escola)
	<p data-bbox="742 347 879 376">Igreja Nova</p> 	
<p data-bbox="284 871 603 900">Santo Amaro da Imperatriz</p> 	<p data-bbox="710 616 911 645">Campina Grande</p> 	<p data-bbox="1157 683 1246 712">Rodeio</p> 
<p data-bbox="391 1176 480 1205">Gaspar</p> 	<p data-bbox="751 918 869 947">Petrópolis</p> 	<p data-bbox="1141 1030 1262 1059">Blumenau</p> 
	<p data-bbox="710 1198 911 1227">São Paulo (Pari)</p> 	<p data-bbox="1125 1388 1262 1417">Lagoa Seca</p> 
	<p data-bbox="735 1478 885 1507">Florianópolis</p> 	
	<p data-bbox="774 1758 847 1787">Lages</p> 	

Fonte: Autora, 2015.

Os principais elementos relacionados a esses grupos de conventos serão abordados nos itens seguintes, iniciando-se pelo estudo da igreja, espaço que ganhou grande importância dentro das construções dos frades alemães no Brasil e que se apresentam como elementos de destaque em todos os grupos de conventos acima mencionados.

4.2. As igrejas: valorização da matéria

A valorização dos espaços das igrejas talvez tenha representado o principal ponto de aproximação entre os frades alemães e o espaço construído, bem como entre esses religiosos e as cidades onde se localizavam esses edifícios, importância que é atestada quando se observa o valor arquitetônico e urbano desses templos. Este fato ocorreu no caso dos três grupos aqui analisados.

Quando os religiosos da Alemanha adentravam em novas localidades, se utilizavam primeiramente da “igreja alheia”. Em Florianópolis, por exemplo, o Livro das Crônicas da casa relata este caso:

Moravam eles nas dependências da igreja de São Francisco, propriedade da Ordem Terceira, que desde muitos anos existia em Florianópolis. Aceitaram os Padres a pregação na catedral, o culto religioso na igreja de São Francisco, foi-lhes confiado o culto no Colégio das irmãs, no asilo das órfãs, no Hospital da Caridade e, mais tarde, na mendicidade e na Maternidade. (Crônica da residência franciscana de Florianópolis, s.d.)

Frei Hugo Fragoso (1982, p.85) coloca que as novas fundações seráficas tiveram como dois principais motores, a busca pela instrução catequética do povo e sua participação nos sacramentos. Frei Ary Pintarelli, ao descrever os anos iniciais dos frades alemães em Rodeio (SC), converge para a ideia de Fragoso: “Enquanto Frei Lucínio [Korte] se ocupava da administração paroquial, da cura das almas [...], Frei Germano [Wunsick] mostrou ser o companheiro ideal, dedicando-se à catequese e à escola” (PINTARELLI, 1994, p.14). Sendo assim, para um melhor atendimento e edificação da “Igreja de homens” se fazia necessário o amparo da “Igreja de pedras”.

As fontes consultadas narram que os frades por vezes atuavam até mesmo como projetistas ou construtores - como é o caso de Frei Clemente Sagan em Igreja Nova, Frei Egydio Lothar na catedral de Lages e Frei Jacó Höfer e Frei Ceslaus em Santo Amaro da Imperatriz - e também com a ajuda das populações locais. Estas participavam da edificação dos templos não só com ajuda financeira, mas também atuando no canteiro de obras propriamente dito. O livro de Crônicas da casa seráfica de Igreja Nova relata este processo de construção:

O Rev. P. Frei Clemente Sagan, no dia 19 de abril de 1903 encarregado da regência desta freguesia e assinado pelo dito Bispo Diocesano, principiou em seus de outubro de 1904 a obra da Matriz. Pelos seus grandes esforços e os do Rev. P. Odilão Gelhans, que trabalhou incansavelmente para angariar donativos assim para a igreja como para o convento, os trabalhos marcharam rapidamente. Apesar da crise que atravessaram-se acharam-se muitos corações nobres e generosos tanto entre os parochianos como entre os habitantes de diversas freguesias visinhas. Grandes louvores merecem os pobres em sua mayor parte, que privados de recursos prestavam-se [ilegível] a todos os serviços reclamados pela ocasião. Muitíssimas vezes se offereciam para este fim muitas centenas de pessoas. (Livro de Crônicas do convento de Igreja Nova, s.d.)

Da mesma maneira, o historiador catarinense Toni Jochem⁷ traz em sua obra sobre a Paróquia de Santo Amaro da Imperatriz registros de jornais de época, encontrados na documentação da Paróquia e da residência seráfica local, que descrevem a atuação dos franciscanos e da população para a edificação da igreja Matriz da cidade:

O majestoso templo gótico levantado sobre elegante colina, pelo braço forte de um povo valente, atesta a influência e proclama os abnegados sacrifícios que a religião católica sabe inspirar. Durante quatro anos, esse pugilo de fiéis, orientado pela ação constante e abnegada de um humilde sacerdote que envergava o burel da ordem seráfica, trabalhou com afinco, (...). Uns ofereciam meios pecuniários, outros, arrostando as ardências do sol e a impertinência das chuvas hibernais, quebravam rochas vivas, amassavam a argila para pedras artificiais, outros ainda subiam às encostas íngremes das serras sombrias e cortaram a madeira de lei, carregando-a, dois a dois, aos ombros, para o teatro de sua atividade espantosa, à semelhança dos israelitas ao construírem o grandioso tempo de Salomão (Trecho do Jornal A Época de 18/11/1911 in JOCHEM, 2005, p.68).



Imagem 106 - Frades franciscanos durante o início da construção da Catedral de Lages em 1912. Fonte: Extraído de <<http://lagesconhecalagesape.blogspot.com.br/>>. Acesso em outubro de 2015.

⁷ Toni Jochem tem uma ampla bibliografia sobre a imigração alemã em Santa Catarina e acerca da religiosidade das colônias alemãs situadas principalmente na região metropolitana de Florianópolis. Talvez o mais importante estudo sobre a Paróquia de Santo Amaro da Imperatriz é de sua autoria e foi utilizado neste trabalho como principal fonte sobre a atuação franciscana na localidade. O Centro de atendimento ao turista do Município, vinculado a Secretaria de Turismo e Cultura, presenteou a autora com um exemplar do livro, durante visita técnica realizada à cidade.

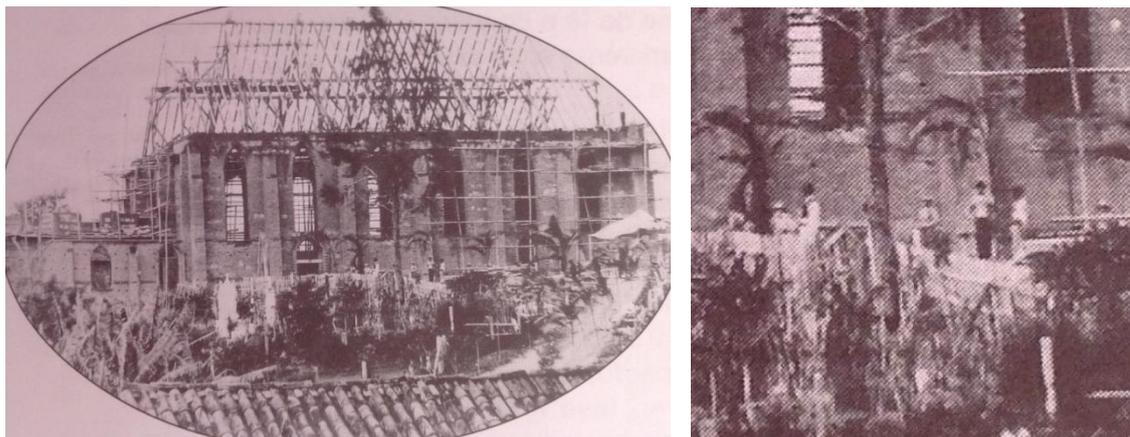


Imagem 107 - Construção da Igreja Matriz de Santo Amaro da Imperatriz e detalhe mostrando participação de seculares nas obras. Imagem do final de década de 1900.

Fonte: JOCHEM, 2005, p.65.

No que se refere à localização situam-se em áreas de destaque e muitas vezes nos pontos mais altos dos núcleos urbanos, podendo suas torres ou até a própria edificação como um todo serem visualizadas em diferentes partes da cidade. O alemão Frei Pedro Sinzig⁸, primeiro franciscano residente em Gaspar (SC) coloca que a localização da igreja, em área elevada permitindo que a mesma pudesse ser observada até fora dos limites do centro urbano, seria a ideal: “A igreja de Gaspar encontra-se em cima de um morro. Melhor lugar para uma casa de Deus dificilmente se pode imaginar. Tanto quem sobe ou desce pelo rio, como quem vai pela estrada, sempre vê a igreja acenando de longe” (SINZIG *in* SCHMITT, 2008, p.124).



Imagens 108 e 109 - Matriz de Gaspar (SC) vista a partir do começo da ponte sobre o Rio Itajaí-Açu e Matriz de Santo Amaro da Imperatriz (SC). Fonte: Autora, 2013.

⁸ A primeira fraternidade franciscana de Gaspar foi constituída por Frei Pedro Sinzig e pelo Irmão Frei Wigberto Birk. O primeiro integrou os grupos pioneiros de missionários germânicos que aportaram no Brasil no final do século XIX e foi um dos importantes personagens da História franciscana brasileira pós-Restauração. Sobre o religioso, discorre Frei Elzeário Schmitt: “Tornou-se famoso músico, compositor e fundador de corais, autor de oratórios, romances, jornalista fecundo, polêmico defensor da Igreja, em Lages e depois na imprensa do Rio, uma das cabeças mais lúcidas que os franciscanos tiveram no Brasil até hoje” (SCHMITT, 2008, p.81). Além disso, é de sua autoria a tradução para o português da cantiga natalina alemã “Stille Nacht” (Noite Feliz), na forma que é atualmente conhecida e cantada no Brasil (Ibid., p.281).



Imagens 110 e 111 - Convento franciscano de Rodeio (SC) visto da serra, com demarcação da área abarcada pelo complexo conventual e vista frontal da igreja. Fonte: Autora, 2013.

Em outros casos, a igreja não se situa em ponto elevado, mas ganha destaque por se localizar no ponto de fuga da perspectiva urbana, onde as linhas das ruas convergem para o edifício religioso, ou se encontra isolada de demais construções citadinas, junto a grandes espaços vazios - os adros - que ajudam a ressaltar ainda mais a monumentalidade dessas edificações. Tal configuração urbana não é nova para a cidade brasileira, mas repete o formato da inserção dos edifícios religiosos nas cidades coloniais do país.



Imagem 112 - Vista antiga de Lages, sem data. Fonte: Extraído de <http://lagesconhecalagesape.blogspot.com.br/>. Acesso em outubro de 2015. Esquema da autora.
Imagem 113 - Vista atual da Catedral da cidade. Fonte: Autora, 2013.



Imagem 114 - Igrejas e torres franciscanas de conventos catarinenses vistas através de diversos pontos das cidades de Lages, Blumenau, Santo Amaro da Imperatriz, Florianópolis, Rodeio e Gaspar. Fonte: Autora, 2013.



Imagem 115 e 116 - Igreja e convento franciscano do bairro do Pari, região central de São Paulo. Fonte: Imagem cedida por Frei Róger Brunorio, s.d.; Imagem extraída da capa da revista Cinquentenário da Matriz Santo Antônio do Pari, 1964.

Percebe-se também que as construções franciscanas até hoje ocupam grandes porções dos núcleos urbanos (alguns ainda acanhados) nas quais estão inseridas e ainda no presente se configuram como as mais imponentes e até mais importantes edificações destas cidades. A disparidade entre seu grande volume construído e a simplicidade dos centros citadinos é ainda mais evidente se forem analisadas as iconografias antigas de períodos em que as cidades aqui abordadas ainda eram pequenos povoados, colônias ou vilas. Portanto, novamente, a arquitetura franciscana alcança um estatuto de imponentia dentro da malha urbana, conforme se verificou em outros recortes espaciais e temporais.

As grandes dimensões, aliás, será uma das características mais marcantes dos templos erguidos pelos religiosos germânicos. É verdade que em muitos casos a própria população solicitava construções maiores, em especial, quando as antigas capelas ou igrejas existentes, já não suportavam as demandas das paróquias, como aconteceu da cidade de Gaspar. Nela, a nova Matriz foi erguida a partir de 1945, sob a liderança do alemão Frei Godofredo Sieber: “A paróquia está reclamando nova Matriz. Já porque a atual se torna insuficiente, já por causa de seu estado de conservação. Esta questão deve ser encarada de pronto e sem demora.” (Livro do Tombo da Paróquia de Gaspar *in* BAPTISTA, 1999, p. 63).

Não apenas a população, mas os próprios frades vislumbravam templos maiores apresentando como justificativa o atendimento às necessidades locais. Sobre a igreja de Rodeio, atesta a crônica da casa: “As necessidade religiosas sempre mais prementes, reclamavam, entretanto, uma igreja de maiores proporções⁹” (Livro das Crônicas do convento de Rodeio, 1940-62).



Imagem 117 - Construção da nova Matriz de Gaspar em 1947. Frei Godofredo Sieber encontra-se no último patamar do andaime como mostra marcação à caneta feita pelo próprio¹⁰.

Fonte: BAPTISTA, 1999, p. 74.

⁹ Retirado de texto de autoria de Frei Benvindo Destéfani que encontrava-se anexado ao Livro de Crônicas da residência franciscana de Rodeio.

¹⁰ A imagem foi extraída do livro organizado por Leda Maria Baptista sobre Frei Godofredo e a cidade de Gaspar. Na legenda encontrada junto a imagem, a publicação traz mais detalhes: “No verso da foto, ele escreveu aos parentes: ‘olhem onde eu estou com os braços abertos’.” (BAPTISTA, 1999, p.74).

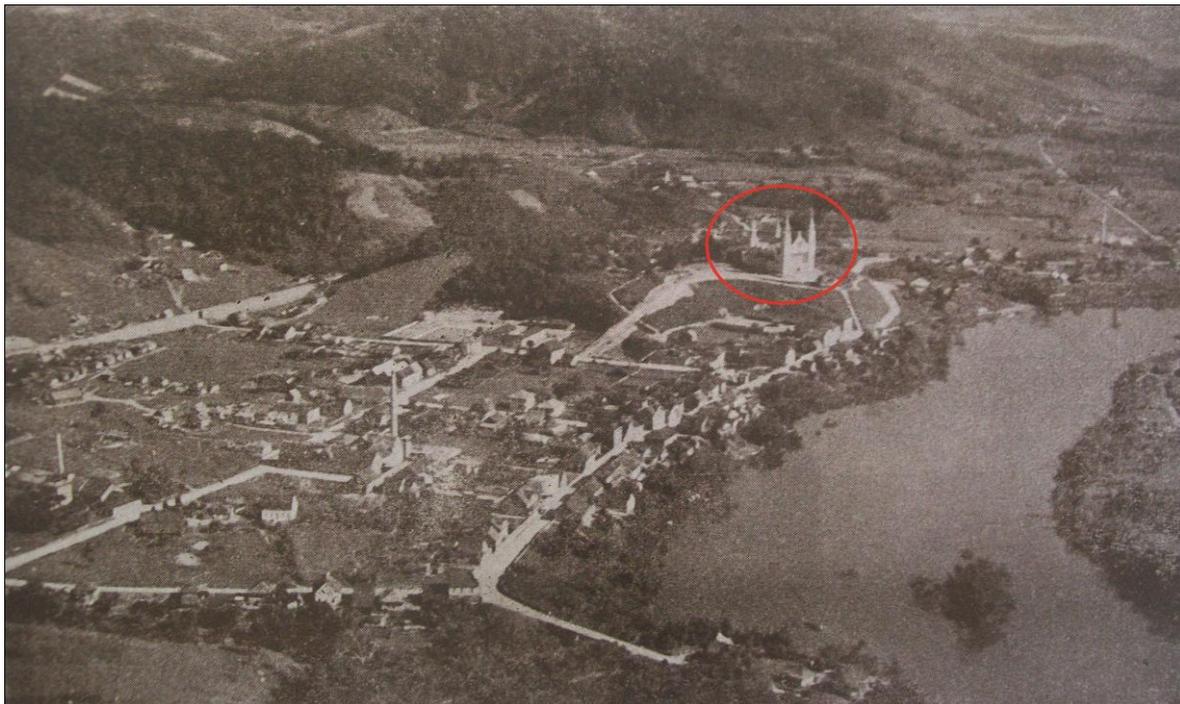


Imagem 118 - Vista aérea de Gaspar em imagem de 1950 ou período logo anterior, com destaque para a nova Matriz construída a partir de 1945 que se sobressai no núcleo urbano ainda incipiente. Fonte: Imagem extraída da publicação “Centenário de Blumenau”, 1950.



Imagem 119 - Vista de Gaspar em 2007. Apesar do notável crescimento urbano e do aumento na densidade construída da cidade, a Matriz ainda permanece sendo a edificação de maiores proporções de Gaspar. Fonte: SCHMITT, 2008, p.358.



Imagem 120 e 121 - Vista da década de 1920 e atual da cidade de Santo Amaro da Imperatriz com demarcação da Igreja Matriz. A construção franciscana além de se encontrar em área mais elevada, também se estabelece em área central da direção do crescimento urbano. Fonte: JOCHEM, 2005, p.69; imagem atual extraída de <<http://www.pmsai.sc.gov.br/noticia/411/imoveis-estao-sendo-recadastrados-em-santo-amaro>>. Acesso em Dez.2015. Marcações da autora.



Imagens 122 e 123 - Vista da antiga colônia italiana de Rodeio em período anterior a 1913 e vista da atual cidade. Fonte: PINTARELLI, 1994, p.19; Imagem da autora, 2013. Marcações da autora.



Imagem 124 - Vista da imponente Matriz de Igreja Nova em meio ao simples casario da cidade alagoana. Fonte: Imagem da autora, 2011.

A construção franciscana do bairro do Pari, região central de São Paulo, representa bem a intenção dos religiosos em erguerem grandes igrejas, mesmo que em locais de estrutura ainda incipiente. Sobre a região, relata Frei Paulo Schmitz, em texto reproduzido pela Revista comemorativa pelos 50 anos da Paróquia:

Para esta cidade transferiram-se também muitos portugueses, acantonando-se no bairro do Pari, então distante da cidade. Era bairro inculto, quase inabitado onde, segundo expressão de uma reportagem de 1929 de José Maria de Assis (pseudônimo de Frei Benvindo Destéfani), “as águas do Tietê e do Tamanduatey, em tempos chuvosos inundavam terrenos, transformando-os em brejos, onde coaxavam rãs e proliferavam pirilampos em noites caniculares” (SCHMITZ *in* CINQUENTENÁRIO..., 1964, p.2).

O gesto de Frei Olivério Krämer em iniciar a edificação da imponente igreja do Pari em lugar tão rudimentar nas primeiras décadas do século XX foi qualificado como arrojado, e até mesmo insano, segundo atesta a bibliografia:

Sanadas as irregularidades de emergência nesse setor pastoral, Frei Olivério [Krämer], em 1922 lança a Pedra Fundamental e inicia a construção da atual Igreja Matriz que seria mais tarde uma das maiores da Capital Bandeirante. Foi cognominado por uns de “Apóstolo Arrojado”, acoimado por outros de “Louco” por construir uma igreja de tamanhas proporções em bairro quase baldio, onde havia apenas uma rua habitada! (CINQUENTENÁRIO..., 1964, p.8).

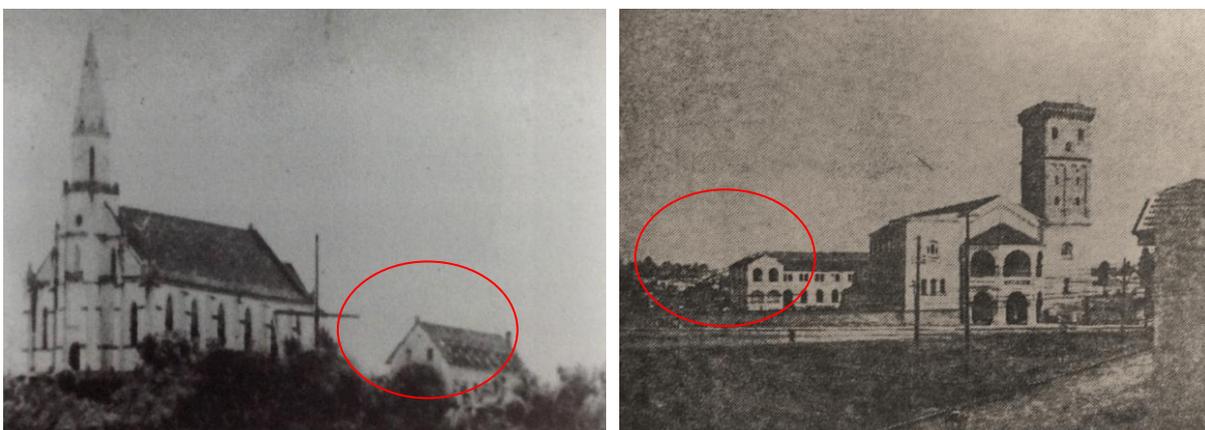
Mesmo com o intenso crescimento urbano da área central de São Paulo, o volume construído do complexo franciscano – em especial a materialidade da igreja seráfica com suas robustas torres - ainda se destaca em meio à atual adensada região do bairro do Pari, permanecendo o adro em frente ao templo como uma das poucas áreas vazias remanescentes na paisagem urbana.



Imagem 125 e 126 - Complexo franciscano do Pari em 1926 durante o reinício da construção das torres e vista atual da construção junto ao bairro.

Fonte: CINQUENTENÁRIO..., 1964, p.32; imagem atual de Érika Augusto extraída em <<https://historiasdopari.files.wordpress.com/2014/01/torres-da-igreja-colridas.jpg>>. Acesso em Nov. 2015.

Em alguns dos casos estudados, pode-se observar também a existência de um evidente contraste entre a igreja construída e os conventos ou residências franciscanas, que muitas vezes apresentavam-se como simples casas de tamanho reduzido, e sem grandes preocupações formais ou estilísticas, em especial no caso do Grupo 1. Esta diferença de escalas entre igreja e o convento pode evidenciar uma preocupação maior pelo espaço que abriga os cultos divinos e que atende a população em geral, em detrimento da “casa dos frades”.



Imagens 127 e 128 - Diferença de escalas e volume construído entre igreja e convento (demarcado em vermelho) dos exemplares seráficos de Santo Amaro da Imperatriz e do Pari.

Fonte: JOCHEM, 2005, p.58; e CINQUENTENÁRIO..., 1964, p.32. Esquema da autora.

Há casos também em que a construção de igrejas conduzidas pelos religiosos germânicos ocorreu desvinculada da existência de um convento anexo, como no caso dos Grupos 1 e em alguns exemplares do Grupo 2 e 3. Mesmo que este trabalho tenha como foco as igrejas conventuais, vale destacar que cidades como Blumenau e Lages, por exemplo, os frades se empenham tanto na construção da igreja conventual quanto na

ereção da matriz, que atualmente se configuram como as catedrais de ambas as cidades. No caso de Lages, a igreja conventual foi erguida em 1916, quatro anos após a edificação da Matriz¹¹ (1912), e apesar de ainda se destacar no conjunto franciscano, não há um grande contraste na relação de escalas entre igreja e convento, existindo até mesmo certa continuidade do ponto de vista dos materiais e texturas utilizados.

Já a capela pertencente à casa franciscana de Blumenau, erguida em 1901 (Bohn, 2001, p.43), apresenta pequenas proporções e escala mais humana, já que, ao que parece, a mesma foi erguida, a princípio para atender as demandas internas do convento e provavelmente do Colégio Seráfico existente no lugar¹². A construção de uma igreja de grandes proporções na cidade ficou por conta do estabelecimento da nova Matriz¹³ de Blumenau em 1953, cuja edificação foi guiada pelo religioso alemão Frei Brás Reuter e o projeto elaborado pelo arquiteto também germânico, Gottfried Böhm (KORMANN, 1944, p.49).



Imagens 129 e 130 - Complexo franciscano de Lages com igreja e convento, e atual Catedral da cidade, todos construídos pelos frades germânicos. Fonte: Imagens da autora, 2013.

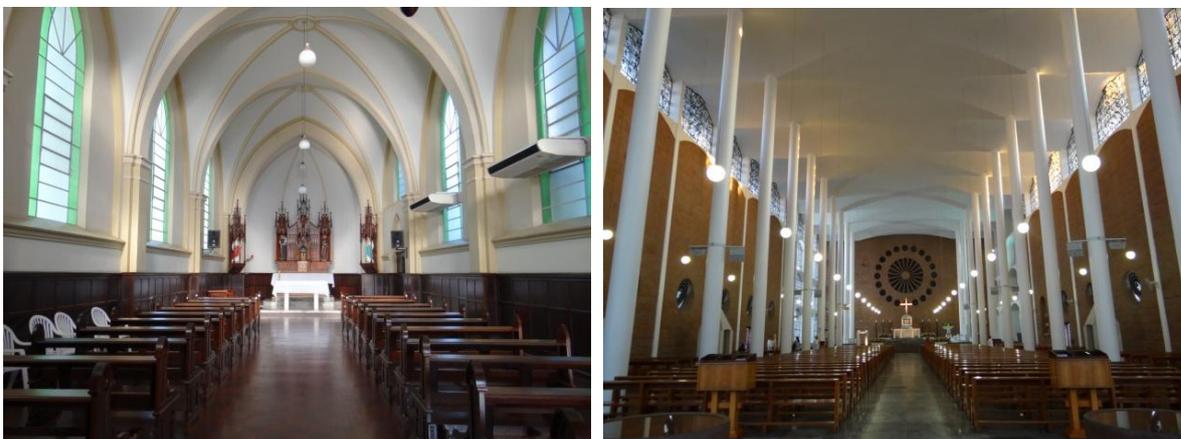
¹¹ A Catedral de Lages, construída pelos franciscanos alemães entre 1912 e 1922, atualmente não mais se encontra sob a administração dos franciscanos, que a entregaram aos Padres Diocesanos em 2 de fevereiro de 1971. Em seu lugar, os frades assumiram a responsabilidade pela Paróquia de Nossa Senhora Aparecida, na periferia da cidade, conhecida como a “Igreja do Navio” (Livro de Crônicas do convento franciscano de Lages, 1981).

¹² A capela, bem como o antigo convento e o Colégio Seráfico sofreram várias modificações ao longo do tempo e atualmente fazem parte das instalações do Colégio Bom Jesus. O Colégio gentilmente permitiu a visita às suas dependências, inclusive acesso à biblioteca e aos arquivos locais, porém restringiu o levantamento fotográfico do local, visando preservar a imagem de seus alunos. Assim, o trabalho apresenta certa deficiência no que se refere ao levantamento fotográfico de áreas externas do que anteriormente fazia parte do complexo franciscano.

¹³ A Matriz e atual Catedral de Blumenau esteve sob administração dos franciscanos até o ano de 2000, quando o Papa João Paulo II erigiu a Diocese de Blumenau e a igreja passou para os cuidados do bispo diocesano (BOHN, 2011, p.181).



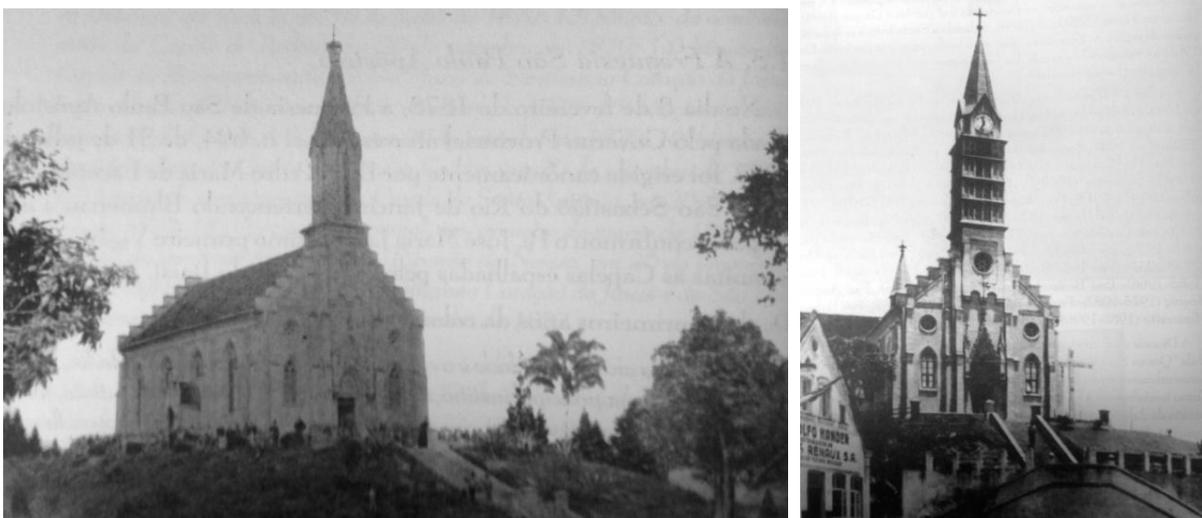
Imagens 131 e 132 - Interior da igreja anexa ao convento franciscano de Lages e interior da Matriz da cidade. Fonte: Imagens da autora, 2013.



Imagens 133 e 134 - Interiores das duas igrejas franciscanas erguidas em Blumenau: a capela do antigo convento e a Matriz da cidade. Fonte: Imagens da autora, 2013.

Se por um lado os franciscanos da Alemanha mostram um interesse pelo espaço da igreja ao empreenderem grandes obras, por outro, sua ação careceu de zelo pela importância histórica de espaços existentes anteriormente à sua chegada. A antiga Matriz de Blumenau, construída a partir de 1868 pela direção administrativa da então colônia alemã (BOHN, 2001, p.35) com características que remetem ao estilo neogótico, foi completamente demolida em 1956, quando a nova igreja se encontrava em obras (KORMANN, 1944, p.53). Em período anterior, o antigo templo já havia sofrido alterações em sua forma quando a paróquia já se encontrava sob a administração dos franciscanos alemães¹⁴. No ano de 1930, Frei Gabriel Zimmer objetivando dotar a igreja com novos sinos e um relógio, negligenciou os aspectos formais e estéticos da antiga torre, para que a mesma atendesse a função de comportar os recém adquiridos elementos (KORMANN, 1944, p.57).

¹⁴ A Paróquia de Blumenau foi assumida pelos frades alemães em 1892, tendo como primeiro vigário Frei Zeno Wallbröhl (KORMANN, 1994, p.29).



Imagens 135 e 136 - Antiga Matriz de Blumenau em sua feição original e depois de 1930. Fonte: Bohn, 2001, p.40 e p.44.



Imagens 137 e 138 - Igreja Matriz de Blumenau e detalhe de sua torre. Fonte: Autora, 2013.

Na cidade de Gaspar, a antiga Matriz também foi demolida pelos franciscanos para dar lugar a um templo de maiores dimensões. A igreja encontrada pelos religiosos germânicos quando chegaram a Gaspar em 1900 foi erguida ainda em 1885 sob a liderança do padre alemão Henrique Matz e demolida em 1942. Em gesto simbólico, o próprio Frei Godofredo Sieber, que liderou a construção da nova Matriz, participou do processo de demolição da antiga edificação, segundo atesta a bibliografia consultada:

A administração da paróquia exigia paciência e coragem. Mas nada disso foi suficiente para dissuadi-lo da ideia de construção da nossa imponente Igreja Matriz. Pessoalmente ajudou a demolir a igreja velha, transferir o cemitério para a Rua Brusque, cavar o pico do morro, ampliando a área onde seria construído o novo templo (BAPTISTA in SCHMITT, 2008, p.303).



Imagens 139 e 140 - Antiga e atual igreja Matriz de Gaspar. Fonte: Imagem extraída da publicação “Centenário de Blumenau”, 1950; e imagem atual da autora, 2013.

Estes fatos levam-nos de volta uma característica recorrente na ação dos religiosos alemães: a mentalidade prática e funcional. Uma vez que as citadas igrejas não atendiam mais aos usos pretendidos, deveriam ser desfeitas para dar lugar a novos espaços mais cômodos e funcionais. Além disso, as novas igrejas construídas se afastam da ideia dos espaços simples e provisórios, se constituindo como grandes e robustas edificações que marcam e até mesmo caracterizam a paisagem das cidades em que estão implantadas¹⁵. Portanto, tem-se aqui um afastamento do franciscanismo primitivo, distante da grandeza arquitetônica e próximo da ação missionária impetuosa.

Outras igrejas encontradas pelos frades alemães construídas em período anterior a sua chegada foram, no entanto, mantidas e são utilizadas até hoje pela comunidade franciscana. É o caso da capela de Petrópolis-RJ, que posteriormente, com a vinda dos primeiros seráficos a partir de 1896, ganhou um convento em anexo. A igreja, datada do ano de 1874, foi construída para atender a comunidade alemã católica do lugar: “E se começaram a discutir a vantagem e a necessidade de uma igreja própria adaptada à mentalidade alemã, e cujo reitor fosse um sacerdote também alemão” (NEOTTI, 1974, p.7).

Os frades germânicos permaneceram com a igreja de modestas dimensões, não optando pela edificação de um exemplar de maiores proporções, como nos casos anteriores. Segundo Frei Clarêncio Neotti (1974, p.15), em 1946 ainda foi cogitada a construção de um novo templo que esbarrou na falta de recursos e em uma possível transferência dos religiosos do lugar. A igreja, no entanto, não foi isenta de reformas que contribuíram para sua ampliação, como a intervenção de 1916, que agregou ao espaço duas capelas laterais e introduziu um coro dos religiosos nos seus fundos (NEOTTI, 1974,

¹⁵ Em sua obra sobre a Paróquia de Gaspar, Frei Elzerário Schmitt traz um diálogo entre o ex-presidente Castello Branco e o bispo franciscano Dom Frei Quirino Schmitz, que reflete bem a associação que a nova Matriz possui com a definição da própria imagem da cidade. “Umberto de Alencar Castello Branco, Presidente do Brasil entre 1964 e 1967, certa vez recebeu em palácio a Dom Quirino, e perguntou-lhe onde tinha nascido. –Eu sou catarinense de Gaspar, Excelência. –De Gaspar? Mas veja só! Aquela Igreja!” (SCHMITT, 2008, p.343).

p.13). Se compararmos a igreja e o convento do local, nota-se que apesar de não possuírem continuidade estilística, suas escalas não são contrastantes entre si, se apresentando como um complexo franciscano de menor impacto e mais modesto, se comparado aos demais exemplares aqui apresentados, compatível com as linhas apresentadas pelo Grupo 2.



Imagens 141 e 142 - Igreja e convento seráfico de Petrópolis e interior da capela.

Fonte: Imagens da autora, 2011.

Especificamente com relação ao Grupo 3, encontramos exemplares que preservam os modelos mais tradicionais de concepção de um complexo conventual, onde a construção do convento propriamente dito representa o grande motor para o estabelecimento do conjunto seráfico. A igreja, neste caso, é subordinada à casa dos frades, servindo para atender as demandas do próprio convento, o que reflete na relação de escalas entre templo e residência, como é o caso da residência de Ipuarana, onde há uma harmonia entre as escalas de convento e igreja.



Imagens 143 e 144 - Vista antiga do convento de Ipuarana logo após sua construção na década de 1940 e vista atual. Fonte: Imagem antiga extraída da Revista Vida Francisca, dez. 1947; imagem atual da autora, 2013.

O convento franciscano de Campina Grande do Grupo 2, distante apenas a 9 km de Lagoa Seca, também foi estabelecido, no ano de 1944, em função das atividades religiosas

da fraternidade e como base de apoio para a comunidade residente em Ipuarana. Sobre os motivos de sua implantação relata Frei Hugo Fragoso:

Ficando este último [Ipuarana] à distância de uns 9 quilômetros da cidade, à qual continuamente se devia recorrer nas necessidades de compras, consultas médicas, de afazeres apostólicos, viu-se, desde o início, ser indispensável um convento em Campina Grande. Além disso, era esta cidade um dos maiores centros de comunicação do Nordeste brasileiro entre vários conventos espalhados por esta zona, bem como lugar de trânsito necessário nas muitas viagens missionárias e apostólicas pelos sertões paraibanos e nordestinos em geral. Tudo isso exigia a fundação de um convento na capital do sertão paraibano (FRAGOSO, 1982, p.116).

Mesmo que o estabelecimento de um convento de apoio tenha sido a principal motivação para a edificação do conjunto seráfico de Campina Grande, a implantação da igreja logo ganhou importância, ao ser colocada também a serviço das necessidades religiosas da população local, o que refletiu na sua materialidade construída:

No tocante à igreja, esta teve no decorrer das obras, sofrer uma ampliação do plano primitivo, por se mostrar demasiado pequena em face das necessidades espirituais do bairro, que ia sempre mais aumentando. [...] Sua torre, então a mais alta da cidade, sobressaindo por entre as casas, se elevava a uma altura de quase 34 metros, contribuindo para realçar a visão do conjunto da igreja e do convento (FRAGOSO, 1982, p.117).



Imagens 145 e 146 - O complexo conventual franciscano de Campina Grande, com destaque para a igreja e seu interior. Fonte: Imagens da autora, 2013.

Observa-se que, no geral, as igrejas de construção mais recente apresentam maior dimensionamento, o que pode estar relacionado tanto às facilidades construtivas decorrentes do tempo, como também à tendência de se voltarem cada vez mais para atender ao aumento da população. Apenas a título de comparação a antiga igreja de Gaspar-SC, construída em 1885 e que sobreviveu até a construção da nova Matriz pelos franciscanos, possui dimensões de apenas 21 m de comprimento e 11m de largura (Schmitt, 2008, p.301).

Tabela 11 - Dimensões das igrejas franciscanas visitadas construídas nos séculos XIX e XX

DIMENSÕES DAS IGREJAS FRANCISCANAS				
CIDADE	ANO	COMPRIMENTO	LARGURA	ALTURA
Blunemau-SC (matriz)	1953	75m	24m	15m
Rodeio-SC	1898	35m	15m	-
Santo Amaro da Imperatriz-SC	1907	48m	17m	12,50m
São Paulo-SP (Pari)	1922	60m	28m	15m
Florianópolis-SC	1921	27m	12m	-
Gaspar-SC	1945	47m	24,25	13,15m
Campina Grande-PB	1944	52m	12m	-

Fonte: Autora, 2015. Bibliografia e/ou documentos consultados sobre as casas listadas.



Imagem 147 - Igrejas franciscanas analisadas. Na ordem, edificações situadas nas seguintes cidades: Igreja Nova-AL, Campina Grande-PB, Lagoa Seca-PB, Blumenau-SC (matriz)¹⁶, Petrópolis-RJ, São Paulo-SP (Pari), Rodeio-SC, Santo Amaro da Imperatriz-SC, Gaspar-SC, Florianópolis-SC, Lages-SC e Lages-SC (matriz).

Fonte: Imagens da autora, anos de 2012 e 2013. Imagem da igreja do Pari de Érika Augusto extraída em <<https://historiasdopari.files.wordpress.com/2014/01/torres-da-igreja-colridas.jpg>>. Acesso em Nov. 2015.

¹⁶ Não foi possível fotografar o exterior da antiga igreja conventual de Blumenau, pelas restrições já citadas acerca do levantamento fotográfico do Colégio Bom Jesus, do qual a construção hoje faz parte.

Ao compararmos as fachadas dessas igrejas, a grosso modo, observa-se que apesar das diferentes linguagens utilizadas, há certas semelhanças em alguns aspectos. No geral, além da já mencionada imponência e grandes escalas desses edifícios se comparados às cidades ou aos próprios conventos que estão associadas, a verticalidade predomina entre os templos, seja através de delgadas e delicadas torres, como em Petrópolis ou Santo Amaro da Imperatriz, de robustas e protuberantes como na matriz de Lages ou no Pari, ou de uma verticalidade trazida pelo conjunto de colunas que sustentam o edifício como na matriz de Blumenau. A proporção nem sempre é respeitada em alguns exemplares. Sobre essa questão, citam-se as torres da igreja do Pari que apresentam volume muito maior se comparado ao restante da edificação, ou a igreja conventual de Lages cujas dimensões da porta e rosácea ocupam praticamente toda a fachada frontal.

Outro elemento recorrente na fachada dessas igrejas é justamente a presença de rasgos, óculos, ou rosáceas de vidro, além das próprias janelas com vitrais, que contribuem para a existência de templos mais iluminados, ventilados, e conseqüentemente, confortáveis para o uso, preocupação que adquiriu importância para os frades alemães, como visto nas já mencionadas reformas desempenhadas por eles na igreja conventual de Penedo-AL.

No que se refere ao estilo arquitetônico, não há qualquer padronização entre os exemplares, sendo estes muito mais influenciados pelo gosto da época em que foram construídos, materiais disponíveis no lugar, desejos específicos da população local e dos próprios frades responsáveis pelas obras, segundo as fontes consultadas sobre as edificações. No geral, esses templos possuem características da arquitetura eclética, buscando referências em formas arquitetônicas do passado. No sul do Brasil, por exemplo, observa-se que os construtores das igrejas franciscanas se utilizaram de uma associação com as características¹⁷ da arquitetura gótica para expressarem seu entendimento de espaço religioso, “reencontrando na Idade Média, os traços místicos e a religiosidade para as novas igrejas” (PATETTA, 1987, p.14).

Em conversa com o arquiteto e Prof. Dr. Virgolino Ferreira, da Universidade de Évora, em Portugal, que realizou seus estudos de doutorado na Alemanha, este ressaltou que o romantismo alemão valorizou, de modo nostálgico, a arquitetura medieval, em especial o gótico. Dessa forma, tanto nas construções civis, quanto nas edificações religiosas, o estilo neogótico teve presença forte e duração longa nos territórios de língua alemã. Assim, os frades germânicos que chegaram ao Brasil, segundo palavras do

¹⁷ A esta analogia entre a escolha da forma estilística a ser utilizada e a finalidade a que se destina o edifício, Luciano Patetta definiu como *historicismo tipológico*, que seria uma das três correntes principais caracterizadoras da cultura arquitetônica eclética do século XIX (PATETTA, 1987, p.14).

professor, “só conhecessem de perto o vocabulário neogótico, que tentaram aplicar como um estilo moderno”¹⁸.

Espaços caracterizados pela verticalidade, pela presença de iluminação natural que permeia o ambiente através dos vitrais, elementos como rosáceas, arcos ogivais, abóbadas de cruzaria, que em geral são associados à arquitetura gótica/neogótica, estão comumente presentes nas igrejas seráficas do sul do Brasil. Além disso, uma especificidade encontrada nos templos da região é a extensa utilização da madeira, proveniente das matas locais, não apenas como material para a elaboração de elementos estruturais, como também para a confecção do mobiliário e elementos litúrgicos e decorativos destes espaços. Bancos, altares, púlpitos, quadros da Via-sacra, guarda-corpo do coro, são comumente encontrados nestes lugares trabalhados em madeira.



Imagens 148, 149, 150 e 151 - Interior da igreja de Santo Amaro da Imperatriz e detalhes do guarda-corpo do coro do local feito em madeira. Fonte: Imagens da autora, 2013.

¹⁸ Depoimento coletado através de troca de emails realizada em dezembro de 2015.



Imagens 152 e 153 - Interior da igreja conventual de Lages com detalhe da lateral dos bancos de madeira. Fonte: Imagens da autora, 2013.



Imagens 154 e 155 - Interior da igreja Matriz de Lages e detalhe decorativo do púlpito em madeira. Fonte: Imagens da autora, 2013.



Imagens 156 e 157 - Interior da igreja conventual de Blumenau e altar-mor confeccionado em madeira. Fonte: Imagens da autora, 2013.

O uso de arcos ogivais e de abóbadas de cruzaria nestas edificações, além de estarem associados ao neogótico, também muito se assemelham às estruturas internas da Basílica de São Francisco, em Assis, podendo esta, na condição de primeiro templo franciscano a ser erguido no mundo, ter servido de inspiração para os frades alemães construírem o interior de suas igrejas.

Do conjunto analisado, quatro exemplares - as igrejas conventuais de Rodeio, Blumenau, Lages e a própria Matriz desta última - contavam ou ainda contam com pinturas coloridas revestindo suas paredes internas que remetem a anjos e elementos da natureza, como estrelas, flores, folhas e frutas. Na capela do convento de Lages, parte desta pintura não mais existe, foi totalmente retirada do exemplar de Blumenau, enquanto que em Rodeio desapareceu por completo, juntamente com o antigo púlpito, altares neogóticos e quadros em madeira da via-sacra que compunham o espaço¹⁹. Segundo relatos dos frades e moradores de Rodeio, a retirada desses elementos se deu na década de 1960 em consonância com as reformas litúrgicas do período que pregavam espaços mais despojados²⁰.

Sendo assim, ainda no século XX, dúvidas e contradições acerca da forma de encarar a materialidade do espaço franciscano são colocadas: o que representaria melhor o franciscanismo, a simplicidade e despojamento dos espaços relacionadas a pobreza material pregada por São Francisco, ou o colorido e delicadeza de pinturas de anjos, flores e estrelas que remetem à alegria e sensibilidade do santo perante a natureza?

¹⁹ O pináculo que encimava os antigos altares neogóticos da Igreja conventual de Rodeio, bem como os antigos quadros da via-sacra encontram-se atualmente expostos no Museu dos Usos e Costumes da gente trentina, mantido pelo Circolo Trentino di Rodeio. O museu conta com um extenso acervo relacionado à imigração trentina que deu origem a antiga italiana de Rodeio. Além disso, elementos referentes à presença dos franciscanos na cidade são constantemente abordados em seu acervo, a exemplo da peças acima mencionadas.

²⁰ Os livros das Crônicas da residência franciscana de Rodeio acessado pela autora vai até o ano de 1962, e nele foram mencionados reformas realizadas na igreja que incluía a troca de janelas e rebocamento de paredes e colunas realizadas durante os anos de 1960 e 1961. No entanto, não há referências mais concretas sobre as obras que desconfiguraram a ambiência original da igreja, que provavelmente já foram executadas por frades brasileiros. Um estudo futuro e mais preciso sobre o convento franciscano de Rodeio se faz necessário para sanar as lacunas a respeito da conformação de seu espaço ao longo do tempo.



Imagens 158, 159, 160 - Antigo interior da igreja conventual de Lages em data desconhecida e interior atual com detalhe da pintura de elementos seráficos. Fonte: Imagem antiga encontrada no acervo da biblioteca do convento de Lages; Imagens atuais da autora, 2013.



Imagens 161 e 162 - Antigo interior da igreja conventual de Rodeio em 1945 e interior atual. Fonte: Imagem antiga encontrada no Livro de Crônicas da residência franciscana de Rodeio 1940-62; Imagem atual da autora, 2013.



Imagens 163 e 164 - Antigo interior da capela conventual de Blumenau em data indefinida e imagem atual. Fonte: Imagem antiga encontrada no Acervo do Colégio Bom Jesus de Blumenau; Imagem atual da autora, 2013.



Imagens 165 e 166 - Detalhes das pinturas do interior da Matriz de Lages. Fonte: Imagens da autora, 2013.

Essas motivações iconográficas acompanham as pinturas do interior da Basílica de São Francisco em Assis com seus céus estrelados, anjos e temas florais e também as pinturas internas do oratório da Porciúncula.

Uma maior indefinição de inspirações estilísticas estará presente nas igrejas franciscanas de outras cidades. Os exemplares de Gaspar e São Paulo (Pari) e Igreja Nova, por exemplo, apresentam composições que misturam elementos da arquitetura gótica, românica e clássica, se aproximando do que Luciano Patetta define como *pastiches compositivos*²¹. Tais soluções nos casos estudados produziram ambientes, de certa forma ambíguos, porque se por um lado apresentam espaços pesados, robustos, rebuscados e com excesso de elementos decorativos, indo de encontro com a simplicidade e despojamento exigido pela mentalidade franciscana, por outro, explorava cores, luzes através dos vitrais, materiais (a exemplo no granito rosa utilizado na igreja do Pari) e

²¹ Os *pastiches compositivos* seriam soluções “que com uma maior margem de liberdade, “inventava” soluções estilísticas historicamente inadmissíveis e, às vezes, beirando o mau gosto (mas que, muitas vezes, escondiam soluções estruturais interessantes e avançadas)” (PATETTA, 1987, p.15).

motivos florais que se aproximam do aspecto delicado e das referências a elementos naturais que caracterizaram as igrejas anteriores mencionadas.



Imagens 167, 168, 169 e 170 - Exterior e interior da igreja franciscana de Gaspar, com destaque para vitrais que associam a vida de Cristo à vida de Francisco e para o efeito luminoso de cores provocado pelos vitrais sobre o chão do espaço. Fonte: Imagens da autora, 2013.



Imagens 171 e 172 - Exterior e interior da igreja franciscana do Pari, em São Paulo. Fonte: Imagens da autora, 2013.



Imagens 173, 174, 175, 176 e 177 - Exterior, interior e vitrais com motivos florais da igreja franciscana de Igreja Nova. No detalhe inscrição relativa à proveniência do vitral, a cidade alemã de Trier. Fonte: Imagens da autora, 2011.

Quanto às edificações mais recentes, as igrejas conventuais de Lagoa Seca e Campina Grande apresentam semelhanças construtivas²², sendo provável que esta última tenha se inspirado no desenho da primeira, pela proximidade temporal e geográfica e pela sua função de ser uma continuidade e ponto de suporte do grande complexo de Ipuarana. Ambos os templos seráficos, apesar de possuírem escalas grandiosas, apresentam traços estilísticos bem mais simples que os demais exemplares, sobriedade nas cores (em especial nas fachadas), despojamento de elementos decorativos, presença reduzida de simbologias e elementos iconográficos, limpeza visual, e espaço iluminado. É possível que essa simplicidade no que se refere à decoração desses templos, esteja relacionada ao fato de terem sido construídas em períodos mais recentes, quando o gosto da época já demandava igrejas mais funcionais e despojadas.

²² As mesmas semelhanças são encontradas no complexo conventual de Triunfo, no sertão de Pernambuco, construído em 1945 para servir de seminário para jovens aspirantes à Ordem (FRAGOSO, 1982, p.120).



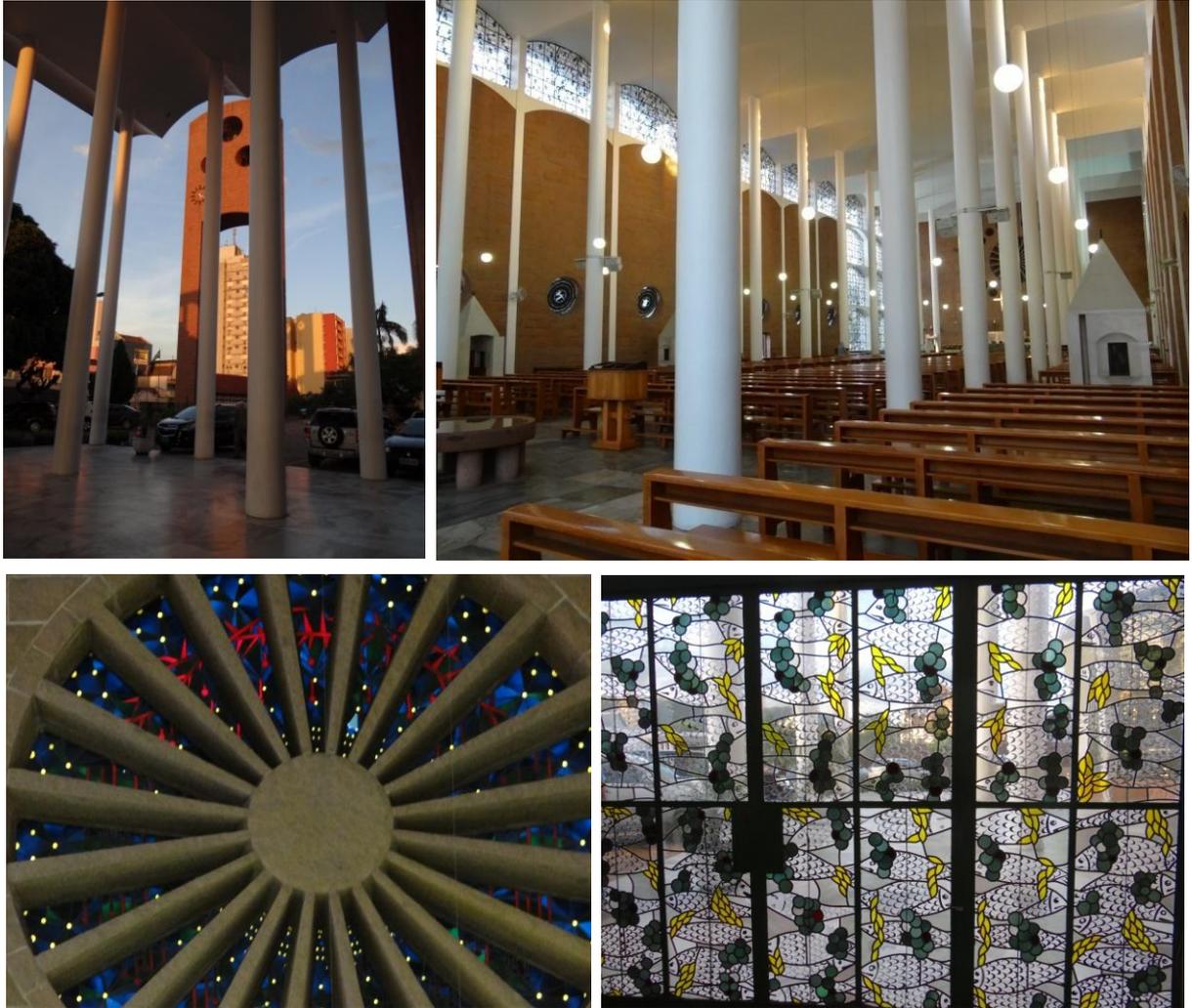
Imagens 178, 179 e 180 - Igreja conventual de Lagoa Seca. Fonte: Imagens da autora, 2013.



Imagens 181, 182 e 183 - Igreja conventual de Campina Grande. Fonte: Imagens da autora, 2013.

Se afastando das demais construções analisadas, a igreja Matriz de Blumenau, a mais recente e de maiores dimensões dentre elas, se utiliza de uma linguagem moderna para fazer referência a sensações e elementos típicos constituintes dos espaços de templos religiosos tradicionais, explorando em especial, a verticalidade e a entrada de luz por meio dos vitrais²³. Motivos litúrgicos comumente utilizados nestes ambientes, como rosáceas, peixes, uvas e o trigo aparecem de forma estilizada. Assim, as motivações iconográficas do templo também se pautam em elementos coloridos e temáticas que referenciam à natureza, como flores, frutas e animais geometricamente traduzidos.

²³ Os vitrais utilizados na Matriz de Blumenau, que deveriam ser do tipo “antique” conforme sugestão do arquiteto Gottfried Böhm, foram importados para o Brasil após audiência em 1956 entre o frade alemão Frei Brás Reuter e o então presidente Nereu Ramos que liberou a licença para a compra (BOHN, 2001, p.80). Os textos consultados não fazem referência, no entanto, ao local do qual os vitrais foram importados.



Imagens 184, 185, 186 e 187 - Igreja Matriz de Blumenau com detalhe para rosácea situada na parede de fundo da igreja atrás do altar-mor e dos vitrais das paredes laterais.

Fonte: Imagens da autora, 2013.

Apesar das grandes diferenças existentes entre os exemplares do grupo de igrejas franciscanas abordadas nesta dissertação, há também elementos que são comuns a esses espaços. Os vitrais que provêm esses espaços com profusão de luzes e cores são elementos recorrentes em todos os exemplares do recorte de estudo. Seja por meio de rosáceas, janelas ou fendas, destacam a importância que a iluminação e as cores apresentam nas igrejas erguidas pelos frades alemães no Brasil. Quanto às temáticas dos vitrais, destacam-se os motivos florais e fitomórficos, ou passagens da vida de Cristo, Maria e do próprio São Francisco.



Imagem 188 - Vitrais das igrejas franciscanas analisadas. Na ordem, edificações situadas nas seguintes cidades: Igreja Nova-AL, Lagoa Seca-PB, Campina Grande-PB, Blumenau-SC (matriz), Petrópolis-RJ, São Paulo-SP (Pari), Rodeio-SC, Santo Amaro da Imperatriz-SC, Gaspar-SC, Florianópolis-SC, Lages-SC (matriz), Lages-SC (igreja conventual).

Fonte: Imagens da autora, anos de 2012 e 2013.

A preocupação com a música para o acompanhamento dos rituais litúrgicos também se encontra materializada em boa parte das igrejas seráficas visitadas. O Livro de Crônicas das casas franciscanas de Florianópolis e Igreja Nova, por exemplo, citam a aquisição de harmônios, enquanto grandes órgãos ainda podem ser encontrados em seis das onze igrejas aqui abordadas: Lages (matriz), Rodeio, Santo Amaro da Imperatriz, Gaspar, Petrópolis e Pari. Sabe-se que os frades alemães foram grandes incentivadores da música junto às cidades em que se estabeleceram, muitos deles eram músicos, compositores ou organistas e estimularam seu desenvolvimento entre as populações por meio da criação de

bandas e corais²⁴. Dessa forma, procuraram também introduzir nos espaços das igrejas elementos que remetessem à musicalidade. Sabe-se que a própria cultura germânica tem uma forte ligação com o mundo da música, em especial, por meio de grandes compositores clássicos que eram provenientes dos territórios de língua alemã.

Destaca-se que existe também uma associação entre Francisco e a música/canto, utilizada para o louvor a Deus²⁵ e que também a alegria caracterizava a personalidade do santo. A música está até mesmo representada iconograficamente nas pinturas do oratório da Porciúncula, onde figuras angelicais aparecem tocando instrumentos musicais.

Alguns desses órgãos alocados nas igrejas foram projetados por organistas de origem germânica²⁶ ou vieram da própria Alemanha, a exemplo do instrumento de tubos de Rodeio:

Foi outro presente que Frei Lucínio [Korte] conseguiu na Alemanha, desta vez de seu amigo Sr. Friedrich Lautermann, de Sterkrade. Também o órgão, belo e sonoro, solene e piedoso, abrilhantou as Liturgias desde dezembro de 1906. [...] O órgão de tubos, totalmente pneumático, de Rodeio, foi o primeiro, no gênero, a ser instalado em Santa Catarina, e, quiçá, no sul do Brasil (PINTARELLI, 1994, p.19).

Dentro dos templos visitados, o órgão está localizado no espaço do coro, onde os religiosos executavam cânticos e orações. A conformação das novas igrejas conventuais aqui abordadas apresenta dois coros: o coro do órgão, na parte superior do templo, e o coro dos religiosos localizado no presbitério, logo atrás do altar-mor. Essa distribuição pode ser claramente observada hoje no convento franciscano de Rodeio²⁷, onde o coro dos religiosos, dotado de estalas, é ainda amplamente utilizado como espaço para a realização das orações cotidianas - muito das quais são cantadas - de frades e noviços.

²⁴ Frei Pedro Sinzig, por exemplo, era músico, organista e fundou um coral misto em Gaspar, embrião do ainda existente “Coral Santa Cecília” (SCHMITT, 2008, p.161.). Já Frei Lucínio Korte foi um grande incentivador da banda de música de Rodeio, regendo-a e até mesmo fazendo doações para a manutenção dos instrumentos, segundo atesta o Livro de Crônicas do convento franciscano de Rodeio.

²⁵ As biografias de São Francisco comumente abordam sua relação com a musicalidade. Sobre esse tema, por exemplo, traz Tomás de Celano a seguinte passagem: “Quando fervia dentro dele a mais suave melodia do espírito, ele a expressava exteriormente em língua francesa, e a veia do divino sussurro, que seu ouvido captava furtivamente prorrompia em júbilo cantando em francês. De vez em quando, comovi com os meus próprios olhos, ele colhia do chão um pedaço de pau e colocando-o sobre o braço esquerdo, mantinha um pequeno arco curvado por um fio na mão direita, puxando-o sobre o pedaço de pau como sobre um violino e, apresentando para isto movimentos próprios, cantava em francês cânticos sobre o Senhor” (2CEL 127 in TEIXEIRA, 2008, p.382).

²⁶ O órgão de tubos da igreja do Pari, por exemplo, foi projetado e construído pelo alemão Carlos Mochrle em 1931. Sua decoração externa foi realizada pelos próprios franciscanos que se inspiraram no órgão da Catedral de Freiburg, na Alemanha (CINQUENTENÁRIO..., 1964, p.33).

²⁷ Desde 1901 o convento franciscano de Rodeio funciona como casa de formação de noviços para a Província da Imaculada Conceição do Brasil.



Imagem 189, 190, 191 e 192 - Vista da igreja seráfica de Rodeio a partir do coro dos religiosos onde se encontram as estalas e ao fundo o coro do órgão; coro do órgão; detalhe do interior do órgão de tubos; Frei Lauro Both tocando o instrumento. Fonte: Imagens da autora, 2013.



Imagem 193 e 194 - Órgão de tubos da Matriz de Lages e da igreja conventual de Petrópolis. Fonte: Imagens da autora, 2013; 2011.

Os sinos, que se configuram como representações sonoras das igrejas nas cidades - chamando a população para os ritos litúrgicos bem como marcando as horas do dia e avisando-as de acontecimentos importantes -, também foram outro elemento que receberam

atenção por parte dos religiosos germânicos. Esses elementos detinham forte relação com o meio urbano e ainda hoje servem como referência para a população das cidades. Em Rodeio, por exemplo, os sinos indicavam não apenas a hora do Angelus e das missas: “Estando os colonos a trabalhar em suas roças e não tendo relógio, às 11:30h, costuma-se tocar o sino, para dizer ao povo que era chegada a hora do almoço e do descanso, que terminava às 14h, novamente com o som dos sino” (PINTARELLI, 1994, p.19). Atualmente os sinos da igreja da antiga colônia italiana ainda anunciam o horário das orações para a fraternidade residente, chamam o povo minutos antes da missa, e badalam para propagar na cidade a chegada de um novo ano.

Reforçando seu papel dentro da igreja, alguns desses sinos foram até mesmo importados da Alemanha, como é o caso dos exemplares de Rodeio, Blumenau, Lages e Igreja Nova²⁸. A consagração dos sinos merecia cerimônia dotada de rituais simbólicos e participação do Arcebispo. Sobre esta ritualística, descreve Edith Kormann acerca dos vindos da Alemanha para integrarem a Matriz de Blumenau²⁹:

Após a Missa, os sinos foram consagrados pelo Arcebispo, cerimônia a que também assistiram vários padres e que consistiu no benzimento da água com sal, e enquanto se entoavam cânticos alusivos à solenidade, os sinos foram lavados com água benta para purificá-los, sem seguida cada sino foi ungido sete vezes por fora com o óleo santo dos enfermos e quatro vezes por dentro com o santo crisma. As unções se referem às graças do Espírito Santo que os fiéis buscarão na igreja, quando chamados pelos sinos. O Arcebispo, após benzer o incenso, colocou debaixo de cada sino o turíbulo para que a fumaça odorífera impregnasse o material bento com a santidade. Após pedir a Deus que dotasse os sinos do poder de comunicar a eficácia de “Sua voz”, tocou o sino três vezes, sendo imitado pelos padrinhos (KORMANN, 1994, p.56).

Além dos sinos, outro elemento que estabelece uma interface entre edifício religioso e cidade, e que foi amplamente utilizado nas igrejas construídas pelos franciscanos alemães, é o relógio. Presente em praticamente todas as torres dos templos seráficos aqui abordados – seja com quatro ou até oito mostradores, e alocados nas torres que em geral são vistas em diversos pontos das cidades, o relógio se colocava como importante referência para a população urbana para a demarcação das horas diárias. Em Blumenau, por exemplo, o relógio da igreja Matriz “foi o primeiro e o único, por muitos anos, relógio público da cidade. Ele e os três sinos norteiam a vida do coração pulsante do centro da

²⁸ Os três sinos da Igreja conventual de Rodeio foram trazidos de Bochum, na Alemanha, em 1903 (PINTARELLI, 1994, p.19). Da mesma cidade, vieram, em 1928, os sinos que integram a Matriz de Blumenau, sendo fabricados na Vestfália pela “Bochumer Gusstahl Fabrik” (KORMANN, 1994, p.56). Quanto aos sinos do templo de Igreja Nova, estes foram conseguidos por Frei Odilon Gelhaus em visita a Alemanha em 1926 (MÉRO, 1980, p.13) e os da atual Catedral de Lages vieram de Leipzig, segundo informações da própria Paróquia.

²⁹ Tanto os sinos quanto o relógio trazidos da Alemanha para Blumenau, foram colocados na antiga igreja Matriz da cidade, o que provocou alteração marcante na estética de sua torre, como mencionado anteriormente neste trabalho. Os mesmos sinos e relógio foram transplantados para a torre da atual Matriz que foi construída a partir de 1960 fora do corpo da nova igreja (KORMANN, 1994, p.54).

cidade” (BOHN, 2001, p.87). Assim como ocorreu com os órgãos, sinos e vitrais de algumas construções seráficas aqui estudadas, os relógios que integram as torres das igrejas matrizes de Blumenau, Igreja Nova e Pari também foram importados da Alemanha, conforme atesta as fontes.

A forte presença do relógio nessas igrejas também pode inferir uma preocupação dos religiosos alemães com a demarcação do tempo, necessária para a organização das atividades diárias, refletindo mais uma vez o espírito prático desses frades, que se preocupavam em contabilizar não só as horas, mas também seus serviços litúrgicos.



Imagem 195 - Relógios que integram as torres das igrejas franciscanas de Santo Amaro da Imperatriz, Lages (Matriz), Petrópolis, Igreja Nova, Pari, Gaspar, Lagoa Seca, Campina Grande e Blumenau (Matriz). Fonte: Imagens da autora, 2013.

As igrejas construídas pelos franciscanos alemães no Brasil a partir do final do século XIX se caracterizam, de forma geral, por uma evidente preocupação urbana, refletida não apenas na sua espacialidade – grandes templos de significativo impacto na malha e

paisagem citadina -, mas também nas motivações que levaram às suas construções, muitas vezes destinadas a atenderem não só o convento, mas principalmente as populações locais.



Imagem 196 - Foto antiga da igreja franciscana do Pari em data indefinida.

Fonte: Imagem cedida por Frei Róger Brunorio.

Imagem 197 - Imagem atual de missa realizada na igreja conventual de Rodeio.

Fonte: Imagem atual da autora, 2013.

4.3. Casas, conventos e conventos-escola

Se as igrejas ligadas aos novos conventos apresentaram uma série de características que as aproximavam entre si, uma variedade maior de feições será encontrada no que se refere ao espaço da “casa do frade”. Os três grupos de residências já mencionados representarão os principais tipos de conduta dos franciscanos alemães perante a construção da materialidade da casa e convento.

Em Santo Amaro da Imperatriz, exemplo do grupo 1, o convento dos frades assumiu várias facetas ao longo dos anos, reforçando seu caráter provisório e mutável. Do recolhimento inicial onde funcionava a antiga casa paroquial, os religiosos logo passaram para uma nova construção inaugurada em 1906³⁰ (JOCHEM, 2005, p.56), que contava com estrutura de maior porte incluindo uma capela em anexo. Mudaram para uma nova casa em 1913 ao lado da Matriz 1906 (JOCHEM, 2005, p.57) - porém descolada de sua estrutura - que após reformas ao longo do século XX recebeu ampliações que aproximaram seu espaço físico ao da igreja. Assim, esta casa esteve subordinada ao grande templo e se organizou e se remodelou em função do mesmo.

³⁰ O local atualmente denominado “Conventinho do Espírito Santo” era utilizado pelo frade franciscano catarinense Frei Hugolino Back desde 1985 até sua morte em 2011, para atendimentos parapsicológicos de cura através da imposição das mãos. Atualmente funciona no espaço um museu sobre o trabalho do religioso, abrigando também o prédio as dependências da Secretaria de Turismo e Cultura do município.



Imagem 198 e 199 - Segunda residência dos franciscanos em Santo Amaro da Imperatriz e vista da Igreja Matriz a partir do antigo convento. Fonte: Imagens da autora, 2013.



Imagem 200 e 201 - Igreja com a terceira e definitiva residência dos franciscanos em Santo Amaro da Imperatriz em foto de 1910, e conjunto seráfico atual com casa que ganhou ampliações ao longo do século XX. Fonte: JOCHEM, 2005, p.58; Imagem atual extraída de: <http://aguastermais.com/imagens/imagens/02022010_144014_975ab09e.jpg>. Acesso em Dez.2015.

Ainda dentro do primeiro grupo, a residência franciscana de Gaspar, apesar de situada nas cercanias da igreja, sempre esteve desvinculada do seu espaço físico, assumindo muito mais a forma de uma casa paroquial que de um convento. Se por um lado as duas construções não estabelecem uma comunicação a nível formal e espacial, por outro a residência permaneceu subordinada ao templo, definindo sua localização. A bibliografia atesta que os frades alemães deram preferência em construir sua morada junto à igreja, e distante da população, diferente do pároco antecessor que residia no pé do morro junto aos paroquianos:

Mas como o padre Matz [antigo pároco] residia ao pé do morro, e ali o lote nº 36 fora doado pelo Dr. Blumenau, os fabriqueiros pretendiam preparar ali a casa-convento, resolução que em Blumenau o Frei Herculano procurou contrariar com muito empenho: os padres [franciscanos] deviam morar em cima do morro [...]. Assim, já em começos do século 20, o vigário franciscano de Gaspar e seus confrades, de chegada definitiva a Gaspar, residiam distantes das famílias lá de baixo, mais próximos da igreja, mais longe dos paroquianos da cidade (SCHMITT, 2008, p.126).

Apesar de o carisma franciscano ser genuinamente voltado para uma aproximação maior com a população e com seu lugar de morada, em Gaspar foi priorizada a continuidade entre igreja e casa, e o isolamento dos frades no alto do morro. Manteve ao longo dos anos seu aspecto de casa, variando desde o pequeno recinto construído em 1900, até a solução com dois pavimentos e um maior número de cômodos construída ao longo do século XX.



Imagem 202, 203 e 204 - Primeira residência dos frades de Gaspar em foto da década de 1930; segunda casa em foto provavelmente depois de 1947, pois já se observa ao fundo as torres da nova Matriz; e foto da residência atual construída na década de 1970.

Fonte: SCHMITT, 2008, p.36; SCHMITT, 2008, p.149; e imagem atual da autora, 2013.

Com relação aos exemplares do segundo grupo, apresentam conformação de um complexo conventual propriamente dito, contando em alguns casos, com a chamada cerca conventual³¹. A igreja permanece sendo o elemento central do conjunto, e em uma comparação de escalas, apresenta volume construído muito superior ao convento. É o caso do conjunto franciscano de Igreja Nova, em que seu convento e igreja detêm de uma continuidade arquitetônica e uma mesma linguagem construtiva, apesar da diferença de escalas entre ambas as edificações. No caso do complexo seráfico do Pari, em São Paulo, a construção e imponência da igreja também foi priorizada, no entanto, o edifício do convento propriamente dito apresenta dimensões maiores em relação ao exemplar alagoano, já contando com elementos típicos da arquitetura conventual, a exemplo do claustro.

³¹ As cercas constituem áreas verdes muradas de grandes dimensões localizadas no fundo e/ou nas laterais dos conventos e mosteiros desde a Europa medieval. Nestes espaços eram cultivadas hortas, árvores frutíferas, eram criados animais que proporcionavam a auto-sustentação da vida conventual.

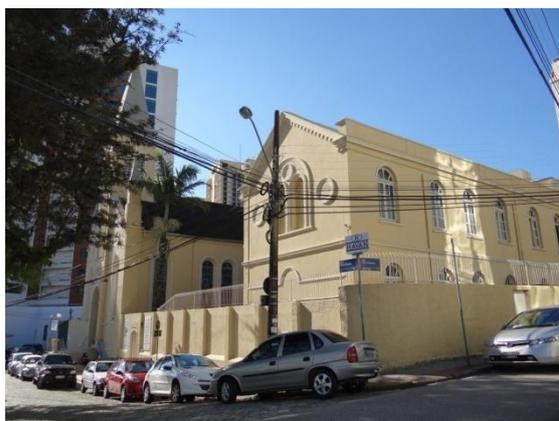


Imagem 205 e 206 - Fachada do convento de Igreja Nova - AL; conjunto conventual visto a partir da cerca com os fundos da casa seráfica à esquerda; varanda com arcadas localizada na parte posterior do convento. Fonte: Imagens da autora, 2011.



Imagem 207 e 208 - Fachada do convento franciscano do Pari, e vista da interseção de parte da casa com a igreja a partir do claustro. Fonte: Imagens da autora, 2013.

Nas casas seráficas do grupo 2 construídas sem o vínculo com grandes igrejas, as residências propriamente ditas possuem estruturas maiores para abrigar grandes comunidades de frades. Em Petrópolis, Florianópolis, Lages e Campina Grande, têm-se casas de porte médio que apesar de não ocuparem extensas áreas urbanas, possuem significantes áreas construídas, ainda que seus interiores sejam dotados de escala mais humana.



Imagens 209, 210, 211, 212, 213 e 214 - Complexo conventual franciscano de Lages, Florianópolis, Petrópolis e Campina Grande. Fonte: Imagens da autora, 2013; 2013; 2011 e 2013.

Dirigindo a análise para as residências que formam o grupo 3, os conjuntos de Rodeio, Lagoa Seca e o antigo convento de Blumenau se constituem como complexos conventuais de maior porte, em especial os dois últimos, cujas dimensões eram justificadas por se tratarem de grandes conventos-escolas destinados à formação de novas vocações seráficas, mas que também funcionavam³² como escolas para o atendimento da comunidade, contando inclusive com internatos.

O convento franciscano de Rodeio, que teve sua construção iniciada em 1898 e é utilizado desde 1901 (PINTARELLI, 1994, p.21) como noviciado da Província da Imaculada Conceição, apresenta feições recorrentes aos antigos conventos coloniais, como harmonia de escala e proporção entre igreja e edifício conventual, claustro rodeado por galerias e que se comporta como elemento organizador da construção, existência de uma generosa área de cerca de conventual, celas distribuídas no andar superior, refeitório dotado de comunicação com o claustro e paralelo a este. Além disso, reúne vários elementos típicos das novas construções pós-Restauração, que serão descritos ao longo deste item, como a sala do recreio, as oficinas e salas de aula, como a destinada ao ensino da música.



Imagens 215 e 216 - Complexo conventual franciscano de Rodeio.

Fonte: Imagens da autora, 2013.

³² Atualmente, nas dependências do antigo convento e escola seráfica de Blumenau funciona o Colégio Bom Jesus Santo Antônio mantida pela Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus, que está vinculada a Província da Imaculada Conceição. A rede de colégios “Bom Jesus” possui escolas no Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro, e muito desses colégios estão vinculados às antigas escolas mantidas pelos conventos franciscanos, como é o caso de Blumenau, Lages, Petrópolis e Florianópolis.

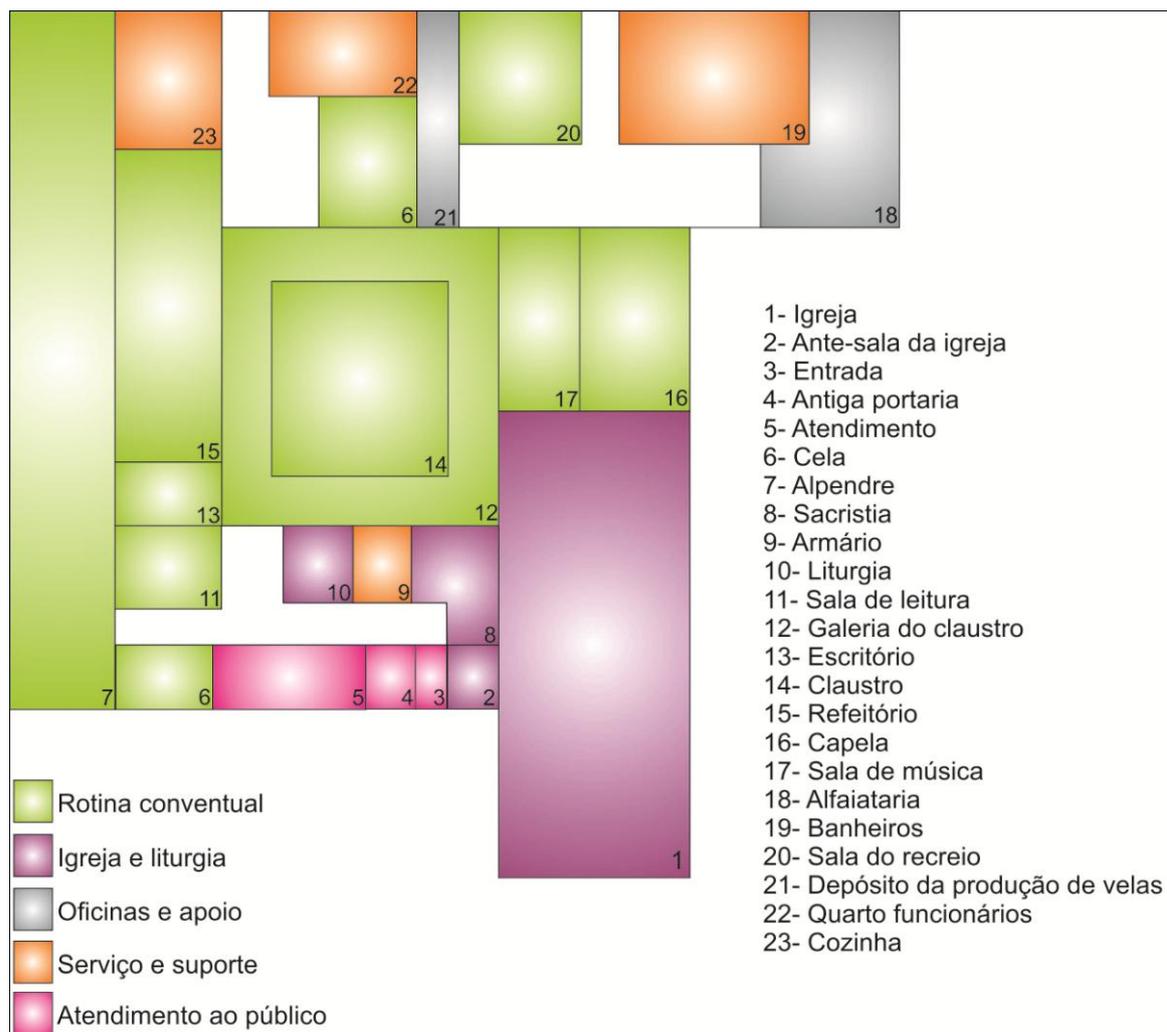


Imagem 217 - Planta esquemática do pavimento térreo do convento de Rodeio, sem escala.

Fonte: Autora, 2013.

O antigo convento franciscano de Blumenau está intimamente relacionado com o Colégio de Santo Antônio, que por sua vez se originou do anteriormente denominado Colégio São Paulo fundado em 1877, herança do pároco anterior, o padre alemão José Maria Jacobs (CENTENÁRIO, 1950, p.298). Com a entrega da paróquia aos franciscanos, deu-se início ao processo de ampliação do colégio e a construção do convento, empreitada que foi concluída em 1896 (CENTENÁRIO, 1950, p.268).

O estabelecimento do convento junto ao colégio era fundamental, inclusive, para a manutenção deste último, cujos professores eram os próprios sacerdotes franciscanos:

O Colégio Seráfico sob a gerência franciscana recebeu o novo título de Colégio Santo Antônio. Possuindo internato e externato, com cursos de instrução secundária, precisava de um certo número de professores, motivo por que passaram a morar, nessa mesma casa, alguns sacerdotes ocupados com o ensino (SCHAETTE, 1942, p.2).

A grande quantidade de usos e atividades ofertadas pelo convento-escola demandava espaços generosos. O colégio, por exemplo, em seus anos iniciais – a partir de 1894, fornecia ensino primário, secundário e uma seção comercial e industrial³³ (KORMANN, 1994, p.121). Além disso, o espaço passou a funcionar como Colégio Seráfico³⁴ a partir de 1895, quando chegaram a Blumenau 30 alunos e professores vindos de Olinda, onde “o calor fez mal aos jovens habituados ao clima frio” (KORNMAN, 1994, p.123). A escola chegou a contar em 1920 com 302 alunos “dos quais 88 se tornaram clérigos e 10, irmãos leigos” (SCHAETTE, 1942, p.6).

As fontes escritas trazem poucas referências sobre os prédios, se atentando mais para as informações acerca das atividades do colégio e seu papel para o fomento das vocações, como importante instituição de educação e formação profissional da cidade. As imagens de época, porém, fornecem suporte para o entendimento da sua conformação original, uma vez que no presente, o antigo conjunto seráfico abriga novos usos, e passou por modificações, mantendo apenas sua função enquanto escola.



Imagens 218 e 219 - Primeiro prédio que serviu como escola paroquial de Blumenau desde 1877 e nova construção de 1885. Fonte: Acervo de fotos do Colégio Bom Jesus de Blumenau.

³³ A obra de Edith Kormann (1994) sobre Blumenau traz a transcrição de um anúncio de 1893, publicado pelo jornal “Blumenauer Zeitung”, sobre a abertura das atividades do ainda denominado Colégio São Paulo que já se encontrava sobre a administração dos frades alemães. Segundo o anúncio, as chamadas seção industrial e comercial englobam matérias como Geografia e História relacionadas ao comércio e indústria, Direito de Administração e de Comércio, Economia política e popular, Estatística, Rendas públicas, Escrituração Mercantil e Caligrafia, levando a crer que se tratavam de cursos destinados à formação técnica profissional.

³⁴ O Colégio Seráfico da Província da Imaculada Conceição funcionou em Blumenau até princípios de 1923, quando foi transferido para Rio Negro, no Paraná (SCHAETTE, 1942, p.6).



Imagens 220, 221, 222 e 223 - Vista do Colégio Santo Antônio em 1920, 1952 e provavelmente na década de 1970, já que a legenda encontrada junto à imagem faz referência ao centenário do colégio, e imagem atual. Fonte: Acervo de fotos do Colégio Bom Jesus; imagem atual da autora, 2013.



Imagens 224, 225 e 226 - O convento franciscano de Blumenau em sua feição antiga, provavelmente da década de 1940 ou 1950, e prédio atual já pertencente ao Colégio Bom Jesus. Fonte: Imagem extraída do livro Centenário de Blumenau, 1950; imagens atuais da autora, 2013.



Imagem 227 - Imagem aérea de Blumenau em 1974, com o complexo franciscano ao centro.
 Fonte: Acervo de fotos do Colégio Bom Jesus de Blumenau.

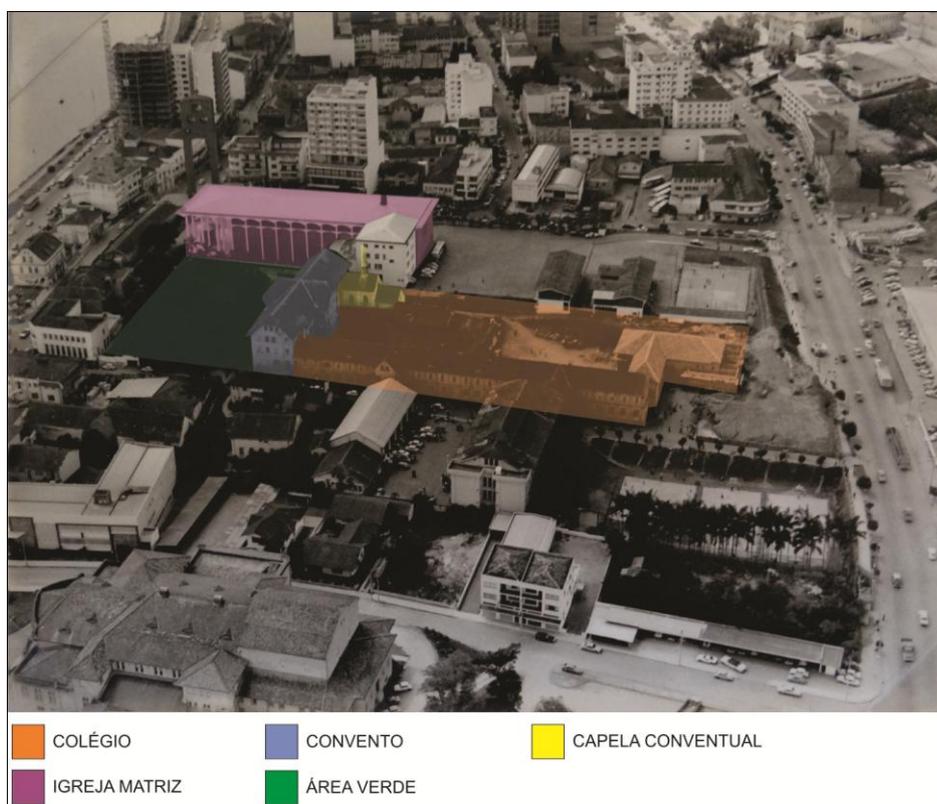


Imagem 228 - Imagem aérea de Blumenau em 1974 com esquemas que representam as principais áreas do conjunto franciscano. Fonte: Acervo de fotos do Colégio Bom Jesus de Blumenau e esquemas gráficos da autora.

Através das imagens pode-se perceber que o antigo Colégio Santo Antônio ocupava a maior parte do complexo franciscano de Blumenau. Ao redor do pátio central da escola, se distribuíam os blocos construídos do convento, do próprio colégio e a pequena capela. A residência seráfica se restringia a um único edifício com uma porção de área verde atualmente ocupada pelo estacionamento do Colégio Bom Jesus. A nova Igreja Matriz construída pelos franciscanos na década de 1950 ocupa grande porção no centro da cidade. Assim, pode-se dizer que o conjunto seráfico de Blumenau apresentava grande parte seus espaços associados a usos que atendiam a demandas do meio urbano.

Já o complexo que engloba o convento e Colégio Seráfico de Lagoa Seca na Paraíba, por sua vez, foi construído em 1940³⁵ (ALBUQUERQUE, 2000, p.24) com o intuito principal de fomentar vocações locais no Nordeste do Brasil, necessidade que se tornou ainda mais urgente com o fechamento do Colégio Seráfico de Bardel na Alemanha em 1939 pelo Governo Nazista (ALBUQUERQUE, 2000, p.18). O conjunto franciscano germânico, situado na área rural da cidade de Bad-Bentheim, fronteira com a Holanda, foi construído para a formação de futuros frades a serem enviados para a missão brasileira: “1921 gestatte dann die nordwestdeutsche Franziskanerprovinz (Saxonia) ihren Mitbrüdern, die im Nordosten Brasiliens arbeiten, in einem Gebiet am Rand ihrer Provinz in Deutschland ein Kloster mit Kolleg zu gründen³⁶” (SCHMITZ, 2010, p.8). Seu fechamento³⁷ no ano em que se iniciou a Segunda Guerra Mundial, portanto, apressou a ideia de se estabelecer uma casa de formação em território nacional.

Ao se analisar o conjunto franciscano de Lagoa Seca, observa-se que este segue o modelo adotado em duas importantes casas de formação alemã: o próprio Colégio-convento de Bardel e também o convento seráfico de Warendorf que abrigava o Noviciado da Província da Saxônia e cursos de formação superior dos religiosos. As três grandes casas estão localizadas em regiões rurais, fora das áreas centrais dos núcleos urbanos, fato que proporciona não só certo isolamento adequado para o trabalho espiritual e necessário para o desenvolvimento dos religiosos, mas também oferece a possibilidade desses conventos contarem com extensas áreas verdes, espaços de “nutrição” espiritual e contemplação, também importantes por proporcionarem à construção religiosa espaços para o cultivo de hortas, pomares e criação de animais, sustentando as numerosas comunidades de frades e alunos que viviam nas dependências destes edifícios.

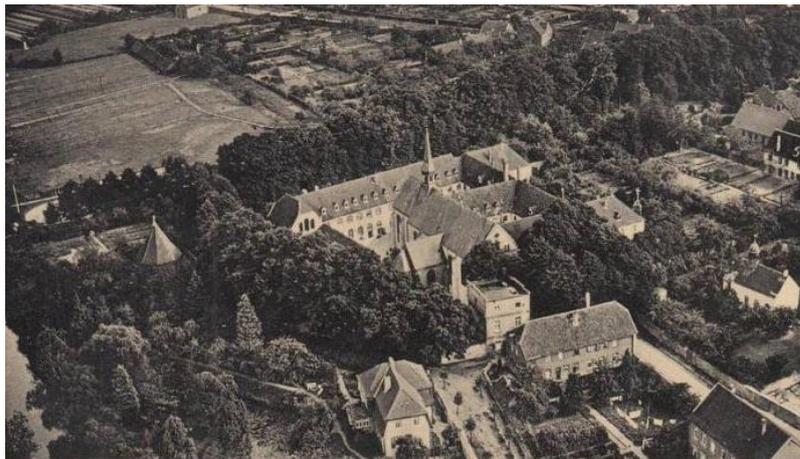
³⁵ Foram encarregados do projeto do grande complexo seráfico os frades alemães Frei Pedro Westermann, Frei Matias Teves e Frei Noberto Holl (ALBUQUERQUE, 2000, p.22).

³⁶ Em 1921, a Província franciscana do Noroeste alemão (Saxônia) autorizou seus frades que trabalhavam no Nordeste do Brasil a fundarem um convento com colégio em uma área situada na fronteira da Província na Alemanha (tradução da autora).

³⁷ O convento e colégio de Bardel foi reaberto em 1952 e até hoje é mantido pela Província de Santo Antônio do Nordeste do Brasil. Desde 1922 foram enviados ao Brasil mais de 300 jovens frades para a missão no país (SCHMITZ, 2010, p.6).

A organização espacial das três construções também apresenta semelhanças, ocupando a igreja o elemento central dos conjuntos e os demais edifícios distribuídos em ambos os lados. A presença dos claustros ao redor dos quais se organizam a distribuição dos cômodos, também é característica desses prédios, possuindo o convento de Ipuarana três deles: dos religiosos na área da residência conventual, e dois outros para o colégio – dos menores, alunos do 1º ao 4º ano, e dos maiores, 5º ao 7º ano (ALBUQUERQUE, 2000, p.33). A existência de mais de um claustro nestes conventos evidencia uma necessidade morfológica da própria arquitetura, já que o grande dimensionamento dessas edificações e existência de um número considerável de salas requer o uso de pátios internos que possam solucionar questões funcionais relativas à circulação, iluminação e ventilação.

Estes conventos também devem funcionar como uma micro-cidade, dispensando a saída de seus alunos ou frades em formação para o mundo externo. Assim, além dessas grandes casas contarem com áreas externas de cultivo para suprir a demanda alimentar da comunidade, ambientes que suportem a moradia de uma numerosa quantidade de pessoas serão necessários, como grandes dormitórios coletivos, refeitório dos alunos, cozinhas extensas, salas de aula, enfermaria, e espaços para as práticas de esportes e oficinas, garantindo a auto-suficiência dessas edificações.



Imagens 229 - Cartão postal de 1951 com vista aérea do convento franciscano de Warendorf, na Alemanha, cuja construção se iniciou em 1652. Fonte: Extraído de <<http://img.oldthing.net/10892/20478970/0/n/4410-WARENDORF-Franziskanerkloster-Luftaufnahme-1951-Kleberest-rueckseitig.jpg>>. Acesso em Out.2015.

Imagens 230 - Complexo franciscano de Bardel, na Alemanha. Fonte: SCHMITZ, 2010

Imagem 231 - Complexo franciscano de Lagoa Seca, interior da Paraíba.
Fonte: Imagem obtida no Arquivo da Província de Santo Antônio, sem data.



**Imagens 232 e 233 - Antigo refeitório e dormitório coletivo no convento de Bardel³⁸
Alemanha, sem data. Fonte: SCHMITZ, 2010, p.55.**
Imagens 234 e 235 – Antigo refeitório e dormitório coletivo de Ipuarana na atualidade.
Fonte: Autora, 2013.

A igreja do complexo seráfico de Lagoa Seca não só é elemento central do conjunto, como também delimita os dois grandes setores do edifício: a área do colégio, que ocupa a maior porção e o espaço reservado à vida conventual. Os três claustros também agem como elementos que demarcam as diferentes funções exercidas pelo edifício.

³⁸ O convento de Bardel, na Alemanha foi visitado pela autora deste trabalho, no entanto, muito de seus antigos espaços coletivos foram alterados, já que o mesmo não funciona mais como Colégio Seráfico, e abriga número cada vez menor de religiosos. Por isso, optou-se por utilizar aqui imagens de época. Já o convento de Ipuarana, apesar de também não funcionar mais como grande casa de formação (abrigando apenas o Noviciado da Província de Santo Antônio em uma construção denominada “Porciúncula” em área anexa ao grande prédio), ainda conserva alguns de seus antigos espaços de uso coletivo inalterados.

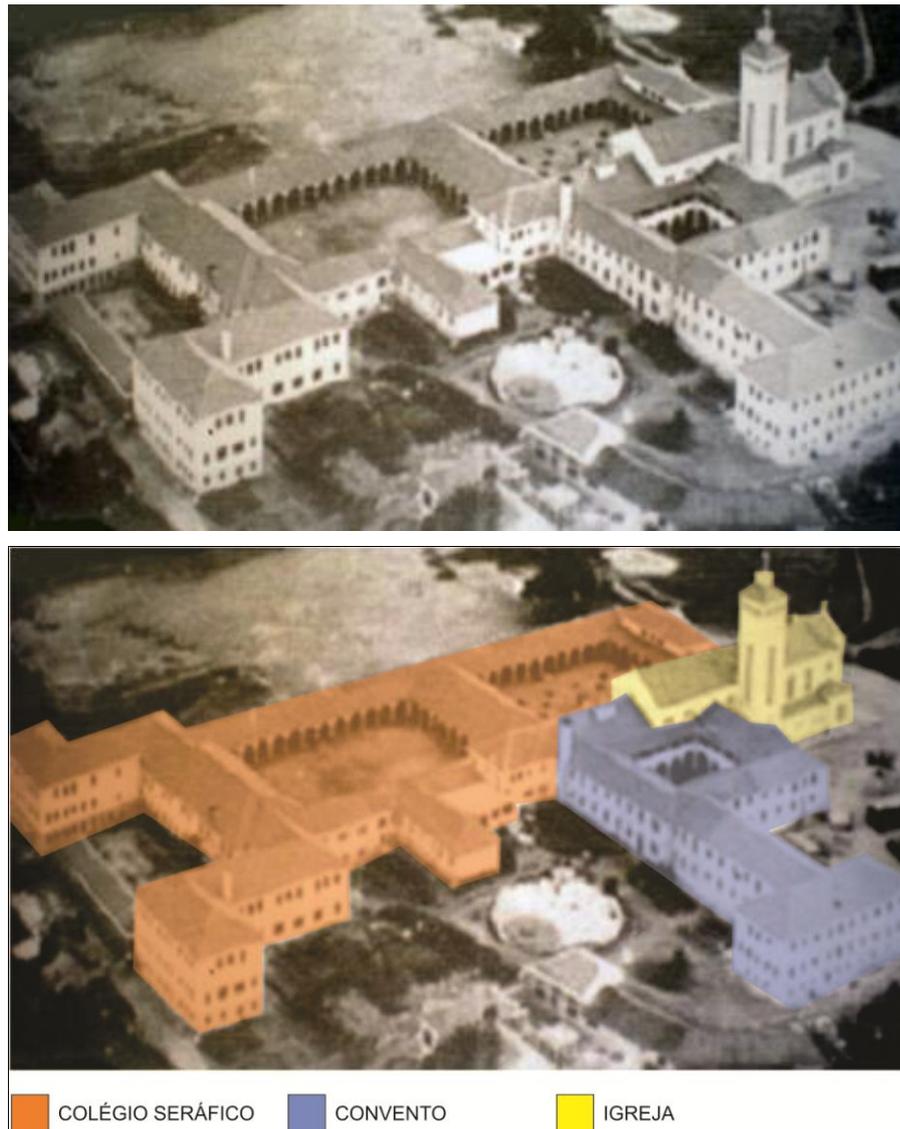


Imagem 236 - Complexo franciscano de Lagoa Seca. O esquema mostra as três grandes divisões do conjunto, apresentando a igreja no centro de convergência entre escola e convento. Fonte: Imagem extraída em <<<http://aspirantadoofm.blogspot.com/p/ipuarana.html>>>. Acesso em JAN., 2012. Esquema gráfico da autora.

A presença de escolas será um dos elementos mais fortes das novas fundações dos séculos XIX e XX, representando uma novidade em termos de arquitetura seráfica no Brasil. Sabe-se que os antigos conventos coloniais também forneciam às populações funções de ensino, porém, este uso não apresentava forte rebatimento no espaço como nas novas construções. Sendo assim, a conduta de unir convento e escola se apresenta como uma nova atitude trazida pelos frades da Alemanha, que visava atender ao espírito evangelizador desses religiosos, se utilizando da educação como instrumento de edificação humana e cristã. Dos onze conventos enquadrados no recorte espacial deste trabalho, em dez deles foram encontrados registros do estabelecimento de escolas associadas à atividade dos

franciscanos³⁹. Mesmo que existissem prédios próprios destinados a abrigar essa função, em alguns casos as escolas voltadas à comunidade funcionavam inicialmente dentro do próprio convento, a exemplo da casa de Petrópolis em cujo andar térreo foram alocadas quatro salas de aula para este fim (NEOTTI, 1974, p.12). Em outras situações, a área da escola abarcava grandes porções – ou até a maior parte - do próprio complexo conventual, como visto nas casas de Lagoa Seca e Blumenau. Pela sua importância, este tema voltará a ser abordado no último item deste capítulo.



Imagens 237 e 238 - Sala de aula do convento de Blumenau em 1921 e sala de aula na casa seráfica de Petrópolis. Fonte: Acervo do Colégio Bom Jesus de Blumenau; imagem da autora 2011.

4.4. Permanências e mudanças na arquitetura conventual

Concentrando a análise no conjunto de conventos dos grupos 2 e 3, verifica-se nestas edificações a existência tanto de espaços já característicos das antigas casas seráficas brasileiras, quanto a presença de novos ambientes. Sobre o claustro, este assume várias facetas dentro do grupo de conventos analisados, inexistindo em alguns deles – como Lages e Blumenau -, reduzindo-se a pequenos pátios com jardins entre a construção conventual e a igreja – como em Igreja Nova, Petrópolis e Florianópolis-, ou até mesmo se apresentando em sua conhecida forma de uma área livre interna rodeada de galerias, como em Campina Grande, Pari, Rodeio e Lagoa Seca. A semelhança entre eles - englobando inclusive os que se configuram como pequenos pátios – é a presença de espaços vegetados, os jardins fechados que segundo Jacques Le Goff evoca o paraíso (2009, p.138). Os frades alemães, inclusive, estabeleceram jardins no claustro do convento de

³⁹ Apenas no convento de Campina Grande não foi encontrada qualquer menção ao estabelecimento de uma escola, até porque se trata de uma casa erguida com a finalidade de servir de apoio aos frades da residência de Ipuarana. Coloca-se também que pouco material escrito foi consultado sobre esta casa, então uma pesquisa mais aprofundada é necessária para atestar a existência ou ausência de uma escola ligada a este convento.

Penedo, que provavelmente era desprovido de vegetação⁴⁰, plantando flores e rosas para o culto divino (Livro das Crônicas do Penedo III, 1931-1974, s/p).

Pode-se dizer que o significado do claustro se apresenta como um ambiente ambíguo dentro da arquitetura dos conventos erguidos no Brasil durante os séculos XIX e XX, já que a ideia de reclusão e encerramento associada a ele, contrasta com o espírito missionário, urbano e itinerante dos frades alemães que atuam neste período.

O claustro também é metáfora do coração e do homem interior; ele constitui uma parte da ideologia cristã que valoriza a paz interior face às agitações do mundo – e que está em contraste também com as peregrinações do *homo viator*, do homem itinerante (LE GOFF, 2009, p.139).

Nas novas edificações, os claustros assumirão muito mais o caráter funcional e morfológico, como área de circulação e de organização espacial, que um ambiente de reclusão e oração. Os três claustros de Ipuarana, por exemplo, separam e definem três importantes setores do prédio, o convento, a escola dos menores e a escola dos maiores, como já mencionado. Na casa seráfica de Rodeio, o claustro funciona como um ambiente de circulação e transição entre espaços constantemente acessados durante a rotina conventual da residência, como a igreja, o refeitório e a sala do recreio.



Imagens 239, 240 e 241 - Pátios internos que remetem a ideia de claustros dos conventos de Igreja Nova, Petrópolis e Florianópolis. Fonte: Imagens da autora 2011, 2011, e 2013.



Imagens 242, 243 e 244 - Claustros dos conventos de Campina Grande, Pari e Rodeio. Fonte: Imagens da autora 2013.

⁴⁰ Não há evidências comprobatórias que originalmente os claustros dos conventos franciscanos coloniais do nordeste do Brasil fossem vegetados, assim é possível que os mesmos fossem assentados em pedra. Este fato foi comprovado, por exemplo, pelos estudos arqueológicos realizados no convento de Marechal Deodoro, que verificaram que o claustro desse edifício tinha o piso revestido em pedra com inclinações para o escoamento da água da chuva.



Imagens 245, 246 e 247 - Os três claustros do convento de Lagoa Seca: claustro dos religiosos, claustro dos “alunos menores” e claustro dos “alunos maiores”.

Fonte: Imagens da autora 2013.

Ambientes indispensáveis para o cotidiano dessas edificações, como cozinha, refeitório e celas estão sempre presentes, estas últimas mantendo o tamanho reduzido e a simplicidade que foi característica desse espaço já nos conventos do Brasil colonial. A biblioteca também é recorrente nos novos conventos, já que pôde ser encontrada em oito das onze casas visitadas⁴¹. Se considerarmos a significativa quantidade de livros e materiais diversos em alemão – muitos publicados na própria Alemanha - existentes em grande parte desses ambientes, pode-se deduzir que houve uma preocupação dos religiosos germânicos com a alimentação desses espaços. O Livro de Crônicas do convento de Igreja Nova, por exemplo, faz por várias vezes referência a livros adquiridos não só para a biblioteca da cidade – instituída pelos próprios frades – como também para a própria residência franciscana. Já o Livro de Crônicas de Rodeio relata o recebimento de material vindo da Alemanha:

Chegou uma caixa de material didático (um presente de Elberfeld-Alemanha). Os professores examinaram este material e receberam explicações práticas. O material iria ficar no convento, que o colocaria a disposição das escolas (Livro de Crônicas do convento de Rodeio, 1910, p.5).

A valorização da biblioteca nessas novas casas ao mesmo tempo se relaciona com o apreço dos seráficos da Alemanha pelo estudo, fato que pode ser evidenciado pelo interesse dos mesmos em abrir nas cidades escolas e bibliotecas, mesmo que esse incentivo também esteja associado a uma prática de instrução religiosa. Além disso, essa aproximação com a pesquisa/estudo também é refletida ao lembrarmos que boa parte da História dos franciscanos no Brasil foi escrita pelos frades alemães, a exemplo de Frei Venâncio Willeke e Frei Basílio Röwer.⁴²

⁴¹ Só não foram constatadas no antigo convento de Blumenau que não mais existe, e nas casas de Gaspar e Santo Amaro da Imperatriz. O acesso ao interior dessas duas últimas não foi possível, o que não extingue a possibilidade de ambas contarem com bibliotecas.

⁴² Não foram encontradas referências bibliográficas sobre os trabalhos dos frades alemães enquanto historiadores, tema que poderá ser abordado em trabalhos futuros.



Imagem 248 e 249 - A cozinha e o refeitório do convento franciscano de Rodeio.
 Fonte: Imagens da autora 2013.



Imagem 250 e 251 - Exemplos de celas atualmente não ocupadas nos conventos franciscanos de Lages e Rodeio. Fonte: Imagens da autora 2013.



Imagem 252 - Biblioteca do convento franciscano de Lages. Fonte: Imagens da autora 2013.

Os edifícios conventuais ainda contam com pequenas capelas internas, destinadas a orações, leituras do Evangelho, e até realizações de Missa, que em alguns casos rompem os limites da clausura e contam com a participação de membros da população, como é o caso da capela da casa de Lages que, atualmente, permite o acesso de seculares para as orações e missas matinais no local.



Imagens 253 e 254 - Capelas internas dos conventos franciscanos de Lages e Petrópolis.
Fonte: Imagens da autora 2013, 2011.

Como novidade trazida por essas novas casas se configura a sala do recreio. O chamado “recreio” consiste no encontro fraterno entre os frades da residência, espécie de momento de lazer, partilha e confraternização em meio às atividades cotidianas de trabalho nos conventos e cidades. Em geral, nas casas visitadas existe um espaço destinado para este fim. Na residência de Rodeio, onde funciona o Noviciado, existe um recreio diário entre as aulas da manhã e a hora do almoço, quando é realizado um percurso cotidiano que compreende a sala de aula - sala do recreio – igreja – refeitório, já que as refeições são sempre antecedidas por orações no coro dos religiosos da igreja. Um recreio festivo também é realizado no local uma vez por mês pela noite.



Imagens 255 e 256 - Sala do recreio no convento franciscano de Rodeio.
Fonte: Imagens da autora 2013.

Espaços voltados ao desenvolvimento do trabalho manual são característicos de muitas das fundações seráficas dos séculos XIX e XX. Percebe-se, aliás, uma aproximação dos frades alemães com este tipo de trabalho, apresentado não apenas pelas fontes escritas, mas principalmente por dados arquitetônicos das edificações constatados nas visitas e já observados no que tange às reformas dos antigos conventos. A primeira leva de frades ao desembarcar em terras brasileiras em 1891, já trazia em sua bagagem ferramentas de pedreiro e marceneiro para obras diversas, conforme relata o cronista do grupo (THEMANS, 1991, p.37).

A organização da vida religiosa dentro dos conventos instituída pelos franciscanos da Alemanha nos primeiros anos de sua presença no Brasil era basicamente constituída por orações, estudo - desempenhada pelos clérigos - e trabalho, que, como visto, era representado pela importante atuação dos irmãos leigos, responsáveis pela manutenção física do edifício:

A parte principal da restauração era a da vida religiosa renovada. [...] Tudo na Província ficou estabelecido como na Saxônia [...]. Principiava-se o dia às 4,1/2 da madrugada, havendo a oração da manhã, o coro da prima e terça, em seguida a missa conventual, para se dar início às ocupações de cada um: **para os clérigos o estudo, e para os irmãos leigos o trabalho nas oficinas e na restauração dos conventos** (TEVES, 1967, p.36. Grifo nosso.).

Os irmãos leigos, frades professos que não foram ordenados nem padres ou diáconos, apresentam um importante destaque nesse contexto. Dentre suas atribuições estavam as atividades de padeiro, marceneiro, porteiro, alfaiate, entre outros. Ressalta-se também que durante as entrevistas realizadas no convento de Ipuarana, alguns religiosos que hoje são irmãos leigos descreveram que sua entrada no Seminário Seráfico se deu justamente com a motivação de aprenderem um ofício técnico.

Semelhante fragmentação do tempo ainda é observada no atual Noviciado da Província da Imaculada Conceição em Rodeio, onde os estudos, orações, meditações e também momentos de lazer e esportes, são intercalados com trabalhos destinados à manutenção do próprio edifício conventual. O desempenho desses ofícios repercute no espaço conventual que guarda locais como a horta, curral, lavanderia, padaria e pequenas fábricas, como a oficina de velas, estritamente vinculados ao trabalho manual.

No Colégio Seráfico de Ipuarana, que funcionava como Seminário Menor onde eram realizados “os quatro anos ginasiais e três anos do científico, num total de sete anos de estudos” (ALBUQUERQUE, 2000, p.41), o tempo dos alunos era tomado por aulas, estudo das matérias, refeições, prática de esportes, jogos de salão, estudo de instrumentos musicais (opcional), e também pelo trabalho físico, segundo João de Albuquerque, ex-aluno do Seminário:

Uma equipe se encarregava da limpeza do refeitório e serviços, outra da varrição diária e lavagem dos claustros, outra dos dormitórios, e assim por diante, de forma que toda limpeza do prédio ficava a cargo dos próprios alunos. [...] Todo o tempo era bem distribuído de forma a não permitir a existência de espaço ocioso (ALBUQUERQUE, 2000, p.33).



Imagens 256, 257, 258 e 259 - Trabalhos realizados na fábrica de velas, lavanderia, horta e curral no Noviciado do convento franciscano de Rodeio. Fonte: Imagens da autora 2013.

É possível que a ênfase e diversificação dada ao trabalho manual – e de espaços associados a este - em grande parte esteja relacionado com a valorização do mesmo pelos religiosos da Alemanha, segundo eles, diferente da herança colonial portuguesa.

O motivo principal por que os religiosos ocupavam o braço do negro, residia na grande falta de irmãos leigos. Enquanto as vocações sacerdotais brasileiras em todas as ordens eram suficientes, notava-se entretanto a escassez de irmãos, porque o trabalho manual era desprezado como indigno de homem livre, conceito errôneo que fora refutado pelo próprio Cristo-Operário. (WILLEKE, 1956, p.48)

Acerca do convento de Blumenau, a Revista Vita Franciscana de 1942 (DAS NOSSAS...,1942, p.21) registra os nomes dos frades residentes com as respectivas funções e atividades manuais desempenhadas no convento, citando, por exemplo, os ofícios de

alfaiate, sapateiro, cozinheiro, refeitoreiro, padeiro, “perito em armar presépios”, ferreiro, funileiro, operador-auxiliar cinematográfico, enfermeiro, eletricista, sacristão, porteiro, responsável em cultivar as hortaliças, encadernador e marceneiro.

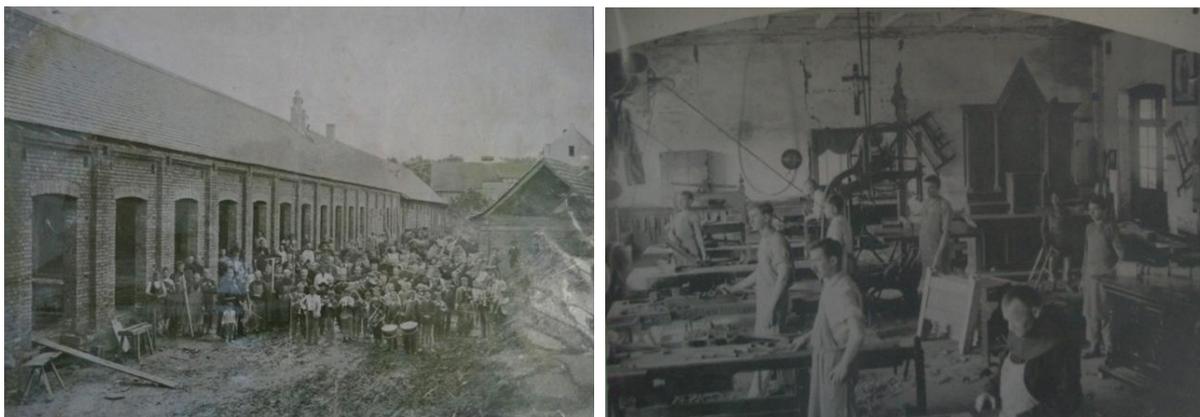
Não apenas os escritos, mas também a documentação imagética faz alusão à execução do trabalho manual pelos franciscanos. Um álbum de fotos pertencente a um religioso alemão que residiu no convento de Penedo apresenta cerca de 30 imagens, dentre as quais iconografias que representam religiosos franciscanos durante o exercício de seus ofícios, seja na agricultura, na padaria, na sapataria ou na criação de animais na Alemanha.



Imagens 260 e 261 - Frades realizando trabalhos manuais provavelmente na Alemanha.

Fonte: Acervo da biblioteca do convento franciscano de Penedo, sem data.

Essa mentalidade voltada para a valorização do trabalho manual será rebatida na materialidade dos novos conventos através das oficinas, presentes principalmente nas casas seráficas de formação, como os edifícios de Blumenau, Rodeio e Lagoa Seca. Situadas, em geral, anexas aos conventos ou nos porões das edificações, ofereciam suporte para a manutenção do prédio e da vida conventual, provendo a residência com alimentos, vestuário, mobiliário ou demais utensílios utilizados na rotina religiosa, garantindo assim a auto-suficiência da edificação.



Imagens 262 e 263 - Prédio das oficinas do convento de Blumenau com alunos e aprendizes e marcenaria desta casa. Fonte: Acervo do Colégio Bom Jesus de Blumenau, sem data.

Na atual casa seráfica de Lagoa Seca as oficinas deixaram de existir com o encerramento das atividades do Colégio Seráfico e a crescente redução no número de frades, podendo ser encontrado no local apenas o anexo construído que se destinava a abrigar esses espaços. Apesar disso, os religiosos que presenciaram o período ativo de maior atividade da casa descrevem que Ipuarana era dotada de oficinas de encadernação, mecânica, marcenaria, lavanderia, sapataria, padaria e alfaiataria, e que grande parte do maquinário que impulsionava as pequenas fábricas era proveniente da Alemanha. A inserção de maquinário dotando os novos conventos de um importante aparato tecnológico, também remetem a uma atitude de modernização trazida pelos frades alemães.

Já na residência de Rodeio, ao mesmo tempo em que antigas oficinas não mais existem como as pequenas fábricas para a produção de café e vinho, com seus antigos espaços e maquinários ainda preservados, algumas outras como a padaria, marcenaria, lavanderia e alfaiataria ainda se encontram com suas funções ativas. Além disso, novos espaços de trabalho foram introduzidos na casa ao longo do tempo, como a fábrica de velas conduzida pelos noviços, cuja produção é vendida para o meio externo contribuindo com o sustendo do próprio convento. Uma fábrica de órgão de tubos pertencente ao mestre organeiro alemão Georg Jann também se encontra instalada dentro da área do complexo conventual de Rodeio, apesar da mesma não estar vinculada diretamente à fraternidade local.



Imagens 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270 e 271 - As oficinas do convento franciscano de Rodeio: antiga fábrica de café, antiga fábrica de vinho, marcenaria, padaria, fábrica de órgãos de tubo, alfaiataria e fábrica de velas. Fonte: Imagens da autora, 2013.

Também é recorrente a presença da cerca nas fontes escritas, denominada com termos como quintal, horta e jardim. Os religiosos alemães comumente utilizam o termo “Garten” (jardim) ao fazerem referência à cerca. Ressalta-se, no entanto, que este “jardim” não é apenas o contemplativo, mas também o jardim produtivo.

Durante o estabelecimento da primeira residência dos frades alemães no Brasil, mais precisamente na colônia de Teresópolis, uma das preocupações iniciais do grupo precursor foi a instalação do chamado jardim, destacando assim sua importância para esses religiosos: “Mit Eifer gingen wir daran, uns besser einzurichten. Vor allem galt es, den **Garten** in Ordnung zu bringen und uns einige notwendige, kleine Gebaeulichkeiten herzustellen⁴³” (THEMANS, 1923, p. 142).

O também alemão Frei Capistrano Niggemeyer, ao ironizar os religiosos que no início da missão brasileira desdenhavam do Nordeste do Brasil e desejavam se dirigir ao sul, menciona os elementos realmente essenciais para a vida conventual: “Terreno e convento para morar – e igreja para rezar – e jardim cercado de muros com couve e batatas alemãs, prontinho para a colheita” (NIGGEMEYER in FRAGOSO, v.6, p.13).

Assim, a igreja provê a oração, o convento a moradia e o trabalho, e o jardim oferece o suporte alimentar indispensável para vida dos religiosos, e conseqüentemente, para o desenvolvimento das demais atividades, dotando o convento de condição sustentável.

A cerca do convento franciscano de Rodeio, por exemplo, além de atender as demandas da fraternidade residente, oferece à cidade uma generosa porção de área vegetada. No local são produzidos diferentes tipos de vegetais, hortaliças e frutas, cultivados pelo trabalho dos próprios frades e noviços residentes.

⁴³ Com entusiasmo, procuramos nos instalar melhor. Antes de tudo, era preciso colocar o jardim em ordem e providenciar algumas pequenas construções necessárias (tradução da autora).



Imagens 272, 273 e 274 - A cerca conventual da casa franciscana de Rodeio.

Fonte: Imagens da autora, 2013.



Imagens 275 e 276 - Videiras na cerca conventual da casa franciscana de Rodeio e figos produzidos a partir do cultivo no local. Fonte: Imagens da autora, 2013.

O convento de Lagoa Seca também apresentava uma grande área de cerca destinada à produção de alimentos para atender a fraternidade local e alunos do Seminário. A diminuição no número de frades e o fechamento do Colégio na década de 1970 provocou uma redução da importância e uso deste espaço, ainda que seja utilizado para pequenos cultivos no presente.

O ex-aluno do Colégio, João de Albuquerque rememora o seu papel no passado: “O terreno do Seminário compreendia um sítio bastante grande, onde havia plantação de bananeiras, jaqueiras, fruteiras em geral, uma grande horta, além da criação de porcos e

abelhas” (ALBUQUERQUE, 2000, p.44). Antigos frades do local mencionaram a existência de uma granja nas dependências do complexo conventual que contava com cerca de 3000 aves, a maior deste tipo na região. O franciscano austríaco Frei Tarcísio Jungwirth retratou em uma de suas telas a fachada do complexo conventual de Lagoa Seca na época de sua construção - no começo da década de 1940 – e mesmo com as obras inacabadas, o conjunto seráfico já contava com hortas e área verde cultivada no terreno em frente à edificação.

No caso de Ipuarana, o jardim produtivo dos frades extrapolou os limites do edifício religioso, influenciando, inclusive as práticas da própria cidade. De acordo com os entrevistados, os franciscanos da Alemanha introduziram na população local tanto o hábito de consumir vegetais, quanto o cultivo dos mesmos, como por exemplo, hortaliças e legumes como couve, acelga, pepino e rabanete.

Técnicas para o cultivo de hortas também foram ensinadas pelos frades germânicos à população local, introduzindo na região uma nova fonte de renda. Ainda hoje, a principal atividade econômica do município de Lagoa Seca está relacionada à produção de frutas, vegetais e à criação de aves. Os frades ainda relataram que em épocas de colheita, a residência de Ipuarana recebia doações da população local, nutrindo assim o vínculo de trocas existente entre cidade e convento, fundamental para o desenvolvimento de ambas as partes.



Imagens 277 e 278 - Tela de Frei Tarcísio Jungwirth que retrata o período de construção do complexo conventual de Ipuarana e imagem da cerca atual. Fonte: Fotografia de tela encontrada no convento de Lagoa Seca e imagem atual de Érica Aprígio, 2013.

Concluindo no que se refere aos conjuntos conventuais, variando desde a modesta casa até as grandes residências de formação de maior impacto urbano, os conventos erguidos pelos frades alemães no Brasil apresentarão formas e espacialidades heterogêneas, tornando impossível o estabelecimento de uma linha de pensamento fixa ou um modelo que tenha guiado a construção dessas edificações, mesmo que dentro do conjunto analisado possam ser encontradas características que aproximem alguns exemplares entre si. De forma geral, as demandas práticas da realidade local, da comunidade de frades ou das próprias províncias, conduziram a instalação das mesmas. Em Santo Amaro da Imperatriz tinha-se apenas a necessidade de uma pequena casa perto da igreja Matriz, já em Ipuarana buscava-se um grande espaço destinado a fomentar as vocações e garantir assim o futuro da Província de Santo Antônio.

Mesmo com tantas variações entre as construções erguidas, pode-se distinguir algumas peculiaridades que caracterizam seu legado no que se refere à arquitetura: valorização dos espaços de trabalho manual através da inserção das oficinas, reconhecimento da cerca conventual como área verde produtiva, estabelecimento de espaços para a educação dos habitantes das cidades dentro do complexo conventual. Além da mentalidade operativa, observa-se que os religiosos da Alemanha prezaram pela simplicidade do espaço que corresponde à “casa do frade”, optando muitas vezes por áreas compactas – exceção feita às grandes casas de formação – em que predominaram muito mais os aspectos funcionais que os formais.

O estabelecimento das novas casas pelos religiosos germânicos também foram conduzidos muitas vezes por pensamentos contraditórios: ergueram modestas casas e grandes complexos; optaram por se fixar longe dos paroquianos no topo do morro em Gaspar, mas ao mesmo tempo ocuparam área central em Blumenau; dispensaram o claustro em algumas casas como em Lages, porém adotaram o modelo encontrado nos antigos edifícios, como em Campina Grande. O convento, então, será fruto não de um conjunto de modelos pré-definidos, mas de uma adequação às necessidades e aspirações do franciscanismo pós-restaurado no Brasil dos séculos XIX e XX, na perspectiva destes frades estrangeiros.

4.5. Sementes do futuro: contribuições da ação franciscana alemã

Como visto, o trabalho dos religiosos da Alemanha no Brasil teve um forte rebatimento na espacialidade do território brasileiro, seja através da relação um tanto conflituosa com o passado, representada pelas obras de reparo dos antigos conventos, seja inserindo em diversas regiões do país novas casas seráficas a partir de sua própria mentalidade e demandas do presente.

O caráter urbano dessas novas construções, no entanto, supera os aspectos associados à materialidade, da mesma forma que a postura adotada pelos frades alemães nas cidades não se restringiu a edificação da igreja de pedras, mas sobretudo englobou em sua missão a edificação da “igreja de homens”, ou seja, o foco da missionação. Dessa maneira, os frades germânicos atuaram também em outras áreas que extrapolaram os limites da materialidade, deixando um legado que ainda permanece vivo nos dias de hoje.

Mesmo que a atividade desses religiosos sempre tenha tido como principal meta a evangelização dos povos - e a essa intenção muitas vezes estavam relacionadas os outros âmbitos de seus trabalhos como a educação e a comunicação que eram ferramentas para a propagação dos ideais cristãos – as necessidades tangíveis das cidades também foram reconhecidas e fortemente envolvidas em sua missão. Entenderam que o suporte material urbano era necessário para o desenvolvimento da evangelização, assim, se atentaram para cidade material que demandava não só de igrejas e conventos, mas também de escolas, hospitais e editoras.

A atuação dos religiosos germânicos na área de comunicação, por exemplo, como ferramenta para a atividade missionária se estendeu à publicação de jornais nas cidades em que se fixaram. Em Lages, Frei Pedro Sinzig fundou em 1902 o jornal católico “Cruzeiro do Sul” (ANDRADES, 2001, p.32). A antiga colônia trentina de Rodeio também ganhou uma tipografia criada pelos franciscanos, que entre 1903 e 1917 publicou um dos primeiros periódicos em língua italiana do sul do país, o jornal L’Amico:

[...] com a finalidade de dar aos fiéis do Curato instrução religiosa e moral, bem como notícias que pudessem ser úteis aos nossos colonos, [...]. Apesar de tal empreendimento, numa língua não materna, causar enormes dificuldades aos religiosos e as assinaturas (aproximadamente 400) jamais fizeram frente às despesas (PINTARELLI, 1994, p.58).

Em outros setores essenciais da vida urbana também podem se observar uma interface entre os franciscanos da Alemanha e a cidade. Na área da saúde, já o primeiro grupo missionário que veio ao Brasil trouxe em sua bagagem uma farmácia homeopática que serviu à população. Na ausência de médicos na rudimentar colônia de Teresópolis, era aos franciscanos que recorriam os habitantes para o auxílio em suas doenças, conforme descreve o cronista da primeira expedição: “Pe. Amando que reconheceu que a gente nos seria mais chegada, e aliás, que seria de utilidade que recebessem de nós medicamentos” (THEMANS, 1991, p.47). A atuação desses religiosos no setor da saúde também abarcou maiores dimensões, com a edificação de hospitais nos pequenos núcleos urbanos. A construção de um hospital em Gaspar, por exemplo, foi liderado pelo germânico Frei Godofredo Sieber, que se tornou também o primeiro presidente da instituição (BAPTISTA, 1999, p.81).

A inserção de novas atividades econômicas dentre as populações foram incentivadas pelos franciscanos. Em Rodeio, esses religiosos introduziram e estimularam a cultura do arroz irrigado na então colônia e seus arredores, oferecendo aos imigrantes italianos da região uma nova forma de atividade econômica e geradora de fonte de renda (PINTARELLI, 1994, p.25). Ainda hoje, mesmo que em menor grau, o cultivo do arroz faz parte do quadro econômico da cidade de Rodeio e as plantações ainda delineiam a paisagem do lugar e seus arredores. Além disso, os frades procuraram fortalecer os agricultores locais por meio do incentivo às cooperativas:

A formação de cooperativas agrícolas, objetivando libertar os colonos italianos dos comerciantes alemães, de Blumenau, foi ideia dos franciscanos. Só em Rodeio funcionavam três delas, e uma, a de Rio dos Cedros, chegou a exportar o fumo produzido pelos imigrantes trentinos diretamente para Viena, na Áustria (PINTARELLI, 1994, p.25).

Em Igreja Nova, as crônicas do convento fazem constantes referências ao cultivo de arroz no local, como época de plantio e colheita, e a própria casa franciscana estabelecia vínculos com a principal atividade econômica da cidade, detendo de terras com plantações de arroz, onde muitos trabalhos eram exercidos pela população: “Foram plantadas 20 tarefas de arroz no terreno do patrimônio [do convento]. Quase todo o trabalho foi feito [ilegível] pelos parochianos [sic]” (Livro de Crônicas do convento de Igreja Nova).



Imagens 279 e 280 - A cultura do arroz irrigado nos arredores do centro urbano de Rodeio.

Fonte: Imagens da autora, 2013.

Um dos aspectos que será mais valorizado pelo apostolado dos religiosos estrangeiros e que provocará um importante impacto nas cidades, é o incentivo dado à educação através do estabelecimento de escolas. A instrução das populações se constituiu um importante meio utilizado pelos frades alemães para a evangelização, além de dignificar o ser humano por meio do conhecimento. “Essa prática de construir capelas e reger escolas primárias era de grande eficácia; combatia-se o analfabetismo, ensinava-se a doutrina

católica e colocava-se o fundamento para o estudo da língua vernácula” (SCHAETTE, 1942, p.6).

O relato de Frei Wendelino Winkes trazido na obra de Frei Elzeário Schmitt sobre a Paróquia de Gaspar também coloca a necessidade de instrução da comunidade, para o bom desenvolvimento do apostolado franciscano:

Desde logo me convenci de que sem uma escola paroquial nossa atividade pastoral bem sucedida seria impensável. Frei Bruno Linden tinha começado a doutrinação eucarística das crianças em português, e Frei Verecundo Wand assumira a catequese em alemão. [...] A situação de ignorância que encontrei nessas crianças mal pode ser imaginada. Com minha experiência em Blumenau, já me habituara a muita coisa. Mas não esperava uma ignorância ‘crassa’ como esta (SCHMITT, 2008, p.130).

Uma evidência que atesta a preocupação desses religiosos com a inserção da educação dentro de seu apostolado é o fato de que muitas vezes o estabelecimento de construções voltadas ao ensino antecedia até mesmo a instalação das igrejas e conventos. Em Florianópolis, por exemplo, a escola foi fundada pelos franciscanos no dia 13 de junho de 1915, enquanto que igreja e convento foram erguidos apenas em 1921 e 1925, respectivamente, segundo atesta o Livro das Crônicas da residência: “A obra de maior alcance para a formação religiosa [ilegível] da juventude, foi a fundação de uma escola primária e gratuita para os meninos da cidade. Havia de ser escola modesta, sendo os Padres ao mesmo tempo professores (Livro de Crônicas do convento de Florianópolis).

A abrangência dessas escolas variava de acordo com as localidades e com a finalidade a que se destinava. Em Igreja Nova, as aulas eram noturnas e se destinavam a instrução de meninos e homens, começando com 35 alunos em 1913 e contando com 80 meninos em 1916 (Livro de Crônicas do convento de Igreja Nova). Os manuscritos das crônicas também fazem referência à chamada “Biblioteca do povo”, provavelmente mantida pelos franciscanos, já que são constantes as menções a livros adquiridos pelos frades destinados a essa biblioteca. No bairro do Pari, em São Paulo, inicialmente foram introduzidas pelos frades duas escolas noturnas para operários entre 1916 e 1917, e em 1920 fundado o Grupo Escolar José de Anchieta com 800 alunos (COMEMORAÇÃO..., 1939, s.p.). A Matriz e convento do lugar foram construídos apenas em 1922 e 1926, respectivamente. Já o Colégio Santo Antônio de Blumenau, contava desde o ensino regular, até curso de formação de professores, e para formação profissional para atuação na indústria e comércio (KORMANN, 1994, p.125).

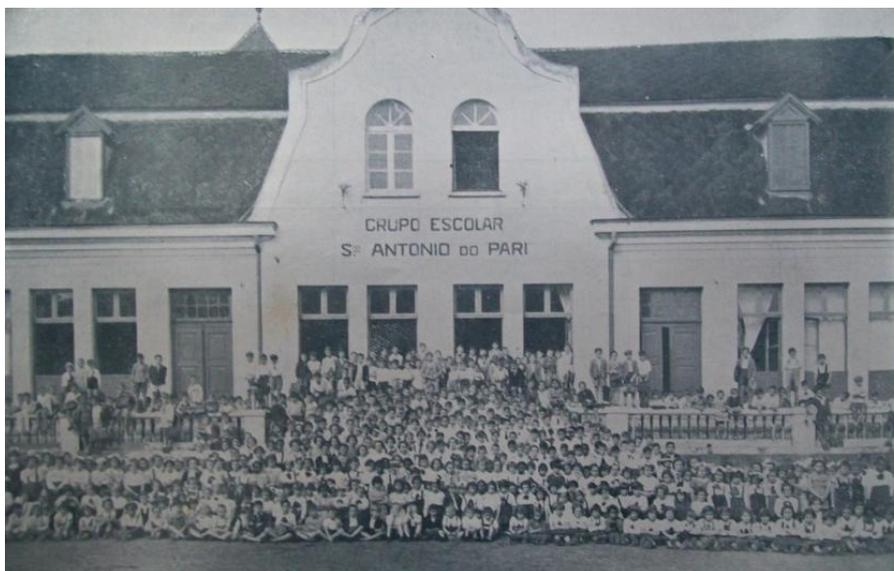


Imagem 281 - Alunos e frades no Colégio de Santo Antônio de Blumenau em 1895.

Fonte: Acervo do Colégio Bom Jesus de Blumenau.

Imagem 282 - A Escola Paroquial Cristo Rei de Gaspar na década de 1930.

Fonte: SCHMITT, 2008, p.224.

Imagem 283 - A escola paroquial ligada ao convento franciscano do Pari, São Paulo, sem data.

Fonte: Imagem extraída da publicação "Comemoração do 25º aniversário da criação da Paróquia de Santo Antônio do Pari-S.Paulo", 1939.

Em Petrópolis, a escola gratuita de São José, destinada à educação de meninos pobres, iniciou suas atividades em 1897 dentro de quatro salas do próprio convento franciscano (NEOTTI, 1974, p.12), numa espécie de interface entre a clausura do edifício conventual e uma necessidade do meio urbano. O local representa o embrião de duas importantes instituições de grande impacto para a cidade de Petrópolis e que adquiriram projeção em todo o país: o Instituto dos Meninos Cantores de Petrópolis e a Editora Vozes.

A reconhecida instituição de música para crianças teve sua origem no coral dos “Canarinhos” de Petrópolis fundado pelo alemão Frei Leto Bienias em 1942, quando o religioso passou a reger meninos da escola para apresentação durante uma festa de 1ª Comunhão na igreja conventual e que se repetiu nas Missas do domingos seguintes (PRIM, 1985, p.7). Quando o frade alemão assumiu a diretoria da escola São José, esta passou a ser orientada para o canto o coral, dando impulso para o estabelecimento do Instituto dos Meninos Cantores⁴⁴ que é atualmente um dos principais coros de criança do país⁴⁵.

A partir da necessidade de impressão de livros didáticos para a antiga Escola São José se originou o que viria a ser a Editora Vozes. Segundo Frei José Luiz Prim, havia uma demanda por livros didáticos que estivessem vinculados ao apostolado cristão para serem adotados na escola, e garantir assim a eficácia dos trabalhos de evangelização.

Os livros didáticos da época, vazados na mentalidade positivista de fim do século, não serviam aos ideais de apostolado através do ensino. Era necessário redigir novos livros, expurgados da mentalidade positivista, portadores da mensagem e mundivisão cristã. Foi este o motivo pelo qual Frei Ciríaco [Hielscher], primeiro Professor da Escola, se lançasse à procura de uma impressora, e, uma vez adquirida, obtivesse do Governo da Ordem a permissão para a montagem de uma tipografia destinada a imprimir os livros para a Escola Gratuita de São José e, com os livros e outro material impresso que se vendesse, obter fundos para pagar os professores leigos dessa escola para pobres (PRIM, 1985, p.2).

O franciscano alemão Frei Inácio Hinte – considerado o fundador da editora - conseguiu a primeira máquina impressora para o convento através de doação e em 1901 foi autorizado o funcionamento da inicialmente chamada Typographia da Escola Gratuita São José (ANDRADES, 2001, p.22). A gestão do também germânico Frei Pedro Sinzig

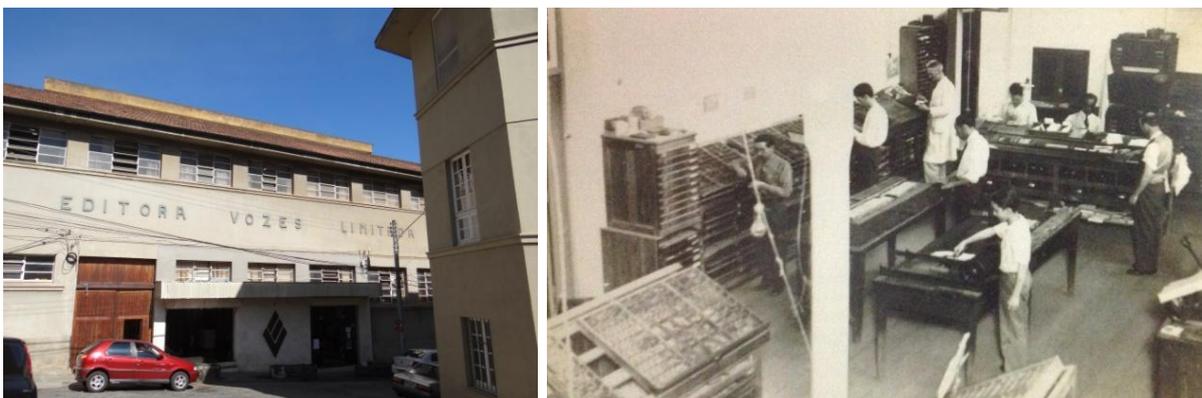
⁴⁴ Atualmente o Instituto dos Meninos Cantores de Petrópolis é administrado pela Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus, ocupando a mesma sede do chamado Colégio Bom Jesus-Canarinhos de Petrópolis. O local foi visitado pela autora em outubro de 2013, porém, não foi permitida a realização de qualquer registro do espaço.

⁴⁵ Registro aqui que tive a oportunidade de realizar entrevista com Frei José Luiz Prim que substituiu Frei Leto da direção Instituto em 1973 permanecendo no cargo até o ano de 2000, e foi um dos responsáveis pelo crescimento do coral, conferindo ao mesmo projeção nacional e internacional.

alavancou a visibilidade da editora, que em 1911 passou a se chamar “Administração das Vozes de Petrópolis”⁴⁶.

O aumento do espaço físico (novas instalações), da capacidade de produção (novas máquinas), o crescimento do número de publicações e conseqüentemente de funcionários, autores e colaboradores. A “Vozes” deixava de ser uma “oficina gráfica” no porão do convento para tornar-se um empreendimento editorial com prédio próprio (ANDRADES, 2001, p.33).

O surgimento da Editora Vozes está estreitamente relacionado com duas características que no geral foram vinculadas ao apostolado dos frades alemães no Brasil: a utilização da instrução da sociedade como forma de evangelização e propagação dos ideais cristãos, impulsionando assim a demanda pela fabricação dos próprios livros; e a mentalidade operativa vinculada a valorização do trabalho, permitindo que a produção das publicações fossem conduzidas pelos frades dentro da espacialidade do edifício conventual.



Imagens 284 e 285 - Fachada atual da Editora Vozes vizinha ao convento franciscano de Petrópolis e imagem antiga da primitiva editora, sem data.

Fonte: Imagem atual da autora ,2013; ANDRADES, 2001, p.45.

A Editora Vozes, que começou vinculada à educação, atualmente apresenta um grande alcance no país, sendo ainda administrada pela Província franciscana da Imaculada Conceição. Tendo iniciado sua jornada com a publicação de cartilhas escolares e livros de cânticos religiosos, sua produção se expandiu significativamente, extrapolando o campo teológico e franciscano e atingindo outras áreas do conhecimento. Atualmente a editora publica livros e revistas para todo o país e também para Portugal, apresentando cerca de 2 mil títulos ativos, e uma média mensal de 15 lançamentos segundo dados do site oficial da instituição.

Leonardo Boff, que exerceu trabalhos de coordenação nas Vozes na época em que era frade franciscano, coloca que a mentalidade que guiou a editora, ao longo de seus mais

⁴⁶ O novo nome da editora adveio da toponímia da então principal publicação da tipografia que alcançou repercussão em todo o país: a revista “Vozes de Petrópolis”, dotada de conteúdo geral, não puramente religioso, que começou a circular em 1907 (ANDRADES, 2001, p.28).

de 100 anos de história, foi norteadada pela interação entre fé e razão, esta expressada pela ciência:

A Editora Vozes sempre pautou sua ação dentro destas balizas e deve sua solidez ideológica e seriedade de atuação a essa sábia interação entre o religioso e o secular, ambos englobados pela tarefa evangelizadora. Em razão deste embasamento, mantém articulados dois editoriais, um religioso e outro secular. Abastece o mercado da inteligência e da fé com o melhor do pensamento cristão contemporâneo, produzido aqui ou alhures e traduzido com presteza. Abastece também a inteligência secular com todo tipo de produção científica, em sociologia, política, história, pedagogia, psicologia, lingüística e filosofia (BOFF, 2001, p.267).

O autor ainda relata que este pensamento da instituição gerou críticas e acusações à editora principalmente na década de 70, quando foram publicadas, por exemplo, obras relacionadas à libertação feminina e à Teologia da Libertação. “Mas não foram poucos os que a acusaram de favorecer a modernidade, servir à secularização, e ser uma expressão de tempos novos, cujo centro articulador não é mais o cristianismo, mas a sociedade civil e a cultura secular” (BOFF, 2001, p.265). Esta atitude, de certa forma, mantém aproximações com o carisma franciscano e de Francisco, que se atentou não apenas à espiritualidade, mas também a própria realidade física e humana do mundo, proporcionando um diálogo destes aspectos com o cristianismo.

Tanto as escolas, quanto a editora Vozes, implantadas como instrumento do apostolado dos frades alemães, representaram uma importante legado social desses religiosos para o país e para a própria atividade franciscana no território brasileiro, que ainda se utiliza, remodela ou até amplia a herança deixada pelos antigos restauradores. A divulgação do carisma franciscano em muito se ampliou com a fundação de escolas e da editora, que evidenciaram também uma ação comprometida com o futuro. Seja através de livros ou da educação, elementos de grande abrangência temporal, os frades alemães por meio dessas instituições ampliaram a evangelização franciscana e seus reatamentos sociais para anos posteriores, permanecendo ainda fortemente presentes no espaço e na sociedade brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seguindo o caminho inverso do que normalmente propõe a formação do arquiteto e urbanista, que no geral, parte dos elementos visíveis e formais da materialidade como ferramenta de análise, este trabalho representou um esforço em enxergar a matéria a partir da espiritualidade para compreender as motivações de sua existência. Este exercício adveio da necessidade de resolver impasses do próprio estudo, uma vez que a investigação exclusiva dos elementos tangíveis do espaço não seria o suficiente para explicá-los.

Assim, foi de grande importância o estudo e compreensão dos princípios franciscanos para realizar a leitura do patrimônio físico inerente à Ordem em vários contextos temporais e espaciais. O franciscanismo foi considerado, e explorado, portanto, não apenas em sua dimensão religiosa, mas, sobretudo, enquanto um modelo espiritual que teve forte rebatimento no espaço ao longo da História. O próprio estudo trouxe à tona duas importantes características veiculadas à memória de Francisco e do franciscanismo, que comumente são preteridas em face a outros aspectos mais usuais - como a pobreza, por exemplo. São elas a itinerância e a aproximação com a materialidade, que foram colocadas como fios condutores desta dissertação. Assim, a partir de documentos e fontes históricas, foi possível construir conhecimento no campo da Arquitetura e do Urbanismo, dialogando com outras áreas da pesquisa científica.

Os espaços franciscanos eleitos para o estudo na primeira parte deste trabalho tiveram repercussões ao longo de toda a história da Ordem Franciscana no Brasil, seja nos tempos coloniais, ou na República, período em que os frades da Alemanha empreenderam suas missões em diferentes regiões do país, exercendo a itinerância franciscana. Até mesmo o almejado espaço da floresta, procurado pela fraternidade primitiva como refúgio nos tempos medievais, estará presente nos anos seiscentistas e setecentistas - onde o próprio Brasil é a floresta -, e no período em que os frades alemães aportam no território nacional, procurando a floresta exótica, da contemplação e do descanso.

Através do estudo foi possível observar que o embate franciscano entre espiritualidade e materialidade não se deu de forma dicotômica, mas apresentou diversas idas e vindas ainda nos tempos de vida de Francisco e de sua fraternidade primitiva, como também durante o desenvolvimento da Ordem. Francisco alternou entre a negação do mundo material, e a aceitação da sua necessidade; as primeiras construções seráficas - os conventos-basílicas de Assis - evocaram a memória do santo humilde através de grandiosos espaços. Embates como este também se fizeram presentes nas ações dos frades alemães no Brasil. Esses religiosos oscilam entre a vontade de missionar em áreas longínquas com infra-estruturas precárias, e a construção de imponentes igrejas e grandes espaços conventuais. Alguns negam, em um primeiro momento, a materialidade adversa e

imbuída de sacrifícios dos antigos conventos nordestinos, em favor da praticidade de se construírem casas no sul, adequadas às necessidades atuais e à sua mentalidade. Os espaços, portanto, nem sempre são moldados exclusivamente pelo pensamento religioso, mas resultantes também de demandas externas.

Este trabalho, aliás, representando um esforço inicial em apresentar e caracterizar a herança deixada no país pelos franciscanos da Alemanha, deixa uma série de desdobramentos e propostas para pesquisas futuras. Como esses religiosos se relacionaram com as cidades e suas populações? Como as novas edificações se inseriam no desenho das cidades e no seu processo de expansão? Por que a atividade de implantação de escolas foi mais efetiva no Sul que no Nordeste do país? Por que alguns dos frades alemães se interessaram em escrever acerca da história da Ordem no Brasil? O próprio levantamento das casas erguidas por eles no país ainda é incipiente e carece de mais informações para atestar quais dessas edificações realmente contou com a condução dos germânicos para o seu estabelecimento, bem como a inserção de outras casas que atualmente não se encontram mais nas mãos da Ordem, mas que foram construídas no período em questão.

Coloca-se também que apesar de sua missão original ter se pautado na reocupação dos antigos conventos, as ações dos frades germânicos foi muito mais efetiva quando ganhou caráter próprio através da construção dos novos conventos. Suas ações, aliás, tiveram um forte caráter urbano, ao valorizarem em especial os espaços que detinham de uma forte interface com as cidades, a exemplo das igrejas e das escolas.

Espera-se que a discussão trazida por esse trabalho, no que diz respeito aos aspectos que movem a existência da matéria, possa apontar para novos olhares acerca das questões que dizem respeito às práticas de conservação e re-uso dos bens materiais. A abordagem clássica de ações preservacionistas de bens arquitetônicos muitas vezes está vinculada a condutas que se pautam no rigorismo da conservação da materialidade dos edifícios, conferindo-lhes usos que nem sempre conversam com a simbologia dos espaços e que se distanciam do sentido que o monumento tem para as pessoas. Dessa forma, é importante que ações desse tipo se pautem também nos aspectos intangíveis da matéria, para que, dotada de significado, possa atingir e ser expressiva para moradores, populações locais e visitantes, garantindo sua sustentabilidade e razão de existência.

Esta dissertação também aponta para a importância do estudo histórico para as práticas de preservação dos monumentos. A conexão entre as áreas da História e Arquitetura confere ao arquiteto uma melhor compreensão acerca dos espaços em todas as suas dimensões, e conseqüentemente, o instrumentaliza para a realização de intervenções sustentáveis e propostas de re-uso coerentes com o sentido das edificações.

Destaca-se também que a associação deste trabalho com projetos de pesquisas maiores, foi essencial para sua abrangência, e para a própria consistência da dissertação, que se apoiou em diversos projetos, tanto no que se refere às trocas científicas, quanto na realização de viagens de estudo. Estas foram de grande importância para a dissertação, pois proporcionaram a experiência com várias dimensões dos espaços em estudo, impossíveis de serem acessados através de outros meios de pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, João Batista. **Minhas memórias de Ipuarana**. Garanhuns: Tyoflan, 2000.

ANDRADES, Marcelo Ferreira (Coord.). **Editora Vozes: 100 anos de história**. Petrópolis: Vozes, 2001.

BAHLMANN, Dom Amando. **Memórias inacabadas**. Coleção Centenário, n. 11. São Paulo: Cúria Provincial, 1995.

BAPTISTA, Leda Maria (Org.). **Frei Godofredo e Gaspar: o homem, o franciscano, o legado**. Blumenau: Nova Letra, 1999.

BAZIN, Germain. **A arquitetura religiosa barroca no Brasil**. Volumes I e II. Rio de Janeiro: Editora Record, 1956.

BOFF, Leonardo. As duas pilastras que sustentam o sonho da Editora Vozes: o testemunho agradecido de um ex-editor. In: ANDRADES, Marcelo Ferreira (Coord.). **Editora Vozes: 100 anos de história**. Petrópolis: Vozes, 2001.

BOHN, Pe. Antônio Francisco. **Diocese de Blumenau diocese do amor**. Blumenau: Três de maio, 2001.

_____. Torres e sinos em Blumenau. **Blumenau em cadernos**. Blumenau, tomo XLII, n.11/12, p. 41-53, nov./dez.2001.

BRAUNFELS, Wolfgang. **Monasteries of Western Europe - the architecture of the orders**. London: Thames and Hudson, 1972.

CANI, Iracema. **Histórias e memórias de Rodeio**. Indaial: Uniasselvi, 2011.

CANIL, Egidio. **Guida del Pellegrino: Una proposta per un itinerario spirituale nella visita al Santuario, alla Tomba e ai cicli pittorici della duplice Basilica Papale di San Francesco in Assisi**. Assisi: Casa Editrice Francescana Assisi, 2012.

CANIL, Egidio (Org.). **Chiesa di S.Giovannuccio**. Assisi: Casa Editrice Francescana, 2012.

_____. **San Francesco e Rivotorto: I primi passi della fraternità francescana, il santuário, il território**. Assisi: Casa Editrice Francescana, 2004.

CARDINI, Franco. Guerra e Cruzada. In: LE GOFF, Jacques (Org.); SCHMITT, Jean-Claude(Org.). **Dicionário temático do Ocidente Medieval**. Bauru: EDUSC; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

CENTENÁRIO de Blumenau. Blumenau: Edição da comissão de festejos, 1950.

CHRONICA RESUMIDA DA PAROCHIA DE SÃO PAULO APÓSTOLO EM BLUMENAU. Blumenau: [S.d.].

CIANCHETTA, Romeo. **A vida de São Francisco ilustrada**. Valdagno: Edições Fuoriregistro, [S.d.].

CINQUENTENÁRIO da Matriz Sto. Antônio do pari. São Paulo: Monografia Brasileira, 1964.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO, promulgado pelo Papa João Paulo II. Tradução Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. São Paulo: Loyola, 2007.

COMMEMORAÇÃO do 25º aniversário da criação da Parochia de Sto Antônio do Pary-S.Paulo. São Paulo: Typographia Paulista, 1939.

COSTA, Frei Sandro Roberto. Vida religiosa feminina e situação da mulher no Brasil colonial: as primeiras clarissas. **Revista Franciscana**, Petrópolis, v.3, n. 5, p.36-55, jul./dez. 2003.

COSTA, Sandro Roberto da; PIVA, Elói Dionísio. Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil: inculturação ou inculturações? In: TAVARES, Sinivaldo (Org.). **Inculturação da fé**. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

CRÔNICA DA RESIDÊNCIA FRANCISCANA EM FLORIANÓPOLIS. Florianópolis: 1940-1960.

CRÔNICA DA RESIDÊNCIA FRANCISCANA EM FLORIANÓPOLIS. Florianópolis: 1961-1983.

CRÔNICA DA RESIDÊNCIA FRANCISCANA EM FLORIANÓPOLIS. Florianópolis: 1983-1991.

DAS NOSSAS casas: Blumenau. **Vita Franciscana**. [S.l.], ano 18, n.1, p.21-25, 1942.

DUBY, Georges. **O tempo das catedrais. A arte e a sociedade 980-1420**. Lisboa: Editorial Estampa, 1993.

FRAGOSO, Frei Hugo. **As cruzes da Restauração**. Cadernos da Restauração (Volume 6). Recife: Província Franciscana de Santo Antônio, 1991.

_____. As novas fundações da Província de Santo Antônio 1903-1955. **Revista Santo Antônio**. Recife, ano 60, n.101, p. 83-128, out.1982.

_____. **Contexto da Restauração da Província de Santo Antônio**. Cadernos da Restauração (Volume 1). Recife: Província Franciscana de Santo Antônio, 1991.

_____. **Frei Amando Bahlmann ofm – Pioneiro da Restauração**. Cadernos da Restauração (Volume 5). Recife: Província Franciscana de Santo Antônio, 1991.

_____. **Projeto e concretização da Restauração**. Cadernos da Restauração (Volume 2). Recife: Província Franciscana de Santo Antônio, 1991.

_____. Quatro séculos de presença franciscana no Nordeste brasileiro. **Revista Santo Antônio**, Recife, ano 64, n.106, p.5-16, fev.1986.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média. Nascimento do Ocidente**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

FREYRE, Gilberto. **A Propósito de Frades**. Salvador: Publicações da Universidade da Bahia, 1959.

_____. Três séculos de vida franciscana. **Revista O Cruzeiro**, n. 6, Rio de Janeiro, p.60-66, nov. 1957.

GIANDOMENICO, Nicola (Org.). **Arte e Historia: Asís**. Assisi: Casa Editrice Bonechi, 2001.

GÖSSMANN, Wilhelm. **Deutsche Kulturgeschichte im Grundriss**. München: Hueber, 1960.

GREGORY, Tullio. Natureza. In: LE GOFF, Jacques (Org.); SCHMITT, Jean-Claude(Org.). **Dicionário temático do Ocidente Medieval**. Bauru: EDUSC; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

JABOATAM, Fr. Antonio de Santa Maria. **Novo Orbe Seráfico Brasílico, ou Chronica dos Frades Menores da Província do Brasil**. Recife: Assembléia Legislativa do Estado de Pernambuco, 1980. 3. v. em 1 (Parte Segunda). Fac-símile das edições de 1859, 1861, 1862.

_____. **Novo Orbe Seráfico Brasílico, ou Chronica dos Frades Menores da Província do Brasil.** Rio de Janeiro: Typ. Brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro, 1859. Disponível em: < <http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/182923>>. Acesso em fevereiro de 2014.

JEILER, Frei Inácio. **Para compreender a história da Província da Saxônia.** Coleção Centenário, n. 7. São Paulo: Província Franciscana, 1991.

JOCHEM, Toni Vidal. **A formação da Colônia alemã Teresópolis e a atuação da Igreja Católica (1860-1910).** Palhoça: Ed. do autor, 2002.

_____. **Pouso dos imigrantes.** Florianópolis: Papa-Livro, 1992.

_____. **Uma caminhada de fé: História da Paróquia Santo Amaro – Santo Amaro da Imperatriz e Águas Mornas – SC.** Santo Amaro da Imperatriz: Edição do autor, 2005.

KNOB, Frei Pedro. **A missão franciscana do Mato Grosso.** Campo Grande: Publicação da Custódia Franciscana das Sete Alegrias de Nossa Senhora, 1988.

KORMANN, Edith. **Blumenau: arte, cultura e as histórias de sua gente (1850-1985).** [S.l.]: Edição da autora, 1994.

LE GOFF, Jacques. **A civilização do Ocidente Medieval.** Bauru: Edusc, 2005.

_____. **As raízes medievais da Europa.** Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. Cidade. In: LE GOFF, Jacques (Org.); SCHMITT, Jean-Claude(Org.). **Dicionário temático do Ocidente Medieval.** Bauru: EDUSC; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

_____. **Heróis e maravilhas da Idade Média.** Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. **História e Memória.** Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

_____. **Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun.** São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

_____. **São Francisco de Assis.** Rio de Janeiro: Record, 2011.

_____. Trabalho. In: LE GOFF, Jacques (Org.); SCHMITT, Jean-Claude (Org.). **Dicionário temático do Ocidente Medieval.** Bauru: EDUSC; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

LE GOFF, Jacques. **Uma longa Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

LECLERC, Eloi. **Francisco de Asís: El Retorno al Evangelio**. Oñati: Editorial Franciscana Arantzazu, 2001.

LITTLE, Lester. Monges e Religiosos. In: LE GOFF, Jacques (Org.); SCHMITT, Jean-Claude (Org.). **Dicionário temático do Ocidente Medieval**. Bauru: EDUSC; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

LIVRO DAS CRÔNICAS DO PENEDO I. Penedo: 1903-1930.

LIVRO DAS CRÔNICAS DO PENEDO II. Penedo: 1907-1920.

LIVRO DAS CRÔNICAS DO PENEDO III. Penedo: 1931-1974.

LIVRO DE CRÔNICAS DO CONVENTO DE IGREJA NOVA. Igreja Nova: 1907 - 1917.

LIVRO DE CRÔNICAS DO CONVENTO DE LAGES. Lages: 1981-2013.

LIVRO DE CRÔNICAS DO CONVENTO DE RODEIO. Rodeio: 1909-1938.

LIVRO DE CRÔNICAS DO CONVENTO DE RODEIO. Rodeio: 1940-1962.

MAIARELLI, Paolo. **Assis: itinerário franciscano**. Assis: Edizioni Porziuncola, [S.d.].

MALAFARINA, Gianfranco (Ed.). **La Basilica di San Francesco ad Assisi. Mirabilia Italie Guide**. Modena: Franco Cosimo Panini Editore, 2005.

MÉRO, Ernani. **Uma paróquia centenária**. Igreja Nova: [S.ed.], 1980.

MIRANDA, Maria do Carmo. **Os franciscanos e a formação do Brasil**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1969.

NEOTTI, Frei Clarêncio. **Centenário da Igreja do Sagrado Coração de Jesus: 1874-1974**. Petrópolis: Editora Vozes, 1974.

NEOTTI, Frei Clarêncio. Uma introdução necessária. In: JEILER, Frei Inácio. **Para compreender a história da Província da Saxônia**. Coleção Centenário, n. 7. São Paulo: Província Franciscana, 1991.

PATETTA, Luciano. Considerações sobre o Ecletismo na Europa. In: FABRIS, Annateresa (Org.). **Ecletismo na arquitetura brasileira**. São Paulo: Nobel; Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

PELLEGRINI, Luigi. **Rivotorto e I racconti agiografici sulla prima fraternitas (1208-1210)**. In: CANIL, Egidio (Org.). **San Francesco e Rivotorto: I primi passi della fraternità francescana, il santuário, il território**. Assisi: Casa Editrice Francescana, 2004.

PINTARELLI, Frei Ary. **Menores entre pequenos: 100 anos de vida franciscana em Rodeio**. Coleção Centenário n. 10. São Paulo: Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, 1994.

PROVÍNCIA FRANCISCANA DA IMACULADA CONCEIÇÃO DO BRASIL. Setor de Pastoral. Departamento de colégios e faculdades. **Franciscanos na educação**. Bragança Paulista: Faculdades Franciscanas, 1985.

RÖWER, Frei Basílio. **A Ordem franciscana no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 1947.

_____. **O convento Santo Antônio do Rio de Janeiro: Sua história, memórias, tradições**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

_____. **Páginas de História Franciscana no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 1957.

SCHAETTE, Frei Estanislau. Cinquentenário franciscano de Blumenau. **Vita Franciscana**. [S.l.], ano 18, n.1, p.2-7, 1942.

SCHENKLUHN, Wolfgang. **Architettura degli Ordini Mendicanti: Lo stile architettonico dei domenicani e dei francescani in Europa**. Padova: EFR-Editrici Francescane, 2003.

SCHMITT, Frei Elezeário. **São Pedro Apóstolo de Gaspar 158 anos: nas malhas da história**. Blumenau: Odorizzi, 2008.

_____. **"Therezopolis" e uma Utopia Franciscana no Sul**. Coleção Centenário, n. 4. São Paulo: Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, 1991.

SCHMITZ, Br. Frank. **Franziskaner in Bardel**. Bardel: Goldschmidt-Druck, 2010.

SCIAMANNA, Enrico. **Santuari Francescani Minoritici**. Assisi: Editrice Minerva, 2005.

SOT, Michel. Peregrinação. In: LE GOFF, Jacques (Org.); SCHMITT, Jean-Claude (Org.). **Dicionário temático do Ocidente Medieval**. Bauru: EDUSC; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

TEIXEIRA, Celso Márcio (Org.). **Fontes Franciscanas e Clarianas**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

TEIXEIRA, Celso. **Regra franciscana: evolução, mitos, história**. Belo Horizonte: Província Santa Cruz, 2010.

TEVES, Frei Matias. **A Restauração da Província de Santo Antônio: 75º Aniversário da chegada dos Padres restauradores 1892-1967**. Recife: Separata da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Pernambuco, 1967.

THEMANS, Humberto. Reise nach Brasilien und Anfang der Mission. **Vita Franciscana**, Curitiba, n. 1, p.88-96, dez. 1923.

_____. **Viagem ao Brasil e Começo da Missão**. Coleção Centenário n. 3. São Paulo: Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, 1991.

TODISCO, Orlando. Na fonte do pensamento franciscano. **Revista Cult**, São Paulo, n. 186, p.33-39, dez. 2013.

TÖPFER, Bernhard. Escatologia e Milenarismo. In: LE GOFF, Jacques (Org.); SCHMITT, Jean-Claude (Org.). **Dicionário temático do Ocidente Medieval**. Bauru: EDUSC; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

TROIANO, Constantino; POMPEI, Alfonso. **Guia Ilustrada de Assis**. Assis: Casa Editora Franciscana dos Frades Menores Conventuais, [S.d.].

UNSERE erste Niederlassung in Santa Catarina. **Vita Franciscana**, [S.l.], n. 1, p.16-19, jan. 1926.

WILLEKE, Frei Venâncio. **Convento de Santo Antônio de Ipojuca**. Rio de Janeiro: [S.ed.], 1956.

_____. **Franciscanos na história do Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. **Franziskanermissionen in Brasilien 1500-1966**. Schöneck: Neue Zeitschrift für Missionswissenschaft, 1973.

_____. **Missões franciscanas no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 1978.

WINKLER, Heinrich. Despedida da questão alemã – Retrospectiva de um longo percurso para o Ocidente. **Revista Perfil da Alemanha**, Frankfurt, [s/n], p.21-41, fev. 2010.